This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

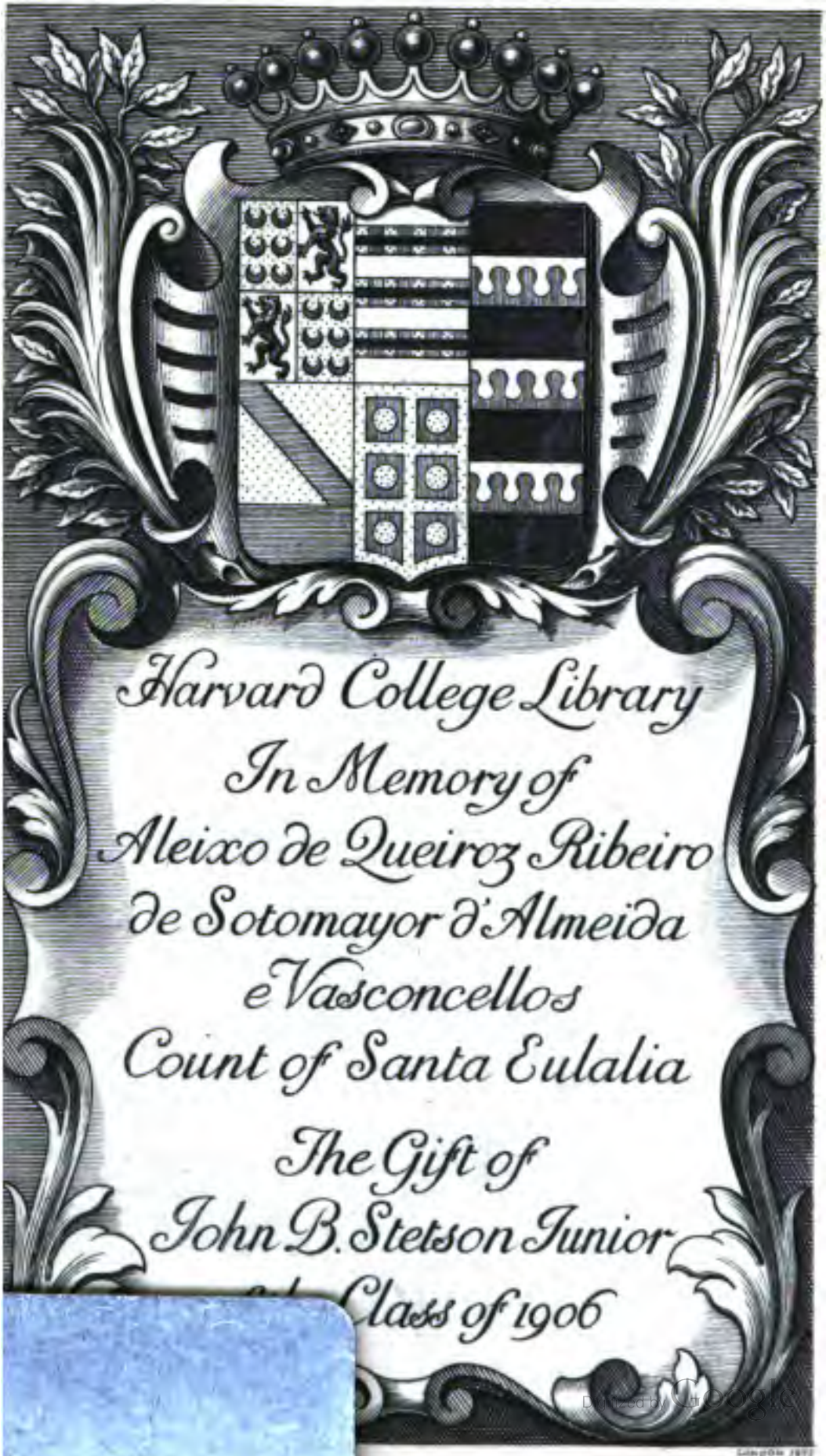
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

179

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

Digitized by Google

Os artigos, que de qualquer ponto do Brazil nos hajam de ser mandados, poderão sobrescriptar-se ao *Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, no Rio de Janeiro*, por quem, prompta e obsequiosamente, nos serão remettidos.

Todos os outros podem ser enviados em carta sobrescriptada a qualquer dos autores, e dirigida para a *Rua do Arsenal, n.º 60, 2.º andar — Lisboa.*

Digitized by Google

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS

LUSO-BRAZILEIRO

PARA O ANNO DE 1869

COM 437 ARTIGOS E 90 GRAVURAS

POR

ALEXANDRE MAGNO DE CASTILHO

Tenente da Armada

E

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

Bacharel em Direito

LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6 Rua do Thesouro Velho 6

1868

Digitized by Google

Port 4311.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Mar 22 1927

Les longs ouvrages me font peur:
Loin d'épuiser une matière,
On n'en doit prendre que la fleur.

LA FONTAINE.

Digitized by Google

BOCAGE

Governava o marquez de Pombal a monarchia de D. José I, quando nasceu em Setubal, a 17 de setembro de 1766, uma criança que havia de ser Bocage. Filho de José Luiz Soares de Barbosa, antigo magistrado, a quem frequentes vezes, nos ocios das suas funcções judiciaes, não negára sorrisos a musa facil do seculo XVIII, e de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, senhora de origem franceza, a cujo nome na patria de Voltaire déra lustre e gloria uma poetisa, cuja fronte o philosopho de Ferney achou digna da corôa de loiro com que as suas mãos já tremulas a cingiram, o futuro cantor de Leandro e Hero nascia em berço perfumado de poesia, e as musas familiares, volteiando em torno d'elle, como as abelhas de Platão, iam poisar-lhe nos labios o doce mel, que nunca deixou de rescender nos seus admiraveis versos.

Viçando em tão favoravel ambiente, a sua imaginação

Digitized by Google

desabrochou, como flor da primavera, aos primeiros esplendores do sol da vida. Criança, o seu balbuciar harmonioso queria afinar-se já pelos harpejos da lyra; como o rouxinol noviço, os primeiros ensaios da sua voz foram tambem os primeiros ensaios do seu canto. Dos sonhos infantís procurava Mozart no teclado vibrante do piano a vaga reminiscencia; para traduzir as confidencias da mysteriosa fada, que fluctuava emtorno d'elle, percebia Bocage que havia no mundo outra linguagem mais sonora, mais doce, mais illuminada pelos lampejos divinos do que a prosa corrente das conversações e dos negocios. Antes de se apoderar do instrumento sublime, a que devia dar a maxima flexibilidade, Bocage adivinhara-o, e, prestando o ouvido á voz das brisas, ao murmurio do rio, ao magestoso rugir da tempestade, concentrava em si mesmo esses echos pelos quaes devia afinar os seus canticos, doces como o ramalhar da viração, fluentes como o palrar incessante das aguas, altisonos como o bramir do vendaval.

Essa era a educação intima que bebia nas fontes puras da naturesa, e no trato despreoccupado dos seus; mas o poeta magistrado dirigiu-lhe o espirito para outro rumo, guiando-o atravez do arido campo da instrucção secundaria. Em 1780 seu pae introduziu-o na vida activa, cingindo-lhe a espada de cadete do regimento de Setubal. O velho proloquio de nossos avós: «Armas ou lettras» não tinha a significação que hoje lhe poderiamos attribuir. As lettras, que formavam o segundo ponto do dilemma, não eram as risonhas filhas das musas, as meigas hospedas da phantasia, eram as lettras graves, serias, muitas vezes gordas, que se espanejavam nos volumosos folios dos autos, e que recompensavam o seu adorador com a beca dos magistrados. Entre essas lettras pesadas, e as armas que se lhe apresentavam como segunda alternativa, Bocage optou pelas armas. Com a espada tambem se escrevem poemas, e a epopéa d'Alexandre não é menos sublime do que a Iliada de Homero.

Digitized by Google

Aos deseseis annos passava Bocage do exercito para a armada com o posto de guarda marinha. Foi então que veiu residir em Lisboa; foi então que pela primeira vez appareceu o triumphador nesse Capitolio, onde tantas palmas havia de colher, onde o haviam de entontecer tantas vertigens, onde, a sua vida, até ahi serena e luminosa como a aurora, havia de se desenrolar tempestuosa e estranha, ennegrecida pelos seus vicios, illuminada pela sua gloria, ignobil e santa, trivial e sublime, lodo em que resplendem diamantes, mar que a procella não só agita mas tolda, e que momentos depois reflecte no espelho das suas vagas a face radiosa do firmamento.

Parece que a Circe fatal que o entontecia começou logo a exercer sobre elle os seus perniciosos prestigios, porque o vemos aos vinte annos, já de novo reintegrado no exercito de terra, partir para a India com o posto de tenente. Essa viagem é mais que provavel que fosse motivada por desregramentos da sua musa, que, semelhante á abelha, via crescerem-lhe a um tempo as azas d'oiro e o ferrão agudo. Comtudo d'esta primeira estada em Lisboa não nos restam vestigios positivos e determinados.

Desassombrado de influencias fataes o seu genio, em longa convivencia de mezes com o céo, com o Oceano, desprendeu as azas possantes e revelou a sua força. Quando a procella varreu pela primeira vez a face verde negra das aguas, quando os relampagos illuminaram o horisonte, quando o raio fusilou na soledade immensa, o estro fervente de Bocage pairou, soltando um grito, sobre o Oceano em furias, e disse ousado á tempestade: Conheço-te, és minha irmã! Quando a phantasia do poeta viu desenharem-se na bruma longinqua as fórmas gigantes do Adamastor, encarou sem tremer o vulto do vate que evocára o Titão, e conheceu, com orgulhoso assombro, que tinha com Luiz de Camões não só a fraternidade do infortunio, mas tambem a fraternidade do genio. Accendera-lhe um relampago lá dentro a chamma sublime, que podia ecli-

Digitized by Google

psar-se, mas apagar-se nunca, e parece que o proprio vulto d'Adamastor veio, por sobre as aguas, poisar-lhe na fronte o diadema resplandecente, que, limpo das maculas com que por vezes o ennodoou, poisado na sua campa, deslumbra a posteridade.

Datam d'esta viagem os versos em que primeiro se remontou aos céos da grande inspiração o lyrismo bocagiano.

Em Goa a sua indole fogosa, estreitada nos laços d'uma sociedade mesquinha, desafogou nos vehementes improperios, em que o seu genio, posto que envergonhado, não deixa de manifestar-se, e que lhe valeram uma deportação para Macau. Continuava a analógia com a serte de Camões, e, para ser completa, nem lhe faltou o naufragio, nem mesmo, segundo se diz, a salvação dos seus versos. Encontrando um protector no governador interino de Macau, Lazaro da Silva Ferreira, Bocage pôde voltar á patria, depois de ter dado a sua demissão de tenente. Como o naufrago, que alija a bagagem e ainda assim folga de entrar no porto, Bocage, descuidoso e imprudente, confiava ao acaso a direcção da sua vida, e respirava com delicias os ares nataes, tão ligeiro de espirito como de bolsa.

Em Portugal comtudo encontrou de novo as tentações, as vertigens, os desvairamentos do orgulho, da imaginação e dos sentidos. O seu genio exaltado tudo levava ao extremo; as suas paixões indomaveis nunca soube nem tentou refreal-as. Oh! não o accusemos por isso! Era uma necessidade fatal da sua naturesa, que o arrojava com impeto igual ás eminencias e aos precipicios; o éstro, quando assume o vigor que Bocage lhe imprimiu, é um delirio verdadeiro, é a sobre-excitação nervosa, que a um tempo agita as boas e as más paixões do homem, que lhe accende o espirito nos raptos febrís do enthusiasmo, e que põe igualmente em ebullição os deploraveis fermentos do que ha no homem terreno e material; um genio assim é a tempestade, e a tempestade, se coróa de immaculada es-

Digitized by Google

puma a superficie fremente do lago, revolve tambem a vasa e o lodo que no fundo lhe jazem, é o vulcão, e o vulcão, se accende no cume da montanha abrazada a chamma resplandecente, golpha tambem em borbotões as escorias e a lava. Vesuvio d'inspiração, vendaval de lyrismo, lamentemos mas não estranhemos que nem sempre o éstro bocagiano se manifestasse com a pureza que dá uma serena immortalidade ás concepções da poesia.

Oh! se Bocage vivesse noutro ambiente, se, a sós com a naturesa e com as grandes obras do espirito humano, podesse fazer voar o seu enthusiasmo em regiões dignas d'elle; se podesse, como as aguias, pairar só nòs pincaros eminentes que estão mais proximos de Deus, que prophetico vigor não teria a sua voz, que soberbas melodias não vibrariam na sua lyra! Se, como Byron, vivesse num paiz onde já soára o momento da renovação litteraria, e todos esses gritos d'alma, toda a ebullição das paixões, todos os delirios da phantasia os podesse vasar nos moldes d'um lyrismo sem constrangimentos... que *Manfredos*, que *Don Juans*, que *Laras*, não brotariam neste canto occidental da peninsula hispanica! Mas a velha gaiola classica prendia a aguia convulsa; a thesoura dos mestres cortava-lhe as guias das azas e obrigava-a a debater-se, a rojar-se, impaciente e furiosa, nos tremedaes d'uma inspiração equivoca.

A elle que era todo fogo obrigava-o a poetica nos generos nobres a conter a chamma. A elle que tinha, para assim dizermos, a eloquencia á flor dos labios, a elle que era todo capricho e côr e espontaneidade não lhe permittiam as regras dar largas a esses predicados num poema espontaneo, colorido, caprichoso, eloquente. Para aproveitar esses dotes nativos, tinha de colher as palmas ephemeras, frivolas e muitas vezes immundas do repentista. Nas obras de mais largo folego tinha a cada instante de os comprimir e de os falsear. Por isso Bocage foi repentista com delicias; a turba dos enthusiastas seguia-o e ani-

Digitized by Google

mava-o com os seus perigosos applausos. E elle, sedento de acclamações, como todas as naturesas magneticas, para assim dizermos, cujo supremo goso é fazerem vibrar um auditorio ao sopro da propria inspiração, transformando em tribuna qualquer terreiro de convento ou qualquer esquina de rua, ou qualquer sala de botequim, deixava irromper a torrente que lhe borbulhava nos labios. Era a pythonisa que o deus intimo agitava; era o vulcão em plena actividade, o Niagara tremente debaixo do peso enorme das massas espumantes de poesia que se precipitavam sem trégua nem interrupção. Fascinava porque se sentia fascinado tambem; a sua voz era como que a voz inconsciente da inspiração, os seus labios tremulos eram como que apenas os conductores da electricidade interna; e elle e o auditorio, envoltos na mesma irradiação do fulgor apollineo, vibrantes ao mesmo sopro, igualmente agitados, igualmente delirantes, confundiam num mesmo grito os applausos de admiração, e as exclamações do orgulho, o victoriar da turba no enthusiasmo da impressão recebida, o grito triumphal do poeta no primeiro calor da composição.

Mas, se elle actuava sobre o auditorio, o auditorio reagia sobre elle, e impunha-lhe as suas predilecções. A procella desencadeava-se; se mirasse a revolver o Occeano da posteridade, que magnifico espectaculo! mirava apenas a agitar o lago turvo dos contemporaneos, que de lodo não trazia á superficie! Religioso por convicção, foi Bocage impio para deslumbrar o frivolo auditorio; bondoso, foi implacavelmente satyrico para punir os que ousavam pôr em duvida a sua realeza; capaz, como ninguem, de dar nobreza ao verso e á phrase, aviltou a phrase e o verso para satisfazer a trivialidade dos que o applaudiam.

A guerra que moveu aos poetas da Nova Arcadia vem descripta com viva animação no magnifico estudo do sr. Rebello da Silva. A musa d'Elmano a ninguem poupou; grandes e pequenos fulminou-os o raio olympico, vibrado

Digitized by Google

pela ave de Jove que devia estar tão sobranceira a essas paixões mesquinhas. Quintanilha, França, Caldas, o abbade Franco, poetas mediocres, Manoel Bernardo, Crispiniano Saunier, poetas detestaveis, o pobre e inoffensivo José Daniel todos Elmano julgou dignos do epigramma e da satyra, onde o seu genio impetuoso se arrastava muitas vezes na lama, encontrando outras vezes magnificas inspirações. José Agostinho, Belchior Curvo de Semedo, poetas de mais vulto, sentiram tambem o latego mais vibrante de Bocage. A essa lucta devemos a *Pena de Talião*, satyra incomparavel, onde a vehemencia de phrase, do conceito, do verso, do pensamento denuncia a mais valente imaginação, o mais fogoso estro que nunca houve em Portugal. D'essa vez a aguia, levantando o vôo, caía de chofre, com as pennas banhadas no esplendor da inspiração, sobre o desgraçado que a provocára, e em cujo cachaço fradesco ficou para sempre gravado o estygma immortal.

A impiedade d'alguns dos seus versos chamou sobre elle o rigor da Inquisição, que, sem dentes nem garras, estava convertida numa especie de tribunal censorio propenso á indulgencia mais do que á ira. O processo de Bocage, que, cincoenta annos antes, teria por desenlace a fogueira, valeu-lhe apenas um breve encarceramento nas masmorras inquisitoriaes já vasias do seu pavoroso sequito de torturas, e emfim por penitencia á reclusão, tambem pouco demorada, no mosteiro de S. Bento, onde a convivencia dos frades d'essa ordem, varões todos mais ou menos sapientes, incitou Bocage a alguns dos emprehendimentos que mais attestam a sua gloria.

É de 1797, depois da sua saída da Inquisição, que data um dos periodos bons da vida de Bocage. Tinha uma irmã desamparada; recolheu-a em sua casa, e, como neste mundo as virtudes, da mesma fórma que os vicios, se ligam entre si por uma cadeia indissoluvel, este acto generoso obrigou-o a conter a sua vida desregrada, e a pro-

Digitized by Google

curar no trabalho são e fecundo os recursos para a subsistencia de sua irmã; foi então que acceitou a proposta de fr. José Marianno Velloso para lhe traduzir em verso poemas de bons auctores. O *Consorcio das flores*, de Lacroix, as *Plantas* de Castel, os *Jardins* de Delille foram assim reproduzidos no verso ardente e melodioso de Bocage.

Essas traducções são verdadeiras joias; lapidadas, faceadas por este maravilhoso artista, pedras nem sempre de grande preço resplandeceram em portuguez como diamantes da mais pura agua. A versão das *Plantas* é uma transformação; o grave alexandrino francez veste no verso solto de Bocage azas d'oiro que o levantam ás mais sublimes regiões; a melopéa transforma-se na mais sonora melodia; a frase toma um extraordinario colorido, uma inexcedivel riqueza, e ao mesmo tempo um cunho tão nacional, que, sem affectações de classicismo nem iras contra os fracelhos, deixa Elmano, emquanto a vernaculidade, a perder de vista o resmungão Filinto.

Infelizmente não bastava a Bocage a vida tranquilla do lar domestico, e a convivencia com a musa sublime que tão puras inspirações lhe segredava; a desgrenhada Pieriede dos botequins e dos outeiros continuou a agitar-lhe o espirito, e a turvar-lhe a razão. Parecem dois homens distinctos o poeta Bocage e o repentista Elmano, e comtudo quem analysar essa naturesa byroniana como adivinha bem por baixo das apparentes discordancias a unidade do seu caracter! Alma de poeta, como nunca houve outra em Portugal, Bocage era uma lyra; organisação toda nervosa, vibrava ao mais leve sópro. Era uma harpa eolia que, em vez de estar suspensa, pela calada das noites, na ramaria do arvoredo mysterioso que a lua argenteia, estava na praça publica, igualmente fremente, igualmente vibrante ao sopro das virações do céo, e dos bafejos impuros que a terra corrompida exhala.

Era o amor fraternal que o agitava? A essas influencias

Digitized by Google

puríssimas obedecia vibrante a lyra bocagiana. Era o vento da orgia? Que torpes versos murmurava! Escondido no canto d'uma igreja sentia gemer no orgão o echo plangente da voz dos prophetas? No seu espirito em extasi desabrochavam essas mysticas flôres das odes religiosas. Ouvia de cepo em punho as scepticas declamações dos seus amigos eivados pelo materialismo do seculo que findava? A *Pavorosa illusão da eternidade* resoava-lhe nos labios frementes. Sentia o jubilo de se vêr apreciado por Philinto? Da sua alma orgulhosa sahia o brado soblime *Zoilos morrei, posteridade és minha!* Mordido pelo raivoso José Agostinho, subia-lhe a indignação á cabeça em ondas tumultuosas? Logo da cabeça em fogo lhe irrompia a admiravel satyra da *Pena de Talião*. O seu espirito enthusiastico vibrava ao sopro da liberdade que agitava a França? A apotheose dos revolucionarios acudia a inflammar-lhe o estro. O seu coração aberto a todas as commoções vertia sangue ao pensar no cadafalso de Maria Antonieta? Ahi lhe suspirava no plectro a melancholica elegia. E sempre grande, no enthusiasmo e no delirio, no acerto e no desvairamento, aguia sempre, voando na immensidade azul, ou molhando a ponta d'aza no lodo dos tremedaes! Lyra vibrando a todas as inspirações, Bocage, o grande Bocage, podia exclamar como Victor Hugo:

Tout souffle, tout rayon, ou propice ou fatal,
Fait reluire et vibrer mon âme de cristal,
Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un écho sonore.

O enthusiasmo era a sua feição predominante, e enthusiasmo, essa grande musa dos modernos! Ao toque da sua fogosa phantasia tudo para elle se transformava em ode, lyrica e arrebatada: era uma ode a satyra, torrentuosa e vehemente; era uma ode o idyllio, em que parecia borbulhar a seiva da primavera; uma ode a elegia em que

Digitized by Google

a musa luctuosa, delirante de dôr, desgrenhava as tranças coroadas de goivos, e soluçava e gemia como a poesia de Lamartine pranteando a morte de Julia; era uma odesinha inimitavel o soneto, em que o enthusiasmo comprimido nos quatorze versos de rigor ainda mais sublime parecia pelo modo como vencia a difficuldade; era uma ode admiravel a cantata, em que o éstro, soltando o vôo, adivinhava os grandes raptos da poesia de Byron e de Victor Hugo.

Assim as velhas formulas da poesia classica, se não tinha ainda força para as derrubar, transformava-as ao contacto ardente da sua poesia. Nos generos mais falsos da antiga litteratura é que Bocage foi tambem mais frouxo; quando se multiplicavam os liames, a aguia encolhia as azas. Na ode propriamente dita, em que o enthusiasmo é convencional, no dithyrambo em que o delirio é obrigado, na anacreontica em que é de rigor a agudeza, na metamorphose esse *pastiche* tão ficticio das producções latinas e gregas, Bocage, constrangido, conservava apenas a eterna melodia do seu metro; mas o éstro debatia-se-lhe forçado entre as neves dos regulamentos.

O ardor do pensamento communicava-se-lhe ao verso que ninguem fez mais sonoro, á phrase que ninguem teve mais pura, mais portugueza e mais nobre. Tenho para mim que Bocage é um classico, e dos mais dignos de serem seguidos, e creio tambem que Bocage e Antonio Feliciano de Castilho são os dois melhores metrificadores entre todos os poetas que em Portugal tem havido até hoje.

Neste breve resumo pouco mais temos a dizer da vida tão curta de Bocage. Ainda teve em 1802 que soffrer perseguições do Santo Officio, suspensas logo pelos poderósos protectores do eximio vate. A 21 de dezembro de 1805, contando apenas 39 annos de idade, falleceu na casa em que morava na travessa d'André Valente, no meio da geral consternação de Lisboa. Em presença da morte, como outr'ora em presença do Occeano, esses dois abysmos in-

Digitized by Google

sondaveis, o genio de Bocage destoldou-se das nuvens habituaes, e soltou os mais bellos, os mais sentidos cantos da sua carreira poetica. A sua voz, como a dos prophetas, vibrava tanto mais inspirada quanto mais longe lhe ficava a terra; o seu éstro, como a aguia, só mostrava bem a potente amplidão das suas azas em presença das immensidades.

Tal foi a curta vida de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, que teve entre os Arcades o nome pastoril d'*Elmano Sadino*. Saudado pelos contemporaneos como o vate mais mimoso das filhas da Memoria, applaudido pela posteridade como um talento de primeira ordem, não deixou o seu nome estampado nem sequer no esboço d'um monumento de poesia! Impellido pela fatalidade da sua natureza, foi do berço ao tumulo numa carreira vertiginosa, atirando prodigamente aos quatro ventos do céo a sua dilacerada existencia, o seu talento a desfolhar-se sempre!

Nascido trinta annos depois, Bocage seria o primeiro poeta da Peninsula, um dos primeiros da Europa; a sua vida mesma seria mais pura, porque seria mais considerado numa sociedade como a nossa em que o talento é nobresa. Assim, vivendo quando viveu, o seu espirito debateu-se em aspirações indecisas e em quedas bem profundas. O corpo fragil não pôde com a lucta; succumbiu na estação que é habitualmente o apogéo da virilidade. O éstro de Bocage não era só luz, era chamma; a sua vida foi um incendio. Resplandeceu, deslumbrou, deu relevo a tudo com o seu clarão purpureo; mas devorou-se rapidamente a si mesma, e esse sol de poesia, que illuminava o seculo, meteoro fugaz, desfez-se em cinzas.

M. Pinheiro Chagas.

Digitized by Google

SENHORAS

CUJOS NOMES HONRAM E AFORMOSEAM AS PAGINAS DESTE ALMANACH

ILL.mas E EX.mas SR.as

D. ADELINA JORDÃO (*Pag.* 84).

D. CATHARINA MAXIMA DE FIGUEIREDO (*Pag.* 189).

D. CAROLINA A. D'A. F. B. B. (*Pag.* 359).

D. CHRISTINA D'ASSUMPÇÃO BRENNE ADRIÃO (*Pag.* 197).

D. GENOVEVA E. C. CUNHAL (*Pag.* 125).

D. GUIOMAR DELPHINA TORREZÃO (*Pag.* 342).

D. JULIA F. P. B. (*Pag.* 215).

D. JULIA HENRIQUETA DE BRITO MOUSINHO E SEABRA (*Pag.* 367).

D. JUSTINA AUGUSTA RAMOS E MELLO (*Pag.* 151).

D. LEONOR A. F. (*Pag.* 114).

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO (*Pag.* 372).

D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA (*Pag.* 175).

D. MARIA DO ROSARIO MANATA E SILVA (*Pag.* 100).

D. MARIA SALOMÉ (*Pag.* 297).

D. MARIANNA ANGELICA D'ANDRADE (*Pag.* 317).

D. MARIANNA BELMIRA D'ANDRADE (*Pag.* 124).

SELECTA (*Pag.* 285).

Digitized by Google

CAVALHEIROS

Cujos nomes honram as páginas do presente Almanach

A. Augusto d'Araujo e Mello (*Pag.* 379).
Abbade de Castro (*Pag.* 360).
Abreu Marques (*Pag.* 364).
A. C. da Silva Pessoa (*Pag.* 182).
A. F. B. (*Pag.* 101 *e* 259).
Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama (*Pag.* 178).
Antonio José Alves (*Pag.* 68 *e* 324).
A. J. do Nascimento (*Pag.* 287).
Alfredo Alberto d'Azevedo (*Pag.* 267).
Alfredo Carvalhaes (*Pag.* 108).
Alvaro (*Pag.* 341).
A. M. B. (*Pag.* 327).
Amador (D. Frey) Arraes (*Pag.* 90).
Aniceto C. (*Pag.* 122).
Anonymo Batalhense (*Pag.* 319 *e* 340).
Anonymo dos Anonymos Batalhenses (*Pag.* 198 *e* 343).
Antonio Augusto Ferreira (*Pag.* 226).

Digitized by Google

Antonio Candido de Figueiredo (*Pag.* 94, 183, 307 *e* 346).
Antonio Candido Palhoto (*Pag.* 220).
Antonio Carneiro Antunes Guimarães (*Pag.* 187 *e* 236).
Antonio Feliciano de Castilho (*Pag.* 315).
Antonio de Jesus e Silva (*Pag.* 194).
Antonio (P.e) Manoel da Silva (*Pag.* 135).
Antonio Maria do Amaral Ribeiro (*Pag.* 149 *e* 284).
Antonio Ozorio Pinto S. de Vasconcellos (*Pag.* 77).
Antonio (P.e) Vieira (*Pag.* 85).
Apolinario José Joaquim Rodrigues (*Pag.* 352).
Aprigio G. de Pinho (*Pag.* 243).
Araujo Pimentel (*Pag.* 370).
A. Salazar d'Eça Jordão (*Pag.* 95).
A. T. Carneiro (*Pag.* 268).
Athayde Oliveira (*Pag.* 218 *e* 239).
Augusto Antonio da Rocha (*Pag.* 105).
Augusto Queiroz (*Pag.* 86 *e* 340).
A. X. de Sousa Cordeiro (*Pag.* 380).
Bellarmino Carneiro (*Pag.* 194, 208 *e* 258).
Banhista (*Pag.* 300).
Bulhão Pato (*Pag.* 156).
C. (*Pag.* 150).
Cazimiro d'Abreu (*Pag.* 371).
C. B. (*Pag.* 210.)

Digitized by Google

C. L. M. (*Pag.* 143).
C. N. P. G. (*Pag.* 242, 305 *e* 377).
Constantino Teixeira de Vasconcellos Leite Pereira (*Pag.* 96 *e* 97).
Corth (Dr.) (*Pag.* 188 *e* 302).
C. Sequeira (*Pag.* 126).
D. G. P. (*Pag.* 116).
D'Hervylli (*Pag.* 250).
D. J. de Macedo (*Pag.* 159).
D. L. C. (*Pag.* 291).
Duarte Augusto Alvares Ribeiro (*Pag.* 93).
Duarte Xavier Lopes Vieira (*Pag.* 132).
E. A. Vidal (*Pag.* 325).
Eduardo Rozeiro de Mattos Coelho (*Pag.* 239).
Elnida Brazileiro (*Pag.* 278).
Epifanio José de Sousa Morato (*Pag.* 293).
Ernesto Marecos (*Pag.* 118).
F. A. Machado (*Pag.* 358).
F. I. Callado (*Pag.* 153).
Francisco Ferreira de Carvalho Lucas (*Pag.* 203).
Francisco Gomes d'Amorim (*Pag.* 383).
Francisco Henriques da Cruz Coelho (*Pag.* 282).
Francisco José Vieira (*Pag.* 120, 207 *e* 214).
Francisco (D.) Manoel de Mello (*Pag.* 220).
Francisco Pereira Soares da Mota (*Pag.* 165).
Francisco Rodrigues Lobo (*Pag.* 79).

Digitized by Google

Henrique Freire (*Pag.* 173).
Innocencio Francisco da Silva (*Pag.* 330).
J. A. B. (*Pag.* 319).
J. Andrade (*Pag* 378).
J. A. Bessoni d'Almeida (*Pag.* 164).
J. A. J. da Costa (*Pag.* 170, 301 *e* 310).
J. A. da Palma (*Pag.* 271).
J. A. dos Santos Teixeira (*Pag.* 283).
J. F. S. Firmo (*Pag.* 140).
J. M. dos Santos (*Pag.* 334).
J. M. D. J. (*Pag.* 266).
J. O. C. A. C. R. (*Pag.* 172).
J. R. (*Pag.* 247).
J. S. (*Pag.* 227).
J. da S. Mendes Leal Junior (*Pag.* 338).
Jacintho Caldas (*Pag.* 219).
Jeronymo José do Amaral (*Pag.* 110).
João Baptista de Moraes Junior (*Pag.* 137).
João Carlos de Valadares Mascarenhas (*Pag.* 163).
João de Castro Monteiro (*Pag.* 78).
João de Deos (*Pag.* 212).
João de Lemos (*Pag.* 311).
João Maria Mergulhão Neves Babral (*Pag.* 167).
João R. d'Azevedo (*Pag.* 111).
João Salvador Marques da Silva (*Pag.* 286).
João da Silva Pereira Bravo (*Pag.* 87, 200 *e* 322)

Digitized by Google

João Vicente Pimentel Maldonado (*Pag.* 262).
Joaquim Alves C. (*Pag.* 148 *e* 158).
Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior (*Pag.* 253 *e* 346).
Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva (*Pag.* 71, 147 *e* 157).
Joaquim Maria Soares de Brito (*Pag.* 350).
Joaquim (Fr.) de Santa Roza de Viterbo (*Pag.* 223).
José Augusto da Cruz (*Pag.* 133).
José Augusto da Cunha Mesquita (*Pag.* 91).
José d'Azevedo David (*Pag.* 254).
José Caldas (*Pag.* 202).
José Dantas de Sousa (*Pag.* 144).
José Felgueiras (*Pag.* 213).
José Gomes Marcos (*Pag.* 263).
José Joaquim Borges d'Azevedo e Silva (*Pag.* 188).
José Joaquim de Matos (*Pag.* 233).
José Lopes Viegas (*Pag.* 374 *e* 375).
José d'Ornellas (*Pag.* 206).
José Pereira d'Almeida (*Pag.* 231).
José Thomaz Pereira Soares (*Pag.* 348).
José Victorino Pinto de Carvalho (*Pag.* 269, 279 *e* 315).
Jorge Severino da Silva (*Pag.* 197).
Julio de Castilho (*Pag.* 330).
Julio Cezar Machado (*Pag.* 353).
Juveniano Monteiro (*Pag.* 365 *e* 379).
L. A. S. T. (*Pag.* 362).

Digitized by Google

L. M. (*Pag.* 323).
Ladislau Netto (*Pag.* 102).
Leão Dias (*Pag.* 119 *e* 333).
Luiz Emygdio Cardozo Guedes (*Pag.* 356).
Luiz (Fr.) de Sousa (*Pag.* 113).
M. F. G. Redondo (*Pag.* 294 *e* 300).
M. J. d'Almeida (*Pag.* 82).
M. J. Baptista (*Pag.* 166).
M. J. F. G. (*Pag.* 75, 250 *e* 263).
M. N. (*Pag.* 355).
Manoel Alves de Sousa (*Pag.* 234).
Manoel Augusto da Conceição Novaes (*Pag.* 228).
Manoel (P.e) Bernardes (*Pag.* 123).
Manoel Ferreira da Portella (*Pag.* 252).
Manoel Joaquim Ramos (*Pag.* 260).
Manoel Lopes Maia (*Pag.* 181 *e* 351).
Manoel Maria Lucio (*Pag.* 69, 76 *e* 222).
Manoel Marques da Silva (*Pag.* 66 *e* 128).
Manoel Vicente de Figueiredo (*Pag.* 382).
Marinheiro (*Pag.* 326).
Mathias J. O. S. Firmo (*Pag.* 91).
Novo Charadista (*Pag* 154).
P. (*Pag.* 299).
Pinheiro Chagas (*Pag.* 268).
Ramos (*Pag.* 216).
Raphael (D.) Bluteau (*Pag.* 163).

Digitized by Google

Romão José Pinto Cerqueira (*Pag.* 227 *e* 295).
S. C. (Coimbra) (*Pag.* 227).
S. C. (Foscôa) (*Pag.* 103).
S. Leão (*Pag.* 261 *e* 308).
S. M. J. (*Pag.* 74).
Simeão Pinto Victorino (*Pag.* 191)
T. A. (*Pag.* 191).
Thomaz Ribeiro (*Pag.* 292).
V. H. S. C. (*Pag.* 238 *e* 246).
Viriato L. Pereira (*Pag.* 205).
Y. (*Pag.* 334).
Zacharias Nunes da Silva Freire (*Pag.* 107).
** (Bissau) (*Pag.* 211).
** (Foz) (*Pag.* 117).
** (Novellães) (*Pag.* 131 *e* 186).
** (Porto) (*Pag.* 279).
*** (Albufeira) (*Pag.* 95).
*** (Rio de Janeiro) *Pag.* 275).

Digitized by Google

INDICE

DOS

Artigos comprehendidos n'este Almanach

A

Academias 326
A Camões (poesia) 317
Actor (Um) secular.... 237
Adão e Eva em Cabeceiras de Basto 291
Admiração..... 98
Affonso d'Albuquerque . 340
Albufeira 115
Alchymia (A) em Inglaterra..... 169
Algumas opiniões sobre a felicidade 239
Alphonse Karr (Excentricidade)..... 88
Amar que tempo é?... 349
Ambições — ambiciosos *(Etymologia)*..... 290
Ambição..... 267
Amor (O) e a abelha (poes.) 355
Amor (poesia)..... 150
Amor (O) não tem côr. 266
Amor nacional..... 231
Anagramma 214
Anatomia e physiologia chineza 258
André Chénier 158
Anecdota (Uma) d'Henrique IV 275
Anecdota oriental 369
Anhelo (poesia)..... 380
Annel (O) de Joanninha (poesia)..... 330
Annuncio 239
Antiga (A) comédia.... 140
Antonio Gonçalves Dias 339
Aposta (Uma) ingleza .. 345
Apotheose á queima roupa..... 216
Arachne 221
Aristocrata (Um) 100
Arvore genealogica 256
Aspirações (poesia).... 325
Associação (O que póde a) 106
A ti (poesia)..... 283
Atlante..... 240
A uma violeta (poesia). 124
A uns annos (poesia) .. 86
Avalanche (A)..... 346
Á volta da primavera (poesia)..... 139

B

Baphometo..... 207
Batalha de Lepantho... 315
Beijo (poesia) 212
Bengala (A) de Bautru. 211
Bicolor..... 101

Digitized by Google

Bisca piedosa..... 153
Blagueurs..... 227
Boa precaução..... 184

C

Cabellos (Os) louros... 151
Cabo (O) transatlantico. 321
Cabo de Santa Marta.. 157
Caça de cavallo marinho nas margens do Quanza 287
Cadaver (O) de Luiz XIV 246
Calembour..... 184
Calembour..... 379
Calor demonstrativo... 286
Camões amigo de gallinhas..... 91
Cançasso d'um jesuita.. 380
Cantiga (poesia)..... 79
Cantiga (Uma) de Camões (poesia)..... 252
Caridade (poesia)..... 338
Carolina (poesia)..... 349
Carta modelo..... 69
Cavalleiros andantes portuguezes..... 313
Charada 1.ª, paginas 68
— 2.ª, 78 — 3.ª, 84
— 4.ª, 93 — 5.ª, 101
— 6.ª, 110 — 7.ª, 119
— 8.ª, 125 — 9.ª, 135
— 10.ª, 143 — 11.ª, 151
— 12.ª, 159 — 13.ª, 163
— 14.ª, 165 — 15.ª, 172
— 16.ª, 187 — 17.ª, 197
— 18.ª, 205 — 19.ª, 213
— 20.ª, 220 — 21.ª, 227
— 22.ª, 236 — 23.ª, 250
— 24.ª, 260 — 25.ª, 271
— 26.ª, 277 — 27.ª, 286
— 28.ª, 293 — 29.ª, 300
— 30.ª, 308 — 31.ª, 319
— 32.ª, 326 — 33.ª, 335
— 34.ª, 335 — 35.ª, 341
— 36.ª, 351 — 37.ª, 355
— 38.ª, 366 — 39.ª, 374
— 40.ª, 379.
China (As casas na)... 280
Christovão da Gama... 186
Clemencia (A)..... 208
Clima (O) do Rio Grande 246
Comilão (O)..... 131
Commercio (O que é o) 224
Como ellas nos julgam. 374
Como fallam de nós... 166
Como se compõe..... 377
Como se paga um descuido 301
Compadres (Os) e o burro 66
Confidencia (poesia)... 307
Confissão a pessoas leigas 223
Confraria da corte..... 314
Convento da Lousa (Origem e fundação do). 137
Convento de S. Francisco e S. Domingos de Guimarães..... 228
Corôa nupcial..... 223
Corôa (A) real portugueza 377
Corridas de cavallos... 281
Cosinheiros (Optimos).. 322
Covilhã (A)..... 111
Credula (A) antiguidade 217

Digitized by Google

Criados..... 185
Cumprimento a uma formosa..... 112
Cumprimento (Um) de Boileau..... 317
Cumprimento retribuido 168

D

Delicias (As) campestres 81
Denodo guerreiro..... 121
Depois da leitura d'Uma Primavera de Mulher (poesia)..... 342
Deputação a Philippe II 306
Desafronta..... 234
Desejo (poesia)..... 359
Desejo satisfeito..... 100
Desforra..... 99
Destino do homem.... 355
Deus e o soldado..... 94
Dignidade..... 209
Distico no tumulo d'Affonso Henriques (poesia)..... 183
Distinguo..... 359
Dize-me com quem lidas 174
Doentes in extremis.... 220
Dois previdentes..... 146
Dolora (poesia)..... 156
Domingo da Resurreição 147
Dominiquino..... 341
Dote..... 120
Doutrina de S. Francisco de Salles..... 172
Duas innocencias..... 236
Duello..... 350

E

Ébrios e sóbrios..... 375
Economia de pontos... 95
Effeitos da imaginação. 332
Elephantes (Os) na lavoura..... 264
Elha por Elha (poesia). 311
Enigma 1.º, paginas 91 — 2.º, 107 — 3.º, 154 — 4.º, 181 — 5.º, 228 — 6.º, 356 — 7.º, 375.
Enigma para um antiquario..... 87
Ensino a gulosos..... 74
Epigramma (poesia).... 117
Epigramma (poesia).... 251
Epitaphios..... 302
Epitaphios (Dois)..... 263
Eram dignos um do outro 250
Eremitas..... 216
Escravos (Os) do cachimbo..... 120
Espelho d'alma..... 327
Esperança (poesia)..... 102
Esperteza bem legrada. 304
Espevitadeira..... 323
Espirito e espirito..... 240
Esponja (A)..... 364
Esposa obediente..... 310
Estatua (A) de Nabuco. 90
Estatua (A) do usurario 208
Estrellas cadentes..... 328
Eternidade..... 288

Digitized by Google

Europa (A) 225
Experiencia d'utilidade publica..... 301

F

Fallar á mesa 366
Faria..... 75
Fatuo (A um) 260
Felicidade (A) dos reis. 371
Festas (As) do Espirito Santo no Topo 188
Festas tradicionaes 128
Figura (Uma) de rhetorica..... 270
Figura (Outra) de rhetorica..... 270
Filha (Uma) que ensina a mãe..... 320
Foge-me a vida (poesia) 164
Fogo (O) e as paixões . 269
Formosura 360
Forte em geographia... 199
Foz-côa (Valle de) 103

G

Gafanhotos (Nuvens de) 343
Gallimatias..... 198
General (O) Desaix na batalha de Marengo . 294
Generosidade 282
Gentilismo (O)..... 96
Grandeza nascida da pequenez 81
Gratidão (A) do soldado 327
Gualter (S.) e S. Gonçalo d'Amarante..... 229
Guarda-roupa bem fornecida 368
Guerra (O que faz a).. 318
Guerra (A)..... 181

H

Habito (O) não faz o monge..... 168
Haparanda 204
Heraclito (Desinteresse de) 382
Homem (Um) bem servido 375
Homem (Um) conscienciosо..... 213
Homem (O) depois do infortunio 335
Homem (O) de tres braços 302
Homicidio nas trutas... 247
Hymno da Escola Academica (poesia) 383
Hymno Patriotico (poesia) 362

I

Idade justificada 183
Ilha do Mal com todos. 71
Inconsequencia 252
Influencia da mulher... 227
Ingenuidade 263
Inimiga de gordura.... 92
Islandia (A capital de). 93

Digitized by Google

J

Jaçanam 129
Jantares baratos..... 160
Japão (A festa das almas no) 155
João II (Uma de D.) ... 69
Jogo (O) em Sexta feira Santa 287
Jogo (O vicio do)..... 118
Justiça (A)..... 368
Justiça de D. João II .. 234
Justiça e fortuna..... 279

K

Khan (O) e o Dervich. 334

L

Laverna deusa dos ladrões..... 257
Legenda (A) do palacio 373
Leis gentilicas..... 166
Leonor (poesia)..... 231
Liberdade galardoada .. 299
Lição dada pelo discipulo ao mestre..... 142
Linguas (Más) 123
Lisboa, Setubal, Coimbra, e o convento da Batalha..... 113
Litteratura (A) portugueza..... 140
Livrarias..... 360
Logogripho 1.º pag. 76
— 2.º, 95 — 3.º, 122
— 4.º, 132 — 5.º, 167
— 6.º, 203 — 7.º, 222
— 8.º, 233 — 9.º, 253
— 10.º, 266 — 11.º, 282
— 12.º, 293 — 13.º, 314
— 14.º, 323 — 15.º, 333
— 16.º, 346 — 17.º, 358
— 18.º, 367.
Logogripho enigmatico . 215
Logogripho da novissima reforma..... 95
Loto (O jogo do)..... 67
Luiz XVI e M. de Biévre 76

M

Machinas (As) a vapor. 297
Madrigal (Gracioso).... 148
Madrugada (poesia).... 114
Males que vem para bens 84
Marte..... 312
Mathosinhos..... 178
Medicina a proposito... 238
Medico (O) e o padre.. 324
Meio facil..... 104
Mery..... 258
Minha barca (poesia)... 292
Miope..... 207
Modelo (Um) d'eloquencia sagrada 149
Modelo de linguagem vernacula..... 330
Modestia..... 221
Molière e Bourdaloue .. 109

Digitized by Google

Morte d'um burro..... 353
Morte de Cezar..... 130
Mortus est Jesus (poesia) 144
Morte (A) por musica.. 265
Morte d'um tyranno ... 107
Mudança d'estado..... 135
Mules (As) dos clerigos. 146
Mulher (A) de Democrito 157
Mulheres (As) e os poetas 78
Mulher (A) que mais domina 196
Mulher (Qualidades requeridas na)..... 118
Musa da madrugada (poesia)..... 195

N

Não vale o mesmo obter que merecer..... 103
Nariz (O) do visinho... 296
Natal (O) em Rio Formoso..... 378
Negros (Os) do Senegal — *Lenda* 232
Nome (O) de Deus em diversas linguas..... 237
Novo Icaro..... 183

O

Obra posthuma 276
Olhos (Os) d'uma artista julgados diversamente 165
Onde foi a pancada ... 262
Onde ha fumo ha fogo. 188
Opinião (Uma) ácerca do dinheiro..... 356
O que está na hostia antes de consagrar 352
Oração (A)..... 241
Oração a S. Custodio contra as tentações do demonio..... 285
Oraculo (Um) de tonel. 96
Ordens militares portuguezas..... 361
Orgulho (verdadeiro)... 87
Origem d'algumas flores 328
Os fins do anno (poesia) 381
Osso (O) do matrimonio 190
Ouve! (poesia)..... 219

P

Palmeira (A) carnauba. 70
Pape..... 348
Paridade..... 139
Pasquim 215
Patria (A) 163
Pax tecum..... 293
Peça (A) sem *A* 110
Pedro Alexandrino de Carvalho..... 357
Pensamentos de Chateaubriand..... 94
Perdas para a Historia. 309
Philologia animal..... 193
Phoca..... 249
Phrenologia 272
Platão e Socrates 90

Digitized by Google

Ponte do Cavalleiro ... 194
Ponto (O) interpellado . 122
Por bem fazer mal haver 133
Porco (Um) por premio 177
Porque um tal não casava 127
Portuguezes (Os) julgados por um portuguez 114
Portuguezes e hespanhoes 238
Precursores..... 253
Preguiça (A) 88
Presagios romanos..... 161
Presentes de Nossa Senhora..... 158
Principal (O) com o accessorio 79
Processo para curar lobinhos 197
Profundidade dos mares 170
Prova real..... 155
Prova sem réplica..... 200
Providencia e acaso ... 295
Pseudo hydrophobo.... 259

Q

Quando acabará a maior parte da gente de mentir?..... 200

R

Rapaz (Um) previdente. 176
Rasão da differença.... 188
Recordações (poesia)... 370
Rectificação 271
Recordações de viagem. 226
Rei (Um) philosopho .. 289
Religiões do globo..... 83
Relogio contrariante ... 220
Rembrandt..... 80
Remedio d'amor..... 85
Remedio muito facil... 112
Requerimento e despacho 319
Resignação (poesia).... 372
Rima (Achar uma que não existe)..... 123
Rio de sangue..... 206
Rio sem nome..... 373
Roma (Nome occulto de) — Pergunta..... 173
Roma (Nome occulto de) — Resposta..... 173
Rosto (Um) inspirador.. 124

S

Sabbado e Domingo ... 230
Sabio (O) convencido (poesia)..... 264
Sabios (Os) da Grecia.. 294
Salalé, ou Baga-baga... 191
Salva (Uma) de prata por um bom dito..... 72
Sangue-frio d'um actor. 311
Santo Antonio brigão .. 214
Sapatos com pontos de festa..... 198
Satyra (Uma) de Victor Hugo..... 159
Saudade (poesia)..... 148
Saudes (As) antigas.... 337
Seda..... 210

Digitized by Google

Segredo em bocca de mulher..... 175
Segredo d'um só..... 259
Se te amo! (poesia)... 74
Sciencias (As) e as artes segundo Laharpe.... 278
Scipião e Annibal..... 182
Sic vos non vobis..... 202
Singular impossibilidade 336
Sitio (O) da Amoreira.. 218
Solidão (A)..... 247
Solidão (poesia)..... 175
Somno (Mal do)..... 211
Soneto..... 262
Sova (Uma) lisongeira.. 86
Substituição original... 154
S. Thomé..... 376

T

Taberna (A) e o botequim 151
Tarambola..... 72
Thales de Mileto..... 242
Theatro (O)..... 143
Tijuca (A)..... 275
Todos bebem..... 334
Tólo (A cidade de).... 279
Torre de Babel..... 191
Touro (O)..... 97
Traducção á lettra.... 186
Tragico fim de dois tragicos..... 284
Tres cantos (poesia)... 371
Tres (As) comédias.... 192
Troco de lei..... 119
Tropas femininas..... 126
Typo andaluz..... 105

U

Uma noute nupcial (poes.) 268
Usanças gastronomicas.. 261

V

Vaidade (A)..... 364
Vaidade masculina..... 65
Valle d'Arminda..... 77
Vantagem de não levantar cêdo..... 280
Vara (A) da justiça.... 187
Velhice (A)..... 344
Verdade (A) de marmore 343
Versos acrosticos (poesia) 95
Versos acrosticos (poesia) 206
Veshnon..... 136
Vespas (As)..... 152
Vida (A)..... 336
Virgem (A) pallida (poesia)..... 82
Virgilio e Cicero como poetas..... 104
Virgilio, Horacio, Ovidio 133
Visão (A) (poesia)..... 243
Visita de D. Maria II ao Porto em 1834..... 254
Viuva (A) inconsolavel. 305
Viva muitos annos, viva mil annos..... 66
Vou fugir-te (poesia)... 201
Vozes d'alma (poesia).. 108

W

Walter Scott e o mendigo 125

Digitized by Google

CORRESPONDENCIA

RELATIVA AO

ALMANACH

M. F. *(P. V.)* Deus nunca desampara os que esperam. Lá tem a prova adiante.

M. Y. B. *(Brejo)*. Quando vir francez passe adiante para não tropeçar. Nada lhe levamos pelo conselho. Pois olhe que vale dinheiro.

PARENTES AMIGOS *(Brazil)*. Vieram muito tarde para o *Almanach* de 1869. Para o anno fallaremos.

16 ANNOS *(Coimbra)*. Quem tem 16 annos póde e deve esperar, para apparecer depois mais completo.

PETIÇÃO E DESPACHO. Tem entrada franca; seja bem vindo, e creia mais em si.

SAMIS *(Lisboa)*. O menino sempre é d'aquelles que parrimar com *mulheres* achou numa cuia de senhora — de feijão e arroz vinte e sete *alquéres!* Ora, pois, Deus o encaminhe para onde não faça perda nem damno, mas para cá é escusado.

Digitized by Google

SI FORTE *(Porto)*. D'esta vez não póde ser ouvido.

BANANA *(Alemtejo)*. Deu no vinte, sr. Banana, que não banana, mas lá em Pernambuco tambem se sabia isso.

SEREI ATTENDIDO? *(Porto)*. Foi, e póde continuar.

VERDE FLOR *(Alemtejo)*. O seu *apontoado de palavras* não o offendemos porque foi v. s.ª mesmo quem assim s classificou) não póde ter cabimento, e a formosa visondessa de Lisboa não se lhe dará muito d'isso.

MUITA FÉ NESTA VIDA *(Beira)* Deixe em paz o honem dos pezames, mas não perca a fé, se tem muita, de inda ver um dia o seu nome entre os dos collaboradoes do *Almanach*.

PÓDE CORRER MUNDO? *(Minho)*. De cabellos hirtos, olhos encovados, enrugadas as faces, tremulos os labios, tudo isto seria por medo) veiu v. s.ª bater á nossa porta perguntar-nos — *Póde correr mundo?* A resposta foi logo — *Póde*. Quer mais?

UM SEU CREADO *(Traz os Montes)*. Creado de Deus, que lhe dará bom pago. Quando recebemos a sua carta de 5 de dezembro já estava apurado entre os originaes destinados á imprensa, o que adiante lerá. Vê como era injusto?

PROVINCIANA CHARADISTA. Sim, minha senhora; das 58 charadas, enigmas e logogriphos do *Almanach* de 1868 — adivinhou v. ex.ª 33. Já é alguma cousa, porque é mais de metade.

DONO DO PILOTO *(Lisboa)*. Mande-nos uma photographia do seu piloto, e para o anno fallaremos.

Digitized by Google

CAPITÃO DO BRIGUE....Se em vez d'haver estado seis dias em calmaria no alto mar, estivesse doze, o que alíás lhe não desejamos, temos para nós que não ficaria a menos de meio caminho como adivinhador de charadas. Olhe que ainda assim errou tres das que julgou ter decifrado.

ILLUSÕES E CHIMERAS (*Lisboa*) Não creia que os seus desejos sejam sempre illusórios ou chimericos, quando se tracte de conquistar um logar no *Almanach*; entretanto, nem v. s.ª, nem o seu estimavel apresentado, poderam este anno ter os seus nomes na pagina tarjada. Outra vez será.

MAIS UM (*Càrmo de Cantagallo*). Despacho do requerimento:

— Assentou praça, é soldado — entre os que temos de sobra — Se chegasse dias antes — não descançaria instantes — e logo a passo dobrado — entraria na manobra.

SEREI ADMITTIDO (*Rio de Janeiro*). Quem tem 18 annos não se apressa; espera, e esperando estuda para depois ser admittido.

SERVIRÁ OU NÃO (*Braga*). Não chegou aos 10 valores, *mon cher ami*, (retribuimos-lhe o tratamento que nos deu) mas não desespere, que ainda os ha de obter.

DÃO AGASALHO? (*Estremadura*) Os seus artigos não precisam de patrono para terem uma entrada neste livrinho. Teem-na franca, porque teem antiga posse.

YES OR NO? (*Vouga*). Não; mas não creia que para esta negativa ha da nossa parte má vontade, ou cousa que se pareça com isso. Não, porque a grande maioria dos nossos leitores se não entenderia com enigmas francezes, e para a maioria é que escrevemos.

Digitized by Google

BEAUCOUP MERCI *(Brazil)*. Não tem que agradecer. Da nova remessa lá vae alguma cousa. Os versos, tanto se quiz enriquecel-os pela fórma e pelo duplicado de rimas, que se sacrificou a naturalidade, e por consequencia em algumas das suas estrophes, a verdade e a bellesa. Já nos provou que os sabia fazer melhores, e por isso é que fazemos o reparo.

M. C. Dizemos á nova collaboradora das bandas do Douro que se não enganou julgando que a s. ex.ª se dirigiam as palavras que fecham a pag. 5.ª no *Almanach* de 1868. Infelizmente, quando recebemos a poesia já a parte litteraria do presente *Almanach* estava encerrada. Fica para o de 1870.

ALIQUANDO ESCRIPTOR *(Alemtejo)*. *Piou tarde*, com certeza; já o seu contingente não veiu a tempo para 1869.

Pelo que respeita ao enigma, não o asseveramos, mas parece-nos que não é materia nova no *Almanach*, e por isso fica de quarentena.

SERVE? *(Leiria)*.... Talvez....

B. M. *(Alemtejo)*. Não reze o *de profundis* d'esta vez, e beije por nós as mãos á senhora, que por sua intervenção nos honrou com as suas composições.

ZUINGLIO. Ainda d'esta vez não póde ser, mas não creia que fosse porque o condemnámos á escuridade do limbo.

QUEM PORFIA MATA CAÇA *(Beira)* Lá está adiante demonstrada a verdade do proloquio. Porfiou, caçou.

BARATHRO *(Minho)*. Se não ficou melhor com a alteração de fórma que lhe demos, releve-se-nos, pela intenção que lhe presidiu.

Digitized by Google

PODEREI CONTINUAR *(Brazil)*. Póde, sim senhor, se S. Gonçalo d'Amarante, casamenteiro de velhas e auxiliador dos seus devotos, continuar a dispensar-lhe os séus favores.

LEBRE-LEBRÃO, PERDIS-PERDIGÃO. Pois chegou um dia a acreditar que as paginas do *Almanach* se prestariam aos seus arrobamentos e delirios da benta noite do Baptista? Isso é mal que lhe fizeram.

LA-ÉTRENNE. Vê? Achava-se a modesta florinha longe de quem tanto a estremecia, e eis surge tão viçosa como quando atravessou o mar, porque lhe não faltaram disvellos.

ILLUC UNDE NEGANT... Faça mais justiça a si mesmo. Os seus versos leu-os uma menina, e não pôdé occultar as lagrimas que lhe marejaram nos olhos quando acabou a leitura. Se isto é assim, como poderiam elles ir povoar as negras solidões do Tartaro?

IL PENSAMENTO IN SOGNO TRANSMUTAI. Lá verá adiante uma das suas charadas; apenas lhe supprimimos os dois versos do poeta, porque se o não fizeramos, lel-a e advinhal-a era uma e a mesma cousa.

BARDO MUNDANENSE. Os seus dois artigos chegaram a porto e salvamento, e foram admittidos. As duas charadas em que nos falla, enviadas o anno passado, crêmos que deram á costa.

TRUZ, TRUZ.... DÁ LICENÇA? *(Coimbra)*. Póde entrar, e não paga nada.

QUE ME DIZ *(Rio de Janeiro)*. Dizemos-lhe que temos palavra, e que a sua L... lá vae adiante esbelta e muito garrida com as galas de que a vestiu.

Digitized by Google

OS ALLIADOS *(Pernambuco)*. Chegou a vez ao que estava promettido desde 1864. Que os dois *pobres matutos* nos perdoem, se os fizemos descrer de si por haverem esperado cinco annos.

A CRUZ E A ESPADA. Ainda recruta, não póde v. s.ª abalançar-se a grandes manobras, mas já se encaminha, (e que bem que o faz!) a pequenos exercicios, que correspondém á escola de pelotão. Seja bem vindo, e visto que traz por legenda na bandeira a — *Cruz e a espada*, — creia que nunca lhe fecharemos as paginas d'este livrinho. Pena foi que viesse este anno tão tarde, e que o não podessemos contemplar como desejavamos.

NINHADA DE GATOS (*Brazil*). Vide a pag. 33 e 34 do *A.* de 1867 a explicação dos logogriphos do *A.* de 1866. Quanto ao mais para o anno fallaremos.

LEITORA CONSTANTE *(Beira)*. Não desanime, presista; e nem por não encontrar ainda d'esta vez o nome entre os das nossas collaboradoras, creia que o nosso voto lhe foi em tudo desfavoravel.

SERVIRÁ *(Beira)*. Pareceram-nos os seus *anhelos* um pouco vivos de mais. Para se ser feliz é mister não desejar tanto. Creia-o.

Á SORTE *(Africa)*. Tudo veiu a salvo, mas tarde. Nada tem que nos agradecer.

AQUI ANDA BRUXARIA *(Beira)*. Não anda, não senhor; ainda d'esta vez o bruxedo não fez a revolução que prognostica. Vae este anno a discripção, e para 1870 daremos a palavra á sua velha Brigida.

Digitized by Google

CHARADAS, ENIGMAS E LOGOGRIFOS

DO

ALMANACH DE 1868

PAG.
67 REMO
70 689, ou 986, ou 916, ou 619, ou 609, ou 906.
73 AFILHADO
76 CARACOLEIRO
85 ALCARAPINHA
91 RODO—CORPO—SAPO
101 NAMORO
109 AROMA
115 PERUA
122 CAMARÃO
126 AMOR
137 SERMÃO
141 JACARE
146 SERTORIO
154 TOUCADO
157 SEPULTURA
163 HISTORIA
167 OVO
171 LISBOA
180 ARARA
186 PACATO
190 ACTUALIDADE
195 PRIMASIA
202 RELOGIO
205 LAGRIMA
213 GAIVOTA
219 EPILOGO
220 MONOTONIA
228 SIMPATHIA

PAG.
234 LUNA
236 SOCEGO
243 EMBOCADURA
245 ARPEJO
254 TATU
261 MADREPORA
266 SIMPATHIA
274 QUADRASYLLABO
278 DEDO
282 COLCHÃO
285 ARMARIO
292 DIABO
295 ROMANO
301 MACELLA
308 SALVADOR
314 VIVACIDADE
317 CORDEIRO [1]
323 ALAMEDA
330 VADIO
335 ANNA
340 PIANO
343 METHODO
350 MARFIM [2]
357 ABSOLUTA
362 MALACA
367 FACIL
373 PEROLA
380 RELA
382 CONSERVATORIO

[1] No verso duodecimo d'esta charada passou um erro que para muita gente a tornaria inexplicavel. Diz-se ahi — *D'entre que tal companheiro.* Devendo ler-se — *D'outro que tal companheiro.*

[2] Já a pag. 5 do precedente *Almanach* dissemos que no fim do 16.º verso d'esta charada falta a designação do numero das syllabas, e que este nnmero é 1.

Digitized by Google

TABELLA DOS INCENDIOS

TORRES	badal.	POSTOS DE GUARDA
Beato Antonio	11	Reg. e Cab. de Bola.
S. Vicente	12	Escolas Geraes.
S. Estevão	12	Chafariz de Dentro.
Graça	13	Calçada do Monte.
Sé	14	Loyos.
S. Christovão.....	14	Costa do Castello.
Conceição Nova.....	15	Guarda do Deposito.
S. Nicolau.....	16	Praça da Figueira.
Soccorro	17	Mouraria.
S. José	18	Passeio.
Pena.....	19	Conv. da Encarnação.
Bemposta	20	Cab. de Bola.
Anjos	20	Monte Agudo.
S. Sebastião da Pedr.	21	Quartel de Santa Rita.
Coração de Jesus....	21	Largo de S. Martha.
Monserrate	22	Amoreiras.
S. Mamede	22	Collegio dos Nobres.
S. Isabel	23	Junto á igreja.
Estrella, ou C. Novo	24	B. Ayres, B. Morte, Est.
Lapa	24	Pau da Bandeira.
Necessidades.....	25	Praça d'Armas.
S. Pedro em Alcant.ª	25	Rua da Junqueira.
S. Francisco de Paula	26	Pampulha.
Santos-o-Velho	27	Inglezinhas.
Paulistas.....	28	Junto á igreja.
Chagas	29	Rua das Flores.
S. Roque.....	30	T. da Quei.m, S. P. d'Alc.
Martyres.....	31	Governo Civil.
S. Paulo.....	32	Caes do Sodré.
Boa Hora, Belem....	33	Calçada de D. Vasco.
Jeronymos.....	34	Belem.

Digitized by Google

ECLIPSES DO ANNO DE 1869

27 e 28 de Janeiro—Eclipse parcial da lua, visivel em Lisboa.

Principio	dia 27 —	11 h.	55′		
Meio ...	dia 28 —	1	5		tempo médio
Fim....	dia 28 —	2	14		
Grandeza 5,4 digitos.					

10 e 11 de Fevereiro—Eclipse do sol, invisivel em Lisboa.

23 de Julho—Eclipse da lua invisivel em Lisboa.

7 de Agosto—Eclipse do sol invisivel em Lisboa.

MARÉS.

Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1.º dia de lua nova. Procurando essa idade na tabella seguinte, ter-se-hão as horas de prêamar e baixamar em um dia qualquer. Supponhamos que se desejam saber os prêamares e baixamares de 18 de janeiro; procurando este dia na folhinha acharemos que é o 7.º dia da lua, e procurando na 1.ª columna da tabella o n.º 7, acharemos na mesma linha horisontal o que desejamos.

Quando na tabella das primeiras marés se notam marés da tarde, as marés da manhã d'esse dia são as segundas do dia antecedente, como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29.

Digitized by Google

TABELLA DAS PREAMARES E BAIXAMARES EM LISBOA

IDADE DA LUA	Preamar		Baixamar	
	DA MANHÃ	DA TARDE	DA MANHÃ	DA TARDE
	h. m.	*h. m.*	*h. m.*	*h. m.*
1 e 16	2 55	3 20	9 7	9 32
2 17	3 44	4 9	9 57	10 22
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11
4 19	5 24	5 49	11 36	
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5
8 23	8 42	9 7	2 30	2 55
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24
12 27		0 1	5 49	6 13
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42

N. B. As horas das marés do dia 1 da lua são as mesmas do dia 16; as do dia 2, das do dia 17; e assim por diante.

O dia 8 da lua é quarto crescente, e o dia 23 quarto minguante, o dia 15 é lua cheia e o dia 30 lua nova.

Digitized by Google

NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1869

MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	MEZES	DIAS	NASCIMENTO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.	OCCASO APPARENTE DO SOL. TEMPO MEDIO.
Janeiro	1	7 h. 20′	4 h. 48′	Julho	1	4 h. 39′	7 h. 28′
	9	21	53		9	45	25
	17	18	3		17	50	21
	25	14	12		25	55	17
Fevereiro	1	9	19	Agosto	1	5 3	9
	9	0	28		9	10	1
	17	6 50	48		17	17	6 51
	25	40	46		25	24	40
Março	1	35	51	Setembro	1	30	29
	9	23	59		9	38	17
	17	11	6 7		17	45	4
	25	5 56	41		25	52	5 51
Abril	1	47	21	Outubro	1	57	42
	9	34	30		9	6 5	30
	17	24	37		17	13	18
	25	13	45		25	21	7
Maio	1	5	50	Novembro	1	29	4 59
	9	4 56	57		9	37	51
	17	49	7 5		17	47	43
	25	42	11		25	55	39
Junho	1	39	16	Dezembro	1	7 1	37
	9	36	23		9	8	37
	17	36	25		17	14	38
	25	38	27		25	18	42

Digitized by Google

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero	8
Cyclo solar	2
Indicção Romana	12
Epacta	XVII
Letra Dominical	C

TEMPORAS

Fevereiro	17, 19 e 20	Setembro	15, 17 e 18
Maio	19, 21 e 22	Dezembro	15, 17 e 18

FESTAS MOVEIS

Septuagesima	24 de Janeiro.	Pentecostes	16 de Maio.
Cinza	10 de Fevereiro.	Trindade	23 de »
Paschoa	28 de Março.	Corpo de Deus	27 de »
Ladainhas	3, 4 e 5 de Maio.	Coração de Jesus	4 de Junho.
Ascensão	6 de Maio.	Advento	28 de Nov.

QUATRO ESTAÇÕES DO ANNO

Primavera	Começa	a 20 de Março.
Estio	»	a 21 de Junho.
Outomno	»	a 23 de Setembro.
Inverno	»	a 21 de Dezembro.

BENÇÕES

Prohibem-se desde Quarta-feira de Cinza até ao 1.º Domingo, depois do de Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao dia de Reis.

Digitized by Google

FOLHINHA PORTUGUÈZA

SIGNO DE AQUARIO

1 DE JANEIRO. *Sexta.* ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. *Festa na Graça, Barreiro e Seixal. Com. as 13 sextas feiras de S. Francisco de Paula e a nov. de N. Senhora de Jesus. Ind. em varias igr. Grande Gala. Cortejo.*

2 *Sabbado.* S. Izidoro, B. M.

3 *Domingo.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. S. Genoveva, V. *Ind. plen. em S. Amaro no 1.º domingo de cada mez.*

4 *Segunda.* S. Gregorio, B. S. Tito, disc. de S. Paulo.

5 ☾ *Terça.* S. Simeão Estelyta, S. Apollinaria, V. *Vesporas de instrumental na Sé, e ao escurecer começam as matinas. Q. ming. ás 5 h. e 48 m. da manhã.*

6 *Quarta.* ✠ DIA DE REIS. *Festa na Sé. Benção no Menino Deus. Ind. no Loreto e na 1.ª quarta feira de cada mez na Madre de Deus.*

7 *Quinta.* S. Theodoro. *Ind. no conv. do Desaggravo em todas as quintas feiras do anno, e como as de Porciuncula na 1.ª quinta feira de cada mez na igr. das religiosas do Sacramento. Abrem-se os tribunaes e permittem-se os casamentos solemnes.*

8 *Sexta.* S. Lourenço Justiniano. *Com. a nov. de N. Senhora da Divina Providencia.*

9 *Sabbado.* S. Julião, M. *Festa na sua freg.*

Digitized by Google

10 DE JANEIRO. *Domingo.* (*1.º depois dos Reis*) N. Senhora de Jesus. S. Paulo, 1.º eremita. *Festa na freg. das Mercês. Ind. em S. Domingos para os irmãos dos Passos, no 2.º domingo de cada mez.*

11 *Segunda.* S. Hygino, P. M. S. Honorata, V.

12 ● *Terça.* S. Satyro, M. *Com. a nov. de S. Sebastião. L. nova ás 6 h. e 19 m. da tarde.*

13 *Quarta.* S. Hilario, B.

14 *Quinta.* S. Felix de Nole.

15 *Sexta.* S. Amaro, Ab. *Festa na sua igr. e outras. Com. as visitas á cap. do Santo por todo este mez.*

16 *Sabbado.* Os Santos Martyres de Marrocos. S. Marcello, P. M. *Com. os dias de S. Engracia na Sé de Lisboa.*

17 *Domingo* (*2.º depois dos Reis*) SS. Nome de Jesus. N. Senhora da Divina Providencia. S. Antão, Ab.

18 *Segunda.* A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.

19 *Terça.* S Canuto, rei de Dinamarca, M.

20 ☽ *Quarta.* S. Sebastião, M. *Festa na sua freg. e em varias igr. Q. cresc. ás 11 h. e 52 m. da tarde.*

21 *Quinta.* (*Jej no Patriarch*) S. Ignez, V. M.

22 *Sexta.* (✠ *no Patriarch. e no Algarve*) S. Vicente, M. S. Anastacio, M. *Festa em S. Vicente, Sé, e S. Sebastião.*

23 *Sabbado.* Os Desposorios de N. Senhora com S. José.

24 *Domingo da Septuagesima.* N. Senhora da Paz. S. Timotheo, B M. *Festa no most. da Encarnação. Com. os domingos da Madre de Deus.*

25 *Segunda.* A Conversão de S. Paulo, Ap. *Festa e Lausp. na freg. de S. Paulo.*

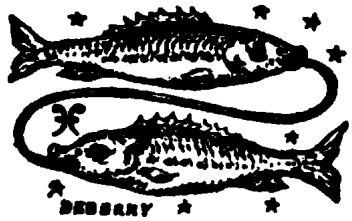
26 *Terça.* S. Polycarpo, B. M. S. Paula, V. *Festa a S. Sebastião em S. Paulo.*

27 *Quarta.* S. João Chrysostomo. *Festa de N. Senhora da Piedade em S. Paulo.*

28 ○ *Quinta.* S. Cyrillo, B. A B. Veronica. Traslad. de S. Thomaz d'Aquino. *Com. a nov. das Chagas de Christo. L. cheia aos 56 m. da manhã.*

Digitized by Google

29 DE JANEIRO. *Sexta.* S. Francisco de Salles, B. ***Festa*** *e Lausp. nas Sallesias e S. Francisco de* ***Salles.***
30 *Sabbado.* S. Martinha, V. S. Jacintha.
31 *Domingo da Sexagesima.* S. Pedro Nolasco. S. Cyro, M.

SIGNO DE  PISCIS

1 DE FEVEREIRO. *Segunda. (jej. excepto nos bispados d'Elvas e Vizeu)* S. Ignacio, B. M. S. Brigida.
2 *Terça.* ✠ PURIFICAÇÃO DE N. SENHORA. *Festa nos Terceiros do Carmo e na Sé.*
3 ☾ *Quarta.* S. Braz, B. M. *Festa na Conceição Velha S. Luzia e Martyres. Q. ming. ás 4 h. e 22 m. da tarde.*
4 *Quinta.* S. André Corsino, B. S. José de Leonisa. *Fallecimento da princeza a Sr.ª D. Amelia.*
5 *Sexta.* S. Agueda, V. M. Os MM. do Japão. S. Pedro Baptista e seus CC. *Matinas nas Chagas á festa do Orago.*
6 *Sabbado.* As Chagas de Christo. *Festa na sua igr. e Te-Deum de tarde. Festa ao Senhor Jesus dos Desamparados no most. da Encarnação.*
7 *Domingo da Quinquagesima.* S. Romualdo, Ab. *Ind. das 40 horas na Sé por occasião da Exposição do SS. Sacramento até terça feira depois de completas. Festa nas Chagas.*
8 *Segunda.* S. João da Matta, Fund. da Ord. da SS. Trindade.
9 *Terça.* S. Apolonia, V. M. *Festa e Lausp. nas Monicas.*
10 *Quarta feira de cinza (Jej. até á Paschoa, excepto aos Domingos.)* S. Escolastica, V. *Benção da Cinza na Sé. Prohibem-se as bençãos nupciaes até ao 1.º Dom. depois da Paschoa.*

Digitized by Google

11 DE FEVEREIRO. ● *Quinta.* S. Lazaro, B. A B. Joanna Valesia. *L. nova ás 1 h. e 20 m. da tarde.*
12 *Sexta.* S. Eulalia, V. M.
13 *Sabbado.* S. Gregorio II. P.
14 *Domingo* (1.º *de Quaresma.)* S. Valentim, M. *Proc. em S. Antão do Tojal, Villa Franca e Cascaes. Vesporas em S. Antonio da Sé.*
15 *Segunda.* Trasladação de S. Antonio. *Festa na sua igr.*
16 *Terça.* S. Porphyrio, M. O B. Bernardo de Corleone.
17 *Quarta. (Temp.)* S. Faustino, M. *Faz 24 annos a Ser. Sr.ª Inf. D. Antonia, irmã d'El-rei.*
18 *Quinta.* S. Theotonio, 1.º prior de S. Cruz de Coimbra.
19 ☽ *Sexta. (Temp.)* S. Conrado, F. *Proc. dos Passos da Graça. Q. cresc. ás 4 h. e 32 m. da tarde.*
20 *Sabbado. (Temp.)* S. Eleuterio, B.
21 *Domingo* (2.º *de Quaresma)* S. Maximiano, B. M. S. Angela de Mericia. V. F. *Proc. em Sacavem.*
22 *Segunda.* S. Margarida de Cortona, F.
23 *Terça.* S. Pedro Damião, B. Card. e Dr. da Igr.
24 *Quarta.* S. Mathias, Ap. S. Sergio, M.
25 *Quinta.* S. Cesario. O B. Sebastião de Aparicio, F.
26 ☉ *Sexta.* S. Torquato, Arc. de Braga. *L. cheia ás 11 h. e 31 m. da manhã.*
27 *Sabbado.* S. Leandro, A B. Eustachia, V. F.
28 *Domingo* (3.º *de Quaresma.)* S. Romão, Ab. *Proc. dos Passos em Oeiras, Alverca e Arruda.*

SIGNO DE ARIES

1 DE MARÇO. *Segunda.* S. Adrião, M. S. Rozendo.
2 *Terça.* S. Simplicio, P.
3 *Quarta.* S. Marinho, soldado M. S. Hemeterio.
4 *Quinta.* S. Casimiro. S. Lucio, P. M.

Digitized by Google

5 DE MARÇO. ☾ *Sexta*. S. Theophilo, B. S. João José, F. *Proc. dos Passos em Belem e no Desterro. Q. ming. ás 5 h. e 9 m. da manhã.*
6 *Sabbado*. S. Ollegario, B. S. Coleta, V.
7 *Domingo* (4.º *da Quaresma*). S. Thomaz d'Aquino.
8 *Segunda*. S. João de Deus.
9 *Terça*. S. Francisca Romana, viuva.
10 *Quarta*. S. Militão e 39 CC. MM. *Com. a nov. de S. José.*
11 *Quinta*. S. Candido, M. *Princ. o septenario de N. Senhora das Dôres.*
12 *Sexta*. S. Gregorio, P. e Dr. da Igr.
13 ● *Sabbado*. Á B. Sancha, V., Inf. de Portugal. S. Rodrigo. *L. nova ás 8 h. e 19 m. da manhã.*
14 *Domingo da Paixão*. Traslad. de S. Boa Ventura. S. Mathilde. *Benção no Menino Deus. Proc. dos Passos na Luz e Santo Antão do Tojal.*
15 *Segunda*. S. Zacharias, P. S. Henrique.
16 *Terça*. S. Cyriaco, M.
17 *Quarta*. S. Patricio, Ap. da Irlanda. S. Gertrudes.
18 *Quinta*. S. Gabriel Arch. S. Narciso, Arc.
19 *Sexta*. As Sete Dores de N. Senhora. S. José. *Festa em varias igr. Faz 12 annos a Ser. Sr.ª D. Maria José Beatriz, 4.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
20 *Sabbado*. S. Martinho Dumiense, Arc. de Braga. *Começa a Primavera.*
21 ☽ *Domingo de Ramos*. S. Bento, Ab. *Festa na Sé. Proc. de tarde dos Terceiros do Carmo, na Madre de Deus, Campo Grande, Loures, e Almada. Q. cresc. ás 5 h. e 20 m. da manhã.*
22 *Segunda*. S. Emygdio, B. M. S. Ambrosio de Sena, D. *Princ. as Ferias.*
23 *Terça* S. Felix e seus comp. MM.
24 *Quarta feira de Trevas*. S. Marcos M. S. Agapito B. *Officio de Trevas em varias igr. A Festa da Instituição transfere-se este anno para o dia 8 d'Abril.*

Digitized by Google

25 DE MARÇO. *Quinta feira de Endoenças (✠ do meio dia em diante).* S. Quirino e seus Comp. MM. *Festa de instrumental na Sé e em outras igr. A festa d'Annunciação transfere-se este anno para o dia 5 d'Abril.*

26 *Sexta feira de Paixão (✠ até ao meio dia).* S. Ludgero. B. *Proc. do enterro da Graça, Jesus, Francezinhas e Belem.*

27 ☺ *Sabbado de Alleluia.* S. Roberto, B. S. Augusta, V. M. *L. cheia ás 9 h. da tarde.*

28 *Domingo de Paschoa.* S. Alexandre, M. *Benção Papal. Festa na Sé, Martyres. Pequena gala.*

29 *Segunda. (1.ª oitava)* S. Victorino, e seus Comp. MM.

30 *Terça. (2.ª oitava)* S João Climaco.

31 *Quarta.* S. Benjamin, Diacono, M. S. Balbina, V.

SIGNO DE TAURUS

1 DE ABRIL. *Quinta.* As Chagas de S. Catharina de Sena.

2 *Sexta.* S. Francisco de Paula. *Festa na sua igr.*

3 ☾ *Sabbado.* S. Ricardo, B. S. Benedicto, F. S. Pancracio, B. M. *Faz 38 annos a Ser. Sr.ª D. Adelaide Sophia, viuva do Sr. D. Miguel de Bragança. Q. ming. ás 8 h. e 14 m. da tarde.*

4 *Domingo da Paschoela.* S. Izidoro, Arc. de Sevilha. S. Zosimo. *Festa á Senhora das Angustias em S. Francisco de Paula. Communhão dos meninos no Sacramento e Magdalena.*

5 *Segunda.* Nossa Senhora dos Prazeres. S. Vicente Ferrer, D. *Festa da Annunciação de N. Senhora. Proc. de manhã de Santos para a ermida dos Prazeres. Acabam as ferias.*

Digitized by Google

6 **DE ABRIL.** ***Terça.*** **S. Marcellino, M.**
7 *Quarta.* S. Epifanio, B. M.
8 *Quinta.* S. Amancio, B. *Festa da Instituição do SS. Sacramento. Faz* 33 *annos que chegou a Lisboa S. M. El-rei o Sr. D. Fernando.*
9 *Sexta.* S. Procoro. Trasladação de S. Monica.
10 *Sabbado.* S. Ezequiel, propheta.
11 *Domingo do Bom Pastor.* S. Leão I. O B. André de Monte Real, A.
12 ● *Segunda.* S. Victor, M. Portug. *Lua nova ás 1 h. e 13 m. da manhã.*
13 *Terça.* S. Hermenegildo, P. M.
14 *Quarta.* S. Tiburcio, e S. Valeriano, MM. S. Pedro Gonçalves Telmo, D.
15 *Quinta.* S. Basilissa e S. Anastacia, MM. S. Eutychio, M.
16 *Sexta.* S. Engracia, V. M. Port.
17 *Sabbado.* S. Aniceto, P. M. S. Elias, Monge Port.
18 *Domingo.* S. Galdino, B. e Cardeal. *Festa dos Archeiros a S. Maria Egypciaca na freg. dos Martyres, e ao Patrocinio de S. José na Estrella.*
19 ☽ *Segunda.* S. Hermogenes, M. *Q. cresc. ás 2 h. e 32 m. da tarde.*
20 *Terça.* S. Ignéz de Montepoliciano, V. D.
21 *Quarta.* S. Anselmo, Arc. de Cantuaria. *Princ. a nov. de S. Catharina de Sena.*
22 *Quinta.* S. Sottero e S. Caio, MM. S. Senhorinha V. Portug. *Proc. da Saude.*
23 *Sexta.* S. Jorge, defensor do reino. *Festa e lausp. na sua freg.*
24 *Sabbado.* S. Fiel de Sigmaringa, M. S. Honorio, B *Princ. a nov. da invenção da Santa Cruz.*
25 *Domingo.* Fugida de N. S. para o Egypto. Patrocinio de S. José. S. Marcos, Evang. *Proc. das ladainhas.*
26 ○ *Segunda.* S. Pedro de Rates, M. SS. Cleto e Marcellino, MM *L. cheia ás 5 h. e 47 m. da tarde.*

Digitized by Google

27 DE ABRIL. *Terça.* S. Tertuliano, B. S. Turibio, Arc. de Lima. *Com. a nov. da Ascensão.*

28 *Quarta.* S. Vital, M. e S. Prudencio, B.

29 *Quinta.* S Pedro, M. D. S. Antonia, V. M. *Ann. da Outorga da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo.*

30 *Sexta.* S. Catharina de Sena, V. S. Peregrino, Servita.

SIGNO DE GEMINIS

1 DE MAIO. *Sabbado.* S. Filippe e S. Thiago, Ap. *Com. o Mez de Maria em varias igr. Pronome de Elrei o Sr. D. Luiz I. Simples gala.*

2 *Domingo.* MATERNIDADE DE N. SENHORA. S. Athanasio, B. e Dr. da Igr. *Festa no Resgate.*

3 ☾ *Segunda. (Lad. Abst. de carne e proc.)* Invenção da Santa Cruz. *Q. ming. á 1 h. e 6 m. da tarde.*

4 *Terça. (Lad. Abst. de carne e proc.)* S. Monica, viuva, mãe de S. Agostinho. *Princ. a nov. da Senhora dos Martyres.*

5 *Quarta. (Lad. Abst. de carne e proc.)* Conversão de S. Agostinho. S. Pio, V. P. D. S. Angelo, *Embarca o cyrio do Cabo.*

6 *Quinta.* ✠ ASCENSÃO DO SENHOR. S. João *ant portam latinam.* S. João Damasceno. *Festa em varias igr. Hora solemne de Noa na erm. da Ascensão, Martyres, Sacramento em Alcantara, Bom Successo e outras igr.*

7 *Sexta.* S. Estanislau, B. M. *Com. as nov. do Pentecostes e S. João Nepomuceno. Festa da Coroação de espinhos no conv. de S. Joanna.*

8 *Sabbado.* Apparição de S. Miguel Arc. *Festa na sua igr.*

Digitized by Google

9 DE MAIO. *Domingo.* S. Gregorio Nazianzeno, B. *Festa ao Senhor Jesus dos Perdões na Magdalena. Proc. do Corpo de Deus no Salvador.*

10 *Segunda.* S. Antonino, Arc. de Florença. *Festa ao Patrocinio de S. José no conv. das Albertas. Desembarca o cirio do Cabo.*

11 ● *Terça.* S. Anastacio, M. *L. nova ás 3 h. e 33 m. da t.*

12 *Quarta.* S. Joanna, princeza de Portugal, V. D. *Festa no seu conv.*

13 *Quinta.* N. Senhora dos Martyres. *Festa na sua freg. Com. a nov. de Santa Rita.*

14 *Sexta.* S. Bonifacio, M. S. Gil, D. *Com. a nov. da SS. Trindade.*

15 *Sabbado. (jej.)* S. Izidoro, lavrador.

16 *Domingo de Pentecostes.* S. João Nepomuceno, M. *Festa na Sé. Sae de S. Pedro em Alcantara o cirio das Mercês e volta na terça á noite.*

17 *Segunda.* (1.ª *oitava)* S. Pascoal Baylão, F. S. Possidonio. *Princ. a nov. de S. Filippe Nery.*

18 ☽ *Terça.* (2.ª *oitava*) S. Venancio, M. S. Erico. *Princ. a nov. do Corpus Christi. Q. cresc. ás 8 h. e 55 m. da tarde.*

19 *Quarta. (Témp. Jej.)* S. Pedro Celestino, P. S. Ivo, F.

20 *Quinta.* S. Bernardino de Sena, F.

21 *Sexta.* (*Temp. Jej.)* S. Manço, M. 1.º B. d'Evora.

22 *Sabbado. (Temp. Jej.)* S. Rita de Cassia, V. S. Ato, B.

23 *Domingo da SS. Trindade.* S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio, B. M. *Festa na erm. da Oliveira. Matinas na Encarnação.*

24 *Segunda.* N. Senhora Auxiliadora dos Christãos. S. Afra, M. *Festa dos clerigos pobres na freg. da Encarnação.*

25 ○ *Terça.* S. Gregorio VII, P. S. Maria Magdalena. *L. cheia ás 2 m. e 49 m. da tarde.*

26 *Quarta.* S. Filippe Nery. *Festa na erm. da Victoria. Princ a nov. do Coração de Jesus. Festa e proc. de Corpus Christi nos Martyres.*

Digitized by Google

27 DE MAIO. *Quinta.* ✠ Corpo de Deus. S. João P. *Festa em varias igr. Proc. da cidade. Simples gala.*
28 *Sexta.* S. Germano, B. *Com. a nov. de N. Senhora mãe dos homens.*
29 *Sabbado.* S. Maximo, B. S. Theodosia, viuva.
30 *Domingo.* S. Fernando, rei de Castella. *Nome de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando. Simples gala.*
31 *Segunda.* S. Petronilla, V. O B. Diogo Salomonio, D.

SIGNO DE CANCER

1 DE JUNHO. *Terça.* S. Firmo, M. *Com.* *a trezena de S. Antonio.*
2 ☾ *Quarta.* S. Marcellino, B. S. Pedro. *Q. ming. ás 6 h. e 47 m. da manhã.*
3 *Quinta.* (*jej.*) S. Paula, V. M. S. Ovidio. *Proc. do Corpo de Deus na Sé de tarde.*
4 *Sexta.* ✠ O SS. Coração de Jesus. S. Quirino, B. M.
5 *Sabbado.* S. Marciano, M. S. Bonifacio, B. M.
6 *Domingo.* N. Senhora Mãe dos Homens. S. Norberto, B.
7 *Segunda.* S. Roberto, Ab. S. Paulo.
8 *Terça.* S. Salustiano. S. Severino, B.
9 *Quarta.* S. Primo e S. Feliciano, MM. S. Melania, C.
10 ● *Quinta.* S. Margarida, rainha de Escossia. *L. nova ás 3 h. e 18 m. da manhã.*
11 *Sexta.* S. Bernabé, Ap.
12 *Sabbado.* (*Jej. no Patr.*) S. João, D. S. Facundo, A. S. Onofre.
13 *Domingo.* S. Antonio de Lisboa. F. *Festa em varias igr.*
14 *Segunda.* S. Basilio Magno. S. Eliseu, Propheta.
15 *Terça.* S. Vito, M. *Princ. a nov. de S. João Baptista.*
16 *Quarta.* S. João Francisco Regis. S. Aureliano, B.

Digitized by Google

17 DE JUNHO. ☽ *Quinta.* S. Manuel e seus IIr. MM. *Q. cresc. á 1 h. e 41 m. da manhã.*

18 *Sexta.* S. Leoncio, M. S. Amando. *Com. a nov. da Pureza de N. Senhora.*

19 *Sabbado.* S. Juliana de Falconeri, V.

20 *Domingo.* S. Silverio, P. M. *Princ. a nov. de S. Pedro.*

21 *Segunda.* S. Luiz Gonzaga. *Começa o Estiô.*

22 *Terça.* S Paulino.

23 *Quarta.* (*Jej.*) S. João Sacerdote. S. Edeltrudes. *Princ. a nov. de N. Senhora da Visitação.*

24 ☺ *Quinta.* ✠ Nascimento de S. João Baptista. *Festa na sua cap. em S. Roque, Penha, S. João da Praça, Almada, e Alcochete. L. cheia á 1 h. e 4 m. da m.*

25 *Sexta.* S. Guilherme, Ab S. Febronia, V. M.

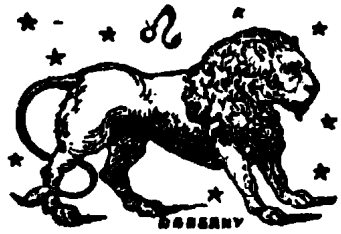
26 *Sabbado.* S. João e S. Paulo, IIr. MM.

27 *Domingo.* Pureza de N. Senhora. S. Ladislau, rei da Hungria.

28 *Segunda.* (*jej.*) S. Leão II, P.

29 *Terça.* ✠ S. Pedro e S. Paulo, Ap. *Festa na igr. de S. Pedro em Alcantara, nos Inglezinhos, Lumiar, Cintra e Seixal.*

30 *Quarta.* S. Marçal. *Festa na Graça.*

SIGNO DE  LEO

1 DE JULHO. *Quinta.* S. Theodorico, Ab. S. Julio, M.

2 ☾ *Sexta.* Visitação de N. Senhora. *Festa em S. Roque e nas Salesias. Q. ming. aos 12 m. da manhã.*

3 *Sabbado.* S. Jacintho, M. S. Heliodoro, B.

4 *Domingo.* O Preciosissimo Sangue de N. Senhor. S. Izabel, rainha de Portugal. *Festa e lausp. na sua freg. Faz 68 annos a Ser. Sr.ª D. Izabel Maria. Simples Gala.*

Digitized by Google

5 DE JULHO. *Segunda.* S. Athanasio, M. O B. Miguel dos Santos.

6 *Terça.* S. Domingas, V. M. *Com. a nov. de S. Camillo.*

7 *Quarta.* S. Pulcheria. *Princ. a nov. de N. S. do Carmo.*

8 *Quinta.* S. Procopio, M.

9 ● *Sexta* S. Cirillo, B. *L. nova á 1 h. e 3 m. da t.*

10 *Sabbado.* S. Januario e seus 6 Ilr. MM. S. Amelia. *Com. a nov. de S. Justa. Dia do nome de S. M. Imp. a Ser. Sr.ª Duqueza de Bragança. Simples gala.*

11 *Domingo.* N. Senhora do Patrocinio. S. Sabino.

12 *Segunda.* S. João Gualberto, Ab.

13 *Terça.* S. Anacleto, P. M. *Faz 8 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Anna, 6.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

14 *Quarta.* S. Boaventura, B. Cardeal.

15 *Quinta.* S. Camillo de Lelis. *Festa na freg. da Magdalena.*

16 ☽ *Sexta.* Triumpho da Santa Cruz. N. Senhora do Carmo. *Princ. a nov. de Sant'Anna. Festa em S. Nicolau, nas Albertas e Estrella. Q. cresc. ás 6 h. e 13 m. da manhã.*

17 *Sabbado.* S. Aleixo. *Festa nos Terceiros do Carmo. Fallec. de S. M. a Sr.ª D. Estephania.*

18 *Domingo.* O Anjo Custodio do reino. S. Marinha, V. M.

19 *Segunda.* As Ss. Justa e Rufina, MM. *Festa e lausp. na sua freg.*

20 *Terça.* S. Jeronymo Emiliano. S. Elias, Prof.

21 *Quarta.* S. Praxedes, V. *Faz 26 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Anna, irmã d'El-rei.*

22 *Quinta.* S. Maria Magdalena. *Festa e lausp. na sua freg.*

23 ○ *Sexta.* S. Apolinario, B. M. *L. cheia á 1 h. e 21 m. da t.*

24 *Sabbado.* S. Christina, V. M.

25 *Domingo.* Santa Anna, Mãe da Mãe de Deus. S. Thiago, Ap. S. Christovão, M. *Festa em S. Thiago, freiras de Sant'Anna, Sé, e com lausp. em S. Christovão.*

Digitized by Google

26 DE JULHO. *Segunda*. Os Ss. Symphorico, Olympio e Theodulo, MM. *Com. a nov. de S. Domingos.*
27 *Terça*. S. Pantaleão, medico, M. A B. Cunegundes, V. F.
28 *Quarta*. S. Innocencio, P.
29 *Quinta*. S. Martha, V. S. Olavo. *Festa no conv. de S. Martha. Princ. a nov. de S. Caetano.*
30 *Sexta*. S. Rufino, M.
31 ☾ *Sabbado*. S. Ignacio de Loyola, fundador da Comp. de Jesus. *Faz 57 annos S. M. a Imperatriz viuva; e 4 annos o Ser. Sr. Inf. D. Affonso. Juramento da Carta Constitucional. Grande gala. Cortejo. Não ha despacho. Q ming. ás 4 h. e 32 m. da tarde.*

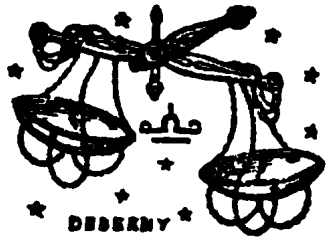
SIGNO DE ♍ VIRGO

1 DE AGOSTO. *Domingo*. S. Pedro *ad Vincula*. Os Martyres de Chellas.
2 *Segunda*. N. Senhora dos Anjos. S. Estevão, P. M.
3 *Terça*. Invenção de S. Estevão, Proto-martyr.
4 *Quarta*. S. Domingos. *Festa no conv. de S. Joanna.*
5 *Quinta*. N. Senhora das Neves. *Festa na freg. do Soccorro. Faz 17 annos a Ser. Sr.ª D. Maria das Neves, 1.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
6 *Sexta*. Transfiguração de Christo. Sant'lago, eremita. *Festa na freg. do Salvador. Com. a nov. d'Assumpção.*
7 ● *Sabbado*. S. Caetano. S. Alberto. C. *Princ. a nov. de S. Roque. Festa nos Caetanos e nos Terceiros do Carmo. L. nova ás 9 h. e 34 m. da tarde.*
8 *Domingo*. S. Cyriaco e seus CC. MM. *Faz 37 annos o principe Jorge da Saxonia. Peq. gala.*
9 *Segunda*. S. Romão, M.
10 *Terça*. S. Lourenço. M. *Festa e lausp. na freg. de S. Lourenço.*

Digitized by Google

11 DE AGOSTO. *Quarta.* S. Tiburcio e S. Suzana, VV. MM. *Festa nas Albertas.*
12 *Quinta.* S. Clara, V. F. *Festa na igr. das Francezinhas.*
13 *Sexta.* S. Hypolito e S. Cassiano, MM.
14 ☽ *Sabbado.* *(jej.)* S Eusebio. S. Athanasia, viuva. *Q. cresc. aos 7 m. da tarde.*
15 *Domingo.* Assumpção de N. Senhora. *Jubileu no Arc. de Braga, e por 8 dias no Patr. Festa em varias igr. Proc. das Flamengas ao Calvario.*
16 *Segunda.* S. Roque, F. *Festa em S. Roque.*
17 *Terça.* S. Mamede, M. *Festa e lausp. na sua freg.*
18 *Quarta.* S. Clara de Monte Falco, V. A. S. Laura, M.
19 *Quinta.* S. Luiz. B. F. *Com. a nov. do Sagrado Coração de Maria, e de Santo Agostinho.*
20 *Sexta.* S. Bernardo, Ab. S. Leovigildo.
21 *Sabbado.* S. Joanna Francisca, viuva.
22 ☺ *Domingo.* S. Joaquim, Pae de N. Senhora. S. Timotheo, M. *L. cheia ás 3 h. e 50 m. da manhã.*
23 *Segunda.* S. Filippe Benicio.
24 *Terça.* S. Bartholomeu, Ap. *Faz 14 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Thereza, 3.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*
25 *Quarta.* S. Luiz, Rei de França.
26 *Quinta.* S. Zeferino, P. M. S. Gener, M.
27 *Sexta.* S. José de Calasans, S. Rufo, B. M.
28 *Sabbado.* S. Agostinho, B. e Dr. da Igr. *Embarcam os cirios da Atalaya.*
29 *Domingo.* O Sagrado Coração de Maria. Degolação de S. João Baptista. *Festa na erm. do Campo Grande e no most. da Encarnação.*
30 ☾ *Segunda.* S. Rosa de Lima, V. D. *Com. a nov. da Senhora das Necessidades. Desembarcam os cirios da Atalaya. Q. ming. ás 7 h. e 24 m. da manhã.*
31 *Terça.* S. Raymundo Nonnato, Cardeal. *Festa em S. Martha.*

Digitized by Google

SIGNO DE  LIBRA

1 DE SETEMBRO. *Quarta.* S. Egydio, Ab. *Princ. a nov. de S. Nicolau Tolentino. Com. as ferias.*
2 *Quinta.* S. Estevão, rei da Hungria.
3 *Sexta.* S. Eufemia V. M. *Com. a nov. do SS. N. de Maria.*
4 *Sabbado.* S. Rosa de Viterbo, V. F.
5 *Domingo.* S. Antonio, M. A.
6 ● *Segunda.* S. Libania, V. A. Os Ss. dos Conegos Regrantes. *L. nova ás 5 h. e 32 m. da manhã.*
7 *Terça.* S. João, M. S. Anastacio M.
8 *Quarta.* Natividade de N. Senhora. S. Regina, V. M. *Festa em varias igr. e com lausp. na erm. da Victoria. Festa na Luz, Linda a Velha, etc.*
9 *Quinta.* S. Sergio, P. A. B. Seraphina, V. F.
10 *Sexta.* S. Nicolau Tolentino, A.
11 *Sabbado.* S. Theodora, Penitente.
12 ☽ *Domingo.* O SS. Nome de Maria. S. Auta, V. M. *Festa em varias igr. Cruz Quebrada e Belem. Q. cresc. ás 8 h. e 49 m. da tarde.*
13 *Segunda.* S. Filippe, M.
14 *Terça.* Exaltação de Santa Cruz. *Festa nas Francezinhas e nas Albertas.*
15 *Quarta. (Temp. jej.)* S. Domingos em Soriano.
16 *Quinta.* Trasl. de S. Vicente, M.
17 *Sexta. (Temp. jej.)* S. Pedro d'Arbues. M.
18 *Sabbado. (Temp. jej.)* S. José de Cupertino. F.
19 *Domingo.* Festa das dores de N. Senhora. *Festa em varias igr. Faz 16 annos o Ser. Sr. D. Miguel de Bragança, primo d'El-rei o Sr. D. Luiz.*
20 ○ *Segunda. (Jej.)* S. Eustachio e seus CC. MM. *Princ. a nov. de S. Miguel. L. cheia ás 8 h. e 7 m. da t.*

Digitized by Google

21 DE SETEMBRO. *Terça.* S. Matheus Ap. e Ev.
22 *Quarta.* S. Mauricio e seus CC. MM. *Faz 34 annos o Principe Leopoldo de Hohenzollern Sigmarigen.*
23 *Quinta.* S. Lino, P. M. S. Tecla, V. M. *Com. o outono.*
24 *Sexta.* N. Senhora das Mercès. *Festa na sua freg. Princ. a nov. do Rosario. Anniv. do fallecimento do Sr. D. Pedro IV.*
25 *Sabbado.* S. Firmino, B. M. *Com. a nov. de S. Francisco d'Assis.*
26 *Domingo.* S. Cypriano e S. Justina, MM. A B. Luzia, V.
27 *Segunda.* S. João Marcos, B. M. S. Eliziario.
28 ☽ *Terça.* S. Wenceslau, Duque de Bohemia. *Festa na freg. do Sacramento. Q. ming. ás 8 h. e 36 m. da tarde. Faz 6 annos S. A. o Principe Real D. Carlos Fernando. Grande gala. Cortejo.*
29 *Quarta.* S. Miguel Archanjo. *Festa em varias igr.*
30 *Quinta.* S. Jeronymo, Dr. da Igr. *Acabam as Ferias. Festa e feira em Belem.*

SIGNO DE SCORPIO

1 DE OUTUBRO. *Sexta.* SS. Verissimo, Maximo e Julia.
2 *Sabbado.* Os Anjos da Guarda.
3 *Domingo.* O SS. Rosario de N. Senhora. S. Candido. *Festa em varias igr. e a S. Miguel em Santos-o-Velho. Proc. do Bom Successo, Desterro, S. Joanna e em Mafra.*
4 *Segunda.* S. Francisco d'Assis. *Festa em S. Clara, Sant'Anna, e Soccorro.*
5 ● *Terça.* S. Placido e os seus CC. MM. *L. nova ás 1 h. e 45 m. da tarde*
6 *Quarta.* S. Bruno. *Com. a nov. de S. Thereza.*

Digitized by Google

7 DE OUTUBRO. *Quinta.* S. Marcos, P.
8 *Sexta.* S. Brigida, viuva.
9 *Sabbado.* S. Dionysio, B. de Paris.
10 *Domingo.* N. SENHORA DOS REMEDIOS. S. Francisco de Borja, Padroeiro do reino. *Festa na Sé e com lausp. nas freiras do Rato. Com. a nov. de S. Pedro de Alcantara. Princ. a feira do Campo Grande.*
11 *Segunda.* S. Firmino, B. *Festa das Palmelloas na Penha de França.*
12 ☽ *Terça.* S. Cypriano, B. M. *Q. cresc. ás 9 h. e 28 m. da manhã.*
13 *Quarta.* S. Eduardo, Rei de Inglaterra.
14 *Quinta.* S. Calisto, P. M. S. Gaudencio, B. M.
15 *Sexta.* S. Thereza de Jesus, V. C. *Festa na Estrella. Princ. a nov. de S. Raphael.*
16 *Sabbado.* S. Martiniano, M. A. *Faz 22 annos S. M. a Rainha a Sr. D. Maria Pia. Grande Gala. Cortejo. Não ha desp.*
17 *Domingo.* S. Hedwiges, viuva, duqueza da Polonia.
18 *Segunda.* S. Lucas Ev.
19 *Terça.* S. Pedro d'Alcantara, F. *Festa em S. Pedro em Alcantara.*
20 ☺ *Quarta.* S. João Cancio. *L. cheia á 1 h. e 23 m. da tarde.*
21 *Quinta.* S. Ursula e suas CC. VV. MM. *Festa das onze mil Virgens em S. Martha.*
22 *Sexta.* Ded. da Basilica de Mafra. S. Maria Salomé. *Festa á mão de S. Thereza nas Albertas.*
23 *Sabbado.* S. Romão, B. S. João Capistrano.
24 *Domingo.* S. Raphael, Archanjo. S. Fortunato, M. *Festa das onze mil Virgens em S. Joanna.*
25 *Segunda.* S. Chrispim e S. Chrispiniano, II. MM.
26 *Terça.* S. Evaristo, B. M.
27 *Quarta.* Os Martyres de Evora. S. Elesbão.
28 ☾ *Quinta.* S. Simão e S. Judas, Ap. *Q. ming. ás 8 h. da manhã.*

Digitized by Google

29 DE OUTUBRO. *Sexta.* Traslad. de S. Izabel, Rainha de Portugal. *Faz 53 annos o Sr. D. Fernando. Grande Gala. Cortejo. Não ha desp.*

30 *Sabbado.* (*Jej.*) S. Serapião, B. C.

31 *Domingo.* S Quintino, M. *F. Faz 31 annos El-rei o Sr. D. Luiz I. Grande Gala. Cortejo. Não ha desp.*

SIGNO DE SAGITARIO

1 DE NOVEMBRO. *Segunda.* ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS. *Festa do Sr. Jesus da Via Sacra em S. Engracia, e de tarde proc. por voto, pelo terremoto de 1755. Festa e proc. por voto em Cacilhas.*

2 *Terça.* Commemoração dos Defuntos. S. Victorino, M.

3 ● *Quarta.* S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda *L. nova ás 11 h. da tarde.*

4 *Quinta.* S. Carlos Borromeu, Arc. Card *Faz 22 annos o Ser. Sr. D. Augusto. Pequena gala.*

5 *Sexta.* S. Zacharias e S. Izabel, pais de S. João Baptista.

6 *Sabbado.* S. Severo, B. M. *Com. a nov. de S. Gertrudes. Officio e missa por alma de D. João IV. Ann. do fallecimento do Inf. D. Fernando.*

7 *Domingo.* S. Florencio, B. *Princ. a nov. do Beato Gonçalo de Lagos.*

8 *Segunda.* S. Severiano e seus CC. MM. *Com. a nov. de S. Gertrudes.*

9 *Terça.* S. Theodoro, M.

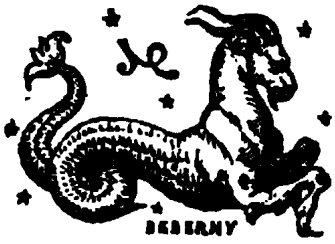
10 *Quarta.* S. André Avelino. Os Def. da Ord. de S. Domingos. *Faz 11 annos a Ser. Sr.ª D. Aldegundes de Jesus Maria, 5.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança.*

11 ☽ *Quinta.* S. Martinho, B. *Festa em S. Thiago. Q. cresc. ás 2 h. e 22 m. da manhã.*

Digitized by Google

12 DE NOVEMBRO. *Sexta.* S. Martinho, P. M. S. Diogo, F.
13 *Sabbado.* S. Eugenio, B. de Toledo.
14 *Domingo.* O Patrocinio de N. Senhora. Trasl. de S. Paulo, 1.º eremita.
15 *Segunda.* Dedic. da Basilica do SS. Coração de Jesus. *Festa no conv. do Coração de Jesus. Ann. do Obito de S. M. a Sr.ª D. Maria II.*
16 *Terça.* S. Gonçalo de Lagos, A. *Princ. a nov. de S. Catharina.*
17 *Quarta.* S. Gregorio Thaumaturgo, B.
18 *Quinta.* S. Romão, M.
19 ☺ *Sexta.* S. Izabel, Rainha da Hungria, F. *L. cheia ás 6 h. e 44 m. da manhã.*
20 *Sabbado.* S. Felix de Valois, Fundador dos Trinos.
21 *Domingo.* Apresentação de N. Senhora. Santos Demetrio e Honorio. *Ind. em varias igr.*
22 *Segunda.* S. Cecilia, V. M. *Grande festa de instrumental nos Martyres a que assistem SS. MM.*
23 *Terça.* S. Clemente, P. M. S. Felicidade, M.
24 *Quarta.* S. João da Cruz, C.
25 *Quinta.* S Catharina, V. M. *Festa na sua freg. Princ. a nov. de S. Barbara.*
26 ☾ *Sexta.* S Pedro Alexandrino, B. M. A B. Delphina. *Q. ming. ás 5 h. e 40 m. da tarde.*
27 *Sabbado.* S. Margarida de Saboia, D. *Com. a nov. de S. Nicolau.*
28 *Domingo.* (*1.º do advento.*) S. Gregorio III, P. *Faz 7 annos a Ser. Sr.ª D. Maria Antonia, 7.ª filha do Sr. D. Miguel de Bragança. Prohibem-se as bençãos matrimoniaes desde este dia até ao de Reis.*
29 *Segunda.* S. Saturnino, M. *Princ. a nov. da Conceição.*
30 *Terça.* S. André, Ap.

Digitized by Google

SIGNO DE  CAPRICORNIO

1 DE DEZEMBRO. *Quarta. (jej.)* S. Eloy. *Festa na igr. da Victoria. Acclamação de D. João IV em 1640. Pequena Gala.*

2 *Quinta.* S. Bibiana, V. M.

3 ● *Sexta. (jej.)* S Francisco Xavier. *Festa em S. Roque. L. nova ás 10 h. e 7 m. da manhã.*

4 *Sabbado. (jej.)* S. Barbara, V. M. *Officio de S. Cecilia nos Martyres.*

5 *Domingo* (2.º *do Advento)* S. Geraldo, Arc. de Braga.

6 *Segunda.* S. Nicolau, B. *Festa na sua freg.*

7 *Terça. (jej.)* S. Ambrosio, B. e Dr. da Igr.

8 *Quarta.* ✠ N. Senhora de Conceição, Padroeira do Reino. *Assistem SS. MM. á Festa de Pontifical na Sé, bem como todos os Grã-Cruzes e Commendadores da Conceição, que se acharem na côrte. Benção Papal. Festa em varias igr.*

9 *Quinta.* S. Leocadia, V. M.

10 ☽ *Sexta. (jej.)* S. Melchiades. *Q. cresc. ás 10 h. e 38 m. da tarde.*

11 *Sabbado. (jej.)* S. Damaso, P. Portuguez. S. Franco, C.

12 *Domingo.* (3.º *do Advento).* S. Justino, M. *Festa da Conceição na Guia.*

13 *Segunda.* S. Luzia, V. M. *Festa na sua igr. e nas Chagas.*

14 *Terça.* S. Agnello, Ab.

15 *Quarta.* (*Temp. Jej.)* S. Euzebio. B. M.

16 *Quinta.* As Virgens de Africa, MM. *Com. a nov. do Natal.*

17 *Sexta.* (*Temp. Jej.)* S. Bartholomeu de S. Geminiano.

18 ☺ *Sabbado.* (*Temp. Jej.)* N. Senhora do Ó. *L. cheia ás 11 h. e 16 m. da tarde.*

Digitized by Google

19 DE DEZEMBRO. *Domingo.* (*4.º do Advento.*) S. Fausta, mãi de S. Anastacio.

20 *Segunda.* (*Jej.*) S. Domingos de Sillos, Ab.

21 *Terça.* S. Thomé, Ap. *Festa na sua igr.*

22 *Quarta.* S. Honorato, M.

23 *Quinta.* S. Servulo. *Princ. a nov. da Circumcisão.*

24 *Sexta.* (*Jej.*) S. Gregorio, M. *Matinas na Sé. Ferias até aos Reis.*

25 *Sabbado.* ✠ NASCIMENTO DE N. SENHOR JESU-CHRISTO. *Festa de instrumental e pontifical na Sé. Jubileu no Arcebispado de Braga, e por 8 dias no Patriarchado. Pequena Gala.*

26 ☾ *Domingo.* S. Estevão Proto-martyr. *Festa da Conceição na Magdalena e com lausp. em S. Estevão. Q. ming. ás 2 h. da manhã.*

27 *Segunda.* S. João Ap. e Ev. *Ann. do fallecimento do Ser. Inf. D. João.*

28 *Terça.* Os Santos Innocentes. MM. *Visita-se a Santa Casa da Misericordia de Lisboa. Com. a nov. dos Santos Reis.*

29 *Quarta.* S. Thomaz, Arc. de Cantuaria. *Festa nos Inglezinhos.*

30 *Quinta.* S. Sabino, B. M.

31 *Sexta.* S. Silvestre, P. *Te-Deum na Sé e em todas as cathedraes e collegiadas. Peq. gala.*

Digitized by Google

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

JANEIRO — 1

Vaidade masculina.— Dizia Manoel Thesauro: o homem traz o sol no coração, as estrellas no rosto, os ramos nos cabellos; as flores nas faces, as perolas entre os beiços, os mineraes nos ossos, e os rios nas veias. Elle alegre suavisa com um riso, irado atemorisa com os olhos, suave prende com as palavras, memoratìvo vê o passado, providente antevê o futuro. Elle sabe incluir a terra em um mappa, e compassar o céo em um globo. Elle sabe des-

prender-se das coisas caducas para subir ás eternas, por meio do discurso; e tudo que a natureza negou aos olhos do corpo, contempla seguramente com os olhos ao espirito. Finalmente, elle é capaz de todos os dotes, elle é as delicias de Deus nas virtudes, a semelhança de Deus na graça, e o fim das obras de Deus na essencia.

Ora sr. Manoel Thesauro, ou Thesouro, que vale o mesmo, V. S.ª não era só um santo, era tambem um homem cheio de todas as graças, um thesouro em summa com o sol no coração. As mulheres não andavam todas atraz de si?

Digitized by Google

Viva muitos annos, viva mil annos.— Estas palavras tiveram a sua primeira origem nos desejos publicos, ou votos, que faziam os povos para a saude, vida e prosperidade dos principes. Já assim era no tempo dos imperadores de Constantinopla, e dos patriarchas gregos. Assim era tambem em Roma, no tempo d'Augusto, mas estes cumprimentos eram então limitados, quando muito a vinte annos, como se deprehende das inscripções das moedas imperatorias, n'algumas das quaes se lia—*votis multis V*, ou *votis multis X*, ou *XX*, e depois foram subindo a cem, e de cem a mil.

Da mesma fórma que o numero d'annos foi subindo nos votos, foram-se estes tambem fazendo não só a reis e principes, mas a quaesquer amigos, e com tão prodiga liberalidade que o menos que se costuma desejar, diz o nosso Bluteau, são mil annos.

Em França introduziu-se este costume, e faziam-se estas saudações pelas festas do Natal, Candeias, ou Paschoa.

Entre nós, faziam-se, e fazem-se no dia d'Anno bom. Em dia d'Anno bom estamos, e como o menos que se costuma desejar são mil annos, diremos, seguindo antigas usanças: — *viva muitos annos*, leitor, ou leitora.

JANEIRO — 2

Os compadres e o burro. — Ó compadre, venho pedir-lhe um favor. É emprestar-me o seu burro para ir vêr as eiras, porque o meu está manco ha tres dias.

— Compadre, sinto muito não poder servil-o, pois meu sogro levou o burro esta manhã. (Ouve-se dentro zurrar o animal.)

— Seja franco; o burro está na córte, porque o ouço zurrar, compadre.

— O que eu estranho, compadre, é que dê mais credito á palavra do burro do que á minha. É por isso que lh'o não empresto. *Manuel Marques e Silva* (Sairen).

Digitized by Google

O jogo do loto.— Parece que este jogo (qual das nossas estimaveis leitoras não conhece, ou não sabe o que é o jogo do loto?) foi inventado para na côrte de Luiz XVI distrair a infancia do joven herdeiro da corôa. Não é esta a unica honra que elle recebeu, porque no tempo da Restauração, a duquesa de Angouleme, recordando-se talvez dos seus verdes annos, fez tambem do loto o jogo habitual da sua casa.

Hoje, o loto passou de moda nas capitaes, ou nos recreios da côrte, mas como teve origem aristocratica, ainda agora nas cidades e villas de provincia, e sobre tudo no interior dos velhos palacios de França, constitue elle a diversão favorita das familias patriarchaes.

Entre nós não se póde dizer o mesmo, porque todos os annos a França nos envia uma grande porção de caixas de loto, e todas se consomem, o que prova que este jogo quasi secular, vae resistindo ás innovações, ao passo que outros, talvez de mais moderna data, teem desapparecido da scena.

As crianças em geral são as que mais apreciam o loto, sobre tudo quando l'ho adubam com as pittorescas denominações a que se prestam alguns dos seus numeros. Vg.: 22 os dois patos; 33 os dois corcundas; 77 machadinhas; 88 duas cabaças, etc.

Para variar a monotonia d'este jogo imaginou-se na côrte de Luiz XVI tornar o bolo mais forte, a fim de não só se pagar o *quino* á pessoa que primeiro enchesse uma linha do cartão com cinco numeros, como tambem o *duque*, o *terno* ou o *quaterno*, ás que primeiro fizessem *dois*, *tres*, ou *quatro* numeros numa linha. Terminavam-no igualmente por uma *tombola*,[1] que se dava quando os 15 numeros

[1] *Tombola* palavra italiana que significa *queda* ou cambalhota. Tambem da palavra italiana *lotta* (lucta) senão da allemã — *lot* (sorte) se derivou o nome — loto.

Digitized by Google

d'um cartão estavam todos prehenchidos. O bolo neste caso costumava ser maior, e o jogo assim dividido chamava-se *loto Delphim*.

Como o loto é o jogo do acaso na mais larga accepção, e só o jogavam os que não sabiam, ou não podiam distrair-se com outra coisa, fez-lhe M. de Ségur o seguinte epigramma, que se a muitos feriu, n'outros excitou a hilaridade:

Le loto, quoique l'on se dise,
Sera fort longtemps en crédit;
C'est l'excuse de la bétise,
Et le repos des gens d'esprit.

Ce jeu, vraiment philosophique,
Met tout le monde de niveau;
L'amour-propre si despotique
Dépose son sceptre au loto.

JANEIRO — 4

CHARADA I

Meu pobre coração, oh! terno objecto
Do meu amor, do meu cruel pezar,
Sobresaltado assim no peito lucta,
Tentando fugir d'elle, e a ti voar. 2

Debalde tu me dás esse conselho,
Amigo, é muito grande o meu cuidado;
Difficilmente o faz no mundo um triste
Á saudade, á desgraça, á dor votado. 2

Sim, á desgraça, á dor, á morte erguida,
Soprada pelas furias de mavorte;
Se és mais feliz do que eu, se amas a vida,
Não a affrontes, te digo, expões-te á morte.

A. J. A. (Pernes).

Digitized by Google

Uma de D. João II. — Em 1490 ajustou-se o casamento do principe D. Affonso, filho de D. João II, com a princeza de Castella D. Isabel.

Estava o rei na segunda feira da Paschoella d'aquella era passeando na praça d'Evora, quando soube a noticia de que o casamento já se havia celebrado em Sevilha por palavras de presente, e tão grande alegria com isto experimentou que correu logo á Sé, e mais o principe que com elle andava, a darem graças a Deus, e d'ahi ao palacio, onde se achava a rainha, para com ella se congratularem da noticia. Quando o rei sahia da Sé, era já tanto o alvoroço e alegria em Evora com bailes, folias e festas, que nunca outro assim fora visto. A vertigem era tanta que até os velhos assaltou. Ruy de Sousa e Diogo da Silva, homens já de dias e autoridade, viram-se dançando com o povo. Quando isto faziam os velhos fidalgos, que faria o rei com quem mais directamente era o caso? O rei vindo da Sé para o paço e sahindo-lhe á rua cantando com um pandeiro na mão D. Briolanja Henriques, dona muito honrada, mulher de Ayres de Mendonça, a tomou nas ancas da mula, e assim foi com ella apresental-a á rainha.

Oh! franca alegria dos bons tempos portuguezes, para onde vos levaram, ou onde estareis escondida?

JANEIRO — 6

Carta modelo. — É digna de menção a seguinte carta que meu pae tem em seu poder ha bastantes annos; e como o seu autor já não existe, offereço-a ao *Almanach de Lembranças*. Eil-a:

Ex.ma Snr.a

Regoa. Julho 19 de 1845.

«Roga-se a V Ex.cia a digna graça e pproteção de afavorecer na occazião prezente, com o arbitro emprestimo da

Digitized by Google

quantia de 25:000 rs. para o objecto de Subtrair ao Despotismo o que assazmente a sociedade atraê aos interesses da humanidade; avêr se com o arbitro emprestimo ou digna sôma se desmaniata da escravidão falsa ûm menor de 25 annos, que pelos tenros poucos annos, sevê perseguido eamaniatado com a innocente victima da infausta justiça, que de duro golpe corta as debeis raizes da tenra idade; por que só V Ex.cia hoje hé que pode soccorrer a taõ perseguidos travalhos; e já por V Ex.cia ser patrona Advogada dos miseros desgraçados; obrigando-me a pagar juros e fazer titullo ou obrigaçaõ, para segurança da referida quantia e descanço de V Ex.cia de quem assim o espera, Deus Gde a V Excia por muitos annos»

Cr.o humilde att.o e obrig.mo

F.....

Esta carta, por cuja veracidade me responsabiliso, foi escripta á ex.ma sr.a D. Josepha Gertrudes Ferreira.

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

JANEIRO — 7

A palmeira carnauba.—É interessante o que ácerca d'esta maravilhosa arvore se lê num artigo que a *Gazeta de Portugal* publicou com relação aos productos que o Brazil enviou á Exposição Universal de Paris em 1867. Diz-se ahi: «A palmeira carnauba parece reunir em si todas as utilidades, como o bambú na Asia oriental, como a palmeira das tamaras no Sahara, o coqueiro na India tropical, a palmeira oleosa da costa occidental da Africa. Vêem-se sobre uma mesa grupados todos os productos que se fabricam da carnauba; é uma verdadeira encyclopedia industrial; lenho de fibras unidas apresentando no córte horisontal um lindo aspecto de pontinhos juntos; fibras longas e fortes empregadas no fabrico de esteiras, cordas, tecidos, redes de pescar e de dormir; chapéos, vinho, alcool, fe-

Digitized by Google

cula, extrahidos da seiva ou do amago da arvore; folhas abertas em leque ou tecidas em cestas e cestos; fructo alimenticio e bebida agradaveis.

«Com a carnauba o homem tem casa, roupa, moveis, comida, armas (fazem-se bengalas flexiveis e fortes), e finalmente tem luz. Da superficie das folhas novas tira-se um pó viscoso, que toma a consistencia e o cheiro da cera, e que, como ella, serve para fazer vélas. Foi um simples colono, Manuel Antonio de Macedo, quem descobriu, em 1810, o emprego util d'esta cera vegetal, na provincia do Ceará, onde, na velhice quasi miseravel, recebeu agora do governo brazileiro um donativo de 6:000$000 réis a titulo de recompensa nacional. Em uma palavra, a carnauba é uma d'essas arvores de vida, como as chamava Humboldt, que mantem, quasi só por si, uma população, e caracterisam uma região.»

JANEIRO — 8

Ilha do Mal com todos. — Entre as muitas ilhas que existem em toda a extensão do braço de mar, ou rio de S. Francisco do Sul, ha uma denominada do Mal com Todos. Deu origem a este nome o seu proprietario, demandista formidavel, que vivia em continuos pleitos judiciaes com seus visinhos.

Quando se viu proximo da hora extrema, arrependeu-se, reconciliou-se com seus inimigos, e pediu que seu corpo fosse sepultado junto á soleira da porta principal da igreja matriz, para que calcassem a terra, que o cobria, aquelles a quem apouquentára n'este valle de lagrimas.

Assim se cumpriu: e hoje acredita-se piamente que o finado — mal com todos — vive no céo bem com Deus. Tanto póde a virtude da humildade com verdadeiro arrependimento d'um passado criminoso!...

Arcypreste *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva*
(Santa Catharina — Brazil).

Digitized by Google

Uma salva de prata por um bom dito. — O doutor Covilhas, grande physico de Salamanca curava o duque d'Alva d'uma febre, e vendo certo dia que o doente suava, e tinha outros signaes que prognosticavam melhora, disse-lhe: *Manhana sin falta estará V. Senhoria sin calentura.*

Respondeu-lhe o duque: *Si esso fuera assi le daré aquelle plato*, e dizendo apontou para uma salva grande de prata, com o seu competente jarro, que ali estava, e para a qual o bom do doutor Covilhas já tinha, tal-vez, lançado olhos cubiçosos.

Ao outro dia veiu o physico, tomou-lhe o pulso, e achando que ainda tinha febre ficou meio morto pelo que perdia, mas não ousava dizer nada.

Pues que vá, ganaste el plato? perguntou-lhe o duque.

Respondeu-lhe o physico:

Amicus plato, sed magis amica veritas. V. Senhoria tiene calentura.

Gostoso o duque da feliz applicação da phrase latina, transformada em proverbio, mandou-lhe, pelo bom dito, dar a salva e mais o jarro.

JANEIRO — 10

Tarambola. — Esta ave, que pertence á primeira

Digitized by Google

familia na ordem das gralhas, habita as margens pantanosas dos rios e das ribeiras. As tarambolas são essencialmente viajantes, vivem em sociedade e chocam ao pé umas das outras sobre a areia ou sobre o cascalho, e algumas vezes entre hervas aquaticas, onde a femea depõe tres a cinco ovos, muito volumosos em relação ao volume da ave.

O instincto social de que ellas são animadas tem-as sem-

pre reunidas, quer seja quando tomam o seu alimento, quer seja quando se entregam ao somno. Em ambos estes casos, tem-se observado que ellas tomam a precaução de collocar sentinellas, que ao menor ruido, dão o alarme para que todo o bando se ponha em fuga. Mesmo nestas fugidas conservam a mesma ordem que nas suas emigrações periodicas; isto é, vôam em columnas formando li-

Digitized by Google

nhas transversaes. As tarambolas alimentam-se de moluscos e foram sempre consideradas como muito boas aves de presa. Encontram-se em todas as partes conhecidas do globo.

JANEIRO — 11

SE TE AMO!...

Raio de limpida estrella,
Sereno azul do meu céo,
Mansa pomba, rosa bella,
Formosa fada sem véo,—

Se te amo! a ti, que has coberto
A minha vida d'esp'ranças,
Qual teu collo ao sol aberto
Velas, se soltas as tranças!...

A ti, que me dás clemente
Ondas de vida no olhar!
A ti, minha harpa gemente!
A ti, cruz do meu altar!...

Se te amo!... Mas, minha vida,
Sigo, amando-te, o destino!
Se tenho est'alma perdida
Em teu olhar peregrino

Dês que te vi, desde infante!
Teu olhar, que ao meu baixou,
Fez-me de nada gigante!
Mil almas em mim deixou!

Amo-te como ao filhinho
A mãe que aos peitos o trouxe;
Como a rola ama o seu ninho;
O infante, o mel que lhe é doce!

Se tu, raio d'alva estrella,
Dia que vais desmaiar,
Nasceste para ser bella,
E eu nasci para te amar!...

30 de Janeiro de 1867.

S. M. J.

JANEIRO — 12

Ensino a gulosos. — Gostava o imperador Heliogabalo de se vêr cercado a horas de jantar, de grande numero de aulicos, a quem offerecia uma mesa continuamente guarnecida de exquisitos manjares, e luxuosamente

Digitized by Google

aderessada. Costumados estes a receber muito, começaram o desejar ainda mais; mas pela sua parte o imperador começou tambem a enfastiar-se com os seus convidados. Breve encontrou um ardil para se desfazer d'elles. Para isto ideou em um dia mais solemne, mandal-os assentar em umas cadeiras altas cheias de vento; quando elles se achavam mais embebidos na escolha dos pratos, ordenou Heliogabalo que se fossem subtilmente abaixando os foles ás cadeiras, de sorte que dentro em pouco, sem quasi se aperceberem de tal, se viram os hospedes tão baixos, e depois de todo no chão com as cabeças debaixo da mesa, que se ergueram desconfiados jurando que nunca mais voltariam ao palacio.

Era exactamente o que o tyranno desejava.

JANEIRO — 13

Faria. — Assim é denominada uma pequena freguezia pertencente ao concelho de Barcellos, no Minho. A sua população consta tão sómente de 366 almas de um e outro sexo, e 87 fogos. Está aprazivelmente situada em regular planicie, entre as freguezias de Milházes, Villar de Figos, Paradella e Christêllo. A sua igreja parochial tem a data de 1695, mas é de suppôr que seja muito mais antiga a sua fundação. Tem mais um bom campanario com tres sinos, construido em 1846. Dizem alguns antiquarios, que Faria é vocabulo corrupto de Ophereria, antiga provincia com este nome que abrangia tambem esta povoação, e que tirára sua denominação dos descendentes de Ophir, seus primeiros povoadores. Posto que naturalmente nenhuma importancia tenha, não resta duvida de que em remota era foi villa bastante considerada. D'ella foi que derivou seu agnome Nuno Gonçalves de Faria, que alli teve seu solar, e de quem, com grande louvor, fallam antigas chronicas pela heroicidade com que defendeu da furia castelhana o castello de Faria, de que era alcaide, em tempo de el-rei D. Fer-

Digitized by Google

nando. Eram porém já muito importantes antes d'este successo, as suas fortificações, pois que d'ellas julgou conveniente apossar-se o conde de Trastamara, Fernando Perez de Trava, depois do fallecimento do conde D. Henrique, illustre progenitor do nosso primeiro rei, D. Affonso Henriques.

M. J. T. G. (Barcellos).

JANEIRO — 14

LOGOGRIPHO I

Póde ser linda ou ser feia
Fazer-nos endoidecer; 1 e 3
Póde ser feia, ou ser linda,
D'amor fazer-nos morrer. 4 e 2

Dá-nos socego no mundo, 1 e 2
Dá-nos descanço tambem. 2 e 1
Anda por mim quem das coisas
No exterior se detem. 3 e 2

Não julgues o logogripho
Difficil nem intrincado,
Dá-te certa companhia
O seu todo decifrado.

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

JANEIRO — 15

Luiz XVI e M. de Biévre *(Calembour)*. — Luiz XVI nos seus dias de bom humor, que não eram poucos, divertia-se ás vezes com M. de Biévre, homem de muito espirito, ouvindo-o discorrer agudamente e excitando-o a epigrammas, ditos chistosos, etc.

Um dia pediu-lhe o monarcha um calembour.

— Sobre que? Perguntou-lhe Biévre.

— Em relação a mim, respondeu o rei.

— Sire, replicou-lhe, vous n'êtes pas un *sujet*.

Digitized by Google

Valle d'Arminda. — Na provincia de Traz-os-Montes, e nas faldas d'uma povoação visinha de Villa Real, vê-se da estrada, que conduz do Pezo a esta cidade, um declive de terreno, que vae formar perto do Douro um dos valles mais amenos á vista, e mais eloquentes ao coração. Admira-se a mão creadora de Deus, quando nos fins do estio este pequeno valle se reveste d'uma viçosa vegetação, que se espalha já nas arvores fructiferas, já nas innumeraveis videiras, cujas ramas verdejantes formam sobre o terreno um espesso e longo tapete, recortado aqui e acolá de estreitas e compridas fitas d'areia, que servem de d'atalho para as diversas propriedades. Perto do valle correm buliçosas as aguas do formoso Douro, que serpenteia ao longo de toda a provincia, umas vezes placido e brilhante, reflectindo na superficie a perspectiva risonha das terras marginaes, outras vezes formando galeiras espumosas e cachões embravecidos, que vão em ondas susurrantes quebrar-se nos rochedos das margens.

Ao lado do valle vê-se um panorama inverso, um logar melancolico: é uma ladeira, que escorrega até o rio, formando um desfiladeiro perigoso, cravado em toda a extensão de cortantes fraguedos, que parece debruçarem-se sobre as aguas. Desenha-se uma morte horrivel nesta alcantiladada vertente desde o vertice até á base, onde as aguas embatem e rugem em ondas esbranquiçadas. É o reverso da medalha: aquelles rochedos sombrios parecem sentinellas da tristesa ao lado de prados alegres.

Conta-se, que numa das invasões dos francezes uma donzella d'aldeia, visinha d'este valle, fôra, como muitas, sacrificada barbaramente á furia da soldadesca, que passou por acaso na povoação: o amante d'esta rapariga querendo vingal-a da affronta foi por essa occasião assassinado junto dos rochedos, e a infeliz não podendo resistir ao duplo golpe da sua deshonra e perda do namorado, enlouqueceu.

Na febre da sua demencia vinha passear para o valle, e ahi cantava; por algum tempo o fez até que passando pela aldeia um destacamento, que ella julgou de francezes, exacerbou-se a loucura á pobre doida, fugio para o valle, e subindo depois ao cume da vertente deixou-se rolar pelas rochas abaixo até sumir-se para sempre nas aguas do Douro.

Diz-se que se chamava Ermelinda, nome que com o tempo se corrompeu para Arminda, e assim é chamado este valle pela gente d'aquelles logares.

A. Osorio Pinto S. de Vasconcellos (Lamego).

JANEIRO — 17

As mulheres e os poetas. — Tinha Pope num dos seus escriptos satyricos criticado acremente as mulheres. Uma senhora já madura, a qual vivia muito retirada depois de velha, e em moça havia sido um exemplo de formosura, virtude, e juizo, censurou-lhe aquella sua injustiça tão descortez.

— Ora diga-me, senhor Pope, accrescentou ella, querme persuadir que tem essa opinião a respeito de mim, e de muitas outras senhoras que são como eu?....

— Quando eu fallei das mulheres em geral, respondeu o satyrico, não podia fallar de vós, que em moça fostes um anjo, e agora sois uma santa.

— Ahi está como são os senhores poetas, replicou ella, quando não divinisam, apesinham.

CHARADA II

Sou o todo da segunda 2
Nem ha esta sem primeira 2
O meu todo é figurado
Na região sobranceira.

João de Castro Monteiro (Villa do Rosario — Brasil).

Digitized by Google

JANEIRO — 18

CANTIGA

Coração, olha o que queres;
Que mulheres são mulheres.

Tão tyranna e desigual
Sustentam sempre a vontade
Que a quem lhes quer de verdade
Confessam que querem mal;
Se amor para ellas não val,
Coração, olha o que queres;
Que mulheres são mulheres.

Se alguma tem affeição
Ha de ser a quem lh'a nega,
Porque nenhuma se entrega
Fóra d'esta condição:
Não lhe queiras, coração;
E se não, olha o que queres;
Que mulheres são mulheres.

São taes, que é melhor partido,
Para obrigal-as e tel-as,
Ir sempre fugindo d'ellas
Que andar por ellas perdido;
E pois o tens conhecido,
Coração, que mais lhe queres?
Que emfim todas são mulheres.

Francisco Rodrigues Lobo
(Primavera).

JANEIRO — 19

O principal com o accessorio. — Compraste o salmão?

— Não senhor.

— Como! não senhor!! pois veem cá jantar os meus amigos e não me compraste o salmão!!

— Atravessou-se-me adiante um conselheiro, e comprou-o elle.

— Toma outra vez a libra. Compra o salmão e o conselheiro.

Digitized by Google

Rembrandt. — O grande pintor hollandez que primeiro talvez, entre os modernos, comprehendeu os grandes effeitos das massas de luz e sombra, nasceu em 1606 em Leyde. Era filho d'um moleiro, e foi discipulo de Piester Lastinau. Aos vinte e quatro annos adquirira já uma tal reputação, que foi obrigado a ir a Amsterdam pôr-se á testa d'uma escola de pintura d'onde sairam muitos pintores celebres. O mesmo acontecera em Antuerpia a Rubens. Em 1631 casou, e enviuvou em 1642. Em 1656 casou de novo, e esse casamento originou-lhe taes embaraços pecuniarios que se viu obrigado a vender tudo por um preço rasteirissimo, e refazer a sua riqueza com o seu pincel. Morreu em 1669, e tão olvidado, que só neste seculo se descobriu a data da sua morte.

Em 1852 a patria percebeu emfim o seu vergonhoso olvido e erigiu em Amsterdam um monumento ao seu grande artista.

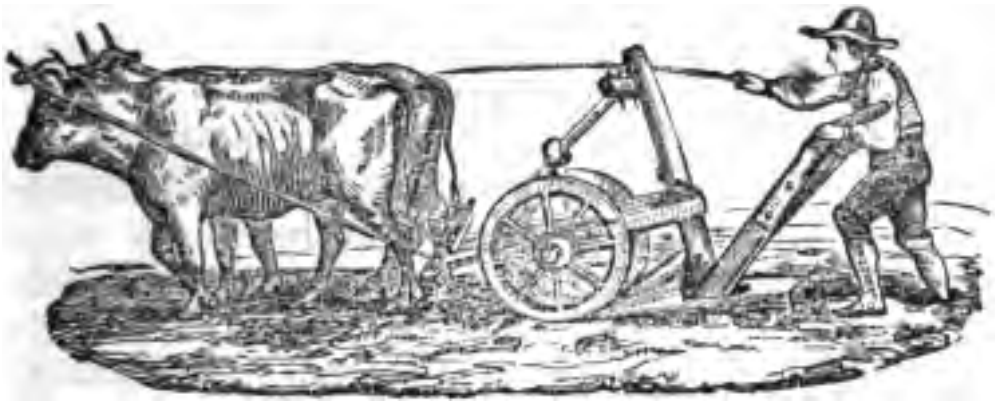
Rembrandt é um d'estes grandes e luminosos vultos, que taes, como Raphael, Miguel Angelo, Rubens, Ticiano, Murillo, surgem de espaço a espaço no pantheon da arte; um d'estes poetas da pintura, cujo pincel fremente inunda a tela com torrentes d'inspiração. Imaginação perfeitamente septemtrional, louca de sonhos vagos, comprehendendo a poesia do lar domestico, deixando vaguear os olhos embebidos num scismar melancholico pelas mais pequenas

Digitized by Google

particularidades a tudo dá vida, animação e poesia. Para elle a sombra está povoada de espiritos invisiveis, mas que elle descortina; nas scentelhas da lareira volteiam sylphos, e as azas brancas dos anjos sulcam as trevas dos aposentos. Toda esta mythologia encantadora, todos estes sonhos de poeta adivinham-se nesses quadros mysteriosos e attrahentes, que lhe fizeram dar por Gustavo Planche o sobrenome justissimo de Beethoven da pintura.

JANEIRO — 21

As delicias campestres. — Por mais que os poetas se matem, está averiguado que a gente costumada á vida luxuosa, variada e activa das cidades, não póde soffrer a solidão campestre, salvo por poucos dias, nas es-



tações formosas, no meio dos seus iguaes, consolando o desterro com os possiveis arremedos da côrte.

— O rusticar, dizia Voltaire, é o primeiro de todos os deleites insipidos.

Se Virgilio lhe ouvisse aquillo tapava os ouvidos, e d'ahi talvez não tapasse.

Grandeza nascida da pequenez. — Um mordomo-mór de Carlos v tinha a casa grandissima e a cosinha muito pequena. Perguntando-lhe el-rei porque era aquillo, respondeu:

— A pequenez da cosinha é que me fez a grandesa da casa.

Digitized by Google

A VIRGEM PALLIDA

Recitativo ao piano

Á EX.MA SR.A D. LUIZA HENRIQUETA DE MOURA

Na juventude, no florir da vida,
Vi-te envolvida num viver gazil.
Oh! nesse tempo eras mais formosa,
Que a flor viçosa na manhã d'abril.

Quem é que, ao ver-te nessa tenra idade,
Casta deidade, não sentira então
Arfar-lhe o peito, de volupia cheio
E um puro anceio de febril paixão?

A primavera que te viu tão linda,
E mais graça ainda aos teus encantos deu,
Passou fugace, e o encalmado agosto
Teu bello roste de tristeza encheu!

A face tua, aonde transluzia,
Onde se via o mais gentil rubor,
Pallida e triste se divisa agora,
Sem ter da aurora a purpurina côr!

Oh diz-me, virgem, qual o teu desgosto,
Que a flor do rosto assim te faz perder?
Será o effeito de paixão vehemente,
Que a altiva frente assim te faz pender!?

Ai não te deixes dominar, donzella,
Que ainda és bella p'ra poder gosar
D'um terno amante fraternaes caricias,
Santas primicias d'um amor sem par....

Digitized by Google

Não esmoreças, porque a côr mimosa
Da rubra rosa que te ornava a tez,
Hade voltar, e como a flor virente,
Inda ridente brilhará. Não crês?

Tem fé na estrella d'eternal magia,
Que te allumia do ceruleo céo;
Pede-lhe sempre que os teus passos guie,
Que te desvie do pallor o véo!

Conserva livre a virginal candura;
E essa tristura que se abraça a ti
Repelle-a sempre, que no Divo imperio
Um anjo ethereo ao teu amor sorri!

M. J. d'Almeida (Rio de Janeiro).

JANEIRO — 23

Religiões do globo. — O *Polytheismo* (adoração de muitos deuses) é professado por 377 milhões d'homens.

O *Judaismo* é professado por 4 milhões de israelitas espalhados sobre a superficie do globo.

O *Catholocismo* é professado por 140 milhões d'homens.

O *Protestantismo*, que não admitte nem a autoridade do Papa, nem a invocação dos santos, é professado por 60 milhões d'homens.

A *Igreja grega oriental* (schismaticos) conta 63 milhões de crentes.

O *Mohometismo* é professado por 96 milhões d'homens.

Em resumo, a população do globo dividida pelas differentes religiões, dá:

Ao Polytheismo	377,000,000
Ao Monotheismo, (culto d'um só Deus). . .	363,000,000
Total.	740,000,000

Digitized by Google

JANEIRO — 24

CHARADA III

Acaso podes na terra
Aplacar o seu furor,
Se ao echoar dos seus brados
Infunde n'alma terror ? 1

E depois seguir o curso
De tão rapida partida ?...
Não !—vae qual o pensamento
Vae sobre as azas da vida. 2

Faço ao triste que me sente
Negra roupagem vestir,
Adeus galas, adeus riso,
D'ellas o obrigo a fugir. 1

Que sou ? Perguntas. Um ente;
Cumpro a lei da naturesa,
Uno os homens, edifico,
Dou-lhes conforto, e riquesa.

D. Adelina Jordão (Cidade da Praia — Cabo Verde).

JANEIRO — 25

Males que vem para bens. — O homem bem pouco sabe por ora do systema de relações do mundo physico, e menos ainda do systema de relações do mundo moral. A maior parte dos queixumes e das impaciencias com que a vida se nos amargura, não procede d'outra causa. Quem mais reflecte, mais reconhece que os successos desagradaveis, e até os terriveis, são muitas vezes a origem de inapreciaveis beneficios.

Os factos que depoem em favor d'esta util philosophia são manifestos, quotidianos e universaes ; chamamos a attenção sobre um só.

Não ha pessoa que não tenha inimigos ; nenhuma que não repute grande dasgraça o tel-os ; pois bem, é porque não reflectem em que os inimigos são sem no quererem, nossos grandissimos bemfeitores ; livram-nos d'outros nossos inimigos peores, que sômos nós mesmos. Quem não perdoa os nossos vicios, concorre, ou para nos curarmos

Digitized by Google

d'elles, ou para os escondermos, e em todo o caso os cohibe, se os não destroe. A malidicencia e até a calumnia são pois remedios amargos, cauterios dolorosos, mas em ultima analyse saudaveis.

Plutarco escreveu um tratado ácerca do modo de lucrarmos com os que nos querem mal. D. Frey Bartholomeu dos Martyres, recebia frequentemente uma correspondencia anonyma em que era reprehendido com asperesa; já conhecia essas cartas pelas lettras do sobrescripto e nunca as abria que não dissesse: ora vamos ver a lição que hoje me dá este meu amigo verdadeiro.

JANEIRO — 26

Remedio d'amor.— O primeiro remedio do amor é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cera? São as affeições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas.

Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma tempo. Afrouxa-lhe o arco com que já não tira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as azas com que vôa e foge. A rasão natural de toda esta differença, é porque o tempo tira a novidade ás coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

P.e *Antonio Vieira.*
(Sermões).

Digitized by Google

JANEIRO — 27

A UNS ANNOS

Tens da rosa purpurina
A encantada formosura;
Mas a tua tem mais dura
E és mais ditosa, ó flor.
Porque a rosa um dia inteiro,
Pelo sol acalentada,
Brilha; apoz cae desfolhada
Por tufão destruidor.

Foi mais prodiga comtigo
A donosa natureza;
D'esta flor deu-te a belleza,
Mas não tens seu curto fim.
Mais um anno contas hoje,
E mais bella inda te vejo!
Sê feliz, eis meu desejo,
Meu formoso cherubim.

Augusto Queiroz.

JANEIRO — 28

Uma sova lisongeira.— Pradon quiz uma noite ver disfarçado qual era o effeito produzido por uma das suas tragedias. Acompanhou-o um amigo. Logo no primeiro acto começaram os assobios, que em França correspondem ás nossas pateadas. Pradon ficou de cara á banda, e esteve quasi para fazer um escandalo, porque era homem violento. A final resignou-se, a conselhos do amigo, e fez mais ainda, assobiou tambem. Estava ao pé d'elle um mosqueteiro, que se enfadou com a historia, e que lhe disse insolentemente:

— Porque está o senhor a assobiar? A peça é magnifica.

Pradon zanga-se com o máo modo do seu interlocutor, e respondeu:

— Que lhe importa? Hei de assobiar quanto quizer.

O mosqueteiro arrancou-lhe a cabelleira, Pradon estoira-lhe uma bofetada, o mosqueteiro tira a catana e dá uma sova de pranchadas no pobre autor, que se retira para sua casa moido, mas lisongeado.

Digitized by Google

Verdadeiro orgulho. — Foi o de Phocion, quando rejeitou, sendo pobre, cem talentos que lhe queriam dar.

Foi o de Lisandro, quando sendo tão pobre como Phocion, prohibiu os filhos de receber magnificos vestidos, dizendo-lhes que elles fariam duvidar da sua virtude.

Foi o de Diogenes, quando rejeitou os offerecimentos do oppressor da sua patria.

Foi o de Pelopidas, quando repelliu a compaixão de Thebea.

Foi o do pirata, que tendo caido nas mãos de Alexandre, lhe disse: eu infesto os mares com o mesmo direito com que tu devastas a terra.

Foi o de Alexandre, quando arrancou das mãos do seu chronista, e lançou ao mar o diario das suas façanhas, em que estavam as fabulas misturadas com a verdade, dizendo-lhe: tu merecias outro tanto por ousares attribuir acções falsas a Alexandre.

Foi o de Socrates em frente dos seus juizes e accusadores.

Foi nos modernos tempos (1808) o de Palafox, quando sendo-lhe proposta capitulação pelo general francez Lefebre, já de posse da rua de Santa Engracia, em Saragoça, lhe respondeu: *guerra até chegar ás facadas.*

João da Silva Pereira Bravo (Sinfães).

Enigma para um antiquario. — Um viajante que tinha mais miolo na bolsa que na caveira, deu entre as ruinas de Thebas com um monumento de marmore embutido de caracteres de bronze; arrancou-os com todo o cuidado, misturou-os com algodão, encaixotou-os muito bem, e remetteu-os á academia das *Inscripções e Bellas Lettras* para que lá decifrassem o lettreiro.

Digitized by Google

JANEIRO — 30

A Preguiça. — Na Olympiada septuagesima quinta, diz o Padre Bluteau, ajuntadas muitas nações ás vertentes do monte Olympo a celebrar os seus jogos, acaso veiu ali um philosopho thebano, que tudo que trazia com-

sigo, por suas mãos proprias havia sido lavrado : os sapatos, o vestido, a camisa, os livros, etc. Espantados todos d'esta tão artificiosa singularidade, muitas vezes lhe perguntaram onde havia aprendido tantos officios, respondeu : — a preguiça dos homens é a causa d'uma arte, se dividir por muitas artes.

JANEIRO — 31

Excentricidade d'Alphonse Karr. — Nos volumes precedentes do *Almanach de Lembranças* tem-se mencionado muitas extravagancias de autores celebres. Juntemos á lista estas d'Affonso Karr, que não são das menos originaes.

Digitized by Google

Viveu muito tempo num quarto, onde não havia senão uma esteira. Dormia no chão, comia no chão, escrevia no chão. Esta excentricidade pagou-a elle como uma boa dose de rheumatismo.

Quando os editores o iam procurar, recebia-os vestido com um roupão escarlate, e um gorro na cabeça ornado

com tres immensas penas de pavão. Nos pés nús chinellas amarellas!

Esta ao menos era jovial; mas a peior foi a seguinte.

Mandou pintar o seu quarto de negro, paredes e tecto.

Ornou-o com ossadas humanas, craneos, e mochos empalhados. Dormia, e não sabemos se ainda dorme, num caixão, no meio de duas tochas accesas!

Se alguem entrava neste sepulchro, dava-lhe os bons dias com um ar sinistro, e convidava-o a jantar com um gato pingado, seu amigo intimo.

Se a celebridade em França impõe estas extravagancias, e outras que não são somenos, aos que a querem conservar, fazendo effeito, confessemos que é uma celebridade pesada.

Digitized by Google

Platão e Socrates. — S. João Chrysostomo, para encarecer a excellencia da vida dos santos e nobres eremitas, derivou as aguas de muito longe, e disse que Platão morava separado do povo nos pomarès da Academia, plantando, enxertando, regando as arvores d'elles, e comendo azeitonas em uma pobre mesa sem nenhum apparato. E depois sendo captivo, sempre foi similhante a si mesmo; e não sómente não perdeu a sua gloria, mas esclareceu o tyranno que o teve captivo.

. . . . . .

Diz mais de Socrates que morava no Lyceu fóra de Athenas, e não tinha mais de seu que uma capa de que usava no inverno e verão, e mais tempos do anno, andando sempre descalço, e sem comer todo o dia, tendo só o pão por mantimento e conducto; e ainda esta mesa não era da sua casa, senão de beneficios de seus amigos. E todavia vivendo n'esta summa pobresa, ficou mais illustre e glorioso, que el-rei Archelau a quem não quiz servir, sollicitando-o muitas vezes que deixasse o pobre Lyceu e viesse a seu serviço.

D. Frey Amador Arraiz.
(Dialogos).

A estatua de Nabuco. — Ponderava o padre mestre Fr. José Suppico que o mundo não persegue nem apedreja a mentira; o que persegué e apedreja é a verdade. Ouçamol-o:

«Sonhou Nabuco, que vira uma mysteriosa estatua com cabeça d'oiro, braços de prata, corpo de bronze, e pés de barro; e que vindo uma pedra sem mão, dera nos pés da estatua e a prostrára por terra.

«Este o caso, agora a duvida.. Desgraçados pés! Não daria esta pedra na cabeça, nos braços, no corpo? Só aos pés ha de vir a pedrada! Direi: a cabeça n'esta estatua

Digitized by Google

era d'oiro, e era mentira, porque nenhum homem tem cabeça d'oiro. Os braços d'esta estatua eram de prata, e era mentira, porque nenhum homem tem braços de prata. O corpo era de bronze, e era mentira, porque nenhum homem tem corpo de bronze. Os pés d'esta estatua eram de barro, e era verdade porque de barro é todo o homem: *de limo terræ*. Ah! sim? Pois não venha a desgraça, a ruina, a pedrada á cabeça, aos braços, nem ao corpo; venha sim aos pés, porque como nos pés estava a verdade, e no de mais a mentira, o mundo não persegue nem apedreja a mentira, persegue e apedreja a verdade.»

FEVEREIRO — 2

ENIGMA I

Acompanham sempre o rio,
Da nascente até ao mar,
E dos rios fazem parte
Sem poderem nelle entrar.

Mas muito é para admirar
Que entrem em todo o navio,
Não saindo ellas do rio,
Nem podendo entrar no mar.

Consultem o seu relogio,
O que serão afinal?
Acham-se no torpe vicio,
E até no peito mortal.

José Augusto da C. Mesquita (S. Thomé de Negrellos).

Camões amigo de gallinhas. — O duque d'Aveiro indo um dia ouvir missa a Nossa Senhora do Amparo, e encontrando Camões, perguntou-lhe o que queria da sua mesa; ao que lhe respondeu o poeta que bastava uma gallinha; porém, o duque ou porque se esquecesse, ou porque fingisse ter-se esquecido, depois de haver jantado, como já não houvesse outra coisa, lhe enviou uma peça

Digitized by Google

de carneiro. Então o poeta remetteu-lhe os versos que seguem:

Já eu vi o taberneiro
Vender vacca por carneiro,
Mas não vi por vida minha
Vender vacca por gallinha,
Senão ao duque de Aveiro.

D. Antonio, senhor de Cascaes, tinha promettido ao poeta, por uns versos que este compozera, seis gallinhas recheadas, porém, por gracejo, mandou-lhe, a titulo de principio de pagamento, apenas meia gallinha: o poeta accudiu com os seguintes versos:

Cinco gallinhas e meia
Deve o senhor de Cascaes,
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

Em outra occasião, em recompensa de uma carta d'amores que o poeta havia de fazer, enviaram-lhe quatro frangãos, provavelmente em vez de gallinhas, das quaes Camões gostava muito; o poeta então mandou conjunctamente com a carta os versos seguintes:

Moscas, abelhas e zangãos
Me comam bofes, e baço,
Se outra como esta faço,
A troco de quatro frangãos.

Mathias J. O. S. Firmo.

Inimiga de gordura. — D'um gulotão excessivamente gordo, dizia uma senhora:

— Em elle morrendo devem-lhe deitar por cima mostarda, em logar de cal, senão a terra não o come.

Digitized by Google

CHARADA IV

Troca o *d* por um *r*. Que ingente gloria,
Cabe a Affonso nas paginas da historia!... 1

Troca o *d* por um *p* — E pódes crer,
Que outr'ora a manejou um debil ser. 1

Troca o *d* por um *s* — Ao Deus clemente,
É lá que o peccador ora fervente. 1

Do todo que direi? Em si ostenta
Mil encantos d'amor, d'amor isenta.

Duarte Augusto Alvares Ribeiro
(Figueira de Castello Rodrigo).

A capital de Islandia. — Sabem o que é esta ilha; uma terra gélida, quasi inhabitavel, a antiga Thule dos Romanos, exilada lá para o norte proximo do polo. A sua capital Reykjavik consta d'umas casinhas de madeira, onde vivem uns setecentos habitantes. Quem dirá que nesta pobre terra, onde existe apenas uma botica (unica da Islandia) ha tambem um lyceu, uma escola d'ensino mutuo, uma bibliotheca de perto de oito mil volumes, com uma collecção magnifica de cartas geographicas, uma sociedade correspondente da sociedade dos Antiquarios de Copenhague, outra correspondente da de litteratura islandeza da mesma cidade, uma para a propagação dos conhecimentos uteis, uma sociedade biblica e um observatorio? Pois tudo isso lá existe.

Estas raças fortes e energicas do norte sempre nos envergonharão, a nós preguiçosos meridionaes?

Digitized by Google

Pensamentos de Chateaubriand. — Os vermes do sepulchro começam a roer a consciencia do criminoso, antes de lhe devorarem o coração.

Lisongéar a virtude sem ser capaz de a amar, é apertar as graciosas mãos d'uma donzella nas mãos encarquilhadas da velhice.

Uma paixão dominante apaga as outras em nossa alma, assim como o sol faz desapparecer as estrellas ao resplendor de seus raios.

A gloria é para um velho o que os diamantes são para uma velha — enfeitam-n'a, mas não a tornam bella.

Os prazeres da nossa mocidade, reproduzidos pela memoria, assemelham-se a ruinas vistas á luz d'um archote.

A *morte*, segundo os selvagens, é uma mulher de grande estatura, e extremamente bella, a quem não falta senão o coração.

A voz do homem não é como a do écco: o écco póde dormir dez seculos no fundo d'um deserto, e responder depois ao viandante que o interroga; a campa não responde jamais. *A. Candido de Figueiredo* (Vizeu).

Deus e o soldado. — Tem jejuado, meu filho? perguntava um padre a um soldado que se confessava.

— Ai se tenho! respondeu o soldado.

— Em que condições?

— Quer dizer que tenho estado oito dias sem comer um bocado de pão.

— Voluntariamente?

— Isso não, meu padre.

— Então se tivesse pão ou outra qualquer coisa comia?

— Podera.

— Mas, diz o confessor, a Deus não agradam os jejuns forçados.

— Nem a mim, respondeu o militar.

Digitized by Google

VERSOS ACROSTICOS

LEONARDA

Leda imagem dos meus dourados sonhos,
Etherea estrella de brilhar cadente,
Ossianica visão que a um olhar fremente
Nos peito lanças impetuoso ardor;
Arti formosa, perfumada, candida,
Rica d'encantos, de virtudes rica,
Dou eu minha alma, onde gravada fica
Ala eterna d'um profundo amor.

A. Salazar d'Essa Jordão.

Economia de pontos. — Tem muitas transacções a sua casa commercial? perguntava um negociante hespanhol a um negociante hollandez.

— Innumeras.

— A que chama innumeras?

— Olhe! para lhe dar uma idéa da nossa correspondencia, basta que lhe diga que no meu escriptorio gasta-se por anno cem libras, só em tinta d'escrever.

— Ora o que é isso? respondeu o hespanhol com o maior sangue-frio. Meu amigo, eu comecei a economisar por anno cento e cincoenta libras desde que ordenei aos meus escreventes que não pozessem os pontos nos *ii*.

LOGOGRIPHO DA NOVISSIMA REFORMA

Teca — Dote — Cadete — Demo — Ri — Ode — Moca — Cado — Dedo — Rio — Cate — Mote — O — Rica — Mo — Dorio — Dote — Modo — Do — Oca — Domo — De — Odo.

... (Albufeira).

Digitized by Google

O gentilismo.—O gentilismo tinha uma divindade que presidia a cada acção, e a cada idade do homem. *Jupiter* presidia á concepção do corpo humano. *Lucina* ao tempo da gestação. *Latona* ao parto. *Prosa* á sua primeira revolução. *Opis e matuta* para lhe dirigir os raios da primeira luz. *Cumina* para lhe guardar o berço. *Levana* para que o recemnascido fosse ditoso quando o levantassem. *Faventina* para lhe afugentar as bruxas. *Rumania* para que o primeiro leite lhe fosse favoravel. *Vaticana* para lhe enxugar as primeiras lagrimas. *Nondina* para lhe darem um lindo nome. *Fabulista* para ajudar a dar acento ás primeiras syllabas. *Ossilágo* para lhe dar a mão ao firmar do pé. *Estimula* para tornar bemquistas as suas meninices. *Vitula* para lhe assistir aos primeiros risos. *Estatuto* para o guiar nos primeiros passos. *Volupia* para lhe serem agradaveis as caricias. *Horta* para o amparar nas acções varonis. *Vôlúmno* para lhe dictar madureza. *Fissora* para o repouso. *Vibilia* para o ajudar em todas as viagens.

O christianismo é mais simples e mais eloquente — Colloca ao pé da creança o seu anjo da guarda.

Constantino Teixeira de Vasconcellos Leite Pereira
(Amarante).

Um oraculo de tonel. — Dizia Diogenes:

— A féra de mais perigosa mordedura é, d'entre as bravas, o calumniador; d'entre as mansas, o lisongeiro.

Digitized by Google

O touro. — Este animal é celebrado desde as mais remotas eras.

Os antigos veneravam-o como symbolo da continencia, e era invocado pelos amantes honestos e cautelosos. Tambem era venerado em honra de *Neptuno* pela similhança de seu mugido ao bramir das ondas; mas esta honra só era concedida aos de côr preta, em signal da confusa côr das agoas do mar.

Os brancos, e principalmente os do campo *Falisco*, e de *Mevania* eram dedicados a *Apollo*. Os scythas adoravam o touro em honra de *Diana*, a quem chamavam *Tauriana*.

Os egypcios rendiam culto a um boi em memoria do seu Osiris, e ao idolo chamavam *Apis*, que na sua lingua quer dizer *boi*.

O povo d'israel caiu no mesmo erro; porque vendo que Moysés tardava adorou um *beserro*.

Os tyrios o idolatravam como symbolo do trabalho: quando principiaram a edificar Carthago, como achassem nas primeiras escavações a cabeça d'um touro, mudaram logo de local, persuadindo-se de que tão gigantéa construcção seria ali muito trabalhosa, depois de tal achado.

Tambem os povos da antiga Germania, entre as dadivas,

Digitized by Google

que offereciam aos *noivos*, costumavam dar-lhes dois bois, presos ao jugo; representando por elles o grande trabalho que se seguia áquelle novo estado.

Muitos philosophos da antiguidade symbolisaram o temor de Deus num touro de cabeça levantada, e olhando para os astros com esta letra: *Innoxius erectus*.

Os povos da antiga Italia tinham o touro em tamanha consideração, que impunham pena de morte a quem lhe désse a morte. O nome Italia, segundo alguns, deriva-se de *Italos*, que significa touro. Nas armas da cidade de Turim, como emblema, figura um *touro*.

É tradição que o boi com seu halito aquecêra o filho da Virgem no presépio. Por isso ainda hoje o vemos caminhar em algumas procissões com o nome de *boi bento*.

Os nossos lavradores procuram o curral dos bois, quando presentem uma forte trovoada, e julgam-se livres do raio estando proximos a estes preciosos quadrupedes.

De todos os animaes que povoam a superficie do globo, é o boi o mais proveitoso ao homem. Não só emprega suas consistentes e robustas forças nos rudes trabalhos da agricultura, mas tambem a sua carne serve de nutritivo e sadio alimento. Todas as outras diversas substancias de que este abençoado animal se compõe, tem preciosas applicações no commercio, na industria, e até na medicina.

Em recompensa de tamanhos beneficios, ainda hoje presenciamos esse barbaro costume de o encurralar em circulo estreito, e feril-o com armas desiguaes e traiçoeiras, como se fôra um tigre, ou uma hyena enfurecida!!

Constantino T. de Vasconcellos Leite Pereira
(Amarante).

Admiração.—Um semsaborão que tinha estado ouvindo calado um debate de pessoas instruidas interrompeu-as de repente, dizendo:

— Veio-me um pensamento.

— Olá! exclamaram todos em côro.

Digitized by Google

Desforra. — Na casa de pasto de Véry, em Paris, havia um freguez que não gostava de jantar senão em certa mesa que ficava para um canto mais retirado; aconteceu-lhe porém, que varios dias successivos encontrou ao chegar, o seu logar tomado, e sempre pelo mesmo individuo, sujeito alto, pallido, e de cara pouco sympatica. Perdeu a final a paciencia, chamou o dono da casa e disse-lhe:

— Meu amigo, se não trata de se descartar d'aquelle figurão que está no canto aonde eu costumo comer, olhe que em breves audiencias ha de vêr a sua casa ás moscas.

— Ás moscas, porque?

— Pois o senhor não o conhece?

— Para o servir e elle pagar-me, nada mais.

— Pois aquelle sugeitinho é.... é.... é nem mais nem menos....

— Quem?

— O carrasco de Versailles.

— Que me diz?

— Digo-lhe isto; é pôl-o com dono quanto antes, se não quer afugentar a freguezia.

O pobre homem, que não desconfiava da sinceridade do seu interlocutor, dirige-se com o tom mais suave, e com as mais inoffensivas palavras que pôde ao intruso do canto, supplicando-lhe que não volte, porque a sua pessoa desagrada começando-se já a saber quem elle é.

— Quem eu sou?! pois quem sou eu?

— Eu não pretendo escandalisal-o, mas a sua profissão....

— Que tem a minha profissão? qual é a minha profissão?

— Sim senhor, bem sabemos que é legal, e talvez que até o senhor seja muito boa pessoa lá por dentro ... mas ha preoccupações no mundo, e muitas pessoas tem azar até d'ouvir o nome do carrasco.... são espiritos fracos, bem sabemos, comtudo....

Digitized by Google

— Muito bem; mas quem diabo lhe disse que eu era carrasco?

— Olhe, foi aquelle senhor que está além no outro topo da sala.

— Ah! foi aquelle? então não posso negar; elle conhece-me bem; não ha ainda quinze dias que eu o açoitei, e o ferrei na espadua por ladrão.

Qual dos dois mentirosos ficou mais caçoado?

FEVEREIRO — 9

Desejo satisfeito. — Haverá sete annos, e em dia d'entrudo, logo pela manhã exclamava na sua pobre cama em Minde, concelho de Porto de Moz, Joaquim Paschoal, ha pouco fallecido: — Louvado sejais Senhor, quantos patos, galinhas, perús e outras aves estarão já a cozer a estas horas, e eu sem ao menos ter um bocadinho de toucinho para metter numa panella! — Palavras não eram ditas e eis que lhe cae no quarto um boi! O homem que tres minutos antes se via sem carne, vendo junto de si nada menos que um boi, levantou as mãos e exclamou: — Louvado sejais, meu Deus! Ha pouco sem nada, agora já com um boi!

O caso explica-se. Pegado á habitação de Joaquim Paschoal, tinha o seu visinho um pequeno cerrado, cujo terreno ficava de nivel com o telhado da casa, e como o visinho pretendesse recolher o boi ao curral d'onde tinha fugido, deitou-se ás telhas o bruto, e com ellas, e alguma ripa que as sustentava, cahiu em baixo.

Se cae dois ou tres metros mais acima talvez o bom do homem morresse com uma indigestão instantanea de carne em dia d'entrudo.

D. Maria do Rozario Manata e Silva (Minde).

Um aristocrata. — Um deputado da convenção franceza, um d'aquelles que se enviavam com poderes quasi

Digitized by Google

absolutos para vigiarem de perto o que se fazia nos exercitos em campanha, e como se comportavam os chefes, os officiaes e os soldados; escreveu ao general Pérignon, ordenando-lhe que prendesse o capitão fulano que era um aristocrata.

— Cidadão representante, lhe respondeu por escripto Pérignon, não posso prender o capitão fulano, que já está preso debaixo da terra; morreu na acção de hontem defendendo heroicamente a liberdade.

Com que cara ficaria o alarve? naturalmente com a que tinha.

FEVEREIRO — 10

CHARADA V

Nunca em marcias lides fero gládio
Tantos membros jámais no chão lançou 2
Nem flor mais linda com mais lindas côres
Na aldeia, ou na cidade se creou. 3

Não diz nada? Não receita?
Pois faço-o eu d'esta feita.
Recipe — Agua da fonte
Uma libra basta só;
Ajunte rhuibarbo em pó,
Cabeças d'osgas do monte,
Aná — onças cinco ou mais;
Intestinos de pardaes
E umas cascas de melão:
Ponha tudo de infusão,
E beba por limonada
Se não matar a charada.

A. F. B. (Coimbra).

Bicolor. — Numa sociedade em que se achava o poeta Saint-Amand, attraia muito a vista de todos, um sugeito simplorio que tinha a barba toda branca, e uma cabelleira pretinha como uma amora. Logo que este voltou costas, disse o poeta:

— Supponho que o sugeito cança mais os queixos do que a cabeça.

Digitized by Google

ESPERANÇA

Eu era bem pequenino;
Minha mãe mostrou-me um dia
Lindo insecto repousado
Numa flor que s'entreabria:
—Verde, d'um verde mimoso,
Eu o vi tão descuidoso,
Que julguei que elle dormia.

Era uma leda esperança,
Doce, fagueiro condão
Para a flor, que as flores ama,
Para a dor do coração!
Dormia da flor no seio,
E esta em triste devaneio
Me disse na viração:

«Innocente, em mim tu vês
Teu retrato bem fiel:
Tu tens candura no peito,
Eu no calix tenho mel;
Como tu nasci ha pouco,
Sou tão simples quanto és louco,
Neste risonho vergel!

«As aves em seus gorgeios,
A brisa que vem do valle
Nos dizem os mesmos cantos,
Nos cantam amor igual.
Infantes não temos dores,
E da vida nos verdores
Não soffremos um só mal.

«Verde, bem verde esperança,
Dorme em nosso coração;
Mas se acaso da desgraça
Nos bafejar o tufão,
Ai de nós! pobre criança,
Que no peito esta esperança
Não mais guardaremos, não!»

Calou-se, abrindo seu calix
A florzinha emmudeceu;
Eis de chofre, um rijo vento
A face d'ella abateu!
Eu tremi ao vel-a assim,
Mas, sorrindo-se p'ra mim,
Me disse: «É o fado meu!»

Depois, o vento mais forte
Do alto mar se lançou!
E da flor as brancas folhas
Uma a uma lhe arrancou!
Ai minha flor que martyrio!
Tua esperança em delirio,
Ergueu as azas; — voou!...

. . . . . .

Perdeste, infeliz, teus sonhos
Das desgraças ao tufão!
Mas eu, inda espero e creio
Na minha doce visão:
Inda sinto, inda concebo
A esperança de mancebo
No bater do coração!

Ladislau Netto (Rio de Janeiro).

Digitized by Google

Não vale o mesmo obter que merecer. — Quando se representou em França com estrondosos applausos a tragedia de Maisonneuve intitulada — *Rozelane* e *Mustapha*, deram parabens ao poeta pelo triumpho alcançado.

— Não acceito parabens pelo resultado que obtive, respondeu o poeta. Se m'os dão porque a peça os mereceu, acceito e agradeço.

FEVEREIRO — 13

Valle de Foz-côa. — Ao occidente d'esta villa, e a distancia de tres kilometros, rasgou a natureza um profundissimo e fertil valle, que percorrendo a distancia de cinco kylometros sem interrupção, parece querer continuar-se para a provincia transmontana, e formar a fertillissima veiga de Villariça.

Produz o seu solo quasi todos os generos, que a agricultura européa cultiva.

É abundantissimo em pão, azeite, vinho; e pelas cumeadas dos montes que o formam vegeta com extrema facilidade a odorifera amendoeira, e um arbusto *(sumagre)*, que posto não seja muito conhecido em outras partes, aqui muito abunda, e constitue uma parte importante do rendimento d'esta villa.

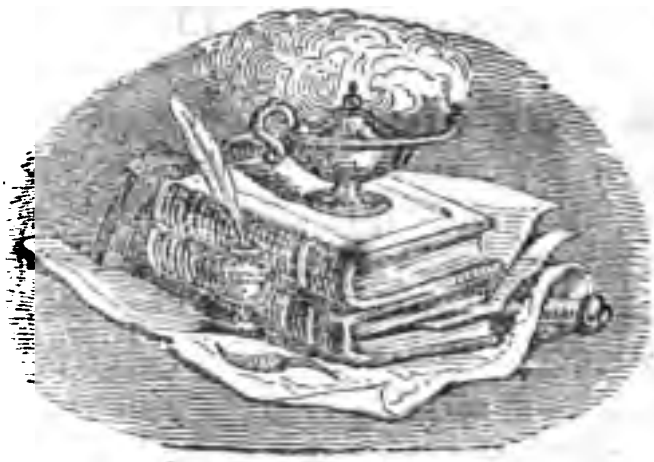
Ha pois grande variedade de plantações, e na primavera offerece uma vista, que não tem a monotonia das campinas do Minho, nem a esterilidade de tantas charnecas da Beira.

Aqui, grandes mattas d'álamos tentam obstar á passagem do impetuoso ribeiro, que domina o valle; ali, verdeja o bachico vinhedo; além a oliveira, symbolo da paz, ergue-se serena; a amendoeira mostra-se risonha; o sumagre triste; e o pão nas encostas pouca declivosas ondêa graciosamente.

S. C. (Foz-côa).

Digitized by Google

Virgilio e Cicero como poetas.—Virgilio trabalhou tres annos nas *Bucolicas*: estas contêem 830 versos, o que faz por anno 276. As *Georgicas* levaram-lhe 7 annos e contêem 2:189 versos, o que lhe dá 312 annualmente. A *Eneida* foi acabada em 12 annos e contêm 9:896 versos, o que faz por anno 824. Dá-se bem com a razão d'esse accrescimo; é que Virgilio não tinha dado a ultima demão á *Eneida*, e d'ahi vem o querel-a entregar ás chammas na hora da morte. Os tres poemas de Virgilio reunidos compostos em 22 annos, têem 2:915 versos, o que não dá mais que 587 por anno, com uma pequena fracção de 1,22.



Compare-se este parcimonioso trabalho do grande poeta, com o de Cicero, quando se metteu a fazer versos[1]. O eloquente orador de quem Marcial, fallando dos tarêllos que se mettiam a versejar, disse: *Vós versejaes a despeito d'Apollo e das musas; tanto melhor, vós pareceis-vos com Cicero*, fazia 500 versos numa noite, em quanto que Virgilio os não fazia muitas vezes no espaço d'um anno! É verdade que os versos de Virgilio ficaram immortaes, em quanto que os de Cicero são quasi desconhecidos, e todos se poderiam aferir por este, que é um detestavel verso

O fortunatam natam me consule Romam!

Meio facil.—Certo caçador que num dia se lastimava de não matar senão coelhos, dizia: —Desejava co-

[1] Cicero escreveu differentes versos e traduziu na idade de 19 annos, tambem em verso, os *Phenomenos d'Aratus*.

Digitized by Google

nocer o meio por onde bem podesse distinguir os coelhos das suas femeas.

— Não ha nada mais facil, respondeu-lhe outro: quando é o macho *elle* corre, quando é a femea *ella* corre.

FEVEREIRO — 15

Typo andaluz (Excerpto).—....A Andaluzia, que a permittir-se-me a comparação, póde ser chamada o Caucaso da peninsula, é sem duvida a patria das mais bellas mulheres do mundo, bellas na accepção typica da palavra, e mais ainda na expressão da seductora physionomia.

Do cruzamento das raças, que habitaram a peninsula, devia resultar a somma de suas perfeições, moldadas num typo unico, que sendo nella o da mulher em geral, só se encontra todavia em toda a perfeição nas margens do Guadalete

A andaluza com effeito casa a severa correcção do perfil judaico com a ridente e irriquieta volubilidade do

deserto, mascarada ás vezes por uns restos da insensibilidade gothica. Entre severa e risonha, rosto perfeitamente oval, olhos rasgados, pretos e scintillantes, assombreados por compridas pestanas d'ebano, cabellos da mesma côr, pelle avelludada, tem

.... no andar a graça da gazella,
.... na bocca a voz dos rouxinoes,
Nas faces duas rosas inconstantes,
Nos dentes o marfim dos elephantes.

Digitized by Google

Sempre amorosa e poetica, com os labios tremulos pelo «esplendor d'um sorriso», retrata-se no suave e limpido céo da ardente Andaluzia.

Tal é o esboço do quadro.

Augusto Antonio da Rocha (Cantanhede).

FEVEREIRO — 16

O que póde a associação. — Num bem escripto relatorio que precede a proposta de lei sobre sociedades cooperativas de consumo, apresentada ás cortes pelo sr. João d'Andrade Corvo em 1867, lê-se:

«Ha vinte e tres annos, em Rochdale, pequena cidade d'Inglaterra, alguns pobres tecelões de flanella, esmagados sob o peso da miseria, sem meios quasi para acudirem a si e aos seus com as cousas indispensaveis á vida, reuniram-se e resolveram associar-se para resistir ao mal commum. Eram exiguos os salarios dos tecelões de Rochdale; mas elles, não podendo augmental-os, entenderam dever combinar os meios de diminuir as suas despezas. Para este fim, e com aspirações a realisarem um vasto plano de melhoramento physico e moral das classes laboriosas, os primeiros socios da associação de Rochdale, 28 apenas no principio e 40 depois, resolveram pagar para o fundo commum uma quota semanal de 36 réis, a qual foi depois elevada a 54 réis. Ao fim d'um anno proximamente tinha a associação juntado 126$000 réis; com este fundo emprehendeu a compra por grosso d'alguns generos de mercearia, arrendou uma loja e começou a vender a retalho aos proprios associados. Tres annos depois, em 1847, a associação tinha 140 socios, possuia um capital de 1:786$500 réis e fazia nas vendas uma receita annual de 810$000 réis. Mais tarde, em 1862, a associação, cujo capital era já de 140:000$000 réis, estabelecia um moinho e uma padaria para serviço dos socios, e nesta nova applicação do principio cooperativo obteve immediatamente um lucro de 10

Digitized by Google

por cento. Á condição primitiva de sociedade cooperativa de consumo, a associação de operarios de Rochdale juntou, ha poucos annos, a de sociedade de producção, abrindo uma fabrica de tecidos d'algodão, em que adoptou as machinas mais completas, e os mais perfeitos processos.

De progresso em progresso, a modesta associação dos tecelões de Rochdale, que começou as suas operações possuindo apenas 126$000 réis, chegou, sem alterar os principios fundamentaes da sua organisação, á prosperidade e á riqueza.

Em junho de 1866 o numero de socios elevava-se a 5:750, e o capital da sociedade subia a réis 400:000$000.»

FEVEREIRO — 17

ENIGMA II

Não sei se é um animal,
Só ave lhe devo chamar;
Mas sei que póde voar,
Por ter azas. E que val,
Se cauda e pés tem de pello?
Só bem se ajuiza ao vel-o.
Mas qual? se ninguem o viu,
Se mesmo nunca existiu?

Zacharias Nunes da Silva Freide (Bahia).

FEVEREIRO — 18

Morte d'um tyranno. — O imperador Zenão era epiléptico. Num dos ataques Ariadna sua esposa, dizendo-o morto, fel-o immediatamente conduzir sem pompas, ao sarcophago dos imperadores e poz-lhe guardas de confiança, ordenando que ninguem se chegasse ao tumulo, e que nem

Digitized by Google

os mesmos guardas o abrissem. Quando Zenão voltou a si, e chamou em seu soccorro, os guardas fieis ás ordens que haviam recebido foram surdos aos seus clamôres, nenhum acudiu.

Dias depois abriu-se o tumulo, e encontrou-se o cadaver com os dois braços estrangulados. O desgraçado nas ancias da fome e da sede, acabára por se alimentar dos seus proprios membros.

Zenão era um tyranno devasso, que não merecia morrer socegado, como morrem os justos. Ariadna, a esposa *modello*, que lhe deu tão crua morte, era filha de Leão I, imperador do Oriente. Isto succedeu em 491.

FEVEREIRO — 19

VOZES D'ALMA

Vê, meu anjo, que noite tão bella
Não nos trouxe tão lucido julho;
Ouve; escuta da pomba o arrulho
Junto á rosa e á virente cecem.
Vê: repara; são tudo convites
Que te fazem as aves e os montes,
Vem; são bellas as horas; e as fontes
Gemem tristes dizendo: — *anjo, vem!*

Vem; não temas!... A noite é brilhante,
Tem segredos, tem fundos mysterios,
Quando, envolta em seus mantos siderios,
Eu a vejo d'além despontar.
Que milhões d'harmonias não s'ouvem,
Quando brincam as auras nocturnas,
D'essas rosas nas mysticas urnas
Alta noite, ao fulgor do luar!

Digitized by Google

Vem!... As noites deou-as o Eterno
Aos que sonham d'amor, ou ventura,
Qual formou dos sertões a espessura
Para o tigre ou adusto leão.
Vem; são bellas as horas passadas
Ao olor d'estas relvas floridas,
Da avesinha escutando as sentidas
Doces notas da sua canção.

Neste valle onde as aguas queixosas
Brandas correm por ti suspirando,
Vem as auras em timido bando
Junto á noite teu nome evocar.
Mas debalde; que tu, lindo archanjo,
Longe vives das patrias collinas,
Tuas fallas d'encanto, p'regrinas
Ah! talvez as não torne a escutar.

Vive embora de mim tão distante,
Mas não percas jámais a lembrança
D'essas horas d'amor e bonança,
Que comigo viveste, anjo meu;
E s'um dia voltando do exilio
Me não vires vagar nestes prados,
Chora triste os momentos passados
Sobre a campa, que á luz me escondeu.

Alfredo Carvalhaes (Barcellense)

FEVEREIRO — 20

Molière e Bourdaloue.— Mademoiselle Quinault tinha juntos num só quadro os retratos de Bourdaloue e Molière, com esta legenda:

«Os dois maiores prégadores do seu tempo!»

Parece um disparate, e não o é.

Digitized by Google

FEVEREIRO — 21

CHARADA VI

Aqui mesmo onde me vês
Hei casos em portuguez. 1
Uma medida chineza,
Que contém muita toeza. 1
Parte sou essencial
No corpo d'um animal. 1

O meu todo no jardim
É uma formosa flôr,
Lê nella a virgem, traduz:
— Sou declaração d'amor.

Jeronymo José do Amaral (Freixeda do Torrão).

FEVEREIRO — 22

A peça sem A.— Representava-se no theatro das Variedades em Paris uma peça no genero d'essas novellas sem alguma das letras vogaes, que se publicaram em Lisboa ha alguns annos. A comedia, escripta por um tal Rondel, chamava-se mesmo *Peça sem A*. O publico parisiense foi, impellido pela curiosidade de ver uma obra de theatro, onde nem uma só vez devesse entrar essa vogal proscripta. Sóbe o panno, entram dois actores, e a primeira phrase, que um d'elles pronuncia é:

— *Ah! monsieur, vous voilà!*

Imagine-se que formidavel gargalhada soltaram os espectadores da *Peça sem A*. O actor commettera um *lapsus linguæ*. A phrase do seu papel era a seguinte:

— *Eh! monsieur, vous voici!*

Digitized by Google

A Covilhã.—Está situada num monte, na costa da ladeira, que desce do alto da serra da Estrella do norte para o nascente, entre duas ribeiras, que nascem no cimo da mesma ladeira, e correm na mesma direcção. Uma d'estas ribeiras chama-se a ribeira da Carpinteira, e por outro nome da Fabrica, por estar n'ella a fabrica d'el-rei para pannos. Nesta ribeira, por baixo da villa, está uma ponte de cantaria chamada de D. Joanna. De cantaria era tambem a ponte anterior a esta no mesmo sitio, destruida em 1749 por uma horrorosa cheia. A outra ribeira chama-se da Degoldra, na qual, tambem por baixo da villa, está uma ponte de cantaria chamada ponte de Martim-Collo.

Na sua primeira fundação estava esta villa situada no fundo da dita costa, junto aos pomares, onde chamam Ladeira de Martim-Collo, porque neste sitio principia a mesma ladeira. Mas sendo destruida na geral invasão que os mouros fizeram na Hespanha, no tempo que nella reinava D. Rodrigo, ultimo rei godo, foi ao depois no mesmo sitio fundada por el-rei D. Sancho I. D'esta fundação ainda existem vestigios n'alguns edificios, como tambem n'uma parte da povoação que chamam as tres freguezias.

Esta villa, seguramente uma das mais industriosas de todo o reino, foi sempre muito considerada pelos reis de Portugal. El-rei D. Affonso III na sua provisão de 2 de Dezembro de 1453, declara que é uma das principaes povoações de toda a Beira, e que assim a reconheceram os reis seus antecessores. El-rei D. Manoel na sua provisão de 21 de Fevereiro de 1498 declara que é a principal no centro das outras villas do reino. El-rei D. Sebastião na sua provisão de 6 de Julho de 1570, diz que ella fez sempre grandes serviços á corôa.

D'aqui vem muitos dos privilegios com que a distinguiram.

D'esta villa se descobrem as seguintes povoações: Lugar

Digitized by Google

do Ferro, Perabôa, Caria, Belomonte, Teixozo, Alcaide, Aldeia Nova, Donas, Souto da Casa, Aldeia do Carvalho, Bôdobra e villa do Fundão. A sua população é de mais de 12:000 almas.

João R. d'Azevedo.

FEVEREIRO — 24

Remedio muito facil — Queixava-se uma dona de casa muito economica, e amiga de ter tudo, por junto na sua dispensa, de que os seus creados, com especialidade um, lhe sangravam conhecidamente e com

sangrias largas, um pipóte que ella sempre gostava de ter de vinho ordinario para pasto. Consultou sobre o caso a uma sua amiga, senhora de muito juizo: — Bom remedio, lhe respondeu esta, mande pôr ao pé d'esse, outro de vinho do Porto, ou da Madeira, e verá como lhe não mechem mais.

FEVEREIRO — 25

Comprimento a uma formosa. — A uma dama bellissima disse Voltaire:

— As vossas rivaes são as obras primas da arte; vós sois a obra prima da naturesa.

Digitized by Google

Lisboa, Setubal, Coimbra e o convento da Batalha. — Póde mais o tempo que todas as determinações dos homens. Estas ficaram sem effeito, (refere-se aqui Frei Luiz de Sousa ao proposito em que estava D. Manoel de concluir a obra chamada Capellas imperfeitas na Batalha) e elle vae já roubando o lustre a toda a obra, e acabando-a antes de acabada: e emfim virá a consumir uma machina dignissima de perpetuidade.

O que me obriga a juntar aqui o juizo que fez d'ella, e de tudo o mais d'este convento, uma pessoa de grande entendimento, e que tinha visto e considerado todas as fabricas de mais importancia da christandade que foi o grande mestre Frei Vicente Justiniano, nosso geral e cardeal. Testemunho sem suspeita por ser d'estrangeiro, e de varão muito religioso e santo. Este padre vindo a este reino notou nelle algumas coisas que referiremos para que se veja quão bem sabia notar.

Disse por Lisboa — *Vidimus orbem in urbe.* — Como se dissera, vimos em uma cidade todo o mundo junto. Disse por Setubal — *Vidimus oppidum lapide cinctum prectioso* — Vimos uma villa murada toda de pedras preciosas: foi a razão porque toda a pedra d'ella é jaspe, nem aquelles contornos produzem outra.

Disse por Coimbra — *Vidimus urbem undique ridentem*

Digitized by Google

— Vimos uma cidade tão bem assombrada, que por onde quer que a olheis, parece que se vos está rindo. E quando chegou a ver este convento, disse com admiração e affirmação — *Vidimus alterum Salomonis templum* — Vimos outro templo de Salomão.

Frei Luiz de Sousa
(Historia de S. Domingos).

FEVEREIRO — 27

MADRUGADA

Já no espaço se apagam mil estrellas.
E nuvem transparente a terra cobre,
Já o mundo sorri ante esse véo,
Que o dia pouco a pouco nos descobre.

Já as serras de purpura se vestem,
Ao canto que desata o rouxinol;
Já no horisonte côr das lindas rosas
Desprende raios mil formoso sol.

É este o quadro de bellesa immensa,
Que me arrebata o pensamento aos céos;
E em quanto vejo, em tudo que me cerca,
Em tudo leio uma palavra — Deus.

D. Leonor A. F. (Guiens).

Os portuguezes julgados por um portuguez.— Dizia João de Sá Panasco que a felicidade de um portuguez consistia nestas coisas: chamar-se Mello, ter uma quinta, seiscentos mil réis de renda, ser parvo, e não prestar para nada.

Dava bom testemunho dos seus, este sr. Panasco, que talvez lhe pezasse o não chamar-se Mello.

Digitized by Google

Albufeira.— Villa do Algarve (*Baltum*) situada em um pequeno valle cercado por todos os lados de pequenos serros, que fazem com que ella só se aviste das suas proximidades. A antiga povoação, isto é, aquella parte da actual villa, que fica das muralhas a dentro, está collocada em um pequeno outeiro, que pelo lado do sul termina em escarpados rochedos, onde o mar, quando agitado pelas tempestades, vem bater com furioso impeto. A moderna povoação é dividida quasi ao meio por um pequeno ribeiro, que nasce cerca de meia legua ao norte, e sobre o qual está construida uma ponte de dois arcos de alvenaria, que serve para communicar as duas partes da villa.

Foi tomada aos mouros no reinado de D. Affonso III e dada por este rei á ordem d'Aviz, em 1250, quando era mestre d'esta ordem Martim Fernandes.

As suas muralhas, acham-se hoje muito deterioradas, e ameaçando desabar sobre os habitantes, que tem construido as suas casas na visinhança.

Dentro dos muros, onde se vêem ainda os restos do seu velho castello, tem quartel para o destacamento que ordinariamente ahi estancía, praça, casas da camara, cadeia e bateria já meio arruinada, que antigamente serviu de registro. Tem tambem a pequena igreja da Mizericordia, antiga mesquita dos mouros convertida em templo catholico, depois da conquista.

Debaixo das rochas, que limitam a villa pelo lado do sul ha uma caverna, vulgarmente chamada *Cova do Xorino*, onde, depois da sua tomada, se refugiaram muitos mouros, que poderam escapar ás espadas portuguezas.

Albufeira podia hoje achar-se consideravelmente augmentada, se não fossem os revezes que tem soffrido. O terremoto de 1755 fez n'ella deploraveis estragos; o mar entrou com tanta violencia pela villa dentro, que subio á enorme altura de 45 palmos; repetiu o fluxo e refluxo por tres

vezes, e com tanta força, que fez desabar todas as casas, á excepção de vinte e sete, que ficaram muito arruinadas. Os habitantes refugiaram-se na velha igreja matriz, implorando a mizericordia do Senhor, porém esta desabou igualmente, deixando debaixo das suas ruinas 227 pessoas!

Os poucos albufeirenses, que restaram de tão grande calamidade, passada ella começaram a reedificar as suas casas, e annos depois, o memoravel bispo do Algarve D. Francisco Gomes d'Avellar mandou levantar á sua custa uma nova igreja matriz, que é um dos melhores templos do Algarve, posto não esteja de todo concluida, e se ache actualmente muito necessitada d'imagens e ornamentos.

Em 1833 tornou a ser quasi destruida, e reduzida a cinzas pelos guerrilhas, que, capitaneados pelo celebre José Joaquim de Sousa Reis, vulgarmente conhecido com o nome de *Remechido*, a sitiaram por algum tempo, até que finalmente lhes foi entregue por uma capitulação, que com elles fizeram os seus habitantes, e alguns outros individuos, de fóra, que se haviam acolhido e defendido dentro das arruinadas muralhas. Os malvados, porém, depois de os verem sem armas quebraram a fé do tratado, e no dia 27 de julho do dito anno, fizeram horrorosa matança nos seus habitantes, sendo mortas setenta e quatro pessoas de todas as idades. Barbaridade incrivel!...

A villa d'Albufeira, que hoje se acha restituida ao seu antigo estado, tem, além da matriz e da Mizericordia já apontadas, as igrejas de S. Sebastião, de Sant'Anna, e a ermida da Senhora da Orada, a pequena distancia da villa, onde se vê uma bonita alamêda, úm formoso adro com gradeamento de ferro, e dois ricos mausoléos mandados fazer pela sr.ª D. Maria Michaela de Brito.

Junto a esta ermida faz-se todos os annos no dia 15 d'agosto uma feira que tem o nome de *feira da Orada*. Concorria alli muita gente das povoações visinhas a cumprir as suas promessas á Senhora, e alguma unicamente para

ver e admirar os dois famosos mausoléos; hoje porém, vae em progressiva decadencia.

Ha ainda uma outra feira no centro da villa, que se faz no dia 3 de fevereiro e dura tres dias. Consta principalmente de carnes de porco salgadas, que ahi concorrem do Alemtejo e Algarve.

Ha dentro da villa alguns poços, mas com pouca agua e toda ella salobra; porém fóra, na varzea da Orada, ha um d'abundante e excellente agua, que abastece uma grande parte dos habitantes, e outro ao norte, no sitio da Bolota.

O seu porto de mar não é mau, mas pouco defendido do vento levante; nelle aportam, principalmente durante a carregação do figo e da amendoa, alguns navios de pequeno lote, que transportam estes generos para Villa Nova de Portimão.

Albufeira deu o titulo de barão ao tenente general José de Vasconcellos de Sá, o qual teve esta mercê por decreto de 3 de julho de 1823.

D. G. P. (Albufeira).

MARÇO — 1

EPIGRAMMA

Uma estrondosa parada
Se fez em certa cidade,
E tinha muitas creanças
Na sua officialidade.

Velho aldeão que passava,
Ajoelhou de reverente,
E logo em grande algazarra
Começou a rir a gente.

Eis o pobre velho exclama:
— Que tal foi a confusão!
Como vi tantos anginhos
Cuidei que era procissão.

* (Foz).

Digitized by Google

MARÇO — 2

Qualidades requeridas na mulher. — Um certo perguntou um dia a Demosthenes que prendas e requisitos buscaria na mulher com quem houvesse de casar. Respondeu-lhe elle:

— Casa com mulher que seja rica para que te sustente; nobre para que te honre; moça para que te sirva; formosa para que te agrade; e honesta para que te não engane.

Pelos modos o grande orador era dado á preguiça, e queria que o seu cliente o fosse tambem, procurando que a mulher o sustentasse, em logar d'elle trabalhar para a sustentar. É por isso tambem que elle queria que a mulher fosse nova, não tanto para lhe agradar, como para ter forças para o servir.

Oh gregos, gregos, para quem a mulher era escrava!

MARÇO — 3

O vicio do jogo. — Na escala das desenvolturas de procedimento que a sociedade reprova, sim, mas não fulmina terminantemente, e até certo ponto admitte, ha vicios de mais sordida e repugnante apparencia do que o do jogo: nenhum ha mais abjecto na raiz, mais nocivo nas consequencias. Á saida do prostibulo, ao cabo da embriaguez, depara-se quasi sempre uma baixeza; — ao termo do jogo apparece com frequencia um crime. A orgia adultéra, adormece temporariamente os sentimentos do bem; — o jogo supprime-os. Durante as vigilias que se lhe escoam em face da mesa, onde as cartas ou os dados decidem de honras e de fortunas, o jogador aspira, hausto por hausto, o veneno que lhe traz o odio aos que ganham, e o despreso pelos que perdem; o egoismo feroz que lhe elimina o resto do mundo, a sêde insaciavel das sensações que o corrompem, o prazer a que outra qualquer conscien-

Digitized by Google

cia verteria sangue, a tentação sinistra que ordinariamente deixa na vida stygma indelevel. Cada noite que assim lhe corre é uma sombra que lhe invade a alma, uma pedra de gelo que lhe assenta sobre o coração, um sopro destruidor que, no intimo, lhe apaga mais um riso, lhe estanca mais uma lagrima, lhe murcha sem remedio mais uma flor. Não se degrada só, transforma-se para o mal; não affronta só a virtude, inutilisa-se para ella; é-lhe menos contraste periodico do que negação permanente. Devéras, — prestemos-lhe essa justiça, — o homem que uma vez mergulhou até aos limos d'essa paixão infernal, que depois, luctando, conseguiu volver á superficie, logrou forrar-se á voragem, e chegou, esforço a esforço, a retemperar as faculdades deterioradas, é mais do que um homem de vontade, é um heroe: — consummou um milagre.

Ernesto Marecos.

MARÇO — 4

CHARADA VII

Se estas querem dizer graça 2
Viver assim, que desgraça! 1
Vamos conduzil-o á praça,
Para o povo ouvir chalaça.

Leão Dias (Azinhal).

Troco de lei. — D. Luiz de Menezes 3.º conde de Tarouca era um homem de corpo muito pequeno.

Foi um dia um frade capucho pedir-lhe esmola a casa, e como este era torto disse-lhe o conde para o ouvir:

— Bem era necessario um outro olho a v. paternidade.

— E ainda mais outros dois para poder ver a v. s.ª, respondeu-lhe o frade.

Digitized by Google

Os escravos do cachimbo. — Os inglezes na India, em tendo pouco mais que medianos haveres, fazem-se logo servir por uma infinidade d'escravos. — Só para o meu cachimbo, dizia uma vez um *gentleman*, conversando numa sala da Europa, tinha eu quatro escravos. — Oh! Deus meu! é possivel? — É verdade. O primeiro ia-m'o buscar. — Bem! — O segundo carregava-o de tabaco. — Muito bem! — O terceiro accendia-o. — Excellente! e o quarto? — O quarto fumava-o. A mim o tabaco nauseia-me.

Dote. — Qual é a origem do dote? Se consultarmos a Biblia, vel-o-hemos em uso entre os povos mais antigos. Em algumas terras, era o pae que dotava a filha, n'outras o futuro marido. O dote consistia quasi sempre em gado, escravos e terras de lavoira.

Quando Rebecca partiu para casa de Isaac, o pae deu-lhe de presente alguns vasos de prata; porém, depois Jacob, o filho de Rebecca, para receber sua mulher, obrigou-se a trabalhar durante sete annos nas terras do sogro. Na lei de Moysés o preço da mulher chamava-se mohar.

Nos tempos da cavallaria, era o noivo quem dotava a noiva. Este dote servia para assegurar o futuro da mulher no caso da morte do marido. Era o apanagio da viuva sem filhos, e talvez a origem do que hoje em francez se chama *douaire*.

Aquelles tempos em que o noivo comprava a noiva, eram barbaros. As mulheres eram servas e não consortes.

Digitized by Google

Apurando-se os costumes, viram os homens na mulher a sua companheira, e não a sua serva. *Houvemos por bem* dar-lhes posição igual á que tinhamos, e adoptou-se que as noivas levassem alguns bens, ou muitos para juntar aos dos noivos. O costume faz lei e hoje nenhum homem casa sem dote. Ha excepções? Mas excepções não estabelecem regra.

Francisco José Vieira.

MARÇO — 6

Denodo guerreiro. —Saint-Pern, commandava o regimento dos granadeiros de França na batalha de Minden. Uma bateria inimiga varria columnas inteiras; havia razão de sobra para tremer; os soldados tremiam, e não podendo desamparar o posto começaram a esmorecer. O commandante para lhes reinfundir animo, passeava a passo na frente do corpo, montado no seu cavallo alto, que ainda mais o expunha como alvo, tomava rapé socegadamente, sorria, e afinal exclamou: que ha aqui para apavorar homens valentes? são umas poucas de ballas de artilheria que o mais que podem fazer é matar? Grande coisa! A tropa festejou o dito, e tornou em si recebrando denodo.

Digitized by Google

LOGOGRIPHO III

Quatro syllabas sómente
Podem ter immensa escripta ;
Para explicar o meu todo
Nada mais se necessita.
Agora has minhas partes
É que tens muito que ver ;
O adivinhar-me por ellas
Ser-te-ha mui facil prazer.
A primeira é bella carne ;
Ou é ferro ; ou tambem pau.
Sendo de boi a segunda
É jarreta menos mau.
A terceira é cantarola,
Quem a quarta faz obriga ;
Salvo, sendo por despique
No meio d'alguma briga:
Uma e duas cortezmente
Aconselham a comer.
Duas e uma, castanholas
Muito bem podem tanger.
Duas e tres já dançaram
No antigo Corpo de Deus ;
Agora sómente saltam
Entre os risos dos sandeus.
Tres e uma, é tóca em pedra,
Marisco, igreja, ou logar.
Segunda, terceira e quarta
Quem na ha de namorar ?
Primeira e terceira, traz-se
Já na testa, e já no pé ;
Quem então da boca as lança
Que maganão que não é !
Quem duplicar a primeira,
Tem grandissimo prelado.
Quem duplicar a segunda,
Tem um hespanhol chapado.
Quem duplicar a terceira,
Régia amante ha de encontrar ;
E assim quereria a sua,
Quem a quarta duplicar.
O principio e o fim casados,
Dão pão que não mata a fome.
Senhor leitor adivinhe
E a palma de bruxo tome.

Aniceto C.

O ponto interpellado. — Um dos principaes actores da comedia franceza estaca de subito numa tragedia nesta passagem

Eu estava em Roma então...

Por mais que repetisse a phrase, não achava como continual-a. Vendo que o ponto, distrahido, ou atrapalhado, não lhe acudia: Então, maroto, disse-lhe elle com dignidade o que fazia eu em Roma ?

Digitized by Google

Más linguas.—Havendo fallecido D. Henrique de Menezes, que governava a India, com fama de valor e justiça, fallou-se de suas prendas em roda d'outros fidalgos; e sahiu um, tachando nelle certo defeito. Porém acudiu Heitor da Silveira, dizendo:

—Outro defeito maior tenho eu sabido de Henrique: foi não desterrar da India quantas más linguas havia!

Tres defeitos descobriu em si este murmurador, por não cobrir um de seu proximo. Primeiro dizendo-o em publico. Segundo desacreditando, quando os mais louvavam. Terceiro fallando da pessoa já defunta. No primeiro se pareceu com o impio Cham, que chamou a seus irmãos para verem a descompostura de Noé: no segundo com a mosca que pica na immundicie, ao mesmo tempo que as abelhas nas flores; no terceiro com a hyena animal feroz e traidor, que costuma desenterrar os cadaveres para comer d'elles.

Mas logo levou o pago: que como deitou a lingua fóra lh'a picaram com a agudeza d'aquella resposta. Consiste o chiste d'ella, em que, parecendo que o golpe se encaminhava a uma parte, a ferida cahe sobre a outra, e o murmurador, quando se espera ajudado, se acha de repente reprehendido.

P.e *Manoel Bernardes.*
(Nova Floresta)

Achar uma rima que não existe.—Desafiado o nosso amigo Duarte de Sá, de jocosissima memoria, para desencantar um consoante de — alampada — saiu-se promptamente com esta quadra;

Consta que certo vigario
Mandou comprar uma alampada
A fim de alumiar a estampa da
Virgem santa do Rosario.

Digitized by Google

A UMA VIOLETA

Meiga flor! tu, que és tão pura,
De arômas tão perfumada
Tão mimosa!
Porque occultas na espessura,
Tu face aveludada,
Vergonhosa?!

Receias, que a altiva rosa,
Te mire co'o frio olhar
Da ironia?
Temes tu que ella vaidosa,
Suas galas a ostentar
De ti ria?

Oh! não fujas de mostrar-te,
A par da mais linda flor,
Flor dilecta!
Não póde a rosa igualar-te
Na modestia, e no candor,
Não, violeta.

Que importa que a linda rosa,
Tenha um throno alevantado
Entre as flores?!
Ai que importa! se a maldosa
Tem d'espinhos cercado
Seus primores!

Tu; symbolo da candura,
Minha flor d'inspiração,
Meu amor!
Quem teus encantos procura,
Ha de achal-os sem traição,
Roxa flor!

Oh! nunca, flor melindrosa,
Nunca maus olhos te encherguem
Entre as mais.
Nunca tua haste viçosa,
Enraivecidos verguem
Vendavaes.

Beijem-te as auras suaves,
Buliçosas o teu seio
Afagando.
Festejem-te lindas aves,
Incessantes seu gorgeio
Modulando.

D. Marianna Belmira d'Andrade (Vellas — Ilha de S. Jorge).

Um rosto inspirador. — Pedia-se a um nosso

Digitized by Google

pintor, insigne retratista, que retratasse a senhora D. Fulana, e mostraram-lh'a ao mesmo tempo num camarote, pois a não conhecia. Era uma carinha pequena, com um nariz recurvado para baixo quasi a tocar no labio superior, excessivamente vermelho.

— Aquillo! exclamou o artista. Se eu podesse reproduzir aquillo, haviam de cuidar que eu tinha querido pintar um papagaio a bicar uma ginja.

MARÇO — 10

CHARADA VIII

Mestre: eu só lhe pago um terço
Do concerto, é muito caro; 1
Tambem commetto injustiças
Muitas vezes?! caso raro. 2

Deus t'a dê como a desejas!
Praga não te rogo. Eu sei?
Seja ella tão de lei,
Tão boa, que outra não vejas.

D. Genoveva E. C. Cunhal (Cêa).

Walter Scott e o mendigo.— Walter Scott atravessava um dia Portland-Street, quando um mendigo lhe pediu seis pence; o celebre romancista não trazia comsigo troco; viu-se obrigado a dar-lhe um schelling, que vale, como é sabido, doze pence.

— Lembre-se meu amigo, disse-lhe elle, que me fica devendo seis pence.

— Só o que eu lhe desejo, respondeu o mendigo com os olhos arrazados de lagrimas de gratidão, é que Deus prolongue a sua vida até ao dia em que eu lhe pagar.

Digitized by Google

Tropas femininas.— Logo nos primeiros periodos da infancia da arte da guerra os historiadores fazem menção de algumas acções bellicas das mulheres, como registram as heroicidades e as façanhas dos seus congéneres que merecem especialisar-se. São longas as listas das heroinas que vemos citar-lhes, e são elles que nos dizem ainda, que a influencia da opinião das mulheres, em questões de direito da guerra, foi por vezes peremptoria. Entre os celtas eram consultadas mesmo em negocios de paz e elegiam-se para juizes nas contestações que se suscitavam com os seus alliados. D'este uso proveiu o notavel tratado que fizeram com Annibal, de que seriam julgadas pelos generaes e perfeitos carthaginezes as reclamações que houvessem de fazer-lhes, mas que qualquer acção posta pelos carthaginezes contra elles celtas, seria decidida pelas suas mulheres.

Alguns monarchas organisaram corpos especiaes d'esta casta de soldados, para constituirem as suas guardas particulares. O rei de Décan no harem de Haiderabad, tinha por guarda um batalhão de raparigas armadas de espingarda e bayoneta, cujo uniforme se compunha d'uma jaqueta de panno encarnado, cazeado de galão branco, calças verdes, chinelas bordadas de bico revirado, trazendo na cabeça uma barretina vermelha agaloada, com penacho verde. No serviço interior do palacio andavam descalças, o que segundo a opinião do principe de Soltekoff, nada depreciava a bellesa e elegancia d'esta optima guarda pretorianna. A guarda particular do rei de Sião é composta de quatro companhias de cem mulheres cada uma, formando um batalhão, onde só são admittidas raparigas dos treze até aos vinte cinco annos, escolhidas entre as mais formosas e robustas. O grande uniforme d'este corpo consta d'um vestido curto de linho branco bordado de oiro, descendo até ao joelho, d'uma cota de malha leve e flexivel,

Digitized by Google

e de couraças e capacetes doirados. São armadas, ora de espingardas, ora de lanças, e exercitam-se no manejo d'estas armas e no tiro de pistola. Tanto estas mulheres, como as dos corpos do rei de Dahomey, na Africa occidental, mantem durante o tempo do seu alistamento uma castidade rigorosa, que só é dado aos seus reis o violar.

O dr. Repin nas descripções de viagem a Dahomey conta, que o uniforme do primeiro corpo d'estas tropas, d'um effectivo de 4:000 praças, proximamente, é composto d'um vestido azul, curto, apertado na cintura por uma facha, d'um calção branco com listas azues e d'um pequeno barrete, especie de solidéo, branco. Teem espingardas, espada direita, e uma pequena cartucheira ligada á facha de que fallámos. O segundo corpo, conhecido pelo nome de caçadoras de elephantes, traja um uniforme, que differe só do precedente, em ser de côr parda. Na cabeça, em logar do solidéo, trazem duas pontas de antilope que seguram com um arco de ferro. Um punhal curvo, preso á cintura, constitue o seu armamento. No terceiro corpo teem por armas um arco, e usam no braço esquerdo um bracelete de marfim em que prendem a frecha.

Em 1851 o senhor d'estas tropas singulares offereceu ao imperador dos francezes 500 mulheres escolhidas, para serem o nucleo d'uma guarda de palacio, criada segundo a organisação das suas; mas a moda não pegou.

Só como modistas, as mulheres na França tem bastante em que se occuparem.

C. Sequeira (Mafra).

MARÇO — 12

Porque um tal não casava. — Perguntou-se a um espertalhão por que não casava:

— Por quatro rasões, disse elle: se a mulher é feia aborrece, se é formosa dá trabalho a guardar, se é rica temos que soffrel-a, se pobre ha que sustental-a.

Digitized by Google

Festas tradicionaes. — No departamento de l'Ain, em França, ha festas tradicionaes, cuja origem é anterior ao christianismo, e que são observadas rigorosamente em certas povoações.

No mez de março celebra-se em Polliat e outros pontos a festa das serpentes.

Sob pena de ser mordido durante o anno por algum d'esses reptis, é necessario vestir n'aquelle dia o fato domingueiro, ouvir missa e abster-se de qualquer trabalho.

Nas casas não se arrasta objecto algum. Por esse motivo não se lava nem se varre. Se ha necessidade de lenha para cosinhar suspende-se no ar para não arrastar na lareira.

Em outros sitios invoca-se santo Anavet, santo advogado contra o veneno dos reptis.

A festa dos ratos exige o mais rigoroso descanso nos domingos. A mulher que se atreve a fiar póde contar que as teias lhe serão todas roidas. Em tal dia não é conveniente tocar em animal que rosne. A observancia religiosa d'esta inqualificavel festa até prohibe o brincar com o gato domestico.

A festa dos cevados coincide com a de santo Antonio, o que não é muito edificante. Consiste a festa em uma peregrinação á igreja mais proxima, e que tenha a invocação do referido santo. As raparigas devem então dançar até cairem no chão extenuadas. Quanto mais dançam, melhores e mais gordos saem os cevados.

A festa dos bezerros celebra-se em S. Bonet, a 16 de janeiro, e é analoga á dos cevados. Isto é que se chama progresso!

Manoel Marques e Silva (Oliveira d'Azemeis).

Digitized by Google

Jaçanan.—Pertence á ordem das gralhas. Por muito tempo se julgou que só existiam no Brazil, onde se lhes deu o nome; hoje sabe-se que existem em todos os logares quentes e ao mesmo tempo humidos dos dois continentes. Os jaçanans vivem nos pantanos, e pela sua agilidade e constructura, sustentam-se perfeitamente sobre as folhas das plantas aquaticas. Vivem dos insectos que abi apanham. São muito desconfiados posto que d'indole pacifica, e é difficil colhel-os ás mãos. As suas affeições são tão duradouras e tão extremosas como as dos pombos, e se um d'elles na presença de qualquer perigo, é obrigado a levantar o vôo, e não tem ao pé o objecto das suas caricias, avisa-o por um grito d'alarme que se faz ouvir muito longe.

O padre Manoel Ayres do Casal, na sua estimavel *Corographia Brazilica*, fallando do jaçanan descreve-o do se-

Digitized by Google

guinte modo: é avermelhado pelo peito, côr de tabaco por cima; com azas curtas e redondas; cauda curtissima com oito pennas; olhos encarnados, pernas da mesma côr e assaz compridas; bico fino, uma malha avermelhada na parte anterior da cabeça.

MARÇO — 15

Morte de Cesar.— Chegára o despota romano ao fastigio do poder, e a elevação a que subira causava-lhe já essa vertigem, a que se não eximem os grandes homens. A sua insolencia não conhecia limites, o seu despreso pelas mais sagradas leis da republica feria os seus cortezãos mais servís. Um dia recebeu o senado, que vinha em corporação comprimental-o, sentado numa cadeira. Irritados por tão impudente e imprudente tyrannia, alguns homens, em cujos peitos ardia ainda o amor austero da liberdade, determinaram assassinal-o.

Antes de lançarmos o anathema sobre os conjurados, pensemos que a moral politica do tempo não estranhava este modo de se livrar a republica d'um tyranno, pensemos que não só em Roma se elevava ás nuvens o heroismo de Scévola, quando quiz assassinar Porsenna, mas que até na Biblia se cantam louvores a Judith a assassina de Holophernes. Encarando desassombradamente a acção da viuva de Bethulia, e a acção dos conjurados romanos, achamos que são ambas igualmente criminosas.

Affirma Suetonio que muitos prodigios e presagios revelaram com antecipação a catastrophe de 15 de Março. Quando chegou esse dia (41 annos antes de J. Christo), Cesar, incommodado, não quiz ir á Curia; mas um conjurado, Bruto, seu filho adulterino, instou com elle tanto que o resolveu.

Quando entrou, Tullio Cimber, a quem estava reservada a honra fatal de dar principio á sanguinolenta empreza, dirigiu-se a elle como que para lhe apresentar um requerimento, e, como Cesar lhe fizesse signal para adiar o seu

Digitized by Google

pedido para outra occasião, Cimber segurou-lhe na toga. — Isto é uma violencia, acudiu Cesar impacientado. Então um dos dois Cassios vibrou-lhe uma punhalada um pouco abaixo do pescoço. Cesar segurou-lhe no braço, e atravessou-lh'o com um estylete que tinha na mão. Logo segunda punhalada o fere; então, vendo-se perdido, cinge a cabeça com a mão direita, e com a mão esquerda derruba as abas da toga para cair com mais decencia! Vinte e tres punhaladas, o fazem baquear, á primeira solta um gemido, e quando vê Bruto empunhando a arma parricida, profere as historicas palavras: *Tu quoque!* «Tambem tu!» Esteve algum tempo estirado no chão. Todos os senadores haviam fugido. Afinal tres escravos transportaram-n'o para casa. Cousa notavel! De tantas feridas, só uma fôra mortal, como verificou o seu medico Antistio.

Assim morreu um dos maiores homens da antiguidade, um dos maiores vultos da historia universal! Grande pelo genio, grande pelo caracter, acanham-lhe a estatura gigante os seus vicios, a sua desmedida ambição, e o seu intoleravel orgulho. Parece que nestes contrastes nos quer a Providencia mostrar que a humanidade até nos seus typos mais notaveis, está longe de attingir o ideal da perfeição.

O comilão. — Ó compadre, queres tu jantar hoje comigo? Dizia certo individuo a um seu compadre, que o tinha vindo visitar.

— Quero, quero, lhe respondeu o compadre.

— Então queres comer carne, ou peixe?

— Carne e peixe, acode o convidado.

— Pois está dito, comeremos carne e peixe. Mas diz lá o que te parece melhor, que jantemos agora, ou mais logo?

— Eu cá, volta o compadre, com a agoa já a crescer-lhe na boca, o que me parece melhor é que jantemos agora, e logo.

* * (Novellães).

Digitized by Google

LOGOGRIPHO IV

Este senhor logogripho,
Pés não terá, nem *cabeça;*
É assim que os faço bem.
Não é difficil, anima-te!
Não temas que te enlouqueça,
Porque tal poder não tem.

Numa embarcação, 2, 3 e 2
Uma variação, 4
É peso da Asia, 1 e 4
É d'antonomasia, 2
É bella madeira, 4 e 1
É muito ligeira, 2, 1 e 1
Quer dizer, *pizar*, 4 e 3
(Em estranha lingoa,
Da que é nossa á mingoa)
P'ra quem enfermar, 2 e 1
É d'embirração, 2
De grande nação, 3 e 2
Vel-as no serrote, 3 e 4

Mas ninguem lhe toque, 2
O grego me tem, 3
No 'studo tambem, 4 e 2
Menos *c* é santo, 1, 2 e 3
E cheio d'encanto, 1 e 3
É pronominal, 4
Num jogo usual, 2 e 4
Todos gostam d'ella, 1 e 2
Mas não quero ir nella, 2 e 1
É pr'a criancinha, 2 e 2
E vem d'ella ainda, 1 e 1
Não é bom comprar, 1 e 3
Hade-a a velha usar, 3 e 1

Pretendes leitor, amigo,
Do logogripho o conceito?
Pois bem; eu t'o vou já dar.
Repara, olha o que te digo,
É no mar que tu me encontras,
Vae-me nas náos procurar,
E cá na terra tambem.
Diverte-te, fazes bem.

Duarte Xavier Lopes Vieira (Leiria).

Digitized by Google

MARÇO — 17

Por bem fazer mal haver.— Nicolau d'Est marquez de Ferrara, tinha um bobo chamado Gonnelle, que lhe era muito dedicado. Padecia o marquez de sezões quartãs, que o tinham posto na espinha, como costuma dizer-se, sem que para ellas se descobrisse remedio, e o bobo, que tinha ouvido dizer a um medico que o meio talvez mais seguro de lh'as tirar era causar-lhe um grande susto, preparou-se para a empresa.

Passeava, pois, certo dia, acompanhando seu amo valetudinario, e passando junto d'uma ribeira, em que, se elle caisse, não poderia haver perigo de vida, *zas*, empurrou o sezonatico, e atirou-o á agoa.

Não se sabe, diz o historiador d'onde tiramos esta anecdota, se o marquez de Ferrara ficou ou não livre das quartãs, é provavel que sim; o que se sabe é que não gostou do remedio, e mal agradecido, não tendo em nenhuma conta a dedicação do bobo, ordenou que este fosse decapitado. Mas como? sobre um balde, ou tina d'agoa para que a cabeça do pobre homem tomasse um banho tambem. Era despota a lei, e fazia gala das suas tyrannias.

MARÇO — 18

Virgilio, Horacio, Ovidio. — Virgilio encanta-nos com os seus bellissimos versos, com as suas doces narrações, com o seu estro sublime: Horacio arrebata-nos com os seus vôos impetuosos, com a sua dicção aprimorada e terça: Ovidio compunge-nos com as lagrimas do exilio, e saudades da patria. O cysne de Mantua canta, a aguia de Venusa vôa, a philomela de Sulmona chora.

Virgilio idealisa a vida pastoril, mas a sua musa não se satisfaz em cantar os devaneios e as luctas dos pegureiros, as arvores, os rebanhos, as abelhas; muda de tom

Digitized by Google

e elevando o estylo celebra a piedade d'Enéas, os amores de Dido, os perigos de Scylla, a impiedade de Mezencio, a arrogancia de Turno, a amisade de Niso e Euryalo.

Horacio fere todas as cordas da lyra desde o hymno até á canção; ora nos eleva ao sanctuario dos deoses para ouvirmos os oraculos, que decidem dos destinos dos povos; ora congraça dois amantes com a mesma facilidade com que fulmina o esmorecimento das crenças, os vicios do seculo, o abuso da hospedagem, os sortilegios de Canidia, a cobardia de Paris; ora exalta os trophéos do heroismo, o galardão da virtude, os prazeres de Baccho e dos banquetes, ora deprime a cegueira d'amor, as rugas da velhice, a fealdade dos vicios, e o furor das guerras civis. Ovidio pranteia no alaude da tristeza os trances do infortunío, o rigor dos Cezares, a barbaria dos Getas e os males do desterro.

A musa de Virgilio é tão doce como o som da harpa eólia, tão terna como os arrulhos da pomba, tão florida como as arvores d'Abril arreadas de flores; a de Horacio tão impetuosa como o rugido da procella, tão fremente como o bramido das vagas, tão esmaltada como ás flores do vergel; a d'Ovidio tão triste como as Ilyades, tão lacrimosa como as irmãs de Phaetonte.

O cantor d'Enéas, o filho predilecto d'Apollo, com os seus versos cem vezes temperados no fogo das musas, com os suspiros immortaes que exala ensoberbece o Tibre, e ha de viver sempre viçoso em todos os évos: Horacio celebrando Nycenas e os bons vinhos, e atroando o Lacio com os acentos da sua lyra immortal, é digno do culto da posteridade: Ovidio mais infeliz que os dois primeiros, desterrado no Ponto Euxino, bafejado com o verdadeiro estro, conhecedor de todos os segredos da genuina e casta linguagem, dotado do mais vivo sentimento, e da mais fecunda imaginação, não é menos merecedor dos nossos votos que Virgilio e Horacio.

José Augusto da Cruz (Midões).

Digitized by Google

Mudança d'estado. — Eis a idade exacta em que alguns homens illustres deixaram a vida de solteiros: Adam, 0; Shakespeare, 18; Ben Johnson, 21; Franklin, 24; Mozart, 26; Dante, 26; Kepler, 26; Fuller, 26; Johnson, 26; Burke, 26; Scott, 26; Tycho Brahé, 27; Byron, 27; Washington, 27; Bonaparte, 27; Penn, 28; Sterne, 28; Linneu, 29; Nelson, 29; Burns, 30; Chaucer, 32; Hogarth, 32; Peel, 32; Wordswort, 33; Davy, 33; Aristoteles, 36; sir William Jones, 37; Wellington, 37; Wilberforce, 38; Luthero, 42; Addison, 44; Wesley, 47; Young, 47; Swift, 49; Buffon 55; o velho Tarr, 120.

Estamos certos de que esta nomenclatura será bem acolhida por certa cathegoria dos nossos leitores e leitoras, que chegaram a uma época de vida em que o matrimonio parece ser fructo prohibido. Cada um se póde collocar debaixo da égide d'um homem illustre.

Quando se vê Adão e Eva casarem-se no dia do seu nascimento, e o doutor Tarr de idade de 120 annos, não ha motivo para que pessoa alguma desespere de casar.

CHARADA IX

Ajudo a vegetação,
Por isso sou creador,
No sentido figurado
Inda tenho mor valor. 2

Se o pae Adão não tocasse
Nesse fructo prohibido,
Não soffreria por certo
Entre outros este castigo. 2

O meu todo indica o pranto,
A tristeza, o luto, a morte!
Tambem aos mortaes indica
Que os espera a mesma sorte.

Todo aquelle que seguir
De Christo a religião,
Terá vivo aqui entrada,
Já morto de certo não.

P.e *Antonio Manoel da Silva* (Moncorvo).

Digitized by Google

Veshnon. — É a segunda pessoa da trindade indiana. Assim como Brama, a primeira pessoa, representa o principio creado de todas as cousas, e Diva, a segunda, o principio destruidor de todas as cousas, (*Almanach* de 1857, pag. 281, e de 1864 pag. 353) assim tambem representa, ou symbolisa, Veshnon, o principio conservador. Pela seguinte classificação vêem-se melhor os attributos, ou o que representa, segundo a doutrina indiana, cada uma das indicadas pessoas da sua trindade.

BRAMA	VESHNON	SIVA
Sol,	Agoa,	Fogo,
Creador,	Conservador,	destruidor,
Poder,	Sabedoria,	Justiça,
Passado,	Presente,	Futuro,

e algumas vezes

Materia,	Espaço,	Tempo.

Aqui damos hoje a figura de Veshnon. Representam-na com quatro braços, vestida magnificamente de cor azul celeste. Os seus olhos são d'um brilho extraordinario; tem ao peito o diamante maravilhoso, a pedra preciosa chamada Castrala, especie de talisman, que illumina todas as cousas, ou em que todas as cousas vem reflectir-se; verdadeiro espelho do mundo. Na cabeça tem uma mitra coni-

Digitized by Google

ca; com uma das mãos empunha a flor do lotus, com a outra o raio, como o Jupiter da mythologia grega; com outra o tchakrá, ou roda inflammada que penetra o céo e a terra, e cujo rapido movimento destroe, ou afasta todos os obstaculos.

Veshnon tem mil nomes, que se referem a outras tantas lendas, a que o devoto indiano attribue virtudes particulares, e que elle commemora passando as contas d'um longo rosario.

MARÇO — 21

Origem e fundação do convento da Lousa. — É tradicional, que havendo-se retirado a um monte proximo da pavoação da Lousa, fr. Antão Gonçalves, natural do Seixo d'Anciães; para, afastado do bulicio do mundo, gosar na solidão a paz e socego do espirito, lhe apparecera um anjo que da parte de Deus lhe ordenava a fundação de um convento em honra da Santissima Trindade, no alto daquelle monte. Viu-se o pobre do frade nos maiores embaraços quando notou que, do homem a quem a sorte negava os mais diminutos recursos, dependia a fundação d'um convento; e por isso viu-se na necessidade, dura necessidadede, de ir pedir auxilio aos seus visinhos, que não acreditando na mysteriosa apparição, repetidas vezes o repelliram com enfado.

Qualquer de nós, a não ser um Antão Gonçalves, desistiria da empresa, á vista de resultados tão desanimadores; porém, bem longe de o fazer, encheu-se do espirito do Senhor, e de repente os confundiu com a rapida cura d'um enfermo que estava prestes a despedir-se da terra. Foi tão grande a força d'este prodigio, que os ultimos a acredi-

Digitized by Google

tal-o, foram os primeiros a esforçar-se na satisfação da vontade divina.

Fosse, ou não fosse assim, o convento lá se conserva ainda hoje no cimo do monte, testemunhando uma das maiores vicissitudes porque tem passado o nosso Portugal.

João Baptista de Moraes Junior
(Carrazeda d'Anciães).

MARÇO — 22

Novo Icaro. — João Baptista Dante (não o confundam com o grande poeta) natural de Perouse, foi um excellente mathematico que floresceu pelo fim do seculo XV. Inventou este homem o modo de fazer umas azas artificiaes, tão exactamente proporcionadas ao peso do corpo, que servissem para voar com ellas. Effectivamente chegou a fazer bastantes experiencias e todas iam de bom a melhor. O mathematico conseguiu voar, e ainda fez algumas viagens, não muito grandes.

Persuadido de que podia dar-se em espectaculo diante d'um grande publico, o que redundaria em muita gloria para elle, numa occasião em que a cidade de Perouse festejava o casamento de Bartholomeu d'Alviana, armou-se das suas azas, elevou-se sobre a praça e subiu a grande altura no meio dos applausos da multidão. Mas, oh! desgraça! neste comenos quebra-se o ferro principal por onde se movia uma das azas, desde então o pobre mathematico não poude mais equilibrar-se, e caiu com todo o peso do corpo sobre o telhado da igreja de Nossa Senhora. Não morreu, posto que o caso era para isso, mas esmigalhou uma perna. Em paga, depois de curado, nomearam-o professor de mathematica em Veneza, emprego de que não chegou a lograr-se muito tempo porque morreu aos 40 annos de idade.

Este, quando se viu leccionando na sua cadeira, podia repetir como o outro «*à quelque chose malheur est bon.*»

Digitized by Google

Á VOLTA DA PRIMAVERA

Se amenos dias seguem
A uma tormenta escura,
E branda aragem pura
Percorre a solidão;
Se os campos reverdecem
Ao sol vivificante,
Cujo foco brilhante
Chama a vegetação;

Se já nos torvos rios
A cheia caudalosa
Se não ergue espumosa
Em soberbos cachões,
Mas placida se espraia,
E do valle e floresta,
Veem, na tranquilla sesta,
Doces emanações;

A natureza inteira
Trabalha em seus segredos,
Copam-se os arvoredos,
Brota do gomo a flor,
As aves, os insectos,
Persentem nova vida
Revoando confundida;
Tudo nos diz amor.

D'este immenso espectaculo
A sublime grandeza
Toda a doce bellesa,
Na grata mutação
Nosso espirito abrange,
Em suaves pensamentos,
Que fogem c'os momentos
Da nossa abstracção.

Depois não mais se encontram
Em seu incerto giro;
Bem como d'um suspiro
Leves ondulações
No vago vão perder-se,
Sua lucidez não volta,
E com ella d'envolta
Nossas inspirações.

Assim quanto é mais caro
Á nossa sympathia
Ligeiro se desvia
Quasi sempre de nós;
Ah! não só eu o sinto,
Mas dil-o o mundo inteiro...
D'um sonho lisongeiro,
Vem o acordar após.

D. Catharina Maxima de Figueiredo (Goiães)

PARIDADE

Perguntaram a um sugeito:
Em que se parece co'a lua
O amor dos homens? Respondeu:
Em que se não cresce mingua.

Digitized by Google

A antiga comédia. — A comédia nos seculos passados infligiu, mesmo contra os grandes personagens, censuras e satyras que hoje não estão nos nossos costumes, e que seriam muito estranhadas.

Ahi vae um exemplo d'entre muitos.

No reinado de Luiz XII estava ella ainda em França no seu berço, e chegava a não poupar mesmo este monarcha, que tinha recebido da nação o bello titulo de pae do povo. Teve elle uma doença perigosa, e na sua convalescença os descontentes fizeram compôr e representar uma comédia em que o rei apparecia com todo o apparato de doente. Os medicos consultam á roda d'elle, constituem junta, e não encontram outro remedio para o seu mal senão uma poção de oiro potavel. A estas palavras o principe pede de beber, dam-lh'a, e logo que toma os primeiros tragos o unico incommodo que sente é uma sêde inextinguivel. Deram-lhe mais oiro potavel e curou-se.

A platéa ria com as mãos nas ilhargas.

Havemos de confessar que a satyra podia ser injustamente applicada, mas que não é destituida de sal comico.

MARÇO — 24

A litteratura portugueza. — Se Portugal se tornou célebre, em diversas épocas, pelos seus afamados e corajosos guerreiros, não se tornou por certo menos célebre pelos seus insignes e abalisados escriptores.

Houve épocas em que Portugal figurou d'um modo nimiamente brilhante perante todas as nações; e esse brilhantismo era devido em parte aos homens que, com os seus escriptos, esforçadamente trabalharam para melhorar e formular a lingua portugueza.

A litteratura portugueza até ao começo do reinado de D. Diniz conservou-se sempre quasi no estado de barbarismo que a principio tinha. Á iniciativa d'este monarcha se devem os melhoramentos que ella então recebeu; sendo

Digitized by Google

um dos principaes a fundação da Universidade de Coimbra, para cujo estabelecimento convidou el-rei os mais sabios mestres estrangeiros que então viviam.

Este passo que D. Diniz deu foi um grande impulso para a litteratura portugueza, cujos salutares effeitos foram desde logo experimentados.

Continuou em prosperidade a litteratura portugueza, até ao reinado de D. João I, em que appareceu o primeiro chronista-mór do reino Fernão Lopes, bem conhecido historiador, o qual modelou a lingua portugueza, ainda imperfeita, e abriu o caminho aos historiadores subsequentes.

Seguiu-se ao reinado de João I, o de D. Duarte, em cujo periodo não houve movimento na litteratura digno de mencionar-se; até que no governo de Affonso V, ella fez grandes progressos. Este monarcha promulgou as *Ordenações Affonsinas* (o primeiro codigo que houve em Portugal), abriu em seus passos d'Evora uma bibliotheca, e fez outros muitos melhoramentos não menos recommendaveis. Alcançando grandes triumphos em Africa, alli enviou o segundo chronista-mór do reino, Gomes Eanes d'Azurara, para que o historiador ahi bebesse a verdade e energia que inspira a presença do theatro das façanhas, afim de mais fielmente as poder descrever. Neste reinado foi introduzida em Portugal a typographia.

Rui de Pina, foi o digno successor de Fernão Lopes e Azurara. Estes tres auctores, que illustraram o seculo XV, foram os fundadores da historia portugueza.

Apoz tão illustres escriptores seguiram-se successivamente outros, que, não menos zelosos do que aquelles, e com excessivas fadigas poderam elevar a litteratura ao grau de prosperidade a que chegou. Basta para exemplo, citarmos os nomes d'alguns que, por mais estimados dos entendidos, merecem a preferencia.

Como historiadores lembraremos João de Barros, Diogo de Couto, Goes, Mendes Pinto, Nunes de Leão, Faria e Sousa, e outros; não esquecendo os eximios classicos fr. Heitor

Digitized by Google

Pinto, Arraes, fr. Luiz de Sousa, fr. Bernardo de Brito, o padre Vieira, e muitos outros cuja enumeração seria longa. A este catalogo de classicos pode-se ainda juntar outro não menos importante — o dos poetas portuguezes; taes como, Camões, Sá de Miranda, Corte Real, Ferreira, Rodrigues Lobo, Quebedo, Bernardes, etc.

Com tão illustres cultores a litteratura portugueza havia chegado a um grau de aperfeiçoamento não vulgar. Porém, o depravado gosto que entrou a generalisar-se da leitura de livros francezes e de más traducções, fez com que se fossem esquecendo pouco a pouco as boas obras portuguezas, a ponto de serem por muitos quasi ignoradas; originando-se d'isto não só a introducção de gallicismos na lingua, mas tambem o máu systema de locução.

Os esforços que têem empregado alguns escriptores para obviar a este mal, com quanto poucos resultados hajam colhido até hoje, temos para nós, que mais tarde serão coroados do mais lisongeiro exito. *J. F. S. Firmo.*

Lição dada pelo discipulo ao mestre. — Um principe andando numa caçada e sentindo frio, disse ao aio:

— Dê-me o meu capote.

— Vossa altesa, acudiu o aio, devia exprimir-se d'outro modo. As pessoas da sua gerarchia fallam na primeira pessoa do plural, e nunca na primeira do singular, como nós outros: temos frio, dê-nos o nosso capote.

Passados dias teve o principe uma desabalada dôr de dentes; ia-lhe escapar a queixa verdadeira, quando lhe occorreu a advertencia e gritou:

— Ai como nos doem os nossos dentes!

— Os meus não, respondeu o aio.

— Tenho entendido, replicou instantaneamente o espirituoso mancebo, tenho entendido. O meu capote é nosso; as minhas dores de dentes são para mim só. Cebolorio, nosso aio.

Digitized by Google

CHARADA X

Corajoso marinheiro
Vae affouto navegando
Com a vista no horisonte,
Só agoa e céos avistando. 1

Procurando a terra amiga
Da tolda jámais a viu;
Subiu á ponta da gavia
E d'alli a descobriu. 1

Contente fica, ó se fica,
Com tão grata apparição;
Nos labios se lhe divisam
Signaes de satisfação. 1

Como foi longa a viagem
Os mantimentos poupou,
Mas hoje que ella termina
Mais liberal se mostrou. 1

Se em prado ameno, ou jardim mimoso,
Entre as flores ostentas maravilhas,
Entre as deidades, que na terra existem,
Em festivos salões tambem tu brilhas.

C. L. M. (Bahia).

O theatro.—Tem-se dito e repetido cem mil vezes que o theatro é a escóla dos costumes, que rindo os castiga, e cem mil vezes se tem respondido a isso que ninguem applica a si mesmo, e menos ao seu visinho a lição que observou na scena, e que por tanto ninguem sae moralisado da sala do espectaculo.

A isto responde o sr. Ed-Thierry:

«Se o theatro não corrige os vicios dos particulares, eleva o nivel dos costumes; faz a educação dos espiritos, propõe-lhes exemplos permanentes de virtude e de honra, esclarece a questão de todos os deveres, e fórma, esclarecendo-a, a consciencia publica!

É a reflexão mais justa, mais isempta de paradoxo, e mais sensata que temos visto sobre a influencia moral do theatro.

Digitized by Google

MORTUS EST JEZUS

Dos olhos me resvalam uma a uma
Amarguradas lagrimas de dor...
Eu sinto-me culpado e arrependido,
Perdão... perdão, Senhor.

Eu sinto-me culpado! — Sobre o peito
A fronte tristemente me descae;
Falla-me n'alma a voz da consciencia,
Meu Deus, Senhor, meu Pae!

Céos e terra se envolvem n'um sudario,
Vosso triste sudario, meu Jesus!
Deixae hoje qu'eu suba ao vosso Golgotha
E me abrace na cruz...

Digitized by Google

Das sacrosantas chagas fio a fio
Vosso sangue de todo se esvaiu,
E sobre as roxas faces funde sulco
O pranto vos abriu!

Sob o peso da cruz quasi de rastos,
Vos fez o duro açoite caminhar!
Cuspiram-vos nas faces, e d'espinhos
Vos ousaram c'roar!

As mãos e os pés no tronco do calvario
Vos cravaram, Senhor Deus d'Israel,
E aos vossos labios pela febre ardidos
Chegaram torvo fel!

Cubriu-vos de baldões, e de sarcarmos
Sanguisedenta plebe de infieis;
Por mortalha lençol mesquinho apenas
Vos deram, Rei dos Reis!

E vós, que terra e céos nas mãos sustendes,
Permittiste-o assim por nos salvar,
E aos algozes que a vida vos tiraram
Quizestes perdoar!...

Eu sinto-me culpado! — Os seios d'alma
Remorde-me continuo agro pungir...
Fui rebelde, mas ante vós contricto,
Senhor, eis-me a carpir.

Bem sei, bem sei, Senhor, que de desculpa
Eu, peccador, merecedor mal sou;
Porém crente em que haveis de perdoar-me
Hoje implorando-a estou...

Digitized by Google

Oh! concedei-m'a pelo sacrificio
Consummado por vós sobre essa cruz!
Concedei-m'a por vossa Mãe Santissima.
Perdão... perdão, Jesus!

J. Dantas de Sousa (Rio-frio—Arcos de Val de Vez).

MARÇO — 27

As mulas dos clerigos. — D. João II, talvez por julgar que a humildade clerical não se casava bem com um grande estado, defendeu que nenhum clerigo podesse andar em mula de sella. Julgaram-se por esta disposição offendidos, e muitos abbades e clerigos abastados d'entre Douro e Minho e Traz-os-Montes requereram logo a el-rei que lhe guardasse os privilegios da Igreja e que lhes não defendesse o uso das mulas, senão que appellariam para o papa.

—Não quero entender com a jurisdicção da Igreja, disse o rei apenas leu a ameaça; tenham muito embora as mulas, mas farei o que pela jurisdicção civil posso e devo fazer. Em seguida mandou apregoar em todo o reino que qualquer ferrador, ou homem que ferrasse mula de sella morresse por isso.

Conseguiu o que queria; os clerigos não tiveram porque ir, ou mandar a Roma, e deixaram-se de mulas por que ninguem lh'as ferrava.

Em vida d'el-rei, diz o seu chronista Garcia de Rezende, nunca as mais houve.

Dois previdentes. — Um caloteiro dos mais conhecidos da cidade estava ajustando um criado, e perguntou-lhe se tinha quem o abonasse. Tirou-me v. ex.ª a palavra da bocca, respondeu o homem, isso mesmo estava eu agora para perguntar a v. ex.ª por causa das soldadas.

Digitized by Google

Domingo da Resurreição. — Raiou o grande dia do Senhor!... A Igreja exulta de vivo regosijo, e na doce effusão do enthusiasmo communica aos queridos filhos os jubilos de seu coração. Ella despe o luto da viuvez que ha pouco deplorava, e trajando festivas galas corre ao encontro do esposo, que triumpha dos horrores do sepulchro e ressuscita cheio de gloria e magestade. Saudemos pois o grande dia do christianismo: entoemos em seu louvor hymnos de gratidão; e reunidos em fraternal abraço festejemos, como leaes discipulos do Redemptor, a primeira época da nossa augusta religião. Sim, hoje, na phrase do sabio bispo de Clermont, foi autorisado o Evangelho de Jesus Christo, seu ministerio reconhecido, suas promessas

satisfeitas, suas prophecias cumpridas, sua doutrina provada, e todos os seus padecimentos coroados. Foi hoje que os escandalos desapparecerram, os mysterios ignominiosos do Senhor se explicaram, a obscuridade de suas palavras se comprehendeu, o sentido das escripturas se definiu, os inimigos da religião se confundiram e a fé de todos os séculos se firmou em solidas bases. Taes são os importantes successos que a Igreja de Jesus Christo recorda na solemnidade d'este grandioso dia. Os christãos á imitação dos primeiros fieis procuram esquecer nesta época as differenças que os separavam: buscam avistar-se, congratulam-se

Digitized by Google

mutuamente, e reunidos no templo, formando um só corpo, celebram as glorias do Salvador.

Arcypreste *Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva* (Brazil).
(Extr. d'um sermão inédito)

MARÇO — 29

SAUDADE

A um infeliz pae

Vês estes louros cabellos,
Tão gentilmente enlaçados ?...
Não cançam olhos por vêl-os,
Tão lindos são !...
—«Foram dados ?»
Foram. Ninguem imagina,
Como eu adoro esta trança...
—«Que fogo os olhos te anima!
Talvez...»

Foi uma creança,
Quem (pobre anjo ! coitado !)
Esta trancinha me deu...
—«Mas hoje o anjo adorado»
Stá entre os anjos... morreu !
—«Morreu ? !»
Morreu.
—«E a lembrança
Inda em teu peito rebrilha ? !»

É que a innocente creança
Sabes ?... era minha filha ?

Joaquim Alves C.

MARÇO — 30

Gracioso madrigal. — É um dos mais bellos o que foi dirigido por um *bel-esprit* da côrte de Luiz XIV á celebre marqueza de Sévigné, que apparecera uma vez não sabemos porque motivo, com os olhos vendados :

De toutes les façons vous avez l'art de plaire,
Sous mille aspects divers vous charmez tour-à-tour ;
Voyant vos yeux bandés, on vous prend pour l'Amour
Les voyant découverts, on vous prend pour sa mère.

Digitized by Google

Um modelo de eloquencia sagrada. — Eis um excerpto do sermão, que ácerca da promessa do Messias prégou em França o celebre e afamado *Menot*, que alli floresceu ha mais de 350 annos; vamos a elle que é engraçado: «Deus, diz elle, tinha *ab æterno* determinado a encarnação, e a salvação do genero humano, mas queria que grandes personagens, taes como os santos padres, lh'a pedissem. Adão, Enos, Mathusalem, Lamech, e Noé depois de terem inutilmente sollicitado, lembraram-se de lhe mandar embaixadores. O primeiro foi Moisés, o segundo David, o terceiro Isaias, e o ultimo a Igreja: estes embaixadores sendo tão mal succedidos como os patriarchas, julgaram acertado deputar-lhe mulheres. Madama Eva foi a primeira que se apresentou, á qual Deus respondeu: *Eva, tu peccaste e não és digna de meu filho.* Depois madama Sara, que disse: *oh! Deus ajuda-me.* Deus respondeu: *tu tornaste-te indigna pela incredulidade que mostraste quando te assegurei que serias mãe de Isaac.* A terceira foi madama Rebecca. Deus lhe disse: *tu lesaste enormemente Esaú em beneficio de Jacob.* A quarta madama Judith, a quem Deus disse: *tu assassinaste.* A quinta, madama Esther, a quem elle disse: *tu tens sido muito casquilha, perdias muito tempo a enfeitar-te para agradar a Assuero.* Em fim, foi enviada a creada da camara *(chambrière)* de 44 annos de idade, a qual com os olhos no chão, e toda vergonhosa se ajoelhou e lhe disse depois: *que o meu bem amado venha ao meu jardim para comer os seus pomos;* o jardim era o ventre original. Ora o filho tendo ouvido estas palavras, disse a seu pae: *meu pae, desde a minha mocidade amei esta, quero-a ter por mãe.* No mesmo instante chama Deus a Gabriel, e lhe diz: *vae depressa a Nazareth a casa de Maria, e entrega-lhe da minha parte esta carta.* E o filho accrescentou: *dize-lhe da minha parte que a escolhi para minha mãe. Assegura-lhe,* diz de-

Digitized by Google

pois, o Espirito Santo, *que eu habitarei nella, e entrega-lhe tambem esta carta da minha parte.*

Era d'um auditorio ficar de bôca aberta.

Os sermões d'este franciscano são ainda hoje procurados pelos amadores, pela mistura barbara que nelles se faz do sério e do comico, do sagrado e do burlesco.

Antonio Maria do Amaral Ribeiro (Barcellos).

ABRIL — 1

AMOR

Foi quando veiu abril que a ingenua creança
Sentiu num vago anceio a fronte adormecida,
E indo ás flores contar seus sonhos d'esperança
Achou o lyrio d'alma, a branca flor da vida.

Como se fosse um seio o mysterio elabora
Principios, seivas, alma, a vasta creação;
É mãe a natureza, é mãe, e á mesma hora
Abre aos raios do sol a flor e o coração.

Palpitações do céo, meditações do valle,
Tremores do rochedo e murmurios da rama,
Saudações pelo ar, sem se saber quem falle,
Beijos, suspiros, ais, sem se saber quem ama,

Mas em tudo a paixão, mas a palavra em tudo...
Ai! quando abraza o mundo este mystico ardor,
Podia o labio humano, elle só, ficar mudo,
E a fronte onde ha razão não se embriagar d'amor?

O amor é o grande centro, o amor é o grande laço;
Eu bem o vejo ir do nada á immensidade;
É lei, é harmonia, e governa no espaço,
É Christo, é Deus, é o Bem, e rege a humanidade.

C. (Cabo Verde).

Digitized by Google

ABRIL — 2

Os cabellos louros. — O louro vivo chegou a ser a côr mais estimada para os cabellos entre os romanos. Os que os tinham de outras côres serviam-se do açafrão para os tornar louros. O furor de ter assim os cabellos não era menor nos homens do que nas mulheres; serviam-se d'um pó de ouro que se misturava á tintura que davam no cabello. Segundo Herodiano, o cabello de Commodo tinha-se tornado por isso d'um louro tão brilhante, que quando elle estava ao sol, parecia que a cabeça lhe estava a arder.

Ao que parece nem sempre as mulheres faziam uso d'este pó dourado, mas nem por isso as suas cabeças tinham menos brilho. Atavam os cabellos com pequenas cadeias e aneis de ouro, ou com fitas côr de purpura ou brancas guarnecidas de pedras, e atravessavam-os com lanças de não menos brilho. Por cima usavam, como agora, uma especie de véo ou coifa que juntava e sustinha os cabellos.

Pelo que vamos vendo não tardará que sejamos romanos.

ABRIL — 3

CHARADA XI

Não me procures no fim,
Nem tão pouco no começo. 2
Se procuras ahi estas,
Conta já com o tropeço. 2

Por mais esforços que faças,
É sabido para mim
Que não encontras o todo
No começo nem no fim.

D. Justina Augusta Ramos e Mello (Escalháo).

A taberna e o botequim. — A taberna, dizia Bautru, é um logar onde se vende a doidice engarrafada, e o botequim é o estabelecimento em que ella se vende aos copinhos.

Digitized by Google

As vêspas. — As vêspas são geralmente consideradas, como parasitas incommodos e perigosos. É verdade que nos não fazem muito boa visinhança, e que muitas vezes nos obrigam a levantarmo-nos para lhes fugirmos. Entretanto não as consideremos só debaixo do ponto de vista máo.

A vêspa, diz um escriptor competente no assumpto, recebeu da naturesa a missão de livrar o homem das moscas carbunculosas, cujas mordeduras são muitas vezes fataes, e para o conseguir não lhe é preciso servir-se do ferrão.

Quando um animal morto fica abandonado no campo,

decompõe-se em pouco tempo, e cobre-se de pequenos vermes brancos apenas visiveis, que são depositados por grandes moscas pretas, pardas, ou de côres metallicas. As vêspas, muito gulosas de taes vermes, tratam logo de livrar os cadaveres d'esses hospedes, impedindo assim que a decomposição seja tão completa. Basta uma vêspa pousar sobre um cadaver, para immediatamente as moscas carbunculosas desapparecerem.

As vêspas, pois, só com a sua presença livram o homem dos perigos, a que essas moscas o expõem, e por isso merecem que lhes poupemos a vida. É certo que se multi-

Digitized by Google

plicam consideravelmente, mas tambem basta o mais ligeiro frio para as matar. Além d'isso é raro servirem-se do ferrão quando as não excitam. Deixemo-las pois viver, que nos podem ser proveitosas.

ABRIL — 5

Bisca piedosa. — Nas ilhas de Cabo Verde e na Guiné, quando morre algum preto ou preta, ajuntam-se os parentes do finado e dá um tanto cada um, ao que chamam taxa, até que chegue para se comprarem dois garrafões d'aguardente, para durante a noite beberem e darem de beber a todas as visitas, que vêem dar os sentimentos á familia do finado.

Cada uma d'estas traz algumas patacas que nunca excedem a tres, e uma carta, para lhe ser entregue á familia no outro mundo. As cartas em geral participam que houve boa ou má colheita de milho, aboboras, feijão, e que tem chovido muito, ou pouco; se tem chovido pouco pedem nas cartas para que intercedam lá com os seus conhecimentos afim de que chova mais.

Á noite quando todos estão juntos, e que o defunto está em cima d'um estrado, com duas velas á cabeceira, que nunca se acendem, porque só se alumiam com uma candeia muito suja, traz a familia do finado alguns baralhos de cartas muito usados, formam differentes grupos e começam a jogar a bisca. O que perde a este jogo, que se exerce sempre no meio de grandes risadas e muita algazarra, tem de resar, não só os seus padre nossos, mas os dos outros que ganharam, mas isto em tom tão alto e lacrimoso, que possa ser ouvido por quem passa na rua.

Quando o cadaver sae de casa começam todos a chorar e cada um a recommendar as suas cartas ao defunto, pedindo-lhe que não se esqueça de as entregar, accrescentando a isto mais um ou dois patacos e *mantanhas* (saudades) ao pae, á mãe, aos irmãos e aos parentes e conhecidos. É nesta

Digitized by Google

occasião que a familia do defunto entrega tambem as suas cartas e alguns patacos. Acabado o enterro voltam para casa, e durante oito dias continua o jogo; que nunca é desacompanhado de novos prantos e novas libações, por que as visitas, que vem depois, e que umas ás outras se succedem, são por uso obrigadas a mandar buscar mais garrafas d'aguardente. É com tal bebida que esta gente cura sempre as suas mágoas.

F. I. Callado (Bissau).

ABRIL — 6

Substituição original. — Um alfaiate foi condemnado a ser enforcado.

Era numa aldeia da Normandia.

Os habitantes foram em deputação ter com o juiz.

— O que querem? perguntou-lhes este.

— Oh! senhor juiz, disseram elles, se o nosso alfaiate é enforcado, faz-nos isso um grande transtorno porque só o temos a elle. Ora como nós temos dois carpinteiros de carros, escolha o senhor juiz um d'elles e enforque-o em logar do alfaiate; comtanto que fique um, é o que basta.

ABRIL — 7

ENIGMA III

É verdade, que os vi eu:
Tres caçadores na caça
A tres coelhos mataram;
Cada um comeu o seu;
(Que bom proveito lhe faça)
E dois ainda ficaram.

Novo Charadista (Porto).

Digitized by Google

A festa das almas no Japão.—Esta festa é celebrada no Japão todos os annos, e dura ordinariamente dois dias. Quando chega o seu tempo á entrada da noite illuminam-se todas as casas, como para um regosijo publico. Depois saem da cidade e vão visitar os tumulos dos mortos, aos quaes levam differentes viveres. Imagina-se que durante esta festa, as almas dos defuntos voltam á terra, para verem os seus parentes e amigos. Cada japonez se entretem com os mortos fazendo-lhes comprimentos ácerca da sua volta ao mundo, e testemunhando-lhes a alegria de os tornar a ver. A conversação não é longa, porque os mortos como se sabe não são falladores.

Os viveres não os comem os mortos, comem-os os vivos, e as libações tornam a conversação mais calorosa. Depois do banquete, cada japonez convida as almas dos seus parentes a virem passeiar á cidade. Suppõe-se que os mortos aceitam este convite, e deixam-os para voltarem a suas casas e prepararem tudo que fôr necessario para os receber dignamente. Concluidos os preparativos, levando cada um seu archote acezo, saem pela segunda vez da cidade e vão ao encontro dos mortos, que elles suppõem achar já em caminho. Allumìam-n'os, entram com elles na cidade, e nada esquecem para lhes dar bom agasalho.

Ai! a ventura dos mortos dura pouco. Se no meio d'isto expira o tempo da festa as pobres almas, que foram regaladas, allumiadas, e festejadas na vinda, são brutal e grosseiramente apedrejadas e postas fóra da cidade, havendo todo o cuidado em que nenhuma fique dentro, o que seria considerado como prognostico de grande desgraça.

Quem nos conta tudo isto é Kempser na sua *Historia do Japão.*

Prova real.—O conde de Petersborouhg, filho d'uma illustre familia d'Inglaterra, era inimigo declarado do

Digitized by Google

famoso duque Malborough, o qual era tão forrêta quanto o primeiro generoso. Um dia chegam-se uns poucos de mendigos ao conde e pedem-lhe esmola chamando-lhe milord Malborough.

— Milord Malborough serão vocês, eu não; e aqui está a prova....

Deu um guinéo a cada um.

ABRIL — 9

DOLORA

(No transito d'uma joven)

VERTIDO DE CAMPOAMOR

Carolina, pobre amiga,
Oh! jámais te heide olvidar!
— Vede o que o mundo dizia
Quando o enterro ia a passar:

Um padre: «Comece o canto»
O doutor: «Já não padece»
O pae: «Afoga-me o pranto!»
A mãe: «Meu Deus, se eu morresse!...»

Um rapaz: «Tão enfeitada!»
Um mancebo: «Era tão bella!»
Uma joven: «Desgraçada!»
Uma anciã: «Feliz foi ella!»

Dorme em paz! os bons repetem.
Adeus! dizem os demais.
Um philosopho: «Um ser de menos»
Um poeta: «Um anjo mais!»

Bulhão Pato.

Digitized by Google

ABRIL — 10

A mulher de Democrito.—Democrito, o philosopho, que andava sempre a rir das loucuras do mundo, era homem corpulento, e casou com uma mulher de pequenissima estatura.

Perguntaram-lhe um dia porque sendo elle tão alto procurara mulher tão baixa. Respondeu:

— Porque do mal o menos.

Se Democrito assim pensava, não faria loucura em casar, e antes de rir dos outros não deveria rir de si mesmo? Cremos que sim.

ABRIL — 11

Cabo de Santa Marta.—Muito conhecido dos navegantes na costa meridional do Brazil, na provincia de Santa Catharina, situado em 28°, 40′ de lat. S. e 51°, 2′ de long. O. do merid. de Paris, nove milhas ao sul da barra da Laguna, e á vista do qual ordinariamente passam as embarcações, que navegam demandando os portos do Rio da Prata, para fazerem a derrota.

A denominação d'este cabo ou promontorio data do anno de 1773, em que nesse logar naufragou, em viagem da Colonia do Sacramento para a Metrópole, uma náo chamada Santa Martha, que levava consideravel somma de dinheiro em metal precioso. O cofre, depois de salvo e conduzido á praia, desappareceu coberto pelas areias movediças, que alli em um instante formam altos cômoros. Vinha na qualidade de chefe o almirante Toledo, o qual continuando por terra sua viagem com destino ao Rio de Janeiro, resolveu-se a ficar em S. Paulo, onde se estabeleceu e casou, e de quem descende, segundo julgo, uma familia notavel d'aquella provincia.

Arcypreste *Jaaquim Gomes d'Oliveira Paiva*
(Santa Catharina — Brazil).

Digitized by Google

ABRIL — 12

Presentes de Nossa Senhora.—Um catholico de Breslau furtou um coração d'ouro que adornava uma imagem da Virgem. Defendeu-se perante a justiça com dizer que fôra a Virgem mesma quem por sua mão lh'o tinha dado. Os magistrados condemnaram-n'o. O réo appellou para o monarcha philosopho, amigalhão de Voltaire.

Frederico mandou reunir uma junta de theologos para que decidissem se era formalmente impossivel que a Mãe Santissima désse um presente a quem quizesse. Respondeu que formalmente impossivel não era. Então el-rei escreve por baixo da sentença do culpado:

«Perdôo-lhe; mas com a condição de que não ha de tornar a receber presentes nem da Virgem Maria, nem de santo algum do paraizo.

ABRIL — 13

André Chénier. — Um dos vultos mais sympathicos e por ventura o mais infeliz da litteratura franceza é sem duvida o de André Chénier.

Poéta cheio de genio e d'arte, diz Villemain, traduziu com doçura maravilhosa os mais delicados sentimentos da alma.

André Chénier nasceu em Constantinopla em 1762. Educado num collegio de Paris, cedo começou de patentear os recursos de sua intelligencia e pendor ás lettras; aos quatorze annos era já poéta.

Saido do collegio, seguiu a carreira militar, que abandonou depois, procurando no estudo alimentos ao seu talento.

Abraçou com generosa candura as idéas da revolução. Mas quando a viu deshonrada, quando viu assassinos em vez de sacerdotes, cadafalsos em vez de templos, as trevas escondendo a luz, possuiu-se de nobre indignação, e desfechou nos algozes a sua generosa cólera. Perdeu-o esta

Digitized by Google

imprudencia. Foi preso e condemnado á morte, tendo apenas trinta e dois annos d'idade.

O enthusiasmo juvenil e a imaginação poetica de André Chénier abriam-se por vezes a pensamentos de gloria. Caminhando para o cadafalso, batia ainda na fronte, repetindo o seu dizer frequente: *Et pourtant il y avait là quelque chose!*»

Á beira do tumulo podia o desditoso poéta recitar a estrophe da sua *Jeune Captive* que principia: Est-ce à moi de mourir?.... e que um dos nossos primeiros lyricos mimosamente traduziu assim:

— Hei de eu morrer?... porque? Se eu não diviso
Em minha alma um remorso: ou durma ou véle
Eu vélo e durmo em paz, na paz do justo;
Em todo o labio a luz me abre um sorriso;
Até neste logar que o riso expelle,
E onde ella assoma a custo

Joaquim Alves C.

ABRIL — 14

CHARADA XII

Exprimo com primeira e com segunda 2
O que muito veloz, terceira faz 1
Em cidade do reino lá de Hespanha,
O todo, leitor meu, encontrarás.

D. J. de Macedo (Sergipe — Brazil).

Uma satyra de Victor Hugo. — O sr. Ramalho Ortigão achando-se em Pariz em Novembro de 1867, disse d'alli em uma carta que dirigiu ao *Jornal do Porto*:

«Encontrou-se ultimamente uma strophe inédita, feita pelo autor de *Rui Blas*, no tempo da sua mocidade. Esta

Digitized by Google

strophe consagrada a uma mulher que tinha um respeitavel joanete, mal traduzida em vulgar, diz assim:

Sendo flor, como eu presinto
Que toda a mulher o é,
Tu deves ser um jacintho,
Que tem cebola no pé.

ABRIL — 15.

Jantares baratos. — Os estabelecimentos culinarios podiam fornecer a alimentação muito barata. Como? Applicando-se-lhes o principio da associação e produzindo este os seus effeitos economicos. Ha em Londres, por exemplo, um estabelecimento denominado *coontring dépot*, onde se vendem muito bons e succulentos jantares por 110 réis. Dá boa vacca, ervilhas e batatas por 70 réis. Uma tijela de sopa por menos de 20 réis, e excellente cerveja pela differença. Em Glasgow ha outro estabelecimento identico a este, onde tambem o jantar é optimo e muito barato, porque a elle concorrem por dia mais de 1:500 operarios.

O jantar do *coontring dépot* é tão bom, que o *London Review* diz que lord Brougham convidara os seus collegas da camara a irem lá comer, por isso que a sopa que alli se dá não era inferior á que s. ex.as teem nas suas proprias casas.

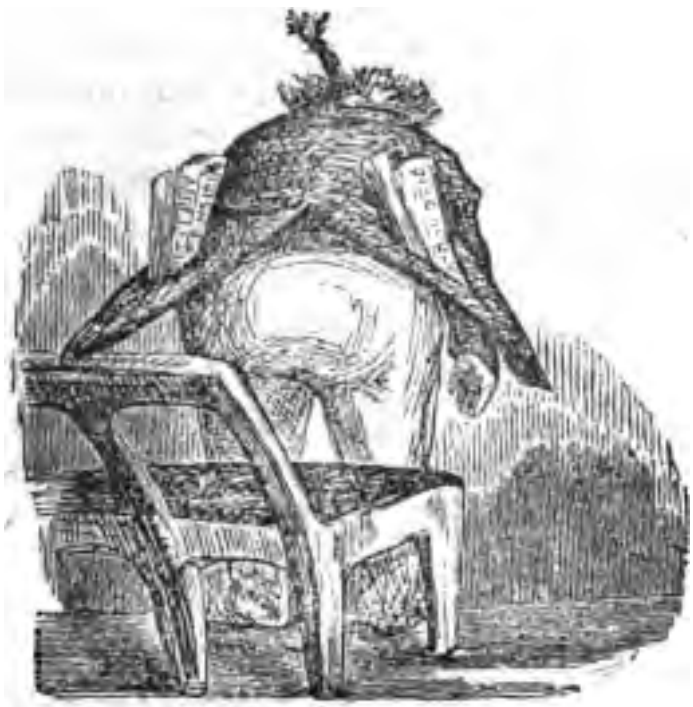
Quem nos déra cá d'isto.

Digitized by Google

Presagios romanos. — Os Etruscos, antigo povo da Italia, eram habilissimos em decifrar presagios e em todas as outras especies de adivinhação. Os romanos aprenderam d'elles tudo o que sabiam, e durante muitos seculos o senado de Roma enviou á Toscana mancebos das primeiras familias para ahi estudarem uma sciencia, que se julgava importante para a conservação do estado.

Estes presagios eram de muitas especies, mas podem reduzir-se a sete principaes. São estas:

1.º *As palavras fortuitas.* Antes de se começar qualquer empresa saía-se de casa para recolher as palavras da primeira pessoa que se encontrasse, ou se enviava um escravo para escutar o que se dizia na rua. Estas palavras, proferidas ao acaso eram o que os decidia, ou não, a tomar as resoluções mais importantes.



2.º Os *estremecimentos* d'algumas partes do corpo, principalmente do coração, dos olhos, ou dos sobrolhos. As palpitações do coração eram tidas em conta de mau signal, e presagiavam particularmente a traição d'um amigo. Os estremecimentos do olho direito ou dos sobrolhos, eram ao contrario, de bom agouro.

3.º O *zunido dos ouvidos* e os ruidos que se julgavam ouvir. Os romanos diziam, como ainda se diz hoje, que

Digitized by Google

quando uma das orelhas estava quente era signal de que alguem estava fallando a seu respeito na ausencia.

4.º Os *espirros*. Os espirros de manhã, isto é, desde a meia noite até ao meio dia, não eram reputados bons; ao contrario, eram melhores quando se davam de tarde. Entre estes estimavam-se mais os que soavam do lado direito; mas o amor tornava-os sempre favoraveis aos amantes, quer fossem da direita, quer da esquerda, diz Catulo nos seus versos.

5.º As *quedas imprevistas*. Camillo depois da tomada de Vejos caiu no acto de dar graças aos deuses, e esta queda foi tida depois como presagio do seu exilio e da tomada de Roma pelos gaulezes. Se empeçavam no rebate da porta, saindo, se se lhe quebrava o cordão dos sapatos, ou se, levantando-se da cadeira, ficavam presos pelos vestidos tudo isto era considerado de mau agouro.

6.º O *encontro de certas pessoas, ou de certos animaes*. Um ethiope, um eunucho, um anão, um homem contrafeito que vissem de manhã ao sair de casa, aterrava-os e os fazia retroceder. Da mesma sorte havia animaes cujo encontro era de bom ou mau agouro: eram de bom agouro, por exemplo, o leão, as formigas e as abelhas; de mau, as cobras, os lobos, as raposas, os cães, os gatos, etc.

7.º Os *nomes*. Detestavam-se em geral os nomes que significavam cousas tristes ou desagradaveis; e por isso exigia-se que os meninos que ajudavam nos sacrificios, que os ministros que faziam a cerimonia da dedicação d'um templo, e que os soldados que primeiro se alistavam, tivessem nomes felizes.

Podiamos a estes ajuntar muitos outros presagios; porque, se havia povo essencialmente supersticioso era o romano. Como nos legou as suas leis, legou-nos tambem muitas d'estas fraquezas d'espirito, e ainda hoje não faltam romanos tanto entre nós, como entre os povos que se dizem mais civilisados.

Digitized by Google

ABRIL — 17

A patria.— A terra, villa, cidade, ou reino, em que se nasce. Ama cada um a sua patria, como origem do seu ser, e centro do seu descanço. Raras vezes saem as aves dos bosques em que tiveram seu ninho. Tem a patria qualidades retentivas para os que nascem n'ella, e attractivas para os que d'ella se apartam. Representavam os antigos o amor da patria em figura de mancebo; porque este amor, ao contrario dos outros, cresce com os annos, e não passa das caricias ao desdem, e do fogo á neve, como quando chega a velhíce. O mais agradavel domicilio, é o da casa paterna, e os que estimam os peregrinos mais que os sedentarios, na opinião de Plutarco, são como aquelles que preferem ás estrellas fixas as errantes. Até as feras amam os seus covis e as serpentes as suas cavernas. A patria de Ulysses, não era Roma, cabeça do mundo, e throno da gloria mundana, nem era sua patria Athenas, honra da Grecia, e cadeira de Minerva. Patria d'este famoso varão era Ilhaca, ilheu do mar Jonio, esteril, e deserto; saiu d'elle para a guerra de Troya, em que militou dez annos, e depois d'outros dez annos de navegação foi deixar a ossada no seu penedo. *D. Raphael Bluteau.*

ABRIL — 18

CHARADA XIII

Estou no homem, na mulher,
E na igreja estou ás vezes 2
Se vaes assim não vaes bem,
Podes soffrer teus revezes 2
O final d'esta charada
É bem pouco, é quasi nada. 1

Resulta d'um instrumento
Que em se empregando faz mal,
Chocando sempre a primeira
Por ser o mais natural.

João Carlos de Valadares Mascarenhas.

Digitized by Google

FOGE-ME A VIDA [1]

O' ciel ! morir si giovane,
lo che penato ho tanto!
La Traviata.

Eu sinto que bem depressa
A minha vida se esvae,
Como o som triste d'um carme,
Ou como o echo d'um aí !

Uma febre assustadora
Me devora lentamente ;
A tristeza de minh'alma
Se apoderou de repente !

O meu corpo se definha
Ao peso do desalento ;
A feia morte se estampa
No meu rosto macilento !

É terrivel este instante
De desanimo e torpôr,
Quando se sente nas faces
Uma lagrima de dôr !

Oh ! aurora sem crepusculo,
Que te occultas tão depressa!
Oh ! como é triste morrer-se
Quando a existencia começa !

Eu devêra ir d'este mundo
A rir... á rir de prazer,
Se não fôra o sentimento
De — tão creança — morrer !

Os meus sonhos tão risonhos
Vão em breve dissipar-se ;
Minhas crenças tão fagueiras,
Tão lindas, vão apagar-se !

Oh ! como dóe dentro d'alma
A dôr de morrer creança,
Quando tudo diz — ventura !
Quando tudo diz — esp'rança !

[1] Os versos que vão ler-se foram-nos remettidos pelo sr. Bellarmino Carneiro, de Pernambuco, e fallando do seu autor dizia-nos na mesma occasião. «A poesia *Foge-me a vida*, é producção d'um meu amigo d'esta provincia, pobre esperança que se finou tão cedo, e foi tão precocemente desfolhada nas sombras do sepulchro. Escripta nos ultimos dias da sua existencia, como o derradeiro canto do cysne, essa candida e ingenua melodia é repassada da angustia dolorosa d'uma alma que se despede para sempre dos bellos sonhos da mocidade, das doçuras d'uma primavera que desponta, e dos amores, que primeiro lhe acordaram no coração, ainda virgem, os poemas mysticos d'affeições reconditas, adormecidos na lyra dos seus vinte annos.»

Digitized by Google

Eu digo um adeus ao mundo
Já que a vida se me esvae,
Como o som triste d'um carme,
Ou como o echo d'um ai!

J. A. Bessoni d'Almeida (Pernambucano).

ABRIL — 20

Os olhos d'uma artista julgados diversamente. — Quando mademoiselle Sontag appareceu pela primeira vez no palco, fez em todos vivissima impressão a sua formosura; era um murmurio geral de louvores enthusiasticos.

— Realmente é lindissima, exclamou um dos espectadores para o seu visinho! que pena ter um olho mais pequeno que o outro.

— Que diz o senhor? respondeu o visinho. Pelo contrario, diga antes que ella tem um olho maior do que o outro.

ABRIL — 21

CHARADA XIV

Rouba o todo a derrradeira 2
Se pratica essa primeira 2

Acaso será volatil?[1]
Será acaso levita?
Não será. Será quadrupede?
Não sei, mas na terra habita.

Agora em additamento,
(Attendam, reparem bem)
Declaro que sobre a agoa
Habita o todo tambem.

Não a mateis no ar,
Não. Deixae-a pousar.

Francisco Pereira Soares da Motta
(Marco de Canavezes).

[1] Referencia ao *Almanach* de 1867, pag. 175.

Digitized by Google

Como fallam de nós.—Por occasião de se inaugurar o caminho de ferro de Madrid a Lisboa, o que foi em novembro de 1866, publicou um jornal madrileno — *Los Sucessos* — uma gravura representando o nosso Terreiro do Paço, e descrevendo a praça disse:

«Nesta sumptuosa praça, onde se acham todas as repartições publicas do visinho reino, *estão collocadas as estatuas de D. José I, e marquez de Pombal, em trage de côrte, e a cavallo, ambas as figuras de tamanho natural*; fundidas em bronze, assentes em um forte pedestal de marmore, circundado por uma grade de ferro, e guardadas por duas sentinellas d'infanteria.»

Esta parece-se com a do outro, que em França, ao fallar da nossa terra em boa lettra redonda, disse, que da foz do rio Liz é que saira, em 1588 a *invencivel armada*, que Filippe II enviou contra a Inglaterra.

Pobre rio Liz, tão cantado pelo bucolico Francisco Rodrigues Lobo. Mal cuidava elle, quando festejava as tuas pastoras, que te haviam de pôr em tamanha altura.

Em lá por fóra se tratando das nossas cousas ha por força... bernardice.

Leis gentilicas.—Entre os diversos usos, que são leis para os povos gentios d'esta provincia, ha alguns notaveis por sua muita originalidade. Os filhos não são herdeiros dos paes, porque dizem elles, podem mesmo não ser parentes; os herdeiros legitimos são os sobrinhos, mas só os filhos d'irmãs, pois que (ainda elles dizem), são os unicos em que não póde haver duvida no legitimo parentesco. Os tios têem mais poder sobre os sobrinhos, do que os paes sobre os filhos, pois podem até vendel-os, e utilisar-se do producto da venda, no qual os paes apenas têem uma pequena parte. Não sendo isto permittido aos paes, é com-

Digitized by Google

tudo permittido ás mães, mas estas só com extrema necessidade é que podem usar d'este direito.

Quando a mulher está certo tempo com o homem e não tem filhos, é elle considerado incapaz, e condemnado a ser escravo; unida a segundo e succedendo o mesmo, ainda tem o mesmo castigo; mas se se une a terceiro e ainda não tem filhos, é a mulher então considerada a causadora da falta, e incorre nas referidas penas. Se qualquer d'estes homens tem sobrinhos, apresenta-os e resgata-se escravisando-os.

Comprar um escravo ao gentio, é um acto humanitario, porque são vendidos por castigo, e seriam mortos se esse pequeno interesse não fizesse preferir a venda. Em geral, o gentio considera a mulher escrava do homem, com obrigação de trabalhar para o sustentar, e são quasi sempre ellas que tratam da pequena agricultura de que vivem.

M. J. Baptista (Loanda).

ABRIL — 24

LOGOGRIPHO V

Pobre coberto d'andrajos — 1.ª e 2.ª
Do leito estendendo a mão, — 2.ª e 1.ª
Feito d'egypcia figueira, — 3.ª e 2.ª
Implorava a compaixão.

Parvo, grita um usurario, — 2.ª e 3.ª
Mostrando embrulho de couro; — 1.ª e 3.ª
Se este açoute desenvolvo,
Dou golpes, em logar d'ouro — 3.ª e 1.ª

Quem é você, diz o pobre?
Ah! já sei, é onzeneiro;
Já estudei o Lawater,
Na testa vejo o letreiro.

João Maria Mergulhão Neves Cabral (Armamar).

Digitized by Google

ABRIL — 25

Cumprimento retribuido. — Offereceu a Voltaire, Frederico magno da Prussia, uma formosa estatua que mandara fazer de porcelana em honra do poeta philosopho, seu amigo, e em cujo pedestal se lia unicamente a seguinte inscripção — *immortali* (ao immortal).

Voltaire agradeceu-lhe, dizendo que acceitava o quinhão que Frederico lhe dava nos seus dominios.

Aos que liam a legenda d'aquelle seu retrato, tinha elle por costume dizer; é a assignatura de quem m'o offereceu.

ABRIL — 26

O habito não faz o monge. — Ainda não caiu totalmente em desuso, pelo menos entre nós, o antigo costume de se sepultarem as pessoas revestidas com o habito de qualquer ordem religiosa, mas nos seculos XIV, XV, e XVI era essa geralmente a pratica nos paizes catholicos. Conta-se que um grande senhor, que havia despojado, usando de violencia, um dos seus vassallos territoriaes, morreu pouco depois e vestiram-lhe o habito de S. Francisco para o sepultarem. O infeliz despojado quando assim vestido o viu passar para a ultima morada, não se pôde ter que lhe não dissesse: — Disfarçaste-te! Fizeste bem; mas fica certo de que o Senhor te conhecerá!

Era o desabafo do opprimido.

Digitized by Google

A alchymia em Inglaterra. — Poucas nações tomaram tanto a peito esta loucura como a Inglaterra. É sabido que a formosa Isabel procurou por muito tempo a pedra phylosophal. Henrique VI chegou a nutrir a esperança de encher os seus cofres exaustos de ouro com o soccorro da alchymia, e num edicto que este rei publicou, annunciava-se que estava proxima a hora em que por meio d'este maravilhoso processo se iriam pagar as dividas do estado em boas moedas d'ouro. Carlos II foi apostolo da mesma doutrina, mas o peor é que este senho de riqueza não só devorou muitas fortunas, mas custou a vida a alguns dos seus prosélitos. Uma princesa d'Inglaterra encontrou um dia um homem que pertendia possuir o poder de mudar o chumbo em ouro. Para levar a effeito esta conversão só pedia que lhe dessem materiaes e tempo, e que o deixassem só. A princesa acreditou-o, mandou-lhe construir um vasto laboratorio, e para que ninguem alli penetrasse,

Digitized by Google

até lhe fizeram uma janella de roda por onde recebia o comer sem ser visto, nem vêr ninguem.

Já eram passados dois annos, quando á princesa, por excepção, foi permittido entrar no laboratorio daquelle magico; ainda não viu montes d'ouro, mas viu alambiques, caldeiras, siphões, retortas, tres ou quatro fornos em que ardia um fogo do inferno, e no meio de tudo isto, pallido, descarnado, enfraquecido pelas vigilias, a figura do alchymista, que lhe deu a esperança de brevemente a tornar opulenta, com tanto que se lhe desse um novo alambique e grandes quantidades de carvão. Foi-lhe satisfeita a requisição, continuaram os sonhos dourados, mas um dia, não muito distante, estando ella a jantar ouviu-se um grito horroroso seguido d'uma explosão semelhante á d'um tiro de peça. Correram, acharam o laboratorio em chammas, duas grandes retortas quebradas e o physico lançado por terra, morto e queimado da cabeça até aos pés!

Ainda ultimamente, e isto é tanto para admirar quanto este sonho da pedra phylosophal se póde de ha muito dizer extincto, o doutor Girtanner, de Gottingue, aventurou esta prophecia: — que no seculo XIX a transmutação dos metaes será descoberta e conhecida de todos; que cada chymico saberá fazer ouro; e que os utensilios da cosinha serão d'ouro e de prata, o que muito contribuirá para prolongar a existencia que se acha presentemente compromettida e abreviada pelos oxydos de cobre, de ferro e de chumbo, que nos entram no estomago, juntamente com as comidas.

O doutor ou é tão credulo como Henrique VI, ou está apostado a divertir-se com a miseria do proximo.

ABRIL — 28

Profundidade dos mares. — O leito do oceano é, pela sua estructura e pela diversidade dos accidentes da sua superficie, muito semelhante á terra firme. Parte

Digitized by Google

dos accidentes d'esta pertenceram evidentemente ao oceano, e apresentam ainda vestigios irrecusaveis d'esta origem. As mais pequenas ilhas não são mais do que os cumes das montanhas, cuja base, assentando nos valles, offerece a intervallos ondulações pouco sensiveis, abysmos, flancos de rochedos tão elevados, tão irregulares, tão alcantilados como aquelles que attraem as nossas vistas sobre a superficie da terra. A sonda faz descobrir no oceano eminencias, montanhas, valles separados por abysmos, cuja situação não é menos maravilhosa do que a que observamos sobre a parte habitada do nosso globo. Os valles estão cobertos d'uma vegetação abundante, e povoados d'innumeraveis raças nómadas, ao pé das quaes as nossas maiores especies, o elephante, e rhinoceronte, o hyppopótamo, e a girafa, não são mais do que pigmeus.

A elevação média da totalidade da terra firme acima do nivel do mar, é de 304 metros: por outras palavras; se se abaixassem as montanhas, e se se elevassem os valles e as praias até uma altura uniforme, a superficie obtida por este nivelamento ficaria a 304 metros acima da do oceano. O nivel médio da Europa é de 204 metros; o da Asia de 350; o da America de 292, (230 na America do norte, e 344 na do sul). O nivel médio da Africa não é ainda bem conhecido. Por outra parte, a profundidade do oceano e da sua caldeira, se o fundo fosse nivelado, seria pouco mais ou menos de 6776 metros, ou de perto de 7 kylometros. Encontraram-se no oceano profundidades de 11 kylometros, e sabe-se que as agoas cobrem as tres quartas partes do globo. Por consequencia, se a crusta terrestre podesse ser removida e lançada no mar, as mais elevadas montanhas não bastariam para alcançar o fundo das maiores depressões do solo; permaneceriam a 3547 metros abaixo do nivel; e a massa total da terra ficaria submergida a uma profundidade de 1600 metros, pelo menos.

J. A. J. da Costa (Mafra).

Digitized by Google

CHARADA XV

Disputavam dois sugeitos,
Homens de grande valia,
Sobre que? não sei dizer-vos;
Porém um d'elles dizia:

— Ser não póde o que tu dizes
Mas sim aquillo que eu digo;
Não negues: que é outra cousa,
Tens de concordar comigo !

—Concordar! pois não concordo!
Não sou d'esses caro amigo:
Ando sempre em viva roda,
Isto não se dá comtigo !

— Não pódes? custa-te muito?!
Antepõe-lhe um *a*, verás
Como meio te alevantas.
Com outra então subirás. !

— Ora obrigado; se esta
A outra igual se juntar,
Tambem te eu digo que vês
Cousa que é menos vulgar. !

— Pela grande novidade
Que me dás, toma lá vinho,
Dobra-a e faz o q'eu mando
Que é muito bom petisquinho. !

— Inda tens mais a dizer-me?
— Não disse quanto sabia,
Inda que a mouro sujeito,
Sou christão; mas que mania!
Esta charada é das taes,
Não é facil como as mais!

J. O. C. A. C. R. (Fiaes do Ervedal).

Doutrina de S. Francisco de Salles.— Quando vos pedirem o vosso parecer, dai-o livremente; mas com indifferença sobre ser, ou não ser, acceito e approvado.

Dizia tambem:

— Não cuido em ser tido por douto, e fazer gala do pouco que sei; mas nem por isso quero deixar ocioso o pouco que sei, por me querer fazer ignorante.

Digitized by Google

Nome occulto de Roma. *(Pergunta)* — A paginas 196 do meu presado *Almanach de Lembranças* de 1866 diz-se, fallando do nome occulto que tinha a maior parte das cidades antigas, que o nome occulto de Roma era *Valentia*.

É isto de duvida para mim, porque na monumental obra de Cesar Cantu, — A *Historia Universal* tomo I, livro III, lê-se:

«A cidade tinha dois nomes, significando força e flor, e mais um terceiro que era secreto.»

A nota a este § diz o seguinte:

«Os nomes eram *Roma* e *Flora*. Diz-se que o terceiro nome, o que era mysterioso, era *Amor*, anagramma de Roma, afim de significar a santa união que devia existir entre os cidadãos. Só os pontifices podiam pronuncial-o nos sacrificios, e desgraçados dos que o revellassem ao povo! O nome de Flora era sacerdotal; por elle se instituiram as festas floreaes, e deu mais tarde o nome a Florença.»

Desejaria ser esclarecido, e saber quem tem rasão, porque tambem não creio que o *Almanach*, em artigo da sua lavra avançasse cousa que não tivesse por si muito bons autores. *Henrique Freire* (Grandola).

Nome occulto de Roma. *(Resposta)* — Respondendo ao nosso estimavel collaborador, que nos faz justiça acreditando que não andámos de leve, quando escrevemos que o nome occulto de Roma era *Valentia*, diremos que o sabio e profundo alemão Freund, no seu bellissimo e modernissimo Diccionario Latino, a obra de mais conceito que neste genero existe, diz no artigo á palavra *Roma* o seguinte, que transcrevemos da traducção franceza:

«Roma.... Capitale de l'empire romain. Elle avait aussi, dit-on, un nom secret et sacré — *Valentia*. Plin. 3, 5; 28, 2. Serv. ad Virg. Æn. 1, v. 281.»

Digitized by Google

O mesmo diccionarista no artigo á palavra *Valentia* remette para este de Roma.

Pitisco no seu Lexicon Latino das antiguidades gregas e romanas, no artigo *Valentia* diz que este nome da cidade era anterior ao de Roma, e cita além de varios autores o seguinte verso:

Quæ modo Roma sonat, fuit ante Valentia dicta.
Barth. Adv. x. 2.

Mas não diz se *Valentia* era, ou não o tal nome secreto.

No Diccionario de Dezobry e Bachelet lê-se no logar respectivo: «*Valentia* fut le nom secret et sacré de Rome ancienne.»

Moreri no seu Diccionario no artigo *Roma* diz: «Elle portait un nom secret que la religion défendait de révéler, et qui était vraisemblablement celui de *Valentia*.»

Bluteau á palavra *Roma* escreve «Querem.... outros que Roma no principio se chamasse *Valentia*, o qual nome era tão mysterioso e venerado que não era licito pronuncial-o.»

Agora quanto a *Amor*, anagramma de Roma, ser o nome secreto da cidade, como Cantu quer inculcar, não sabemos d'onde o tirou. Freund no artigo *Amor* nem em tal boqueja. O mesmo dizemos de Pitisco.

Podiamos ainda citar crescido numero de antiquarios, mas cremos que no que citado fica há já de sobra para responder á duvida.

Dize-me com quem lidas. — Um apologo oriental conta que, um sabio pegára um dia num pouco de lôdo e amassando-o nos dedos e chegando-o ao nariz lhe perguntára:

— Dar-se-ha que tu sejas ambar? cheiras tão bem que regala!

— Eu não passo d'um pedacinho de terra vil, lhe respondeu o lôdo, mas vivi muito tempo entre rosas.

Digitized by Google

SOLIDÃO

Das aves o terno canto,
Da limpha a branda corrente,
Do sol os brilhantes raios,
Da rôla a voz innocente;

Nada d'isto a minha mente
Já distrae; ou tem valor.
Para o prazer estou morta,
Viva sómente p'rá dor.

Mas um tormento maior
Me dobra a melancholia,
É já não ter quem nas penas
Faça á triste companhia.

Se cançada a vista um dia
Volvo pelo prado, ou monte,
Já não vejo um peito amigo
Onde recostar a fronte.

Se baixa o sol no horisonte,
E eu só sem ver ninguem,
Quero abrir o coração
Ai triste! não tenho a quem!

Infeliz ó que não tem
Quem lhe affague o coração,
E não vê pousar nas suas,
Acariciadora mão.

Triste, sem consolação,
A que a ventura perdeu,
Quem não tem quem a lamente;
Pois essa triste, sou eu.

D. Maria José Furtado de Mendonça (Rapa).

Segredo em bocca de mulher. — Guarda-te, dizia um pae a seu filho, de confiar o teu segredo a tres especies d'individuos. A um fallador, a uma creança, e a uma mulher.

Sabes o quanto a fraquesa de Samsão lhe custou cara.

É verdade, a mulher passa por incapaz de guardar um segredo, e ha sobejas razões para pensar de semelhante modo. Entretanto, na historia d'Athenas ha um facto que honra o sexo fragil. Tinham formado os athenienses uma conspiração para livrar a cidade do jugo da tyrannia. Uma

Digitized by Google

mulher chamada Leôa era do numero dos conjurados. O tyranno soube-o, e depois de mil ameaças metteu-a em torturas para que descobrisse os seus cumplices.

Foi debalde; esta mulher tudo soffreu sem soltar uma palavra, mas vendo que a constancia a ia abandonando, cortou a lingua para não trair o segredo.

Triumphou a revolução, o tyranno caiu, e os athenenses em recompensa de tanto heroismo erigiram em sua honra uma estatua de leôa sem lingua. Na base da estatua lia-se — *A virtude triumphou do sexo.*

MAIO — 2

Um rapaz previdente.— Na maior parte dos

collegios em attenção ao proverbio que diz: que pão mole depressa se engole; é costume não se dar aos estudantes

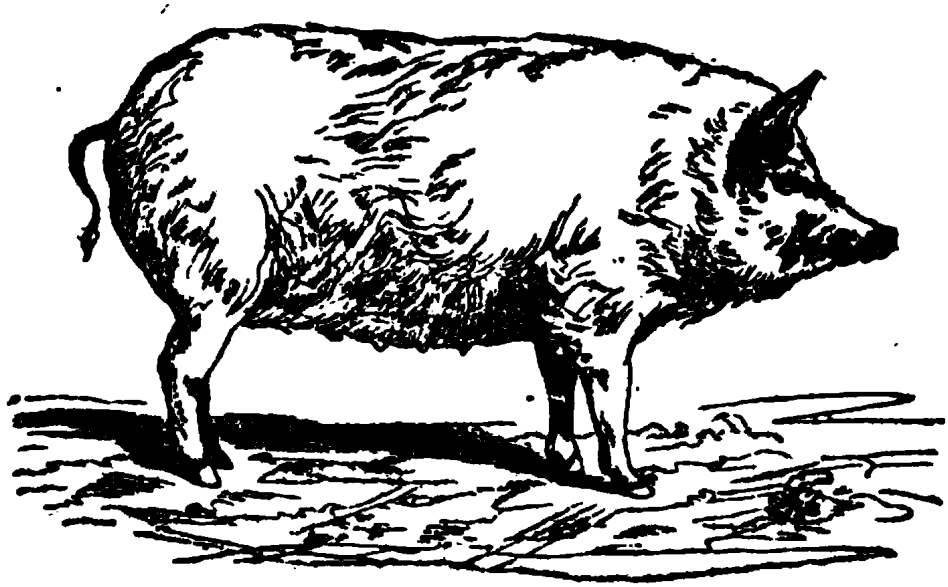
Digitized by Google

senão do cosido da vespera. Um dia porém, faltando este, fez-se a distribuição das rações com pão mole. Um dos collegiaes que se presava de mais finorio que os outros, metteu o seu quinhão na algibeira dizendo:

— Cá vai para ámanhã; já andava aborrecido de pão duro ao almoço.

Um porco por premio.—A crueldadade nas instituições, nos costumes, e até nos prazeres do povo, póde dizer-se que era *a ordem do dia*, ainda no decimo quinto seculo.

No anno de 1425, isto é, quando os habitantes de Paris estavam debaixo de dominação ingleza, os burguezes da nobre cidade, reuniam-se no Hotel d'Armagnac, para ahi presencearem um espectaculo de atroz originalidade. Eil-o:



Encerravam quatro cegos em um recinto fechado, cobertos d'uma armadura, e munidos d'um páu valente. Depois lançavam na arena um porco que devia pertencer áquelle que conseguisse derrubal-o á pancada. É facil de prever o que acontecia: os cegos batendo ao acaso para alcançar o porco, despediam terriveis golpes uns contra os outros até quebrarem os braços, a cabeça e ás vezes as pernas.

O povo ria!

Digitized by Google

Mathosinhos.— Esta povoação, apenas separada de Leça da Palmeira, pelo espaço que occupa o leito do rio Leça, e com ella communicando por uma excellente ponte, possue cousas tão notaveis, que a fazem digna de figurar no *Almanach*.

Duas estradas macdamisadas ligam Mathosinhos ao Porto, uma em linha recta, e outra, recentemente construida, pela beira mar, prendendo em S. João da Foz com a antiga marginal do Douro.

Muito se avantaja esta áquella. Excellentemente construida numa vasta planicie, e sempre pelo litoral, orlada de dois renques de arvores, e cruzada de vehiculos, torna-se recreativo passeio. A ultima vez que a vi ainda o seu quarto e ultimo lanço, já dentro de Mathosinhos, estava por ultimar pela difficuldade das expropriações. Quando concluida desembocará na alameda, que é um extenso quadrilatero arborisado e guarnecido de bancos de pedra, que se dilata sobre a margem esquerda do Leça. No centro, sobre elegante pedestal, levanta-se magestosa a estatua de Passos Manoel, erecta em 24 d'Agosto de 1864 pelos seus conterraneos. É um dos mais amenos passeios para os banhistas.

Um outro é o do Senhor do Padrão, que parallelo á nova estrada se ostenta sobre a praia mar. Mas que é o Padrão? É um como zimborio assente sobre o solo, formado de quatro arcos abertos, dispostos em quadrado, e rematados por vistosa e elevada abobada, guarnecida de oito pyramides, e terminada no centro por uma cruz. Isto quanto ao exterior; porque no interior tem capiteis angulares que terminam as quatro columnas, cada uma das quaes sustenta sobre lavrada peanha a imagem em vulto d'um dos quatro evangelistas com o respectivo emblema. Eleva-se no meio alta cruz, em que se vê formada de fino azulejo a imagem de Jesus cruxificado, copia da que se diz milagrosamente apparecida.

Digitized by Google

Eis o que a este respeito resa a tradicção d'este bom povo, apoiada tambem no testemunho de differentes escriptores, e nomeadamente no d'Antonio Cerqueira Pinto, academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza, na sua *Historia do Senhor de Mathosinhos*, impressa em 1737:

Que no dia 3 de Maio do anno 124 da era de Christo arrojára o mar áquelle sitio uma imagem do cruxificado de grandes dimensões: Que levada em procissão para a antiga igreja de Bouças se tornára logo notavel por muitos milagres, o que afervorou a devoção de todos os povos em redor: Que como lhe faltasse o braço esquerdo, foram convidados os mais habeis esculptores para fazel-o, o que nenhum pôde conseguir com a desejada perfeição, apesar dos longos exforços que empregaram: Que em 23 de Maio de 174 andando no sitio do apparecimento da imagem uma mulher á cata do cisco expulso pelo mar, deparou com um lenho, que suppoz pertença de navio, por estar desfigurado com os corpos estranhos, que lhe adheriram; e que lançando-o no lume uma e mais vezes, este o repelliu com impeto: Que acudindo os visinhos aos gritos da mulher reconheceram o braço, que faltava á imagem, e que a esta aproximado em acto solemde, espontaneamente se lhe soldou, não ficando vestigio da união: Que em rasão d'isto se instituio uma procissão annual ao Padrão em 3 de Maio, e solemne festa na igreja de Bouças na segunda feira do Espirito Santo, a que segundo dados chronologicos corresponde o predicto dia de 23 de Maio de 174: Que não estando a igreja de Bouças já em harmonia com o esplendoroso culto, tributado á milagrosa imagem, fôra pela Universidade de Coimbra, a quem o sr. D. João III, concedera o seu padroado, mandado construir em 1550 o magestoso templo, que hoje admiramos, e em que se venera a referida imagem; a cuja capella mór e throno se deu depois a magnifica fórma, que nos enleva; ampliando-se ao mesmo tempo as obras ao Padrão; e solemnisando-se tudo em 3 de

Digitized by Google

Maio de 1733 com uma apparatosissima procissão, sahida da igreja em direcção ao mesmo.

Vê-se ainda junto do Padrão uma casinha quadrada de bella architectura, terminada em pyramides, entremeiadas dos martyrios da paixão, lavrados em pedra; e diz a tradicção, e a obra já citada, que commemora um milagre, a que alludem quatro disticos em latim, gravados nos quatro lados da casinha. Consistiu em que uma mulher, que padecia terrivel affecção no rosto, prometteu uma novena ao senhor do Padrão para obter a cura, e indo lá em 3 de Maio de 1726 desejou achar agoa, com que lavasse o rosto; não a achando e fazendo com a mão uma pocinha na areia, viu com pasmo brotar agoa por cinco partes em fórma de cruz. Lavou-se com ella por tres dias seguidos e sarou plenamente. Lá está a fonte perenne e sempre doce, máo grado as invasões da maré; e a fé na virtude d'aquella agoa continúa viva, enchendo-se a cada passo garrafas e garrafas, mandadas buscar da cidade do Porto, e d'outras povoações em extensa área, e attribuindo-se-lhe ainda hoje prodigiosas curas. Serve a casinha, cuja porta é fechada á chave, de resguardo á fonte.

Toquemos alfim na principal maravilha de Mathosinhos, a sua igreja, vasta e rica, ornada de bellas imagens, concorridissima de visitantes, e a que nenhum templo do Porto póde equiparar-se, salvo o de S. Francisco, que emquanto á riqueza é superior.

O seu adro abastecido da agoa de quatro fontes, povoado de bancos de pedra, accessivel por tres bellas entradas, dividido em ruas deixando de permeio parallelogrammos de verde relva, bordados de symetrico arvoredo.

Completa o quadro a risonha vista das seis capellinhas, tres de cada lado, que offerecem em figuras de grande vulto os passos principaes da sublime tragedia, que teve o seu remate no Calvario; a dos pequenos jardins, que guardados por gradaria de ferro se interpõem entre cada uma d'aquellas; e a do passeio central de mozaico branco e

Digitized by Google

preto, que põe em directa communicação a entrada principal do adro com o pomposo frontespicio de duas torres da igreja, em que avultam as imagens de S. Pedro e S. Paulo.

E os fundos para estas obras sempre crescentes? As esmolas, e só as esmolas dos fieis. Entrae numa casa contigua á igreja, e ahi vos pulsará o coração de enthusiasmo religioso ao ver os retratos em meio corpo dos principaes bemfeitores. Subi ao andar de cima, e admirareis um lindissimo navio de guerra com todos os seus pertences, que accusa outro milagre do Bom Jesus de Mathosinhos.

Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama (Armamar).

MAIO — 4

ENIGMA IV

Uma casada, ou donzella,
E mais cem atraz de si,
Descrevendo flor mui bella,
Reparae! vereis aqui.

Manoel Lopes Maia (Gavião).

MAIO — 5

A guitarra. — Num dos espirituosos folhetins que tem escripto para o popularissimo *Jornal de Noticias*, disse o nosso Pinheiro Chagas; «a guitarra é instrumento nacional. Mas ai! a guitarra está em sensivel decadencia. *Les dieux s'ent vont!* A guitarra foge espavorida diante do chapéo alto que vae invadindo todas as classes da sociedade! Ha de morrer como já morreu a mantilha, como expirou a *barquinha*, como a noite de S. João, como as fogueiras em honra do bemdito santo, como as fadas que

Digitized by Google

jazem desfallecidas junto das suas fontes crystallinas! Nessas noites de agosto outr'ora tão povoadas de serenatas, e de descantes de guitarra, e d'essa deliciosa toada popular, que se chama (perdoai-me ó ouvidos civilisados! ouvidos abrigados pela sombra do chapéo redondo, ou pelos chapéos de madame Marie) o *fado*, já raras vezes se escuta o melodioso instrumento. A philarmonica ameaça destruir a guitarra.»

Tambem dizemos o mesmo. A philarmonica ameaça destruir o mais nacional dos nóssos instrumentos, mas ha de lhe custar. E sabem porque?

Porque está vinculado á nossa existencia, porque vivemos para a guitarra, e morremos abraçados a ella. Não se riam! Vamos textualmente transcrever o que lemos ha dias num livro francez.

Ahi vae:

«La guitarre est l'instrument favorí des portugais. Après une bataille qu'ils venaient de perdre, on trouva *quatorze mille* guitarres sur la place qu'ils venaient d'abandonner.»

Então? Oh! aquelles francezes são divertidos. Escrevem sobre as nossas cousas com uma consciencia que lhes faz honra. Não, a guitarra não acabará entre nós em quanto viverem os netos dos que deixaram quatorze mil guitarras no campo de batalha.

MAIO — 6

Scipião e Annibal. — Os romanos choraram Scipião que fez inscrever no seu tumulo estas palavras: «Ingrata patria não possuirás meus ossos.»

Foi enterrado com o poeta Ennio.

O maior elogio que se lhe teceu é sem duvida o que lhe fez Annibal. Este general tão celebre e tão eminente, pelas altas façanhas que praticou, fallando um dia com Scipião ácerca dos generaes mais exforçados e comparando-se com elles collocava-se logo depois de Alexandre e de Pyrrho. Perguntou-lhe Scipião em que logar se collocaria elle se

Digitized by Google

o tivesse vencido. Respondeu Annibal — «Seria então maior do que Alexandre e Pyrrho.»

Em que logar se poria elle se fosse contemporaneo de Julio Cesar, ou de Napoleão I?

A. C. da Silva Pereira.

MAIO — 7

DISTICO

No tumulo de Affonso Henriques

Descança! dorme, ó rei! que o nome teu
Desperta e accende amor que não se apaga!
— Da escura estancia a luz escorre, e alaga
Quem ao passado os olhos estendeu!

Hoje, que as tuas cinzas tenho perto,
Ante mim se desdobra longa historia!
De cinzas mudas se ergue a voz da gloria,
D'um tumulo fechado um livro aberto!

Candido de Figueiredo (Santa Cruz de Coimbra).

Idade justificada. — O marechal de Bassompierre era um homem que tinha a fraquesa de muita gente. Não querer parecer velho. Estava um dia, na idade de 60 annos, conversando com Luiz XIII, e vindo a fallar-se em idades, perguntou-lhe o rei quantos annos tinha.

— Cincoenta, respondeu-lhe elle.

— Dizei antes 60, replicou o monarcha, porque sei de certo que os tendes.

— Senhor, disse-lhe Bassompierre, tirando-se da difficuldade com um espirito que lhe faz honra, não contava 10 annos que estive encerrado na Bastilha, porque não foram empregados no serviço de vossa magestade.

Digitized by Google

Boa precaução.— Um domador de feras offerece quarenta libras a quem entrar na jaula d'um leão.

Apparece um camponio. A sua apparição agita a assembléa. A bravura do homem promette drama.

O domador de feras não parece tranquillo. Receia ter encontrado um collega disfarçado. O camponio está senhor de si.

— Então sempre quer entrar? perguntou o domador, ao approximarem-se da jaula.

— Podéra, responde o homem. Na multidão estavam as opiniões divididas.

— Bem! diz o domador já pallido e parecendo-lhe ver nas mãos do denodado rustico as suas boas quarenta libras, cá lhe vou abrir a porta, prepare-se.

— Espere homem, diz o camponio segurando-lhe no braço; tomemos primeiro uma precaução.

— Qual é?

— Ponha o leão cá para fóra.

— Hein!

— Ora essa! eu entro na jaula, mas o bicho escusa de lá estar.

Infelizmente o domador de feras fez-lhe perceber que essa pouco amavel companhia era o osso das quarenta libras, e o camponio retirou-se, praguejando contra a ambiguidade dos cartazes e programmas.

Calembour. — É do sr. Duarte de Sá.

Agoa! agoa! pedia um doente insoffrido e sequioso, a

Digitized by Google

quem o médico só permittia que dessem certo remedio por elle receitado, quando tivesse grandes securas, e pedisse agoa.

Dão-lhe o remedio, e o doente, que mal o preva, torna a gritar — agoa! agoa! porque o remedio do médico não mata secura *(Se cura)*.

MAIO — 9

Criados. — Entrou um amigo em casa de Fontenelle em occasião em que este se achava ralhando desesperadissimo.

— Que tem homem? socegue.

— O que tenho? tenho que, com este bruto de criado

que o diabo me deu, sou quasi tão mal servido como se tivesse vinte.

Comenta-se este dito com o de outro amo queixoso, por

Digitized by Google

muito experimentado, que tinha reduzido a cousa ao seguinte calculo aproximativo.

Quem tem um moço, tem um moço, (se tem) quem tem dois, tem meio moço; quem tem tres, não tem nenhum; quem tem quatro, ou d'ahi para cima, serve-os a elles.

MAIO — 10

Traducção á lettra. — Tinha-se por muito santa, e nutria a presumpção de não commetter um unico peccado, uma menina muito bem educada. Um dia zangou-se e levou-a a tentação a fallar no diabo, mas foi tão grande o desgosto que por isso sentiu, que chorou até á noite. Consolava-a então uma tia, mulher já de edade, dizendo-lhe: Não te afflijas, menina, bem vês que todos somos peccadores; não pode haver ninguem que não commetta o seu erro, e senão veja-se aquelle verso do *miserere*, que diz *tibi soli pecavi*, o sol tambem peccou.

* * (Novellães).

MAIO — 11

Christovão da Gama. — Foi o digno herdeiro, e vivo retrato do heroe descobridor da India. Deixou de si a melhor memoria.

Combatendo, por ordem de seu irmão, D. Estevão da Gama, governador d'aquelles estados, os exercitos do rei de *Zeila*, commandando apenas quinhentos homens, com extremos de valor e pericia, soube em duas batalhas vencer e destruir o grande poder dos mouros. É o mesmo a quem o nosso eterno Camões allude, na estancia 96 do canto 10 dos seus *Lusiadas*.

«Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os turcos será claro;
Ha de ser D. Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.»

Digitized by Google

MAIO — 12

CHARADA XVI

Graça das verdes campinas,
Mimosa irmã das bonimas,
Tu és o encanto do val;
És a virgem dos jardins
Na candura de vestal;
Só aos candidos jasmins,
E á doce Venus igual,
Entre as galas da manhã! 1

Monstro medonho, gigante,
Mensageiro de Satan,
Vade retro, ou passa adiante!
Tenho de ti tanto medo! 2

A chave era tão clara
Que pondo-lh'a era decerto
Maravilha muito rara,
Não ler como em livro aberto,
Logo a porta não abrir.
Vamos, entrem pela porta,
Olhem um e outro lado,
Verão que não está morta.
Foi tão grande o seu passado!
Seja assim o seu porvir.

Antonio Carneiro Antunes Guimarães
(Pernambuco — Recife).

MAIO — 13

A vara da justiça.— Dizia um certo, que a vara da justiça era antigamente de pau ferro, de modo que se a queriam dobrar, ou torcer, se quebrava. Que depois começaram a usal-a de nogueira, castanho, e outros paus, que tem certa elasticidade, e que se podem dobrar um pouco sem que se quebrem. Que por ultimo deram em a formar de junco da India, que póde, sem perigo de quebrar, ou ficar torcido, dobrar-se á vontade, e mesmo enroscar-se a ponto de a metter no bolço.

Alludia, sem offensa dos juizes rectos e integros, que

Digitized by Google

ainda ha, como houve sempre, ao circulo de junco, ou insignia, que os officiaes de justiça traziam na portinhola da casaca antes de 1834.

MAIO — 14

Rasão de differença. — Dias depois de haver sido prohibida pela censura a representação de *Tartufo* de Molière, pozeram em scena uma farça licenciosa intitulada *Scaramuccia*, que foi recebida com applausos. Concluido o espectaculo perguntou o rei ao grande Condé:

— Sabeis-me dizer porque é que os que tanto se escandalisaram ao ver a comedia de Molière applaudem tanto a d'esta noite?

— Senhor, respondeu o principe, em *Scaramuccia* só se offende a Deus, e no *Tartufo* offendem-se os devotos.

Dr. *Corth* (Montevideu).

MAIO — 15

Onde ha fumo ha fogo. — Um discreto em Hespanha, contestando-se que certa trigueirinha estivesse namorada, mesmo porque ella jurava que tal não havia, entreveiu na questão, e decidiu-a com os seguintes versos:

Niega estar enamorada
Cierta morena hermosura;
La creen por que lo jura,
Sin ponerse colorada.

Y al contrario yo presumo,
Del juramiento á despecho,
Que encierra fuego en el pecho,
Pues le sube al rostro el humo.

MAIO — 16

As festas ao Espirito Santo no Topo. — De tempo immemorial foi instituida a festa do Espirito Santo na Villa Nova do Topo da ilha de S. Jorge, e actualmente é celebrada com a possivel pompa pelos habitantes da mesma villa e seus contornos. Têem-se associado vinte

Digitized by Google

a vinte e quatro individuos para em cada um dos seis domingos que correm da Pascheela ao de Pentecostes levarem a corôa em procissão á igreja acompanhada dos reverendos parochos e sacerdotes com as suas insignias no meio de cantilenas de foliões, e ao entrar na igreja, de canticos religiosos. Segue-se logo uma missa cantada, no fim da qual é corôado um dos associados ao som do hymno *Veni Creator Spiritus.*. Voltam depois na mesma ordem á casa do devoto imperador, para alli ser benzida pelo parocho uma mesa com 200 a 300 pães, que se distribuem aos pobres.

No sabbado do Pentecostes á tarde uma outra sociedade de devotos (os mais qualificados) levam a corôa em procissão á igreja acompanhada dos reverendos parochos e pessoas de toda a classe entre canticos festivos, para alli, cantadas solemnemente as vesperas do Espirito Santo, ser coroado um dos mesmos devotos, que n'aquelle dia, e nos tres seguintes se denomina mordomo do imperio. Voltam em seguida a casa do dito mordomo a repôr a corôa, e benzer uma mesa denominada do imperio; composta de 50 pães, e outras tantas porções de carne, que se distribuem a 50 pobres alli chamados por bilhetes.

No domingo de Pentecostes de manhã vae a corôa á igreja em procissão, como no sabbado, para alli assistirem á missa cantada (algumas vezes com um sermão panegirico), e coroado o devoto mordomo, ou outro por elle convidado, voltam a uma casa denominada cadafalso, onde assistem a um magnifico jantar, sendo tanto alli, como em casa do mordomo, feitas muitas esmolas á pobreza.

Começára já no sabbado e sobe n'este domingo a afluencia do povo da freguezia, a qual tem d'extensão tres leguas, e das circumvisinhas, para na segunda e terça feira seguintes participarem das esmolas geralmente distribuidas. Consistem ellas em dois coscorões, e dois bolos de massa de trigo, um bocado de queijo, e um copo de vinho (quando o havia). A distribuição é feita na tarde d'estes dois dias, e para que se faça uma idéa da abundancia, bastará dizer que

Digitized by Google

regularmente em cada um d'esses dias se recebem cêrca de 7:400 coscorões, e outros tantos bolos, sendo necessarios para esta manufactura cêrca de seis moios de trigo.

Para estas festas do Espirito Santo no Topo concorre tambem uma associação de doze individuos, que já no sabbado da Trindade, feita a procissão e coroação do imperador, na fórma sobredita, distribue uma mesa de 24 pães, outras tantas porções de carne, e 50 réis de esmola a 24 pobres. No domingo quando a procissão volta da igreja para o cadafalso faz novas esmolas á pobreza; e á tarde são distribuidos por todos individualmente as esmolas da irmandade denominada dos mancebos, a saber: um bolo, um bocado de queijo e um copo de vinho, sendo gastos na manufactura dos bolos cerca de 200 alqueires de trigo. Em todos estes dias festivos do Espirito Santo e Trindade, ha differentes espectaculos e divertimentos e todos elles se gosam no meio da alegria, e do socego, ostentando-se o maior aceio nos trajes e vestidos, com que todos á competencia se apresentam tanto nos templos, como fóra.

Eis aqui a verdadeira narração das festas do Espirito Santo no Topo da ilha de S. Jorge, nos Açores, sendo menos verdadeira a noticia que a este respeito appareceu a pag. 229 do *Almanach* de 1867 porque decerto foi mal informado o seu autor. Se elle presenciasse n'algum dia a nossa festa estou certo que lhe acharia mais graça, do que achou quando visitou o nosso aprasivel ilheo, e viu tanto *grajáo* que alli ha!... e não offenderia, como offendeu com seus motejos, o sexo amavel e pacificos habitantes do Topo.

José Joaquim Borges d'Azevedo Silveira (Topense).

MAIO — 17

O osso do matrimonio. — Um tal que tinha mulher custosa de aturar, avaliando pela sua todas as outras, e julgando todos os casados tão infelizes como elle, dizia resignado:

Digitized by Google

De uma costilla d'Adam
Formó Dios á la muger;
Por eso tienen los hombres
Esse hueso que roer.

MAIO — 18

Salalé ou Bagá-baga. — São os nomes que se dão a um pequeno animal, pouco maior que uma formiga, branco de côr e sangue, e que abunda em toda a Africa. É tal a sua organisação que basta expol-o ao sol para morrer, motivo este porque vivem e caminham sempre a coberto d'uma estrada que fazem d'argilla e baba, tendo esta tal poder corrosivo que damnifica o mesmo ferro.

Na Guiné portugueza ha casas de baga-baga de dois metros d'altura, e de tal maneira construidas que uma bala d'artilhëria pouco damno lhes faz, e resistem a ella. Vivem debaixo do governo d'um rei, de muito maior corpo que a baga-baga commum, e que é sustentado pelos subditos. Hà frequentes guerras entre a baga-baga d'uma e outra casa, ou antes d'um e outro reino, ficando muitas mortas no combate; nunca assisti a estas guerras, mas os filhos do paiz affirmam serem um facto.

T. A. Ilha da Boa-Vista).

MAIO — 19

Torre de Babel. — Ao que ácerca d'uma torre em ruinas, edificada entre o Tigris e o Eufrates, se lê no *Almanach* de 1855, pag. 257, acrescentaremos, que segundo as explorações recentemente emprehendidas no terreno da antiga Ninive, está averiguada a existencia da prodigiosa torre, construida 2900 annos antes da era christã, por conselhos de Nemrod. Esta torre, tão célebre na historia santa, tem arrasados seis de seus andares, e os dois que ainda restam descobrem-se a distancia de 80 kilometros. A base

Digitized by Google

quadrangular do monumento tem 194 metros em cada face. No museu de Londres existem dois cylindros, achados em Birs-minrud, nas proximidades da cidade de Babilonia, nos quaes se acha reproduzida uma inscripção, que prova a existencia da torre de Babel. As indagações do coronel Rawlinson sobre esta extraordinaria construcção, foram incontestavelmente um triumpho para a sciencia no seculo actual. *Simeão Pinto Victorino.*

MAIO — 20

As tres comédias.— Tiveram os gregos tres comédias: *comédia velha, comédia mediana* e *comédia nova.*

Na *comédia velha,* combatiam-se os vicios abertamente, e sem o minimo disfarce, chamando os actores pelos seus nomes as pessoas que reprehendiam. Alcibiades pôz cobro a isto, prohibindo por um decreto tão perniciosa licença.

Veiu a *comédia mediana;* seguio-se o meio termo entre a severidade e a lisonja, estavam os ridiculos e os viciosos um pouco mais á vontade, mas como ainda havia queixas, porque a malicia dos ouvintes applicava os piques, e os argumentos das comédias, ás pessoas, posto que não nomeadas, abandonaram tambem a comédia mediana.

Veiu por fim a *comédia nova,* em que para se evitar todo o genero de queixa e d'escandalo, se empregaram argumentos fingidos, e nomes fantasticos. Esta agradou mais, e conservou-se. Assim devia sêr.

Digitized by Google

Philologia animal. — O famoso Dupon de Nemours, que é autoridade em philologia, porque se entrega d'alma e coração ás mais cerebrinas investigações, diz que o cão não emprega senão vogaes, e algumas vezes, mas sómente quando dominado pela colera, as duas consoantes *g* e *z*. Outro escriptor diz que elle ainda restringiu o alphabeto do cão, e que pelo menos devia accrescentar-lhe mais as tres consoantes *b p* e *r*.

O gato, diz ainda Dupont de Nemours, emprega as mesmas vogaes que o cão, e mais as consoantes *m, n, g, r, v* e *f*. Quanto ás aves, diz que é um erro o acreditar que ellas repetem sempre o mesmo som, e dá para exemplo o corvo, cujo crocitamento não comprehende menos de 25 palavras. Eil-as:

Cra, cre, cro, cron, cronon,
Grass, gross, gronss, gronones,
Crae, crea, crac, crona, groness,
Crao, creo, croe, crone, gronass,
Craon, creo, croo, crono, gronoss.

Se pensarmos, acrescenta, que com os nossos dez numeros arabicos, que são dez letras, dez palavras, combinando-os dois a dois, tres a tres, quatro a quatro, se formam cifras diplomaticas de 100, de 1,000, de 10,000 caracteres, e de 100,000; ou de mais palavras que nenhuma lingua conhecida, se se combinam cinco a cinco, não nos custará a comprehender que os corvos possam communi-

Digitized by Google

car as suas idéas. As suas 25 palavras bastam pois, para exprimir: *Lá, aqui, direita, esquerda, adiante, alto, comei, sentido, homem armado, frio, calor, partir, amo-te, eu tambem, um ninho*, e mais dez outros avisos ou recommendações que tenham a dar-se, segundo as suas necessidades. Que tal?

Os habitantes das Philippinas são da mesma opinião que Dupont de Nemours, porque tem um passaro chamado — *ibiraki Koumbang*, ou amante das flores, ao qual concedem como ao homem, uma linguagem e um canto, diz M. de Rienzi, no seu livro *Oceania*. Não nos maravilha que sto seja uma crença popular, mas parece-nos que o philologo francez subtilisou de mais o canto do corvo.

MAIO — 22

Ponte do Cavalleiro. — Denomina-se assim a que atravessa o rio Lena na estrada que leva de Porto de Moz pela calçada das Lamas á historica capella de S. Jorge.

É baixa, e se a memoria me não falha, consta ella de dois arcos, e estes de mesquinha construcção, assim como toda a ponte.

A ser verdade o que se diz com relação ao seu auctor, a ponte do Cavalleiro é um padrão para Porto de Moz, pois se diz ser obra do grande guerreiro de D. Affonso Henriques, o alcaide mór D. Fuas Roupinho.

A ser assim é esta ponte o unico padrão que Porto de Moz possue, obra do immortal descobridor da veneranda imagem de Nossa Senhora da Nazareth.

Existia ainda ha poucos annos em Porto de Moz uma calçada por onde elle costumava dirigir-se ao seu solar, e que por isso tinha a denominação da ponte.

Esta calçada foi demolida, formando-se no logar d'ella uma das melhores ruas da villa, que conserva ainda o nome de — rua do Cavalleiro.

Antonio de Jesus e Silva (Minde).

Digitized by Google

MUSA DA MADRUGADA

Placida musa de meus tristes cantos,
Reclinada no berço esplendoroso
D'esse docel de lyrios tão formoso
Que adorna o céo azul;
Mago archanjo d'amor e de poesia,
Estrella suspirosa da alvorada,
Que te occultas além — pela quebrada
Das montanhas do sul;

Virgem bella, adormida no oriente,
Ao balouço das aúras perguiçosas,
Entre os perfumes d'encantadas rosas
Que recende a manhã,
Vem a fronte afagar-me com a aragem
Que passa no arrebol da madrugada,
Vem minh'alma inundar da luz sagrada
De tu'alva louçã!

Semeia ás roxas flores da saudade,
Que adorna a fronte esplendida da aurora,
Nos flébeis cantos que minh'alma chora
Quando tu lhe sorrís!
Vem meus hymnos banhar dos risos fulgidos
D'esse globo de luz que os céos acendem,
— Vergel de flores d'ouro, que se esplendem
De raios tão gentís!

Os maviosos psalmos que modulam
Os teus labios d'amor enfeitiçados,
São cantos pelos anjos ensinados
A toda a creação;

Digitized by Google

E esses cantos de gloria e maravilha,
Que da terra te dá cada prodigio,
Tem o encanto, e os enlevos, e o prestigio
Das harpas de Sião!

É a harmonia eterna dos effluvios,
Que transbordam dos céos, do mar, da terra!
É a endêcha sagrada, que descerra
A sua lyra d'amor;
E, como o incenso sobre o altar do templo
Sóbe ás plagas dos céos em nuvem densa,
Tambem esta harmonia se ergue immensa
Ao throno do Senhor!

Placida musa de meus tristes cantos,
Reclinada no seio refulgente
D'essa aurora que se ergue no oriente
E se espraia nos céos!
Vem inspirar-me a sacrosanta estrophe,
E os mysticos harpejos de teus hymnos!
Ensina-me esses cantos peregrinos
Com que louvas a Deus!

Bellarmino Carneiro (Nazareth — Pernambuco).

MAIO — 24

A mulher que mais domina. — Perguntou-se a um philosopho:

— Qual será a mulher que domine sempre e disponha como quizer do homem, por altivo e feroz que seja o caracter d'esse homem?

Respondeu:

— A mulher que tiver esperteza, que fôr bonita, e que pouco, ou nenhum amor tenha ao homem que a ame, será aquella que sempre o ha de dominar, querendo.

Digitized by Google

Processo para curar lobinhos.— Na ilha Terceira é tida, como efficaz, esta extravagancia, filha do refinado embuste, que, estabelecendo seus dominios na superstição, se alimenta e avigora com os tributos da credulidade.

Consiste a cura em tomar cinco bocadinhos de carne fresca, já se vê, collocal-os em cruz sobre o lobinho, e depois fazer, com cada um d'elles, uma benzedura, dizendo ao mesmo tempo estas palavras:

Lobinho, lobão,
Cravos de Christo sobre ti?
Some-te d'aqui! ..

Feito isto, põem-se os bocados de carne ao fumo numa casa, aonde não torne o curado, e a enfermidade, dizem as curandeiras, desapparece para sempre!...

Jorge Severino da Silva (Ilha de S. Jorge).

MAIO — 26

CHARADA XVII

Sou um termo mui sabido;
Posto que seja estrangeiro. 2
E antes que appareça o sol,
Appareço eu primeiro. 1

Dou fadiga ao lavrador,
Talvez mais de que se pensa,
Mas em mim tambem encontra
Do trabalho a recompensa. 2

Espargem meus bellos ramos
Branda, amena e fresca sombra
Sobre o campo alcatifado
De macia e verde alfombra.

Dou um fructo saboroso
No tamanho um tanto incerto,
Muito mais apreciavel
Quando esteja bem coberto.

D. Christina M. d'Assumpção Brenne Adrião (Queluz).

Digitized by Google

Gallimatias. — É uma palavra alatinada, que significa um *embroglio*, ou confusão de palavras que ninguem entende. Diz-se que traz a sua origem do seguinte facto. No tempo em que se costumava fallar em latim em todos os actos publicos, e por conseguinte tambem nos arrasoados do fôro, foi encarregado um advogado não muito expedito da defesa d'um litigante chamado Mathias, que disputava a outro a posse d'um gallo.

Fazendo-o, e começando a orar, embrulhou-se de tal modo na questão, que não sabendo como proseguir, só se lhe ouvia dizer no meio de palavras desconnexas, *gallimatias, gallimatias* (Os gallos de Mathias).

MAIO — 27

Sapatos com pontas de festa. — Ao lêr o artigo — Uma casquilha e o seu sapateiro, que se acha no *Almanach* de 1867, a paginas 168, lembrou-me um caso acontecido nesta villa da Batalha, e é o seguinte:

Certo vereador até á véspera do dia de Corpo de Deus não se tinha lembrado de que estava proximo tal dia, e que não tinha sapatos para assistir á procissão, (isto era antes de 1810, tempo em que ainda se fazia procissão de Corpo de Deus nesta villa), e só quando eram quatro horas da tarde lhe lembrou esta falta: corre então apressado a procurar quem remediasse semelhante descuido; mas debalde, porque quatro ou cinco sapateiros que havia na villa, todos, apesar das reiteradas instancias, lhe disseram que o não podiam servir.

Afflicto o vereador, e já quasi de noite, recorre a um seu amigo, que tinha certa influencia para com um dos sapateiros, e pede-lhe interceda para o seu conhecido lhe fazer a obra, e para ficar mais descançado acompanhou o seu patrono. O mestre sustentou que não podia fazer os sapatos, apesar de ser o mais desembaraçado dos mestres sapateiros. Á vista da recusa, e não tendo já para onde

Digitized by Google

appellar, exclamou o vereador: — Senhor mestre faça os sapatos, ainda que seja com pontos de festa. Foi então acceita a proposta. O sapateiro perdeu a noite, os sapatos ficaram muito bonitos e foram á festa; mas quando a procissão ia em meio caminho, já o vereador levava as palmilhas das meias pelo chão, e teve de abandonar o seu logar, e recolher-se a uma casa mais proxima que achou, para evitar maior vergonha depois de rotas as meias.

Agora saiba-se que o freguez não quiz pagar a obra, e que o sapateiro teve de recorrer para o poder judicial, onde venceu a questão, porque provou que tinha feito os sapatos com pontos de festa, como o freguez os tinha encommendado, isto é, com pontos que estavam a rir.

Anonymo dos Anonymos Bátalhenses.

MAIO — 28

Forte em geographia.—A célebre madame de Montesson, que desposou o duque d'Orleans avô de Luiz Felippe, era uma senhora intelligente bastante, mas d'uma ignorancia á prova de bala.

Um dia conversava ella ácerca de mr. de Saint-Priest, embaixador de França em Constantinopla e erguia ás nuvens uma formosa residencia que o embaixador tinha, segundo ella dizia nas praias do *mar Baltico.*

Disse-lhe alguem que haveria n'isso engano, e que se o não houvesse, decerto muito poucas vezes elle iria a essa residencia situada a tamanha distancia do seu posto diplomatico.

— A tamanha distancia! tornou intrepidamente madame de Montesson, todas as noutes lá dorme, e todas as manhãs vai a Constantinopla escrever a sua correspondencia.

Quem sabe se d'aqui a um seculo este disparate não deixará de o ser para os nossos netos?

Os caminhos de ferro não transformaram já em realidades bastantes d'estes disparates?

Digitized by Google

Prova sem réplica.— Uma fidalga de provincia, tendo-se-lhe despedido o moço que lhe costumava dirigir o chorrião, especie de coche puchado por bois, de que ainda apparecem amostras, e não poucas, por aquellas terras, chamou certo dia a um dos seus homens da lavoura e perguntou-lhe se sabia conduzir um chorrião.— Ora se sei! respondeu-lhe elle; pois v. ex.ª não se lembra que fui eu que a levei o anno passado á romaria, quando caimos todos n'aquella barroca?

Quando acabará a mór parte da gente de mentir? — Quando não chamar aos petulan-

Digitized by Google

tes — orgulhosos : aos velhacos — finos, espertos : aos tolos — bondosos : aos pusillanimes — prudentes.

João da Silva Pereira Branco (Sinfães).

MAIO — 30

VOU FUGIR-TE!

Vou fugir-te! não posso na terra
Ver teus olhos, sem ver-me finar!
Sem sentir nas entranhas a guerra
D'um amor que me quer dominar!

Vou fugir-te! que sinto no seio
A paixão que me tenta vencer...
Vou fugir-te! — que temo e receio
De, por ti, Deus e patria esquecer!

Vou fugir-te! que um ser malfadado
Não perturbe teu limpido amor...
Irei longe... tão longe... onde o brado
Do teu nome, nem tenha rumor...

Só no fundo das selvas mais feias,
Só no immenso deserto do mar,
Ouvirei o quebrar das cadeias,
D'este amor que me quer desgraçar!

D'este amor, que me faz com que esqueça
As bellezas sem fim d'este ceu,
D'um sentir que me ordena que peça
Um deserto em que viva só eu.

E tu fica!... tu fica no mundo,
Que eu irei, isolado, irei só,
Implorar o remanso profundo
D'uma campa, dos vermes no pó.

Digitized by Google

E se um dia nos echos da aragem
Um suspiro sentires de dor,
Lembra o triste que teve a coragem
De morrer, sem dizer-te este amor.

José Caldas.

MAIO — 31

Sic vos nos vobis.—Liga-se uma curiosa anecdota litteraria a esta phrase latina tantas vezes citada, e que tomou os seus ares de proverbio.

Uma noute Virgilio escreveu na porta do palacio d'Augusto o seguinte distico:

Nocte pluit tota, redeunt spectacula mane:
Divisum imperium cum Jove Cæsar habet

«Chove toda a noite, voltam com o dia os nossos espectaculos: Cesar partilha com Jupiter o imperio.»

No dia seguinte Augusto e os seus cortezãos leram o distico, acharam-n'o gracioso, e começaram a ver se adivinhavam quem seria o autor. Virgilio guardou o silencio, e um poetastro, Bathyllo, vendo que ninguem reclamava essa honra, apoderou-se d'ella com a maior sem-ceremonia, e recebeu as felicitações e cumprimentos de todos.

Virgilio não disse palavra; mas no outro dia appareceram de novo os mesmos versos á porta do palacio d'Augusto seguidos pelos seguintes:

Hos ego versiculos feci, tulit alter honores
Sic vos non vobis.....
Sic vos non vobis.....
Sic vos non vobis.....
Sic vos non vobis.....

«Fiz estes versos, outro obteve a gloria; assim não é para vós...

Digitized by Google

Bathyllo, provocado a completar o pensamento que essa quadrupla repetição do mesmo hemistichio indicava, nunca o póde conseguir, e então Virgilio, accrescentando

...mellificatis, apes,
...vellera fertis, oves,
...nidificatis, aves,
...fertis aratra, boves.

«que fazeis mel, abelhas, que trazeis lã, ovelhas, que formaes ninho, passaros, que arrastais o arado, bois;» mostrou que era elle o autor da primeira e da segunda inscripção, e cobriu d'eterno ridiculo o infeliz Bathyllo.

É verdade que a esse ridiculo deve o poetastro a sua immortalidade... pouco para ser invejada, devemos dizel-o.

JUNHO — 1

LOGOGRIPHO VI

Tenho fins muito diversos,
E varias utilidades;
Posso servir para adorno
E outras commodidades. 1, 4.

Sou par'oido com a terra,
Muitos me acham igual,
Numas partes sou ingrato,
Noutras porém liberal. 4, 2

Segura-me com cautella,
P'ra que não possa escapar;
Repete isto duas vezes,
E depois toca a montar. 2, 3

Não é bem determinada
A minha essencia e maneira,
Pois sou ás vezes de panno
Outras de cera ou madeira. 3, 2

Inverte, junta os extremos;
Anda agora com cautella,
E pede ao anjo da guarda
P'ra que Deus te livre d'ella.

Mas se és o que o meu todo,
Bem ou mal quiz expressar,
Faze então o que quizeres,
Não te póde acovardar.

Francisco Ferreira de Carvalho Lucas (Conchel).

Digitized by Google

Haparanda. — Esta pequena cidade de madeira, perdida nas solidões do polo, é o ultimo limite do mundo civilisado. Compõe-se de 150 casas de madeira e de 1500 habitantes. Está a 214 leguas de Stockolmo e a 600 de Pariz. Collocada a 21° e 52′ de longitude, e a 65° 59′ de latitude boreal, é a cidade mais septemtrional da Europa.

No outono e durante o inverno o dia foge d'estes paizes. Em compensação apparecem então no céo clarões igneos tão vivos, que por instantes substituem o dia. Vêem-se ondas de luz, ora amarella, ora branca, ora de mil côres formarem emtorno do campo gelado um arco scintillante d'uma claridade tal que a imaginação mais exaltada não a póde crear mais explendida.

Querem saber os effeitos que produz o frio, quando o thermometro desce a 40 gráos negativos, como ha pouco tempo se verificou em Haparanda? Este numero abaixo de zero é igual ao que é produzido acima de zero pelo calor mais intenso.

Quando se sae, o nariz gela immediatamente, e sentem-se nos pulmões como que gelidas agulhas. Apesar da escuridão que abranda o fulgor das neves, os olhos não podem soffrer a vibração do ar. Se se viaja, é necessario cobrir-se a gente de pelles desde a cabeça até aos pés, e o barrete que desce até aos hombros tem dois buracos, a que se adaptam vidros d'oculos. Se não fosse esta precaução, arriscava-se uma pessoa a perder a vista.

Como nos desertos ardentes, é-se devorado por uma sede violenta. Sendo impossivel obter-se agoa por causa do gelo, que chega a ter 5 metros de espessura, é-se obrigado a andar sempre com uma dose grande de aguardente. É o unico licor que, trazendo-o sempre comsigo, se póde conservar liquido, de modo que se possa beber. Mas acontece muitas vezes que os labios, ao approximarem-se do

Digitized by Google

frasco, gelam-se e pegam-se a elle do mesmo modo que a lingua, e só se arrancam rasgando-os. A isto é que se chama ser-se apanhado com a boca na botija.

Quando os vidros das janellas não estão garantidos por taboas, quebram-se. Se a mão toca nos botões de cobre ou de ferro das portas exteriores queima-se como se agarrasse num metal ardente. Se a porta se abre um instante, o frio externo converte immediatamente em neve o calido vapor do interior, e a neve cae-nos em cima da cabeça como se estivessemos ao ar livre. Felizmente a atmosphera está quasi sempre tranquilla. Senão fosse isto, quando o ar se agita, o frio avivado pelo vento, passava a ser insupportavel, e muitas vezes os que a elle se expõem morrem em poucos instantes.

Apesar d'estes rigores do inverno, Haparanda tem uma população que vive afferrada a este clima despiedoso. Cada familia vive ao canto do seu lar, cuidadosamente fechada, e abundantemente fornecida de viveres e de lenha para seis ou sete mezes. Nessas casas d'um andar, nota-se o cuidado com que está organisada a vida intima; necessidade imperiosa no meio d'uma naturesa em que durante tanto tempo o ar gelado se póde dizer que não é respiravel.

E chamam elles áquillo *a sua terra!* Pois uma terra assim não é uma patria, é uma sorveteira.

JUNHO — 3

CHARADA XVIII

Ou tenho fartura d'agua,
Ou não ha nem signal d'ella: 1
Sou na classe a que pertenço
A maior, não a mais bella: 2

Só genios superiores
Existencia me tem dado,
Ao templo da gloria tenho
Heroicos nomes levado.

Viriato L. Pereira (Ilha de S. Miguel).

Digitized by Google

Rio de sangue. — Por este nome designam os naturaes do paiz, um rio da America central, cujo liquido escuro sae d'uma gruta situada na aldeia da Virtude. Na nascente a agua tem uma côr vermelha viva como a do sangue; não tem cheiro; o seu sabor é quasi nullo, e pesa quasi tres vezes mais do que a agua commum.

A alguns passos da gruta começa a decompor-se, exhalando cheiro a carne podre e produzindo um desenvolvimento de gazes em que domina o carbonico. Neste estado attrae os abutres e animaes carniveros que a bebem com sofreguidão. A prompta alteração d'este liquido é devida sobre tudo ao excessivo calor d'aquelles climas.

Em um vaso fechado deixa, como todas as substancias animaes, um carvão poroso e produz um oleo empyreumatico de muito mau cheiro. O sr. Rosignon, que em 1867 communicou á Academia das Sciencias de Pariz uma nota curiosa sobre este rio, crê pelo resultado das suas observações, que elle deve a sua côr e as suas propriedades á presença de grande multidão de infusorios.

JUNHO — 4

Versos acrosticos

Guia, guia-me os passos nesta agrura;
Uma por uma aponta-me as pisadas;
Indica-me onde tem suas moradas,
Longe do vulgo insano edificadas,
Homisiado o amor e a ventura.
Encaminha-me a ellas, virgem pura,
Render-lhes-hei, humilde humano preito.
Manda, impera, mulher, que eu me sujeito.
Imagem que eu sonhei, filha d'est'alma,
Ninguem te amará tanto; oh! dá-me a palma,
A palma d'este amor, que é tão perfeito.

José d'Ornellas (Condeixa).

Digitized by Google

Miopo. — Um recruta não sabendo já que alegar para o isemptarem do serviço, disse ao cirurgião do corpo:

— Olhe senhor douter, tenho a vista tão curta que não differenço as divisas d'aquelle cabo d'esquadra, que lá vem ao longe.

JUNHO — 5

Baphometo. — Accusaram os templarios d'adorarem um idolo chamado baphometo. Ha alguns annos, um erudito allemão, descubriu em um gabinete de medalhas, em Vienna, algumas estatuetas representando o baphometo.

Baphometo era uma figura humana com os attributos dos dois sexos, tendo por emblemas uma cruz do feitio d'um T, uma serpente, o sol, a lua, uma cadeia e um candieiro de sete lumes. As estatuetas tem varias inscripções orientaes, em que se repete muitas vezes a palavra *meté* (a rasão), d'onde conclue o erudito allemão, que baphometo quer dizer, baptismo da rasão ou do espirito. Estas figuras, achamse em muitos castellos, igrejas e sepulturas dos templarios.

Os templarios tinham cerimonias, toques, signaes e palavras de passe. Os baphometos, que os juizes do processo tomaram por idolos, eram emblemas como os da moderna maçonaria. Ha hoje um rito maçonico chamado egypcio, que alguns pertendem ser o dos templarios modificado.

O nome de templarios, talvez alludisse ao templo de Salomão, d'onde pretende derivar a lenda maçonica.

Em Portugal houve templarios, mas não foram perseguidos. Os cavalleiros portuguezes, extincta a milicia do templo, foram todos admittidos na de Christo. Foi isto em 1311, porém só em 1319, a curia romana confirmou a nova ordem. Os papas queriam o confisco dos bens dos templarios, na nossa terra, como o haviam tido na França; mas elrei D. Diniz em nada se parecia com Filippe o Bello. E ainda bem, que não houve em Portugal uma horrivel tragedia como a de Jacques de Molay e seus companheiros.

Francisco José Vieira.

Digitized by Google

A estatua do uzurario. — Um agiota de cunho e que muito havia enriquecido com as suas exorbitantes uzuras, teve a vaidade de se fazer representar em estatua sobre o terraço d'uma luxuosa casa de campo, que possuia nos arredores de Bruxellas.

Pararam um dia dois individuos, que passaram pelo sitio, e pondo-se a olhar para a estatua, observou um d'elles que o uzurario não tinha luvas. «Que admira, respondeu-lhe o outro, arrancando das entranhas um profundissimo ai! Não tem luvas, porque nunca precisou d'ellas; — tem as mãos sempre mettidas nas algibeiras do proximo, e nem as minhas lhe escaparam.

A clemencia. — Sire, dizia o cardeal de Retz a Luiz XIII, a clemencia é a virtude favorita dos grandes principes; no meio de seus mais gloriosos triumphos, elles comprazem-se de ceder á compaixão. Quando vossa magestade viaja em suas provincias, deve assemelhar-se aos rios que levam por todo o seu curso a abundancia e a fertilidade. Não permitta Deus que a passagem de vossa magestade possa ser comparada á das torrentes, cujas aguas impetuosas devastam e arruinam tudo.

O grande Frederico disse tambem:

Se vaincre est d'un héros, pardonner est d'un dieu,
Qui ne peut se dompter, qui ne peut pardonner,
Est indigne du rang qui l'appelle à régner.

Bellarmino Carneiro (Nazareth — Pernambuco).

Digitized by Google

Dignidade.— Le Sage, o autor do *Diabo Côxo*, e do *Gil Braz*, se o é, foi convidado pela duqueza de Bouillon, para ir ler em sua casa a comédia *Turcaret*, que elle ia pôr em scena; e ao mesmo tempo jantar com ella e as mais pessoas da sua roda, desejosas de colher aquellas primicias litterarias.

O autor não poude chegar senão uma hora mais tarde que a aprasada. A duqueza, mais soberba que polida, não dissimulou o enfado e disse ao poéta logo em resposta á sua primeira saudação: — Fez-nos perder uma hora.

— Em compensação, respondeu instantaneamente Le Sage, vou-lhes fazer ganhar duas. E desandou por onde tinha vindo. Seguiram-n'o, chamaram-n'o, instaram com elle, tudo por demais; não houve fazel-o tornar atraz.

Por este facto nos lembra outro, ainda que d'indole diversa.

O poéta burlesco italiano Guadagnoli, o autor do poema sobre o seu proprio nariz *Il naso*, foi tambem convidado a jantar no palacio do duque reinante de.... no dia tal, ás quatro horas da tarde. Chegou ás cinco.

— Não é pontual, lhe disse o soberano, que o esperava no jardim mostrando-lhe o relogio.

— Meu senhor, respondeu o farcista, é porque não tenho relogio; se o tivesse vossa alteza veria como nem um dia faltava aqui ás quatro em ponto.

Digitized by Google

O principe offereceu-lhe o seu, e elle aceitou.
Por honra das lettras preferimos Le Sage a Guadagnoli.

JUNHO — 8

Seda.— Como acontece em relação a outros muitos productos, um expesso véo lhe encobre a verdadeira origem. Aristoteles diz-nos, que Pamphilia, dama de distincção romana, fôra a primeira, que fabricára tecidos de seda. Plinio, que a considerava um producto vegetal, suppõe o seu fabrico originario de Cos, visto que alli era conhecido antes da época, que motivou a Illiada. Porém se reflectimos, no que era Cos n'aquella época em referencia aos phenicios e persas, é muito para duvidar-se da originalidade supposta. Cos não tinha industria propria, expunha a dos phenicios e persas; e é, talvez, a estes ultimos, que se deve attribuir a dita origem em consequencia do seu remoto aperfeiçoamento nos estofos.

Mas sendo a origem do fabrico da seda tão remoto, o que admira, é, que Plinio ignorasse a sua verdadeira natureza, suppondo-a um producto vegetal!

O mesmo tambem acreditava Virgilio, e a isso se refere o verso 121 do liv. 2.ª das *Georgicas*:

Velleraque ut foliis depectant tenuia seres.

Effectivamente, tinha-se como certo entre os romanos, que a seda era uma especie de carepa, ou lanugem, que nascia na superficie de certas plantas, a qual depois de secca se cardava com pente. Acreditavam outros que a seda provinha dos filamentos d'uma especie d'aranha. Perseverou esta ignorancia na Europa por muito tempo, até que no anno de 700 dois monges vindos da India trouxeram ao imperador de Constantinopla, Justiniano, a semente de que se geram os bichos de seda, e ensinaram o modo de os criar e aproveitar

C. B. (Ponte da Barca).

Digitized by Google

JUNHO — 9

A bengala de Bautru.— Foi este Bautru um homem engraçadissimo da côrte de Luiz XIII, mas uma das suas graças saíu-lhe cara. Mandára elle encadernar com toda a riqueza um livro intitulado: *As bellas acções da vida do senhor duque d'Épernon.* Só o titulo estava impresso; tudo o mais eram paginas em branco; depois mandou-o ao duque. Este devorou o epigramma em silencio, mas mandou dar no autor um bom par de bengaladas.

Uma vez um sugeito encontra Bautru de bengala na mão:

— O senhor Bautru, diz elle para um dos seus amigos, traz uma bengala como S. Lourenço uma grelha, para que nos lembremos do seu martyrio.

O que valia era que Bautru conhecia e praticava o proverbio: «Quem vai á guerra dá e leva.»

JUNHO — 10

Mal de somno.— Molestia em que se morre a dormir! Principiam as pessoas atacadas d'esta molestia a dormir mais do que o costume, e a ser o somno pezadissimo; depois adormecem de dia, e a toda a hora. Os pretos atacados, estando a limpar arroz, ficam á dormir, caindo-lhes o páu de pilão da mão muitas vezes; estando a comer adormecem tres, quatro e mais vezes, ficando até com a comida na boca sem a mastigar. Á medida que a molestia vai progredindo, maior é a difficuldade em fazer accordar a pessoa atacada; dão-se banhos frios, applicam-se tonicos, mas raras vezes produzem bom resultado. O doente vai emagrecendo, pouco e pouco vai-se manifestando um estado de marasmo, e a este segue-se a morte.

Vi um jornal de New-York, que apresentava um caso d'estes, e dava-o como extraordinario nos Estados-Unidos; pois por cá, e em toda a Senegambia, não é nada raro.

* * (Bissau).

Digitized by Google

BEIJO

Beijo na face
Pede-se e dá-se;
Dá?
Que custa um beijo?
Não tenha pejo!
Vá!

Um beijo é culpa
Que se desculpa;
Dá?
A borboleta
Beija a violeta
Vá!

Um beijo é graça
Que a mais não passa
Dá?
Teme que a tente?
É innocente;
Vá!

Não tenha medo!
Guardo segredo;
Vê?
Dê-me um beijinho!
Dê, de mansinho
Dê!

Oh como é doce
E como trouxe,
Flôr,
Paz a meu seio!
Saciar-me veio,
Amor!

Saciar-me?... Louco!
Um, é tão pouco,
Flor!
Deixa, concede
Qué eu mate a sede,
Amor!

Talvez te leve
O vento em breve,
Flor!
A vida foge,
A vida é hoje,
Amor!

Não tenhas pejo,
Vá mais um beijo
Pois....
Um mais na face,
E, a mais não passe!
.... Dois.

Oh dois... Piedade!
Cousas tão boas...
Vês?
Quantas pessoas
Tem a Trindade?
Tres.

Tres, sim, não cuides
Que te desgráças....
Vês?
Tres são as Graças,
Tres as Virtudes...
Tres!

Digitized by Google

Tres é a conta
Certinha e justa!
Vês?
E que te custa?
Não sejas tonta....
Tres!

As folhas santas
Que o lirio fecham,
Vês?
E não o deixam
Manchar, são.... quantas?
Tres!

João de Deus.

JUNHO — 11

Um homem conscienciosa. — Os *claqueurs*, isto é, os homens a quem as emprezas theatraes, os autores e os artistas pagam para irem applaudir as peças são ha muito tempo empregados em França. A seguinte anecdota é caracteristica:

Um homem applaudia freneticamente uma peça de Lagrange, bradando ao mesmo tempo: «Isto não presta para nada.» Perguntaram-lhe o motivo:

— Ah! respondeu elle, é porque recebi dinheiro para dar palmas, e hei de dar palmas, porém não posso deixar ao mesmo tempo de dizer o que penso.

JUNHO — 12

CHARADA XIX

Não ouseis transpôr meus áditos
E em meu seio penetrar;
De sangue sedentas feras,
Em mim podem habitar. 2

Ainda que irmãos no mundo,
Que distancia nos separa!
Somos dois; nunca nos vimos;
Ver-nos já alguem ousára. 2

Em frias noutes d'inverno,
Limpas, serenas, sem vento.
Eis aqui, leitor amigo,
Da charada o complemento. 2

Entre os sabios tenho culto,
Faço parte da sciencia,
Já te disse o necessario,
Já de mim tens consciencia.

José Felgueiras (Guimarães).

Digitized by Google

Santo Antonio brigão. — Lembrou-se um dia o pobre rei D. Affonso VI de nomear Santo Antonio, capitão do exercito portuguez. Durante muitos annos, o novo capitão recebeu soldo, e não sei se ainda hoje o recebe.

Um frade benedictino por nome Frei Jeronymo Vahia, fez uma cousa que chamou poema epico, mas que parece satyra. Alludindo ao valor do rei e á batalha das linhas d'Elvas, disse que, el-rei rompendo as linhas, fez com que

«... as gentes visinhas,
«Quando vem mais insolentes
«Não choquem como valentes
«Mas choquem como galinhas.»

Fallando do capitão Santo Antonio, e dos serviços que elle prestou aos portuguezes na guerra contra os castelhanos, diz o mesmo frade:

«Fará cousas nunca ouvidas
Em favor dos lusitanos,
Não sendo dos castelhanos
Com ser de cousas perdidas:
Tingirá, cortando vidas,
De vermelho o burel pardo,
E com impeto galhardo
Triumphando em todo o risco,
Posto que é frade francisco
Brigará como um bernardo.»

Os frades bernardos seriam brigões?

Francisco José Vieira.

Anagramma — É uma especie de enigma, que

Digitized by Google

transmutando e sorteando as lettras de qualquer palavra umas por outras, fórma d'ellas differentes vozes e sentidos. A mesma palavra grega *anagramma* o está dizendo; porque se compõe de *ana* que significa proposição de movimento, e *gramma*, que val o mesmo que lettra. N'este genero foi notavel *Licofronte*, e o nosso insigne *Alonso de Alcalá*; de cujo assumpto imprimiu um livro em Lisboa no anno de 1654 na officina Craesbequiana, que intitulou *Jardim Anagrammatico*.

Santo Antonio de Lisboa fórma dois anagrammas, que dizem com as mesmas 21 letras, de que consta: *Sol si, do Ceo bonina tanta;* ou assim — *Dotainos Ceos tal bonina.*

Abbade de Castro.

JUNHO — 14

LOGOGRIPHO ENIGMATICO

Na mesa põe a creada
O meu todo, aonde victima
Da primeira e da segunda,
Foi tércia e quarta guisada.
Vejam, vejam se adevinham,
Que não lhes digo mais nada.

D. Julia F. P. B.

Pasquim. — Houve em Cordova um bispo chamado D. Martinho tão avaro e tão inimigo de dar esmolas aos pobres, que deu logar a que um dia lhe apparecesse fixado na porta principal do seu palacio o seguinte pasquim:

San Martin, siendo francez,
Partió la capa con Cristo;
E tu, Martin cordobés,
Si Cristo tuviera cinco,
Le quitarias las tres.

Digitized by Google

Eremitas.—Foram assim chamados os habitadores do *ermo*, ou logar solitario, d'um e outro sexo, que na primitiva igreja, ou para evitarem a perseguição que os tyranos faziam aos christãos, ou para se applicarem á vida contemplativa e penitente, se recolhiam aos desertos, e ahi viviam das esmolas dos fieis, ou dos frutos que a terra lhes offerecia.

Chamaram-se tambem anachoretas. Os primeiros, e mais célebres, foram S. Paulo Eremita, S. Antonio, S. Hilarião, S. Bazilio e S. Jeronymo.

Apotheose á queima roupa.—Ao prior de Loulé, José Rafael Pinto, fallecido ha dois ou tres annos, homem digno de toda a consideração pelo seu muito amor ao trabalho e generosas aspirações a toda a idéa de progresso, parocho que alli não ha de ser facilmente esquecido pela vontade de ferro com que sustentou sempre os bons costumes da sua parochia, apresentou-se em certa occasião, rechonchuda e nédia que nem filho de quinteiro do Algarve em tempo de figo, uma aldeã, empunhando meia folha de papel sellado e pedindo-lhe uma certidão d'idade.

—Venha amanhã, disse-lhe elle.

—Ora, accudiu ella com cara de quem se levanta d'uma sezão, se *vossa divindade* me fizesse a graça de a passar hoje...

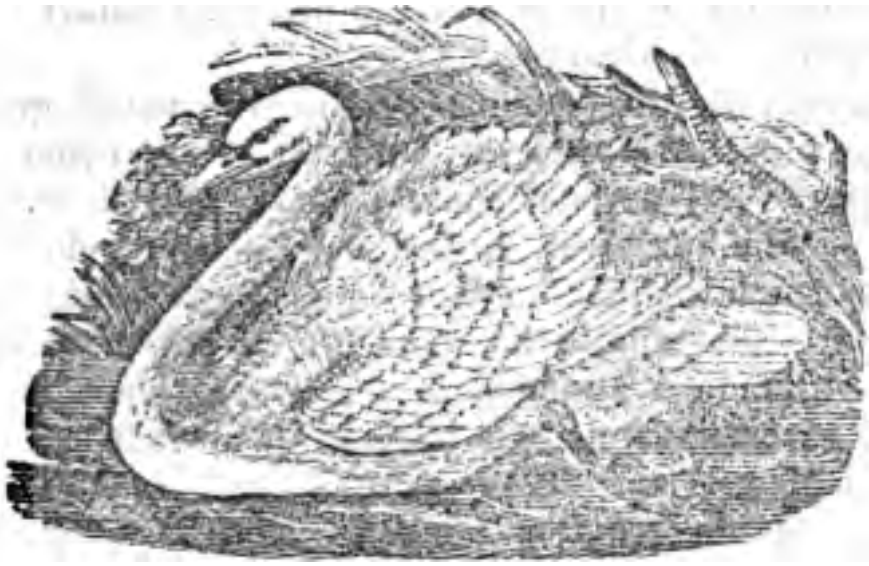
—Já, respondeu o prior, contendo a muito custo o riso; *petite et accipietis*, disse Christo.

E passou-lh'a immediatamente.

Ramos (Algoz).

Digitized by Google

A credula antiguidade. — São curiosissimas muitas das noticias que nos dá o grande philosopho Aristoteles no seu livro *Mirabilibus auscultationibus*. Por exemplo : Lê-se alli que na Cicilia havia um lago, onde, se se mettiam os animaes afogados, recobravam vida. Que na ilha de Chypre havia um territorio onde, semeando-se o ferro dividido em pequenos bocados, e regando estes, produziam e cresciam como as plantas, de modo que a seu tempo, se podia fazer ampla colheita de ferro, como se faz de linho, ou de outro qualquer vegetal. No livro v da *Historia dos animaes*, se convencido, ou não, não o sabemos, accrescenta o mesmo gravissimo autor, que na já citada ilha de Chypre, nasciam e se criavam no meio das chammas umas pequenas avesinhas tão symbolicas com o fogo, que morriam logo que d'elle as apartavam.



Os que acreditavam estas e outras, que o grande Plinio admittiu, pois que copiou em grande parte Aristoteles, são os que tambem nos diziam que o cysne quando proximo da morte soltava o mais suave, e o mais melodioso dos seus cantos, donde veiu serem-lhes comparados os bons poetas, ou chamarem aos poetas cysnes.

A voz do cysne é tão ingrata como a de todas as aves aquaticas, e na hora da morte não é mais agradavel. As-

Digitized by Google

sim, em vez de chamar cysnes aos bons poetas, deviam antes nesta ave symbolisar os máos.

JUNHO — 17

O sitio da Amoreira *(Algarve)*. — A dois kylometros do Algoso, aldeia pequena e bonita situada a E. da antiga capital do Algarve, Silves, velha cidade d'Aben-Afan, pela estrada que corre para Faro, pouco desviado para o S. eleva-se aos ares um pequeno outeiro, cujo cimo está coroado com uma pequena e antiga ermida da Senhora do Pilar, pharol dos trabalhadores que, voltando das aridas terras do N., vêem n'ella o primeiro edificio do seu ninho paterno, o Algarve.

Na encosta E. do pequeno outeiro estende-se quasi em fórma de planicie o sitio da Amoreira, fertil como o mais fertil e agradavel á vista, como poucos, já pela sua collocação amena e aprazivel, já por ser rodeado pelo lado de E e N por um pequeno ribeiro que entre canas e arvoredo leva o seu tributo ao mar. Não é porém só pelo lado da fertilidade e abundancia d'arvoredos que este sitio se torna recomendavel; é-o tambem pelo lado scientifico, e archeologico.

Tem-se, desde remotos tempos, como se vê da chorographia do Algarve, encontrado, e ainda se encontram, moedas antigas, e, posto se não tivesse ainda até ha pouco marcado o tempo do seu cunho, por não se entenderem as lettras corroidas pela oxydação, uma que ultimamente se achou resolve toda a duvida, porque nella se divisa bastante intelligivel a palavra *Antoninum*, que devemos crer ser o imperador romano, successor de Trajano. Além d'esta, outras provas mais, taes como cinzas amontoadas, alicerces de grandes edificios e tres poços antigos na sua proximidade, sem que este sitio seja hoje muito povoado, nos convencem de que este campo foi habitado pelos romanos.

Podia ser que neste sitio se encontrassem preciosidades,

Digitized by Google

que enriquecessem o museu nacional, mas o receio de que os trabalhos sejam baldados, depois de feita uma grande despeza tem desvanecido o seu curioso dono de fazer sérias investigações.

Athaide Oliveira.

JUNHO — 18

OUVE!

Não te mereço, não, irmã dos anjos,
.....
C. C. Branco.

Tu és a luz d'esta alma solitaria,
O sol no meu exilio, e meu soffrer,
A crença d'este peito lacerado,
Minha aurora nas trevas do viver,
Tu és, anjo do céo, a imagem pura,
Amada neste mundo a mais não ser.

Amar-te, como o nauta a praia amiga,
E como o encarcerado o azul dos céos,
Amar-te como o arabe o deserto
Amar-te como o crente a luz de Deus,
É o credo d'esta alma, a idéa fixa,
O continuo lidar dos sonhos meus.

Seguir-te como segue a borboleta
A luz que a fascinou, e a queima alfim;
Seguir-te embora pobre, homem sem nome,
E escravo da paixão, meu cherubim;
Seguir-te e não mer'cer-te é o fadario
Da triste maldição que pesa em mim!

Jacintho Caldas (Vianna).

Digitized by Google

Doentes in extremis.— Apre! estou cançado d'andar, dizia certo medico tirando o chapéo, e enchugando com o lenço as bagas de suor que lhe escorria da testa, venho de ver um doente em S. Sebastião da Pedreira, antes d'este vi outro na Boa Morte, e já de manhã tinha visto outro para as bandas da Fundição.

Pelo que vejo, doutor, disse-lhe um dos ouvintes, todos os enfermos de que trata se acham *in extremis*.

JUNHO — 19

CHARADA XX

Mulher e côr, e flor; 2
Mulher, ás vessas côr; 2
É mulher, ergo flôr.

Antonio Candido Palhote (Benavente).

Relogio contrariante.— «Para beatas do meu bairro era um cutello de dois gumes (diz o relogio da cidade em palestra com o relogio da aldeia) nunca lhe dei uma hora a proposito de seus propositos, porque vim a entender por experiencia, que na maior parte d'esta gente e seus costumes, mora a superstição e a hypocrisia. Perguntae que mais virtude póde ter uma de suas orações a tal, que a tal hora? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas das onze para o meio dia eram de vez, porque todas empeciam. Pois eu logo a estas soccorria com horas a tempo, nem horas? Todas as trazia em um vivo enleio, e com o proprio engano com que ellas traziam a outras cachopas, de S. João ás quartas feiras, e da Virgem do Monte ás sextas, que vão mudas á romaria, espreitando o que diz a gente que passa; d'onde affirmam que lhes não falha a resposta de seus em-

Digitized by Google

bustes, se hão de casar com fulano, ou não; e se vem da India com bons ou máus propositos; ou se se apalavrou lá em seu logar com alguma mestiça, filha de brachmane. Juro-vos que a toda esta canalha eu fui falsario, e que as trouxe tão desvairadas com meus acintes, que muitas se queriam mudar do bairro pelas falcatruas que lhe fazia o relogio.

A cegos resadores, homens de almas, a aguardenteiros, a vendeiros, e emfim a toda essa chusma dos matutinos despertadores, fui peçonha.

D. Francisco Manoel de Mello.
(Apologos Dialogaes).

JUNHO — 20

Modestia. — O general Laudun, não se póde dizer se era mais em merecimento ou em modestia. Nas reuniões do paço em Vienna, concorria, porque era seu dever, mas fugia de dar na vista quanto lhe era possivel. Um dia a imperatriz rainha perguntou ao Feld-marechal d'Aremberg onde estava o general Laudun.

— Está atraz da porta, lhe respondeu o velho; tem vergonha do seu merito.

A verdadeira virtude é muitas vezes assim; e especialmente se esconde quando vê fervilharem nos primeiros logares os insignificantes. Como que se sente vexada de tal comédia.

Arachne. — Arachne, segundo a mythologia, era uma mulher muito habil e dextra na arte de tecer e bordar. Desafiando em certa occasião Minerva, para ver qual d'ellas melhor bordaria uma tapeçaria, esta deusa tanto se offendeu com a temeridade d'Arachne, que despedaçou o bastidor e os fusos da orgulhosa, e a metamorphoseou em aranha.

Imagine-se qual era a sua habilidade, que ainda mesmo depois de passar por uma tão grande alteração, *scilicet*, de

Digitized by Google

creatura racional para um vil insecto, não só a não perdeu, mas parece que ficou exercendo a sua arte ainda com mais perfeição e delicadesa!

Bem diz o adagio: *Quem bem tece, nunca lhe esquece.*

Francisco Ferreira de Carvalho Lucas (Poyares).

JUNHO — 21

LOGOGRIPHO VII

Veja-se o *Almanach de Lembranças* de 1867, pag. 329

Á tércia e certa medida
Terceira e quarta uniria:
Era assim que noutro tempo
A humildade se cingia!

Bem no centro dos extremos
Ainda um *n* te pedia;
Se ás vez produz desgostos,
Causa excessos d'alegria!

Para engáno de gulosos
Eu agora inverteria
A primeira, e d'uma casa
Inda a metade uniria!

Da tércia e quarta no meio
Duas lettras quereria;
Astro brilhante não sendo,
Dá luz que muito allumia!

No centro dos meus extremos
Uma lettra bastaria;
Faltasse-nos este dom
E ninguem descansaria!

P'ra mostrar conto ou historia
A segunda escreveria,
Mais quinhentos; e d'est'arte
Inda uma lettra uniria!

Se nas damas dominasse
Muito mal se evitaria!...
(Dizem certos maldizentes
Que a minha escola não cria)
Eis aqui o logogripho
Já tão claro como o dia!...

Manoel Maria Lucio (Villa Nova de Gaya).

Digitized by Google

Confissão a pessoas leigas. — Tambem entre nós grassou o costume de confessarem os seus peccados a pessoas leigas, os que se achavam em perigo de morte, e não tinham sacerdote que sacramentalmente os absolvesse. E isto principalmente na occasião de entrarem em alguma batalha mui perigosa. No anno de 1459, saiu da Villa d'Alcacer, em Africa, o capitão D. Duarte de Menezes (que no anno seguinte foi feito conde de Vianna de Caminha) com quarenta e cinco de cavallo, e alguns espingardeiros, para correrem a terra de Canhete; mas não tardou muito tempo que se vissem rodeados por mais de 1:500 mouros. Então, apesar do esforço que se notava em D. Duarte, não havia tal, por ardido que fosse, a que não parecesse que estava mais perto da morte, que da vida, apartando-se uns com os outros, uns a confessar, e outros a encommendar as almas e fazendas áquelles que se acertassem de ficar vivos. (Chr. do mesmo Conde) . . . . .

Em Inglaterra durou esta confissão principalmente entre os navegantes e guerreiros (quando a tormenta ou a batalha perigosa lhes mostrava de perto o fim da vida) até aos principios do seculo XV. Em Portugal chegou até aos fins do mesmo seculo.

Depois d'este tempo se julgou mais racionavel e prudente, abster-se d'esta confissão, pois nenhum preceito a mandava, e que pelo erro e abuso dos herejes, e perigos mesmo a que induzia, seria facil o passar de util a perniciosa.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo
(Ellucidario das Palavras).

Corôa nupcial. — Em certos cantões da Suissa no dia das nupcias, depois do jantar, e das danças, entra em casa dos noivos uma mulher vestida d'amarello, pede á esposada a corôa nupcial, e queima-a em cerimonia. Se

Digitized by Google

a corôa ardendo, faz um grande estalido, é isto, diz-se, de máu agouro para os novos esposados.

JUNHO — 23

O que é o commercio. — Tem-se visto no nosso seculo venderem os inglezes armas e navios a duas nações contendoras, e tem-se admirado esta suprema indifferença do commercio que favorece igualmente a causa que lhe é sympathica, e a que é adversa, não só aos seus sentimentos, mas tambem aos seus interesses; o que porém nos parece que só uma vez se viu foi venderem os commerciantes d'uma nação um navio aos seus proprios inimigos. Foi o que succedeu

quando andavamos em guerra com os hollandezes por causa do Brasil. Vê-se d'uma carta dirigida pelo padre Antonio Vieira ao marquez de Niza que o eloquente jesuita comprára na Hollanda uma fragata para o serviço de Portugal, nova, velleira, e com 28 peças de boa artilheria!

«Quem a vendeu, diz Antonio Vieira nessa carta, datada de Haya aos 16 de maio de 1648, obrigou-se a pol-a segura em Lisboa, pagando e sustentando a gente do mar á sua custa, e tudo por menos de 35:000 florins.

É até onde póde chegar o amor do trafico!

Digitized by Google

A Europa. — A Europa, posto que muito soberba, quasi nada tem que propriamente lhe pertença. A Europa não se apresenta em tão grandes proporções como as outras partes do mundo, como cada uma das duas Americas, a Africa, ou a Asia, emfim, a máior de todas, porque a Europa não é realmente um continente separado, ou uma parte do mundo, mas um apendice da Asia.

O arroz, os cereaes, o cavallo, o boi, a galinha vieram-

lhe da Asia; as suas lãs mais finas da Mauritania, a batata da America, a cerejeira da Asia menor, o pecego da Persia; o bicho de seda da India; da India tira ella os diamantes e os brilhantes; das Molucas as especiarias; as madeiras preciosas das florestas Americanas. Em toda a Europa não ha uma bacia como a do Nilo, a do Kiang, ou do Amazonas; nenhuma das suas cadeias de montanhas iguala nem em extensão, nem em altura, o Himalaya, nem as Cordilheiras; todas as suas planicies e areaes reunidos

Digitized by Google

não formariam mais do que uma pequena parte dos immensos desertos da Africa; os seus maiores lagos não apresentam senão pequenas bacias d'agua em comparação do mar Caspio, do lago Baikal, dos grandes lagos do Canadá; o maior archipelago da Europa não pode rivalisar, nem pelo numero, nem pela importancia das ilhas, com os archipelagos que formam as Indias Occidentaes, o grande archipelago Malayo, e os labyrinthos d'innumeraveis ilhas que contém o mundo maritimo, ou a Oceania.

JUNHO — 25

Recordações de viagem.—Chegou ha pouco a Lisboa um sugeito que, como recordações d'uma viagem que fizera pelo reino e ilhas, trouxe os seguintes objectos:

Um par de sapatos de *Moura*.
Um cão de *Faro*.
Uma corneta de *Chaves*.
Uma porção de peixe de *Lagos*.
Uma imagem de S. Gonçalo de *Amarante*.
Uma porção de cal de *Paredes*.
Um oculo de *Boa Vista*.
Um criado do *Principe*.
Um cabo da *Guarda*.
Um frasco de pomada de *Lima*.
Uma porção de fruta da *Figueira*.
Uma gaitinha da *Feira*.
Uns restos de comida de *Cêa*.
Uma porção de louro da *Batalha*.
Umas amostras de *Manteigas*.
Dois borrachinhos de *Pombal*.
Umas mangas de *Niza*.
Uma porção de remedios de *Boticas*.
Dois melões da *Horta*.
Uma porção de facas e garfos de *Cabo Verde*. etc.

Antonio Augusto Ferreira.

Digitized by Google

Blagueurs.—A denominação de *blagueur* que corresponde proximamente á de *impostor*, dá-se em França especialmente a certos individuos que negoceiam, e que apregoam as suas fazendas encarecendo-as com elogios bombasticos, etc.

Ha tempos estacionava num sitio concorrido de Paris um bufarinheiro *blagueur* de bom gosto, e apresentando um pequeno livro aos transeuntes, dizia ao mesmo tempo em alta voz:

— Senhores! continuae a dispensar-me os vossos favores, comprando-me este livro, já bem conhecido do publico. Esta nova edição que aqui vedes, acha-se consideravelmente augmentada, e tem um melhoramento importante da minha especial iniciativa: juntei-lhe tres folhas em branco para as pessoas que não sabem ler!

A *blague* não é destituida de espirito.

S. C. (Coimbra).

CHARADA XXI

Posso ser nota, 1
Posso ser tom. 1
Posso ser mau,
Posso ser bom.

J. S.

Influencia da mulher. — Quereis moralisar a sociedade? Moralisae a mulher, educae-a, não para a vida da praça, onde ella não tem que fazer; não para a vida do salão, onde nem é util a si nem aos mais; mas para que possa cumprir os fins a que a destinou o Crea-

Digitized by Google

dor, de esposa e mãe. A mulher em quanto filha influe directamente em seu pae; quando esposa, no marido; quando mãe, influe, nem póde deixar de influir, em seu filho.

Romão José Pinto Cerqueira (Brazil).

ENIGMA V

Té Lucifer m'arrenega
Da má figura que tenho.
Inda assim, alguem m'adora.
Sem maquina, sou engenho,
Dou mil voltas numa hora.

Sou cortez em demasia
Quando ando em minha lida.
Se me vestem; de repente
Para a gente andar vestida
Fico nú de novamente.

Manoel Augusto da Conceição Novaes
(Figueira da Foz).

JUNHO — 28

Conventos de S. Francisco e S. Domingos de Guimarães. — Apparecendo no mundo os dois lumes da religião christã, S. Domingos e S. Francisco, o que foi sendo Papa Innocencio III, começaram as suas ordens a estender-se por toda a christandade. Não foi Guimarães alheia a este movimento, porque em seus muros se fundaram dois mosteiros, um da ordem de S. Francisco, e outro da ordem de S. Domingos. O primeiro fundado, da ordem de S. Domingos, foi em 1270, da era do Senhor, no reinado de D. Affonso, o bolonhez.

Em 12 de Dezembro d'aquelle anno, a uma sexta feira, vieram a Guimarães Fr. Alvaro, prior de S. Domingos do Porto, Fr. Estevão Mendes e outros, por mandado da ordem á petição da mesma villa, e ajuntando-se todos os do concelho na igreja de S. Thiago, alli lhes deram licença para edificarem um mosteiro, dando muitos particulares para isso d'esmola aos frades, campos, casas e quin-

Digitized by Google

taes, e foi edificado aonde é a porta da villa, que vae para S. Domingos. Este convento foi depois derribado, por que nas contendas que houve entre D. Diniz e o principe D. Affonso, seu filho, estando a villa pelo rei, de cima do mosteiro faziam os do infante grande damno aos da Villa. No tempo de D. Affonso IV tornou a edificar-se, mas no sitio onde ora está.

O segundo convento que se edificou foi o de S. Francisco. Mandou este santo a Portugal a Frei Gualter e um companheiro, em tempo de D. Affonso II. Mandou-os este rei residir em Guimarães, e faziam a sua habitação em cima na serra, onde chamam Villa Verde; em uma pequena e pobre casinha. D'alli se passaram para a villa, e moraram em um hospital junto ao sitio onde está a torre velha. Foi ao longo da parede d'este hospital que D. Frei Tello, arcebispo de Braga, já no tempo de D. Diniz em 1290, lançou a primeira pedra para o convento, que depois se concluiu, e onde Frei Gualter e o companheiro foram residir.

Este convento foi destruido pela mesma razão porque se destruira o de S. Domingos, e que ha pouco demos. Depois tornou-se a edificar com licença de D. João I, no anno do Senhor de 1400, com condição de que não fosse mais chegado á villa do que estava o de S. Domingos.

S. Gualter e S. Gonçalo d'Amarante. — Cada um dos conventos a que nos referimos no artigo antecedente, deu á igreja um santo varão. O convento de S. Francisco a S. Gualter, que no mesmo convento tem capella propria, e em cujo altar estão as suas reliquias em um sepulchro de fórma pyramidal.

S. Gualter é, como os leitores já terão adivinhado, aquelle religioso que foi mandado a Portugal por S Francisco em tempo de D. Affonso II, e que deu causa á edificação do mosteiro.

O convento de S. Domingos criou espiritualmente ao mi-

Digitized by Google

lagroso S. Gonçalo d'Amarante. Conta a sua historia que foi abbade de S. Paio de riba de Vizella e que depois tomou o habito de S. Domingos no mosteiro de Guimarães. O seu corpo está na villa d'Amarante, em um mosteiro do seu nome, onde pelos muitos milagres que se lhe attribuem, é visitado em todo o decurso do anno pela gente d'aquellas cercanias, e mesmo de pontos mais distantes.

Nasceu este santo, segundo é tradicção, na freguezia de Tagilde, a uma legua de Guimarães e quatro d'Amarante, em um casal que chamam do Paço. A igreja celebra a festa de S. Gonçalo d'Amarante em 10 de Janeiro.

A summa d'estes dois pequenos artigos foi extraida das — *Varias antiguidades de Portugal* — de Gaspar Estaço, que floresceu no principio do seculo XVII. Estaço conta as cousas como as ouvira, ou como eram naquelle tempo.

JUNHO — 29

Sabbado e domingo. — Quero, e não queres; quererás, e não quererei. Esta maxima, ao que parece, é d'um philosopho arabe, e deriva-se da seguinte historia.

Um judeu e um christão conversavam juntos, e em boa amisade, á borda d'um poço.

Cahiu o judeu dentro do poço sem muito perigo, porque tinha pouquissima agoa, e o christão correu logo a procurar uma escada para o tirar.

Chega com ella e dispunha-se a collocal-a, quando de dentro lhe gritou o judeu: — Olá, amigo, não tenhas trabalho, porque não subo pela tua escada; é hoje sabbado.

Ficou pois o resto do dia, e durante toda a noite que se seguiu dentro do poço, e bem refrescado d'agoa, e no outro dia de manhã indo o seu camarada saber como elle se achava, gritou-lhe de dentro o judeu: — Uma escada em nome de Deus, traz uma escada.

— O céo me defenda de tal, amigo; é hoje domingo e não se trabalha, respondeu-lhe o christão.

Digitized by Google

JUNHO — 30

LEONOR

Como a rosa delicada,
Rociada, é tão louçã;
Assim é a minha bella,
Linda estrella da manhã.

Como a mimosa corolla
Que se enrola numa flor,
É sua alma virgem, lêda,
Se segreda um terno amor.

Qual ficticia luz do campo,
Pyrilampo a doudejar,
Se me avista... se sorrindo,
Vae fugindo ao meu olhar.

Mas se a chamo, e assim medrosa
Vae pressurosa a fugir,
Volta prestes, sem demora,
Mais seductora a sorrir...

Então vejo nos seus olhos
Sem refolhos, o prazer...
Então vejo que é meu fado:
«Ser amado até morrer.»

J. Pereira d'Almeida (Rio de Janeiro).

JULHO — 1

Amor nacional.— Debaixo da influencia de sol abrasador caminhavam pelo deserto um arabe e um persa, soffrendo rigorosa sêde: toda a provisão d'agoa do persa se tinha acabado, restando só ao arabe mui pequena quantidade d'este precioso fluido. Disse-lhe o persa:

— A tua nação, meu amigo, sempre foi dotada de summa liberalidade, dá-me pois uma gota d'agoa.

— Agora pensava eu em esgotal-a; respondeu o arabe. Sei que a violenta sêde me ha de matar se te der este resto; mas toma-o, apaga a tua sêde, que eu morrerei, sustentando sempre a gloria da minha nação.

Pouco depois sahia o persa do deserto; o arabe havia expirado.

*** (Madeira).

Digitized by Google

Os negros do Senegal *(Lenda)*.—Os pretos do Senegal, explicam a creação da raça humana pela seguinte lenda:

Deus para levar a cabo o seu pensamento de crear o homem, tomou uma porção de barro, fez com elle tres estatuas e metteu-as num forno, com intenção de infundir depois a alma n'aquelles tres corpos.

A primeira estatua de barro submettida á acção do fogo saiu do forno descorada porque esteve lá muito pouco tempo. Deus tinha creado o branco; o europeu, creatura imperfeita, mal acabada e que o divino artista abandonou como obra indignà da sua alta sabedoria.

Metteu depois no forno a segunda estatua e deixou-a estar por mais tempo á acção do fogo. Quando a tirou estava de côr um pouco mais escura; mas abandonada foi tambem, porque não era ainda obra perfeita. Deus só havia creado o mulato.

Pela terceira vez deu o Senhor andamento á sua obra mettendo no forno a terceira estatua. Deixou-a ficar por mais tempo que as outras, e quando a tirou estava negra. Tinha attingido a perfeição.

Creados os tres seres, o branco, o mulato e o negro, fez Deus que adormecessem, e durante o somno poz junto d'elles uma bolsa e um cavallo. O primeiro que despertou foi o branco; viu o cavallo e a bolsa e lançou mão ao ouro.

Digitized by Google

O segundo que abriu os olhos foi o mulato; apoderou-se do cavallo, montou-o e partiu para o deserto.

O negro, mais formoso do que seus irmãos, porém mais preguiçoso do que elles, foi o ultimo a acordar e não encontrou nada junto de si.

Eis porque elle está condemnado a trabalhar eternamente. O primeiro pae da sua raça creou n'elle a necessidade de dormir uma hora mais do que devia e isto fez a sua escravidão.

JULHO — 3

LOGOGRIPHO VIII

Com arv'res se póde achar, 1.ª e 2.ª
E alli vêl-o brincar. 1.ª e 7.ª
(Tira-lhe as lettras dobradas
Se és rigoroso em charadas)
Será paiz? Póde ser. 5.ª, 5.ª, 4.ª e 6.ª
É um nome, pódes crer. 4.ª e 6.ª
Em partes bem dividido. 6.ª e 7.ª
Mas como sôa, e não olhes
Ás lettras, bem entendido
No Brazil o pódes vêr. 5.ª e 3.ª
Pelos bosques a correr. 3.ª
Com agoa, vinho ou azeite. 3.ª e 2.ª
Na cidade é sempre acceite. 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª
Mais um O pr'o céo ganhar. 5.ª, 4.ª, e 5.ª
Ora toca a adivinhar.

Quatorze lettras, e syllabas
São sete, não vês, amigo?
É terra do nascimento
D'uma santa, mais não digo.

José Joaquim de Mattos (Escalhão).

Digitized by Google

JULHO — 4

Justiça de D. João II. — No tempo de D. João II havendo paz entre Portugal e a corôa de França, aconteceu tomarem os francezes uma caravella, que vinha de Mina, com muito ouro. Reuniu-se o conselho, e todos foram de opinião que se reclamasse, enviando uma pessoa ao rei de França. Pareceu a D. João II que não era isso o que mais convinha, e levantou-se do conselho sem dizer o que tencionava fazer. Sabeis o que fez? Estavam então em Lisboa dez navios francezes carregados de mercadorias; mandou-os tomar logo todos, tirando-lhes vergas e lemes, mettendo nelles tripulação portugueza, e fazendo recolher na alfandega as mercadorias. Não bastava; mandou Vasco da Gama, fidalgo da sua confiança, e que depois foi almirante das Indias, com provisões e poderes a Setubal e ao Algarve, fazer outro tanto a todos que lá estivessem, e iguaes ordens deu logo para o Porto, Aveiro e mais portos do reino. O resultado foi mandar o rei de França a caravella com todo o ouro, sem faltar uma dobra, e só depois é que lhe foram restituidos os seus navios e mercadorias.

Comparem isto com o caso do *Charles et George*.

JULHO — 5

Desafronta. — Durante a exposição internacional de Pariz, em 1867, era frequente a concorrencia d'estrangeiros nos passeios, nas praças, nos hoteis, nos theatros e nos cafés.

Em um d'estes, nas proximidades da praça da Concordia, reuniu o acaso, além d'uma dezena de naturaes do paiz, tres hungaros, um ou dois allemães, tres belgas, dois hespanhoes e tres portuguezes.

Agradavel e animadissima corria a conversação. Era para ver qual lograria dar maior realce aos productos do seu

Digitized by Google

paiz: — admirava-se o tapete; estimava-se o mineral; exaltava-se a pintura, a typographia, a esculptura, etc.

Pretendia cada um que nunca o seu paiz ficasse áquem dos outros. Estabeleciam-se os argumentos; justificavam-se as demonstrações, exemplificavam-se os factos, sem que todavia sacrificassem com isto a delicadeza e os preceitos da boa educação.

Acercára-se ao grupo um d'estes magnatas, bastante vulgares nas grandes capitaes, que apparecem em toda a parte, palradores incommodativos que de tudo fallam, mesmo do que não entendem, e mettendo-se na conversação diz:

— Querem que lhes exprima a verdade, meus senhores? se nós não fossemos e os nossos visinhos d'além da Mancha, o campo de Marte era o mais ridiculo mercado do mundo. Pois o que me dizem de Portugal? Ter a prosapia de concorrer com as outras nações e ainda o arrojo de fazer uma exposição universal! É realmente o maior dos destemperos. Por mim confesso que me ataca os nervos ver passar entre nós um anão, e descobrir na carta geographica a excrescencia d'um paiz.

Foram acolhidas estas inépcias por um riso alvar da parte d'alguns mentecaptos que alli se achavam, e com visivel desdem pelo grupo de que nos occupamos.

Referve o sangue nas veias aos tres portuguezes, e para maior e mais digna desafronta da sua patria um dos nossos conterraneos, o sr. C. de A., tomou a palavra e com inimitavel dignidade dirigiu-lhes esta severa e bem merecida invéctiva:

— Não quero offender a briosa nação franceza, que ora nos acolhe com um abraço fraternal; pretendo apenas, em desaggravo do meu glorioso paiz, castigar o inqualificavel orgulho e o atrevido pedantismo d'alguns néscios que são a vergonha da humanidade.

«Quereis saber o que é Portugal? É o povo que vos abriu as portas do oriente, que vos ensinou o caminho dos mares, que vos descobriu novos continentes, e vos condu-

ziu aos grandes mercados e emporios do novo mundo. Desejaes ainda saber quem fórma a pequena excrescencia geographica do extremo occidente? — é o punhado de valentes que vos derrotou em mais d'um combate; que vos expulsou dos seus lares; que abateu o vôo altivo das vossas aguias, arremeçando-as até áquem dos Pyreneos....

Um bravo caloroso soltado pelos hungaros, hespanhoes e belgas, cortou a apostrophe, deixando corridos de pejo e cobertos de ridiculo aquelles insensatos.

Manoel Alves de Sousa (Castello Branco).

JULHO — 6

Duas innocencias. — Viram dois pequenitos um painel em que estavam representados Adão e Eva antes do peccado, e por consequencia vestidos unicamente da graça divina.

— Ó mano, perguntou a menina, qual é o marido e qual é a mulher?

— Como queres tu que eu o saiba se elles não estão vestidos.

CHARADA XXII

Assim é que escuto os hymnos
Que o meu coração modula;
Assim os threnos divinos
A saudosa pomba arrula. 1

Quando a alma remordida
É de subita emoção,
Exprime a repercutida
Neste echo da paixão.

Pedis conceito? Por vós
Eu de pôr-lh'o me envergonho;
Firmados nelle adivinha-se
Mesmo no ar. Não o ponho.

Antonio Carneiro Antunes Guimarães.
(Pernambuco — Recife).

O nome de Deus em diversas linguàs. — D. Miguel de Barros, na sua *Harmonia do Mundo*, expõe nas tres seguintes oitavas o nome de Deus em differentes linguas.

El atheniense *Agnòstos* lo apellida,
Por que a todos oculto, nada ignora;
El cabalista *Ensòph*, por la aplaudida
Infinitud que solo en si atesora.
El mago *Orsi*, señor de la encendida
Esphera siempre en su loor sonora;
El oraculo delphico *Yáo*, donde
Que es solo la mayor deidad responde.

Llamanle *Godt* los belgas, y holandeses,
Los alemanes *Gott*; los esclavones
Bógi; el etrusco *Esar*; *God* los ingleses,
Paná los magos; *Isten* los peones;
Los assirios *Adad*; *Dieu* los francezes.
Kenèph en Tebas; *Dio* los ausones.
Gud los de Danta; *Zeul* los velàcos,
Los tartaros *Itgà*; *Bogh* los polacos.

Janguaycòa el cantabro; los chaldeos
Elùah; el turco *Abdi*; *Sire* el persiano,
El armenio *Astevàs*; el luso *Deos*;
Diòs el iberio; *Yáya* el perûano;
El etiope *Amláo*; el griego *Théos*,
Deus el latino; *Teut* el egipciano,
Tain el chinense; *Bòuh* el moscovita
Halah el arabe, y *Yáh* el israelita.

Um actor secular. — O célebre actor inglez Macklin representou até á idade de cem annos. Foi nessa id-

de que desempenhou o papel de Shylak numa das comedias de Shakespeare. No meio do segundo acto não pôde continuar, e pediu á platéa que aceitasse um substituto.

Já era tempo!

JULHO — 8

Medicina á proposito. — Eu cá para mim acho melhor o systema de Hippocrates; dizia um medico sectario de Raspail, empregado num hospital de caridade do Rio de Janeiro; é logico que *contraria contrariis curantur!*

— E eu assevero-lhe, arguia um collega homœpatha, que é mais facil curar o mal com o mesmo mal: *similia similibus!*

Neste momento entrou no hospital um preto que fôra encontrado estendido na rua; julgaram-n'o victima d'um ataque apopletico, mas não passava d'uma tremenda embriaguez.

O amigo da camphora, e da agoa sedativa, examina o preto e manda vir uma garrafa d'agoardente.

— Que faz, doutor?! exclama o homœpatha vendo o collega infiltrar a nova medicina no estomago do preto.

— O preto embriagou-se com agoardente, disse, mysterioso e sarcastico, o inimigo dos globolos; eu estou experimentando o seu systema: *similia similibus curantur!*

V. H. S. C. (Rio de Janeiro).

Portuguezes e hespanhoes. — O conde de Cifuentes, embaixador do imperador Carlos V, visitando uma vez na côrte de Roma o nosso embaixador D. Henrique de Menezes, perguntou-lhe:

— Qual será a razão porque os castelhanos se engrandecem sempre uns aos outros, e á sua terra, e os portuguezes fazem o contrario?

— Respondeu-lhe D. Henrique, uns e outros mentem.

Digitized by Google

ANNUNCIO[1]

IMITAÇÃO

Presuntos, cravo, salchichões, toucinho,
Alhos, cebolas, paios e canella,
Pimentão encarnado de Castella,
Agoardente, cerveja, optimo vinho;

Alfinetes, botões, fitas de linho,
Pannos d'algodão crú, rendas, flanella,
Queijos do Rabaçal, queijos da Estrella,
Parmezão, queijo inglez, salmões do Minho;

Vinagre, giz, batatas, bacalhau,
Achas de lenha, bolas e carvão,
Sardinhas d'escabeche, e carapau,

Sabonetes d'arroz, e fino pão:
Vende-se tudo em conta e nada é máu,
Na loja do Miguel, á Fundição!

Algumas opiniões sobre a felicidade. — David fez consistir a felicidade na posse de grandes imperios e altas dignidades. Socrates na sciencia, que considerava como unico bem. Platão na realisação da verdade; tendo a belleza como o esplendor d'essa verdade. Aristoteles nas honras. Antisthenes na virtude; consistindo esta no despreso das riquezas e dos prazeres da vida. Aristippo nos prazeres materiaes. Diogenes em estar sempre alegre. Thales na saude, riquezas e sciencia. E finalmente o ale-

[1] Este annuncio não é uma fabula; appareceu nos jornaes, onde foi mandado publicar, cremos que pelo encyclopedico logista da Fundição.

Digitized by Google

gre e zombeteiro Democrito, dizia que era feliz o que se alegrava com pouco dinheiro e infeliz o que andava triste, tendo muito.

Eduardo Roseire de Mattos Coelho (Mação).

JULHO — 10

Atlante.—Era filho de Jupiter e de Climene. Reinava na Mauriania, era poderoso e possuia um numero infinito de rebanhos.

Segundo o oraculo de Phenix devia ser desthronado por um descendente de Jupiter. Quiz escapar a esta predicção, e para esse fim expulsou dos seus estados a Persêo, que lhe tinha vindo pedir hospitalidade. Castigado por isso foi metamorphoseado numa montanha.

Segundo outra versão, havendo Atlante abraçado o partido dos Titães, quando se levantaram em guerra contra os deuses, foi por Jupiter, seu pae, condemnado d'ahi por diante a sustentar o céo sobre os seus hombros.

O excessivo amor d'este principe pela astronomia foi talvez o que deu lugar a semelhante fabula.

JULHO — 11

Espirito e espirito.—É engenhosa e verdadeira a distincção que fazia Saint-Foix d'um homem espirituoso a uma mulher espirituosa.

— Ha entre os dois espiritos, dizia elle, a mesma differença no estylo que ha entre a côr de rosa e o vermelho assanhado.

Digitized by Google

A oração.—A oração, no dizer de D. João Chrysostomo, é um entretenimento com Deus, mas isto não nos dá o direito a exercel-a, sem a veneração que se deve ao Senhor dos céos e da terra. A Escriptura faz-nos ver os anjos prostrados, temerosos aos pés da Magestade Divina, e occultando o rosto com as azas em signal do respeito de que estavam possuidos na presença do Eterno. Por isto nos querem elles advertir de que rezando nos devemos esquecer de nós mesmos, e desligarmo-nos de tudo quanto nos rodeia, para só nos occuparmos d'um pensamento, de que estamos na presença de Deus, e de que lhe dirigimos as nossas orações no meio dos seus co-

ros angelicos. N'este ponto, os antigos romanos, com quanto não brilhasse entre elles a luz da verdadeira religião, deixaram-n'os ensinamentos que são mais capazes de nos doutrinarem, que de nos perderem. Os romanos quando imploravam os deuses faziam-n'o sempre no meio d'um religioso e profundo recolhimento, e tendo o rosto coberto, a fim de que nenhuma *face inimiga* os viesse perturbar n'este exercicio de piedade. Na antiga Grecia era a mesma cousa, e um grego nunca entrava no vestibulo do templo, sem que primeiro se tivesse purificado com agua lustral.

Homero, em linguagem poeticamente figurada, pinta a oração velhinha, coxa, arrastando-se humildemente atraz da

Digitized by Google

injuria para curar os males que esta produz. A injuria altiva, confiando nas proprias forças, e caminhando acceleradamente, percorre o mundo, e offende-o. A pobre oração segue-a de longe, mas chega depois, e nunca deixa de reparar as desgraças que a sua competidora causou.

JULHO — 13

Thales de Mileto. — Um sophista querendo confundir *Thales de Mileto*, dirigiu-lhe questões capciosas ás quaes elle respondeu com a brevidade e a precisão d'um verdadeiro sabio.

— Qual é a cousa mais antiga?

— Deus, porque sempre existiu.

— Qual a cousa mais bella?

— O mundo, porque é obra de Deus.

— Qual a maior?

— O espaço, porque contem tudo que tem sido creado.

— Qual a mais constante?

— A esperança, porque é a unica que fica ao homem, quando tem perdido tudo.

— Qual a melhor?

— A virtude, porque sem ella nada é bom.

— A mais ligeira?

— O pensamento, que em um momento se transporta ás extremidades do universo.

— A mais forte?

— A necessidade, que faz arrostar todos os accidentes da vida.

— A mais facil?

— Dar um conselho.

— A mais difficil?

— Saber conhecer-se.

— A mais sabia?

— O tempo, porque ensina a sel-o.

C. N. P. G. (Porto).

Digitized by Google

A VISÃO

Eu bem vi, era tarde, doce brisa
  Suspirava nas palmas dos coqueiros;
E da lua poente os raios tibios
  Reflectiam no cimo dos oiteiros.

Era o campo deserto, eu solitario
  Cogitava descrente do futuro;
De repente a meus olhos se destaca
  Do longinquo horisonte um vulto escuro.

Suas fórmas avultam; pouco a pouco
  Lhe distingo o semblante irado, austero;
Quiz de medo fugir, occulta força
  De longe me prendia ao monstro fero.

E aquella ingente mole, aquella sombra
  Se approxima de mim rompendo o ar,
De joelhos cahi anniquillado
  Ante o rude fulgor do seu olhar.

Dest'arte me fallou: não te inquietes
  «Ao meu estranho aspeito funerario;
«Não te offendo, só quero que traduzas
  «Neste emblema o cruel do teu fadario.

Tal dizendo, um clarão avermelhado
  Se projecta no vacuo de repente;
Alço a fronte, no ar suspensa vejo
  Uma c'roa de fogo reluzente.

E o monstro impiedoso, trovejando
  Um riso de terrivel zombaria

Digitized by Google

Me mostra aquella c'roa, satisfeito,
  Como quem de meus males se nutria.

Irado lhe pergunto: que mysterios
  Me vens tu revelar com tanto horror?!
Mensageiro te creio dos infernos,
  Meu constante, fatal perseguidor!

Vae-te, vae-te, cruel, tranquillo deixa
  Que eu sonhe em doce paz meus sonhos d'alma,
Deixa ao menos aqui, neste deserto
  Meu triste coração em breve calma.

Agora, que cançada a humanidade
  Do misero combate das paixões,
Alheia a si dormita como a cinza
  Assentada no fundo dos volcões;

Agora que no ermo, no silencio,
  Fugindo d'este mundo ingrato, e vario,
Entre as sombras da noite venho alegre
  Fruir alguns momentos solitario...

«Não prosigas! me brada o negro monstro,
  «Não prosigas, teu odio não mereço:
«Eu venho revellar certos segredos
  «De teu contrario fado, que conheço.

«Neste emblema de fogo, que te mostro
  «Expressados estão esses arcanos:
«— A chamma — mostra o genio, a desventura,
  «Os desejos, e os duros desenganos.

«Que tu és desgraçado já conheces
  «Pela propria passada experiencia;
«Mas devassar não podes o futuro,
  «Por mais que nisso ponhas diligencia.

Digitized by Google

«Um remedio só tens, um só conforto;
«Do retiro na placida mansão,
«Vem da lyra afinar as tristes notas
«Pelas vozes subtis da solidão.

«Aqui a sós com Deus e a naturesa
«Eleva o canto a Deus, que te inspirou;
«Canta o céo brazileiro tão jucundo
«E este sol que no berço te saudou.

«Canta as frescas boninas, os perfumes,
«A viração, as vozes do regato,
«E o patrio sabiá que de tardinha
«Tão saudoso gorgia d'entre mato

«Canta á luz do luar, e das estrellas,
«Ao céo da madrugada, ao sol da tarde;
«Não deixes extinguir-se o vivo fogo
«Que no teu coração se nutre e arde.

«Mas não queiras, sacrilego desejo!
«Penetrar do porvir altos mysterios.
«— Procura sempre o louro do talento,
«Que tudo o mais se esvahe nos cemiterios.»

Callou-se aquella voz, que me causára
Tanto assombro, meu Deus, tanto receio,
Busquei o negro vulto, então achei-me
Solitario outra vez da treva em meio.

Já no horisonte a lua se escondera
Por detraz dos altissimos oiteiros;
Só a brisa inda meiga segredava
Seus amores nas palmas dos coqueiros.

Aprigio G. de Pinho (Tibiri — Provincia da Bahia).

Digitized by Google

JULHO — 15

O cadaver de Luiz XIV. — O que succedeu com o cadaver d'este rei, que fôra durante a vida, o mais respeitado e o mais despotico soberano da Europa, é de certo uma das mais notaveis lições da historia. Apenas a França se sentiu desassombrada da tyrannia do seu monarcha, um grito d'allivio se exhalou de todos os peitos. O povo de Pariz estava por tal fórma irritado, que não ousou a côrte fazer a Luiz XIV um enterro solemne. O seu cadaver foi levado de noite a S. Diniz, e ainda assim não se pôde esquivar aos insultos da plebe. A lisonja dos cortezãos emmudecêra, e em compensação a voz do povo, que dominada pelo habito da compressão, nunca ousára elevar-se, em quanto a figura do despota se desenhou sobranceira no horisonte de Versailles, ergueu-se afinal motejadora, sarcastica, estampando o estygma na fronte livida do morto. Era covardia, sem duvida. Ainda não chegára o tempo em que o povo, por tantos annos mergulhado nas trévas, podesse encarar fito o sol da realeza, mas já atirava pedras ao sol poente, em quanto não ousava apagal-o no céo dourado das Tulherias

Entre muitos epigrammas que assetearam Luiz XIV parece-nos notavel este que appareceu inscripto nas paredes de S. Diniz:

A Saint-Denis, comme à Versailles,
Il est sans cœur et sans entrailles.

Effectivamente, ao cadaver haviam tirado os medicos as entranhas e o coração.

JULHO — 16

O clima do Rio Grande. — Um ignorante impostor, num circulo de varias pessoas, gabava-se de que tinha

Digitized by Google

viajado por todo o Sul do Brazil; descrevia os costumes do Rio Grande; fallava nas fructas, etc.

— E que tal é o clima? interrogou um dos ouvintes.

O narrador estacou, considerou um pouco... e disse por fim com aquella firmesa que é peculiar á fatuidade:

— Clima, meu amigo! clima é cousa que lá não tem.

V. H. S. C. (Rio de Janeiro).

JULHO — 17

Homicidio nas trutas. — Tenho diante de mim o original, cuja copia fiel vae em seguida, para que, publicada no seu *Almanach*, leve aos dois hemispherios a noticia, de que foi preso o *homicida* das trutas e o *incendiario* do rio Zezere. Eil-a, não lhe buli numa virgula.

J. R. (Gouvea).

«Ill.mo Sr. Delgado
destacomarca de....

Partesipo a V. S.ª q. a qui se axa prezo Joaquim da cruz pellocrime domesidio em andar a deitar peste em orio Zezere a qual tem sido grande ensendio nem só em simente das trutas mas tambem de Alguns gados que teem bebido a quellas agoas venenozas; e V. S.ª como nobre a gente do ministerio publico tomará vista d'este caso segundo as leis e ordenasoes do Reino.

Testemunhas para o Juramento contra elle são as seguintes F. F. F. F. F.»

Segue a assignatura da autoridade que fez a communicação.

A solidão. — Estranhavam a um sugeito o gostar mais de viver só que em sociedade.

— É porque eu, respondeu elle, estou já mais familiarisado com os meus defeitos do que nunca o hei de estar com os do proximo.

Digitized by Google

Anatomia e physiologia chineza. — Publicou-se ultimamente em Pariz um livro sobre a medicina chineza, no qual se expõem, extraidas das melhores obras dos medicos chins, as estravagantes theorias que os dirigem no tratamento das doenças.

Ahi vae uma pequena amostra, publicada pelo *Ta-ssi-yang-Kuo:*

«O corpo humano contém cinco orgãos essenciaes, que são: o coração, os pulmões, os rins, o figado, e o baço, ou estomago.»

«O coração, que é a viscera mais perfeita do corpo, é o irmão mais velho do intestino delgado. Tem por mae o figado, e por filho o estomago, ou baço. Os seus inimigos são os rins, e o seu amigo é o figado. Predomina sobre a fronte, o sangue, a lingua e as palmas das mãos. Os cheiros derivam d'elle. A sua côr é vermelha como a crista do gallo, o seu sabor é amargo, o seu cheiro o dos objectos queimados, a sua voz a voz do riso, e o seu humor o suor. O coração gosta do milho e da carne de carneiro. Do centro d'este orgão parte o seu canal de communicação com as outras visceras, o qual vae terminar no dedo minimo da mão, onde se reune ao canal do intestino delgado: quando o seu canal está cheio de humores picantes, o doente sonha fantasmas, monstros; quando se acha vasio os sonhos apresentam chammas, fogo, etc.

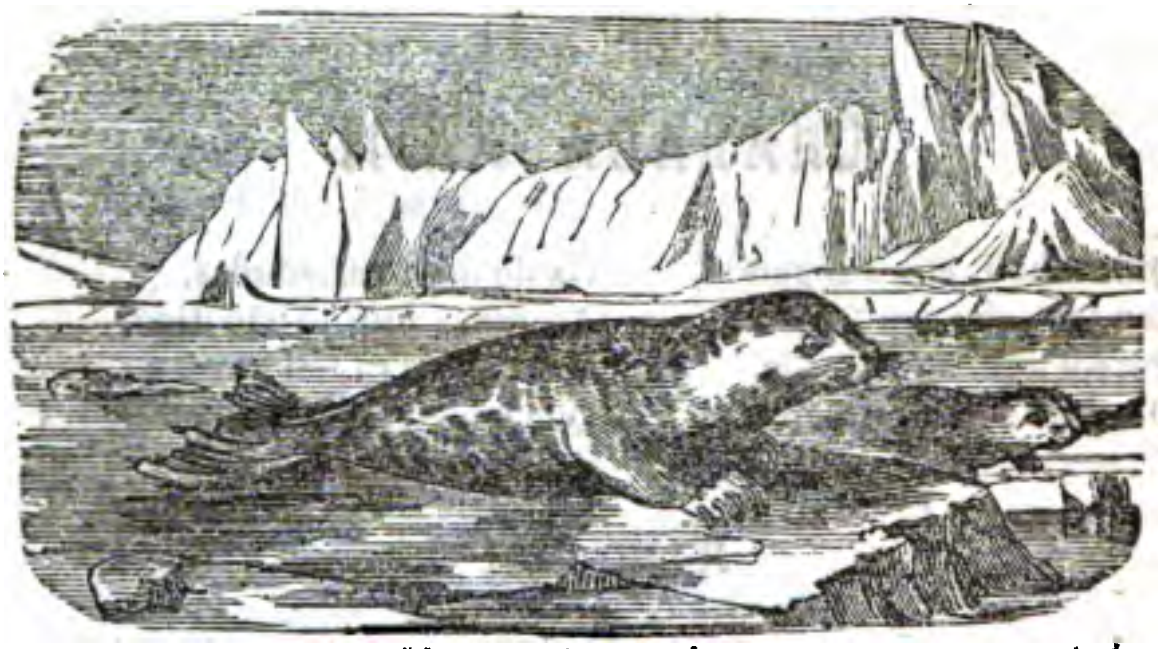
«O pulmão é filho do baço ou estomago, e pae dos

Digitized by Google

rins. Tem por inimigo o coração e por amigo o figado. Predomina sobre a pelle, os poros, os cabellos, as ventas, as espadoas e os espiritos vitaes. O seu sabor é acre, o seu cheiro o da carne fresca, e a sua voz a voz do pranto. Gosta de arroz e da carne de cavallo. O seu canal começa no peito e termina na mão. Se o doente sonha guerras, combates, armas, soldados, este canal está cheio; se sonha planicies, campos, mar, o canal acha-se então vasio, etc.

JULHO — 19

Phoca. — Genero de mamiferos carnivoros, da tribu dos amphibios. A sua cabeça assemelha-se á d'um cão, e



tem como este o olhar doce e intelligente; as orelhas são pouco ou nada salientes, a lingua é macia, chanfrada na extremidade; o craneo vasto e os labios guarnecidos de grandes barbas. Pela parte anterior do corpo parece-se com o quadrupede, em quanto que na extremidade posterior tem mais analogia com um peixe. Os pés de diante envolvidos em pelle até ao punho, terminam por cinco dedos palmares, armados de unhas aduncas. Entre

Digitized by Google

os pés de trax, que são mais curtos, tem uma pequena cauda. Uma camada expessa de gordura dá-lhe a todas as partes do corpo uma fórma arredondada.

Na terra movem-se difficilmente, mas mergulham e nadam com grande facilidade, e podem permanecer por muito tempo debaixo d'agua sem respirar. As phocas vivem de peixes; encontram-se em toda a parte, mas é principalmente junto dos pollos e no equador que apparecem em grande abundancia, e ahi lhes fazem uma crua guerra para lhes extrairem o oleo

A mythologia transformou-as em tritões e serêas, e fez das phocas a escolta do deus do mar. (Vide *Almanach* de 1852, pag. 126 e *Almanach* de 1854, pag. 240.

JULHO — 20

CHARADA XXIII

Quinta sou, e sou segunda,
Sendo verbo sou terceira,
Porém aqui na charada
De certo sou a primeira. 1

Ha de mim variedades,
As quaes aqui te não digo,
Mas sabe p'ra teu governo,
Que onde estás, está comtigo. 1

D'Hervylli.

JULHO — 21

Eram dignos um do outro. — Napoleão, contava por perdida a batalha de Marengo, quando um feliz acaso, trazendo em seu auxilio o general Desaix, mudou num momento a face das cousas. A retirada havia sido effectuada a custo; as fileiras estavam desordenadas e rotas, e os animos dos mais ousados abatidos. Só d'entre tantos generaes distinctos, era Napoleão, o unico de parecer que fosse tentado novo e desesperado ataque. N'este comenos, chega Desaix á frente da divisão Boudet, anciosa-

Digitized by Google

mente esperada por Napoleão; e sendo por este consultado a respeito do seu intento, lhe responde Desaix, puchando do relogio:

— Sim, perdida está esta batalha, mas são tres horas em ponto, e sobra-nos ainda o tempo que é preciso para ganhar outra.

Napoleão, que muito considereva Desaix, ordena novo ataque, surprehende os austriacos, que descançavam saboreando os louros da victoria, e os põe em completa derrota. Infelizmente aquelle a quem a França devera a gloria d'este dia, sucumbiu na luta; e foi tal o sentimento de que se possuiu o futuro imperador por perda tão lamentavel, que vindo o seu secretario dar-lhe os parabens pela victoria e accrescentando:

— Que bello dia!

— Sim, tornou-lhe Napoleão, por bello o teria, se podera esta noite, dar um abraço em Desaix. Estava determinado a fazel-o ministro da guerra, e fal-o-ia principe, se isto estivesse nas minhas mãos.

M. J. F. G. (Barcellos).

JULHO — 22

EPIGRAMMA

Já de cans toda coberta
Disse uma velha «meu Deus
Mui penosos me tem sido
No mundo os desgostos meus!»

— Inda o bem, diz voz ignara
Á sua porta ha de chegar.
— «Que! como? a infelíz accode,
Inda virei a casar?»

Manoel Ferreira da Portella (Aguim).

Digitized by Google

Uma cantiga de Camões. — Nas Redondilhas do grande poeta encontram-se os seguintes mimosissimos versos, sob o nome de cantiga alheia:

CANTIGA

Na fonte está Leonor
Lavando a talha, e chorando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

Voltas

Posto o pensamento nelle
Porque a tudo o amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Eram suspiro por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre uma mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar já cansados
Algum descanso lhe dão;
D'esta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e em si tornando
Mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos agoa,
Que não quer que a dor abrande
Amor, porque em mágoa grande
Secca as lagrimas a mágoa.
Depois que de seu amor
Soube novas perguntando,
D'improviso a vi chorando.
Olhae que extremos de dor!

JULHO — 24

Inconsequencia. — Queixamo-nos ordinariamente de que a vida é curta, mas logo que desejamos, ou am-

Digitized by Google

bicionamos alguma cousa, lastimamos que o tempo corra tão vagaroso. Foi por isto que um autor inglez (Steele) escreveu que os homens, que, por grosso desejam prolongar a vida, desejam a retalho encurtal-a.

JULHO — 25

LOGOGRIPHO IX

Charadista, põe sentido ;
Tira a ultima á primeira
Que faz parte de teu corpo
Reunida á derradeira. 1.ª 4.ª

Charadista, põe sentido
Que decifras de carreira.
É teu corpo todo inteiro
A segunda c'o a terceira 2.ª 3.ª

Ai d'elle! que do mau fado
É perseguido, o coitado!

Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior
(Pitangui — Brazil).

JULHO — 26

Precursores. — Zopiro foi o precursor de Gall e Lavater.

Alexandre, o de Napoleão.
Aristoteles, o de Machiavel.
Pithagoras, o de Copernico.
Thales de Mileto, o de Descartes.
Aristophanes, o de Camillo Demoulins.
Empedocles, o de Newton.
Socrates, o de Lamartine.
Platão, o de Victor Hugo.
Baile, o de Voltaire.

João da Silva Pereira Bravo (Sinfães).

Digitized by Google

Visita de D. Maria II ao Porto em 1834. — Depois da desgraçada lucta civil que terminou em Maio de 1834, veiu o senhor D. Pedro IV ao Porto cumprir a promessa que fizera aos seus habitantes, de lhes apresentar a rainha.

No dia 27 de Julho, ás 6 horas da manhã, demandava a barra o vapor *Royal Tar*. Logo ao passar em frente do castello de S. João da Foz, grande numero de girandolas de foguetes subiu ao ar, annunciando tão fausta noticia; por espaço d'uma hora morteiros, repiques de sinos, salvas d'artilheria, troaram constantes, tempo necessario para o vapor chegar ao ancoradouro, em razão da pequena marcha que trazia, afim de reciprocamente se gosar a vista que d'ambas as margens se desfructava. Massas de povo cobriam os montes e estradas marginaes, e agitavam os lenços brancos entre os enthusiasticos vivas e acclamações. Suas Magestades de cima da tolda correspondiam áquella expansão tão significativa: navios, edificios publicos, moradas dos habitantes, tudo se achava vistosamente adornado e embandeirado. Nunca os portuenses haviam presenciado uma recepção tão brilhante.

Na praça da Ribeira, no logar ainda hoje denominado — Escadas da Rainha — formou-se no logar do desembarque, uma escadaria de madeira ricamente tapetada, em cujo topo se elevavam dois elegantes obeliscos rematados por duas tulipas, que se abriram na passagem de Suas Magestades espargindo fitas largas onde se lia — Viva D. Maria II. Á direita levantou-se um bonito pavilhão destinado para receber os augustos visitantes.

Ás 4 horas da tarde o canhão do baluarte da Lealdade annunciava o desembarque de Suas Magestades; quando chegaram á escadaria já os vereadores da camara municipal ahi se achavam segurando as varas do pállio.

Chegados ao pavilhão, o presidente da camara dirigiu-

Digitized by Google

lhes uma felicitação em nome dos portuenses e em seguida lhes fez a entrega das chaves da cidade. Terminada esta ceremonia Suas Magestades montaram a cavallo acompanhados da real comitiva, camara municipal, autoridades civis e militares e mais cidadãos que quizeram fazer parte do prestito, e dirigiram-se á real capella de Nossa Senhora da Lapa, aonde se cantou o *Te Deum Laudamus* em acção de graças ao Todo Poderoso.

A joven rainha trajava vestido de campo, de panno azul com a gola e peitilho bordado a oiro, chapéo alto á ingleza de pellucia preta, do qual pendia um véo de gase de seda verde, collarinhos virados, e gravatinha azul clara.

Ao principio da rua de S. João junto á fonte havia um arco imitando uma muralha antiga de granito com a porta da cidade; tanto este arco, como o pavilhão, obeliscos e escadaria, foram feitos a expensas da camara.

No largo de S. Domingos junto á igreja da Misericordia havia outro arco de aprimorado gosto, pintado todo a transparente, e que produzia um bello effeito, erguido a expensas dos srs. Coutos e Sousa.

Na rua das Flores, junto á rua dos Caldeireiros, havia mais um arco d'architectura toscana com quadras allusivas aos combates ganhos pelos liberaes, feito a expensas dos moradores da mesma rua.

Na feira de S. Bento, junto ao largo da Porta de Carros, foi tambem levantado um arco imitando uma muralha de granito; a expensas da camara.

Á entrada da rua das Hortas havia outro arco d'effeito magestoso, decorado com tropheos e emblemas guerreiros; rematava este arco uma figura colossal representando o Porto.

Todas as ruas por onde SS. MM. passaram, e onde formavam em alas os regimentos e batalhões de voluntarios que defenderam o Porto, durante o cerco, estavam ornadas de bandeiras e alcatifadas com flores e hervas aromaticas; as janellas, atapetadas com ricas colxas de damasco, veludo, e

Digitized by Google

setim, e guarnecidas de damas, trajando ás côres da bandeira nacional, apresentavam uma vista deslumbrante. Como todas as casas, os paços do conselho illuminaram-se exteriormente; o interior foi convertido em um palacio de fadas, para offerecer um explendido baile á rainha em nome dos habitantes do Porto.

Á noite succedeu o dia, que se passou em divertimentos, danças, musicas e concertos.

José d'Azevedo David (Porto).

JULHO — 28

Arvore genealogica. — Um despachado em titular, mas que para além de pae, mãe e avô paterno não conhecia os seus ascendentes, encommendou a um genealogico lhe fizesse a sua arvore de familia. O genealogico adoptou-lhe ao nome e sobrenome quatro appellidos que lhe pediu decorasse, e com o auxilio d'estes dados o introncou com o conde D. Henrique; d'ahi para cima estava feita a arvore por si mesma. Se o introncára com os apostolos não ficaria o homem tão contente, porque estes eram humildes. Saiu obra prima; mas

um má lingua a quem o interessado a mostrou, disse-lhe com toda a ingenuidade: saberá v. ex.ª que v. ex.ª em meu conceito é muito mais que todos os seus excellentissimos collegas: os outros fidalgos devem o sêr aos seus antepassados, v. ex.ª deu-o aos seus.

Deixou o homem todo ufano com o elogio, e veiu para fóra dizendo: arvore genealogica como a d'este visconde é que eu ainda não tinha visto; é arvore que dá banana.

Digitized by Google

Laverna-deusa dos ladrões. — O roubo, um dos crimes que mais directamente ataca a sociedade civil, foi consagrado na pessoa de Mercurio e escolheu-se o filho de Jupiter para o fazer patrono de ladrões! Mercurio, porém, não concedia a sua protecção senão ao roubo subtil e industrioso.

Faltava pois aos fastos sacrilegos do paganismo uma divindade que protegesse o roubo publico e acompanhado de violencia; a escolha pertencia de direito aos romanos. Uma nação que devia o seu estabelecimento, as suas allianças, e parte da sua fortuna ao rapto das sabinas, e ás extorções que praticaram os seus ascendentes, não podia dispensar-se de consagrar ao crime que lhe tinha sido tão util, reconhecendo uma divindade tutelar que os favorecesse. Crearam portanto a deusa Laverna. Do nome da deusa que presidia ao roubo, os ladrões foram chamados *Laverniones*. As preces que se lhe dirigiam pareciam constituir a parte principal do culto da deusa, mas nunca se podiam articular em voz alta; não recebia senão homenagens secretas. A mão esquerda, sendo especialmente olhada entre os antigos como a mão do roubo, era nesta qualidade mais particularmente consagrada á deusa.

Digitized by Google

Em Roma, Laverna tinha um altar proximo a uma das portas da cidade, a qual por isso se chamava *Lavernale*. Não era ahi que os ladrões se juntavam para dividir a presa, mas sim num bosque cuja situação e obscuridade podiam em caso de surpresa proporcionar-lhes a fuga. Este bosque collocavam-n'o junto á *Via Salariana*. Dizem que os ladrões ahi tinham tambem uma estatua da deusa a que costumavam render homenagem, mas nada consta da figura que a representava. *Pulchra Laverna* (linda Laverna) é o epitheto que lhe dá Horacio, e isto dá-nos a entender que a representavam de rosto, pelo menos sympathico.

JULHO — 30

Méry. — Este distincto poeta e escriptor contemporaneo, depois de haver illustrado a litteratura franceza com muitos primores de sua fertil e esclarecida penna, escrevera a interessante novella *Inglezes e Chinezes*.

Madame Lagrené, lendo essa deliciosa producção do eminente poeta das Melodias, ficou tão encantada da admiravel descripção que nella se contem da China, que empregou todos os esforços possiveis para seu marido ser nomeado embaixador do Celeste Imperio, o que effectivamente conseguiu.

— Devendo-vos a minha embaixada, escrevia d'esse paiz mr. Lagrené a Méry; desejo ter occasião de vos obsequiar.

— Pois bem! respondeu o autor da *Conspiração no Louvre*, mandae-me uma telha da torre do templo *Paognen-tsee*, e ter-me-heis obsequiado.

Passados dois annos, recebia Méry um enorme pacote composto de curiosidades da China, e uma rica boceta de madreperola, preciosamente esculpida, contendo em um cochinzinho *ambré* a telha pedida, que lhe enviava o embaixador de S. M. chineza.

Bellarmino Carneiro (Nazareth — Pernambuco).

Digitized by Google

Segredo d'um só. — Um dia Luiz XIV, sendo ainda moço, entrou no seu gabinete, e encontrou sobre a sua mesa d'escripta os seguintes versos:

«Tu es issu de race auguste:
«Ton aieul fut Henri, le grand,
«Ton père fut Louis, le juste,
«Mais tu n'es qu'un Louis d'argent.

Como se vê, alludiam á moeda franceza chamada *Luiz.* Viu-os o rei, diz-se que gostou d'elles mais do que se fossem uma adulação, e desejoso de conhecer o autor, fez saber que lhe daria 500 luizes, caso elle se descobrisse, empenhando a sua real palavra de lhe não fazer mal algum.

Pelo sim, pelo não, entendeu o poeta, que o mais seguro para dormir descançado, era guardar silencio, e para desenganar o rei de que seriam inuteis quaesquer pesquizas que intentasse para o descobrir, pôz no mesmo sitio onde collocára os primeiros, estes dois:

Tu ne le sauras pas Louis,
Car j'étais seule quand je le fis.

Desconfiou-se, diz o *Espião Turco,* que o autor do pasquim fôra a famosa Anna Maria Schurman, senhora allemã, de muito talento, que então se achava em Pariz, mas nunca se soube com certesa. E porque? porque segredo de muitos não é segredo; segredo bem guardado é o que não passa d'um só.

AGOSTO — 1

Pseudo hydrophobo. — A agoa, essa bebida natural, que anima nos desertos da Lybia o lasso viandante que fertilisa os campos, dá vida á planta, motores á indus-

Digitized by Google

tria; que vivifica a flor emmurchecida, que dá alento aos viventes e que é tão saborosa e inoffensiva; esta deliciosissima bebida tem em Coimbra um inimigo!

Privado de a saborear, não conhecendo esse flagello de Deus, a sêde, tormento muito peor do que o da fome, deixando passar seis, oito, dez mezes, e talvez annos, sem a provar, vive na rua do Visconde da Luz. É o sr. A. P. T.

Ah! Tantalo, Tantalo, porque te não chamaste assim?!

A. F. B. (Coimbra).

AGOSTO — 2

CHARADA XXIV

Se bem que pesado carregas comigo
Concorro bastante p'r'o teu existir;
E sendo tambem motor importante
Não pódes a fórma que tenho attingir. 1

Tens em mim memoria erguida
Muitas vezes guardo o touro;
Sou tambem uma aldeóla
Lá na provincia do Douro 2

Ou nos jardins, ou no campo,
O meu todo encontrarás;
Repara no que te digo
E prompto adivinharás.

Manoel Joaquim Ramos (Olhão).

AGOSTO — 3

A um fátuo. — Ha, e não são raros, uns impertinentes que affectam familiaridade com as pessoas de consideração, até ao ponto de se lhes tornarem importunos

Um d'esta especie chegou-se em publico ao cavalheiro de Narbonne, e disse-lhe saccudindo-lhe a mão:

— Bons dias Narbonne, como estás tu?

— Bons dias meu amigo, lhe respondeu o cavalheiro, como te chamas?

Digitized by Google

Usanças gastronomicas. — Em grande parte das provincias do Douro e Minho o que, geralmente fallando, faz o principal objecto da conçoada, na noite de Natal, é um prato de «formigos», especie de sopa feita de pedacinhos de pão de trigo, mel, assucar, manteiga e ovos. É muito desgraçada a familia que nessa noite não tem para cear algumas couves cosidas com bacalhau e batatas, e o que é essencial, um prato dos classicos formigos.

No Porto, e no alto-Minho, não passa o povo sem o competente vinho quente, que tambem se usa em outras terras; e em Braga o essencial, o indispensavel, para se dar por acabada a festança, é um prato de hervas.

No alto-Minho, e principalmente nas immediações de Monção, é costume ricos e pobres matarem um cabritinho no dia da Cruz, que alli é na segunda feira immediata ao dia de Paschoa.

Em Braga, quasi em todas as casas se mata um cordeiro no dia de S. João Baptista. Dia de S. João de Deus tem alli grande consumo uma especie de doce, a que chamam «molletinhos.» Neste dia pedem-se alli os molletinhos, como em qualquer parte se pedem pelo Natal as conçoadas, e o folar pela Paschoa.

Aqui, nesta terra, é uso guardar as orelheiras de porco para comer pelo entrudo. Os rapazes costumam no domingo gordo fazer pelos campos seus caldos bem adubados com toucinho, salsichões e chouriços, etc.

É para elles um dia de verdadeiro regabofe.

Não omittirei o costume que tem aqui os pobres de andarem dia de Todos os Santos, pedindo pelas portas os *fieis de Deus*, lhe chamam elles, que é o mesmo a que noutras provincias se chama *pão por Deus* ou *bolinhos*, e que elles comem por intenção dos que lá jazem, e a Igreja commemora na tarde d'este dia e no dia seguinte.

S. Leão (Roriz).

Digitized by Google

AGOSTO — 5

SONETO

Inedito

Quando por entre as vagas espumosas,
Que o mar fervendo aos ares balançava,
De amor a deusa nitida brotava
Nuas as alvas carnes melindrosas:

Resoando canções harmoniosas
Arida selva, subito abrolhava;
No veloz giro seu o sol parava,
Cobrindo ufano as ondas venturosas.

De instante a instante a maravilha cresce,
Vêem-a do olympo os numes debruçados;
Jove o raio depõe, do throno desce.

O mar, a terra, os céos enamorados!...
Tudo emfim succedeu quanto acontece
Erguendo Lilia os olhos engraçados.

João Vicente Pimentel Maldonado.

AGOSTO — 6

Onde foi a pancada. — Ia um pobre labrego a cavallo, a cavalgadura sacudiu-o e ficou estatelado no chão, doendo-se muito dos hombros e da espadua.

Acudiram-lhe, levaram-no para a casa que elle indicou, e chamaram-lhe um facultativo.

— Onde é que vocemecê levou a pancada? perguntou-he o cirurgico; foi na dorsal, ou nas homoplatas?

— Não senhor, respondeu o paciente, soltando um ai dolorido, foi no meio da ponte de Segovia.

Digitized by Google

AGOSTO — 7

Ingenuidade. — Parochiava em uma das freguezias da provincia do Espirito Santo, (Brazil) um cura de tal simplicidade que, tendo de remetter á presidencia da provincia o mappa annual dos fallecimentos havidos na parochia, estava o bom do levita embaraçado, porque feliz, ou infelizmente, o numero de mortos havia sido limitadissimo; temendo porém que o presidente o tomasse por menos zeloso, ou descuidado, deixando de relacionar alguem, que tivesse passado a melhor vida, escreveu na casa das observações o seguinte: Desculpe v. ex.ª se achar diminuto o numero dos obitos, pois a culpa não foi minha.»

M. J. F. G. (Barcellos).

AGOSTO — 8

Dois epitaphios. — Riem-se, e admiram-se alguns, de varios epitaphios que os antigos, homens em tudo singulares, mandavam gravar em seus tumulos.

Pois á semelhança d'esses epitaphios, ainda ha pouco, em uma digressão que fiz á Beira baixa, encontrei os seguintes sobre duas sepulturas d'um pobre cemiterio da aldeia, chamada Vermelhaes, se me não engano. Asseveravam ter o primeiro um anno, o outro apenas alguns mezes.

Eis o que dizia o primeiro:

Nú em pello
Jaz aqui João Rebello.

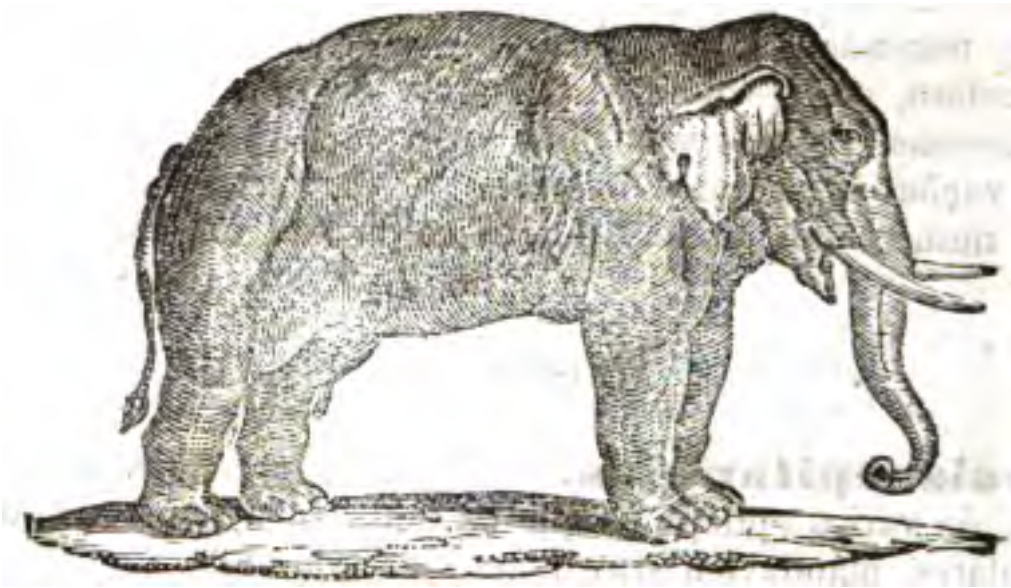
O segundo resava assim:

Pobre no mundo foi José Maltez
Desejará cá vir outra vez?

José Gomes Marques (Porto).

Digitized by Google

Os elephantes na lavoura. — Actualmente os inglezes na India põem os elephantes á charrua; d'esse bello animal guerreiro fizeram um pacifico lavrador. Habeis fundidores da Grã-Bretanha fabricam charruas enormes e fortissimas, charruas dignas d'elle. Leva-as o paquete pelo



Mediterraneo, istmo de Suez, mar Vermelho, e mar das Indias, e logo se põe o colosso ao trabalho.

Todas as manhãs, ao romper do dia, o elephante pega no seu amigo cornaca pela cintura, põe-n'o ás costas, e vai para os campos. Em quanto o sol está acima do horisonte, o elephante caminha, e caminhando levanta uma alta e expessa leiva de terra, pois que o sulco que abre é de metro e meio de largura sobre um metro de profundidade.

O sabio convencido

Contam d'um sabio que um dia
Tão pobre e misero se achava,
Que tão só se alimentava,
D'umas couves que comia.
— Haverá outro, dizia,
— Tão pobre como eu agora ?
Ai ! que erro em que labora !
Logo acha resposta vendo,
Que outro sabio ia comendo,
Os talos que deitou fóra.

Digitized by Google

A morte por musica. — Mademoiselle de Limenil, dama d'honor de Catharina de Médicis, era uma joven muito viva, muito espirituosa, e sobre tudo muito amante da musica. Ides ver se o era ou não. Achando-se esta senhora em artigos de morte; depois de se haver preparado para a grande viagem, como é de crêr, chamou o seu pagem, que como pagem de tal senhora sabia perfeitamente tocar rebeca, e diz-lhe:

— Julião, pegae na vossa rebeca e cantae até que me vejaes morta a *derrota dos suissos;* mas isto o melhor que poderdes, Julião, e quando chegardes ás palavras *tout est perdu,* repeti-as por quatro ou cinco vezes o mais docemente que fôr possivel. Entendeis-me? O pagem se bem lh'o recommendaram

melhor o fez; ella mesma acompanhava o canto com a sua debil voz, e quando chegou ao ponto, *tout est perdu,* repetiu ainda as tristes palavras por duas vezes, e voltando-se para o outro lado, disse ás pessoas que a cercavam:

— Tudo está effectivamente perdido; bem o sinto — e expirou.

«Eis aqui uma morte alegre e divertida. Eu sei isto (diz Brantome, *Vie des dames galantes,* d'onde extrahimos esta noticia), de duas das suas amigas, dignas de fé, que o presencearam.»

Digno de fé, era effectivamente Brantome, homem de côrte, escriptor laborioso, imparcial e em grande parte contemporaneo dos homens e das cousas que elle nos quiz fazer conhecer. Na côrte escandalosa de Catharina de Médi-

Digitized by Google

cia (seculo XVI) morria-se cantando, e vivia-se ainda mais alegremente. É ler *Les dames galantes*.

AGOSTO — 11

LOGOGRIPHO X

Nem fidalgo, nem plebeu
Quer estado tão penoso 1 e 3.
Do pobre, embora faminto,
Do rico tambem, é goso 2 e 1.

D'elle o Senhor se serviu
Na obra da creação 3 e 2.
D'elle s'aproveitou Christo
Na obra da redempção.

J. M. D. J. (Coimbra).

AGOSTO — 12

O amor não tem côr.—Ha annos, na Ribeira de S. Domingos, freguezia de S. Nicolau Tolentino, a tres leguas ao norte d'esta cidade, deu-se um facto digno bastante de especial menção.

Dois jovens indigenas de sexos inversos e de côr preta, sentindo-se attraidos pela força expontanea e imperiosa da sympathia communicaram reciprocamente seus ternos sentimentos e juraram amar-se para sempre.

Conhecidas estas disposições trataram logo os paes de coroar este amor, ligando os namorados pelos laços do hymineu, e em breve esta união foi annunciada na igreja matriz, preparando-se explendido e estrondoso folguedo para o acto solemne do consorcio, porque os paes dos noivos eram abastados, e da primeira roda dos notaveis do interior da ilha, onde, em casos taes, e em circumstancias analogas, os festejos, que consistem em lautas comezanas e batuques, se prolongam por muitos dias entre os numerosos convidados e gente do povo.

No numero d'esses chegára um, cuja aproximação excitára maior alvoroço. Era um morgado, procedido do seu

Digitized by Google

séquito, *rascon*, elegante, jovial, travesso e dado a todos os prazeres voluptuosos, proprios da ociosidade e da indolencia d'um *nababo*, devendo á estas qualidades, e á sua prodigalidade, as distinctas homenagens com que era recebido.

Apresentado á noiva, deslumbrára-o a sua belleza, e servindo-se de todos os meios de que dispunha, como influencia, mocidade, astucia e sobretudo fortuna, fôra-lhe facil em pouco tempo conseguir a preferencia. Foi o escolhido.

No dia fixado para o consorcio, seguidos de magna caterva caminhavam os noivos para a igreja, para o que era forçoso atravessar a ribeira, e do lado opposto sentado num penedo, soltava sentidas queixas ao som d'uma viola em que dedilhava harmoniosos arpejos, o amante despresado.

A sua voz trémula, a monotona melodia do instrumento, as palavras entrecortadas por suffocantes suspiros d'alma, e emfim, os justos queixumes, que o écco dos montes parecia querer repercutir na immensidade, impozeram mudo silencio a toda a comitiva.

A commoção foi geral; a palavra *perjura* pronunciada pelo cantor com uma profunda vibração, assombrára todos os espiritos, e todas as vistas se fixaram immoveis sobre a engrinaldada que sentindo-se attraida pelos verdadeiros sentimentos do seu coração se arremessou aos braços d'aquelle a quem havia dedicado o seu primeiro amor.

Á vista de semelhante desenlace o morgado, reunindo o seu séquito retrocedeu, partiu para as suas terras, e o amante outr'ora repudiado, entre demonstrações de regosijo caminhou feliz e triumphante para casa, depois d'haver recebido a benção nupcial.

Alfredo Alberto d'Azevedo (S. Thiago de Cabo Verde).

Ambição.—A ambição não é mais do que uma sucessão de degraus, a que nunca se encontra o fim; ha sempre um que se quer galgar, diante d'aquelle a que chegamos; esse porém, nunca se póde subir.

Digitized by Google

UMA NOUTE NUPCIAL

(Traduzido de Méry)

Como seriam bellos
Os indicos palmarés,
Que as ondas de dois mares
Vem timidas beijar,
Que o Ganges em mil giros
C'os labios azulados
D'argentea espuma orlados
Affaga a suspirar;

Se nessa terra esplendida,
Eden que nada iguala,
O tigre de Bengala
Com seu feroz rugir,
Erguendo-se de subito,
Não fosse dos viandantes
Nas carnes palpitantes
As garras imprimir!

Á noute, reina, impera
Nesse jardim brilhante,
Onde campeia ovante
A esplendida Dehli
Nas terras de Golconda,
Plainos de Cachemira,
Lá onde o amor delira
E a natureza ri.

Ergue-te, ó sombra pallida
De Dhéran malfadado,
Morto sem ter achado
Na campa a eterna paz,
Da juventude magica
O sol te illuminava
Em torno a ti volteiava
Meiga illusão fallaz!

Sonhavas uma fada
Do Oriente luminoso,
Anjo mysterioso,
Cheia de mimo e ardor!
Na sombra do kiosque
Sonhaval-a sorrindo;
Votos d'amor infindo
Ias-lhe aos pés depôr.

Um dia a noiva candida
A meiga, a ingenua fada,
Tua odalisca amada...
Levaste-a aos pés do altar;
E á noute — o céo sorria-te,
A brisa e o mar cantavam,
As danças doudejavam;
Tu... foste só scismar.

Scismar... sonhos d'amores,
E noutes de magia,
A etherea poesia
Da amante virginal!
Então viste fulgirem
Nos campos verdejantes
Dois olhos scintillantes
De luz quasi infernal!

Digitized by Google

Era o olhar phosphorico,
O olhar sangui-sedento
Do tigre, que o sustento
Á prole ia levar.

Rasgou-te as carnes tépidas
A garra atroz tremenda,
E foste a fome horrenda
Dos filhos saciar!

Pinheiro Chagas.

AGOSTO — 14

O fogo e as paixões. — É o fogo um elemento terrivel, que ateando-se com vehemencia, a nada perdoa; reduz tudo a um montão de ruinas, seja o magestoso palacio, ou a mais humilde choupana, as mais preciosas alfaias, ou os andrajos mais immundos. Porém cumpre não ver nelle sómente o anjo exterminador de tudo, a que chega a sua colera.

Olhemos para o lar domestico; que mil applicações uteis lhe não dá o homem, convertendo-o em utilidade propria?

Vejamos essas longas fitas de ferro, que se estendem atravez de todas as nações; quem move essas casas ambulantes, que voando poem em contacto povoações separadas por milhares de leguas?

Observemos os mares; quem impelle esse navio, que altivo corta as ondas embravecidas, e resiste ás mais temerosas procellas?

Examinemos os ares; attentemos nesses balões aereostaticos, que se elevam até perder-se de vista, e vão em longes terras depositar quem ousado se confiou a tão fragil transporte; quem os excita a ir d'este modo invadir o imperio das aves?

O fogo. Pois como o fogo são as nossas paixões. Bem reguladas e aproveitadas podem dar optimos resultados, e concorrer para a nossa felicidade e engrandecimento; mas se lhes não moderarmos os impetos por certo que nos levarão ao abysmo.

José Victorino Pinto de Carvalho (Amarante).

Digitized by Google

Uma figura de rhetorica. — Os advogados romanos tinham muita liberdade d'acção; não estavam immoveis como os nossos no seu logar, passeiavam, e andavam ás vezes em bolandas com os seus clientes para produzirem por algum movimento pathetico impressão nos juizes. O successo que Antonio obtivera mostrando a tunica ensanguentada de Cesar, e outra vez; descobrindo o peito do seu cliente, velho soldado coberto de cicatrizes, inebriára todos os advogados que desejavam imital-o a proposito de tudo.

Uma vez tinha o celebre Quintiliano por adversario um joven, advogado d'uma menina a quem seu irmão não queria reconhecer. No fim do discurso o eloquente rapazote, fingindo-se excitado por um impeto irresistivel, toma a sua cliente nos braços, e leva-a ao banco onde estava o irmão como que para a depôr no seio fraternal. Mas Quintiliano presentira a figura de rhetorica, e dissera ao seu cliente que se esquivasse sem darem por isso. O advogado chega com a parte adversa ao collo, olha para todos os lados, e não vê pessoa alguma a quem a entrege. Desconcertado, interrompe uma exclamação, que ía a soltar, e volta a pôr a menina no banco d'onde a tirára no meio de gargalhadas do auditorio.

Outra figura de rhetorica. — Glicon defendia a causa d'uma criança. Suppondo que os prantos do seu clientesinho deviam enterner os juizes, avisa o mestre do pequeno para que lhe diga que chore n'um momento convencionado. Quando chegou á peroração, o pequenito effectivamente desatou n'um berreiro. O advogado satisfeitissimo volta-se para elle e apostropha-o sentimentalmente:

— Porque choraes vós, criança infeliz, orphão abandonado?

Digitized by Google

— Oh! senhor, diz o rapazinho com grande caramunha, é porque o meu mestre está-me a dar beliscões.

AGOSTO — 16

CHARADA XXV

Esses heroes «barões assignalados,
«Que da occidental praia lusitana,
«Por mares nunca d'antes navegados
«Passaram ainda além da Taprobana»
Por certo possuiam a primeira
Quando as nymphas seguiam na carreira. 1

Existo, sim, no estreito de Cambaya,
Fui theatro de dor e de matança.
Tambem ao norte existo, e vou na praia
Do Arctico lançar minha pujança. 2

Sou ornato de capella,
Enfeito a linda donzella,
Sou pertença da viola,
Sou tambem um appellido.
Fica a isto reduzido
O conceito; e arda a bola.

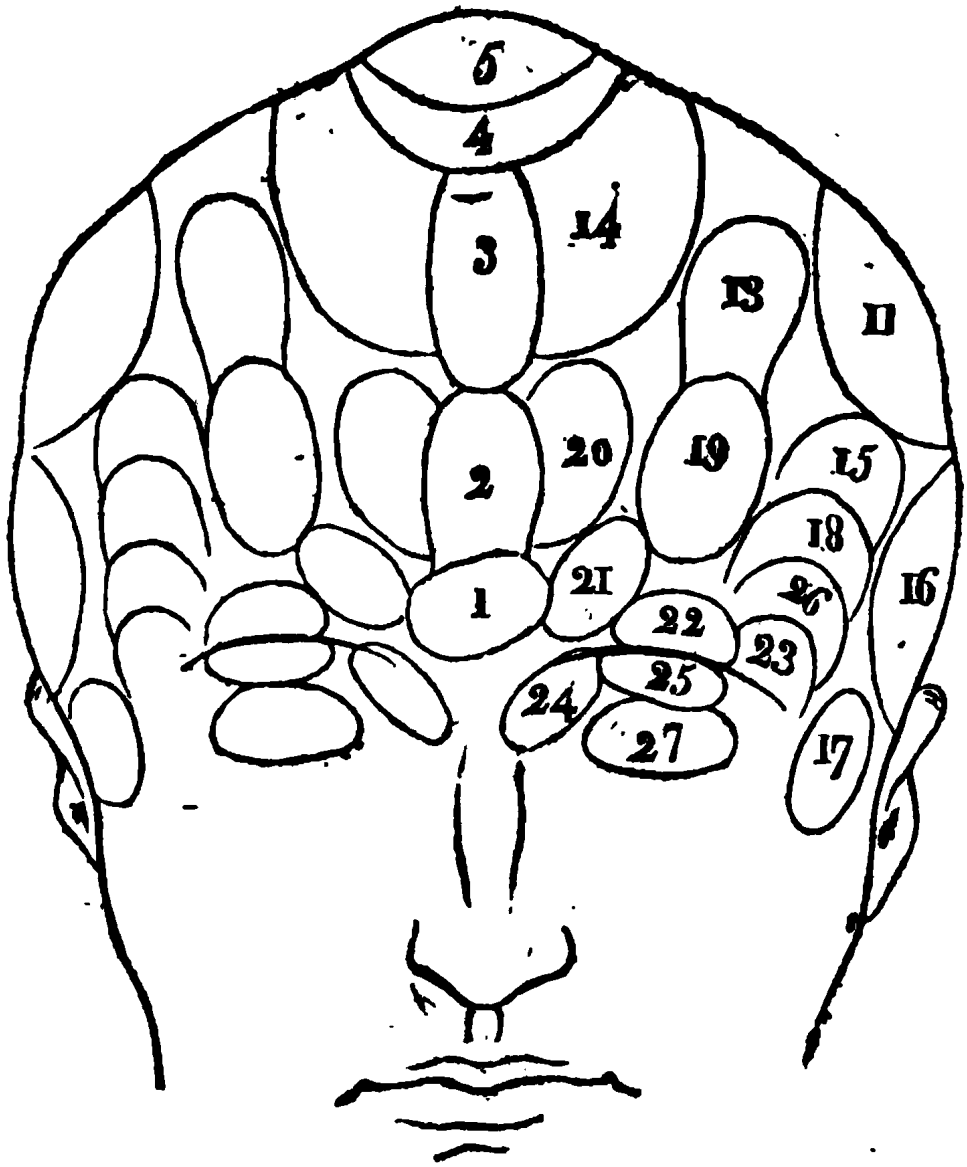
J. A. da Palma (Elvas).

Rectificação. — Para que não arda a bola, é que nos apressamos já a pedir áquelles dos nossos leitores que no seu exemplar d'*Almanach*, a pag. 236, tiverem na charada XXII a designação d'uma só syllaba, o favor de supprir uma falta, pondo o n.º 2 diante da 2.ª quadra, porque a charada tem 3 syllabas, e não uma só.

No acto da impressão da folha (15 e 16) quebrou, sem que se désse por isso, a lettra que marcava n.º 2 e d'ahi veiu que em muitos exemplares saiu a charada com aquelle erro.

Digitized by Google

Phrenologia. — É o nome dado por Gall á sciencia de que elle foi o creador, e que os seus discipulos teem conservado. É o conhecimento das funcções do cére-

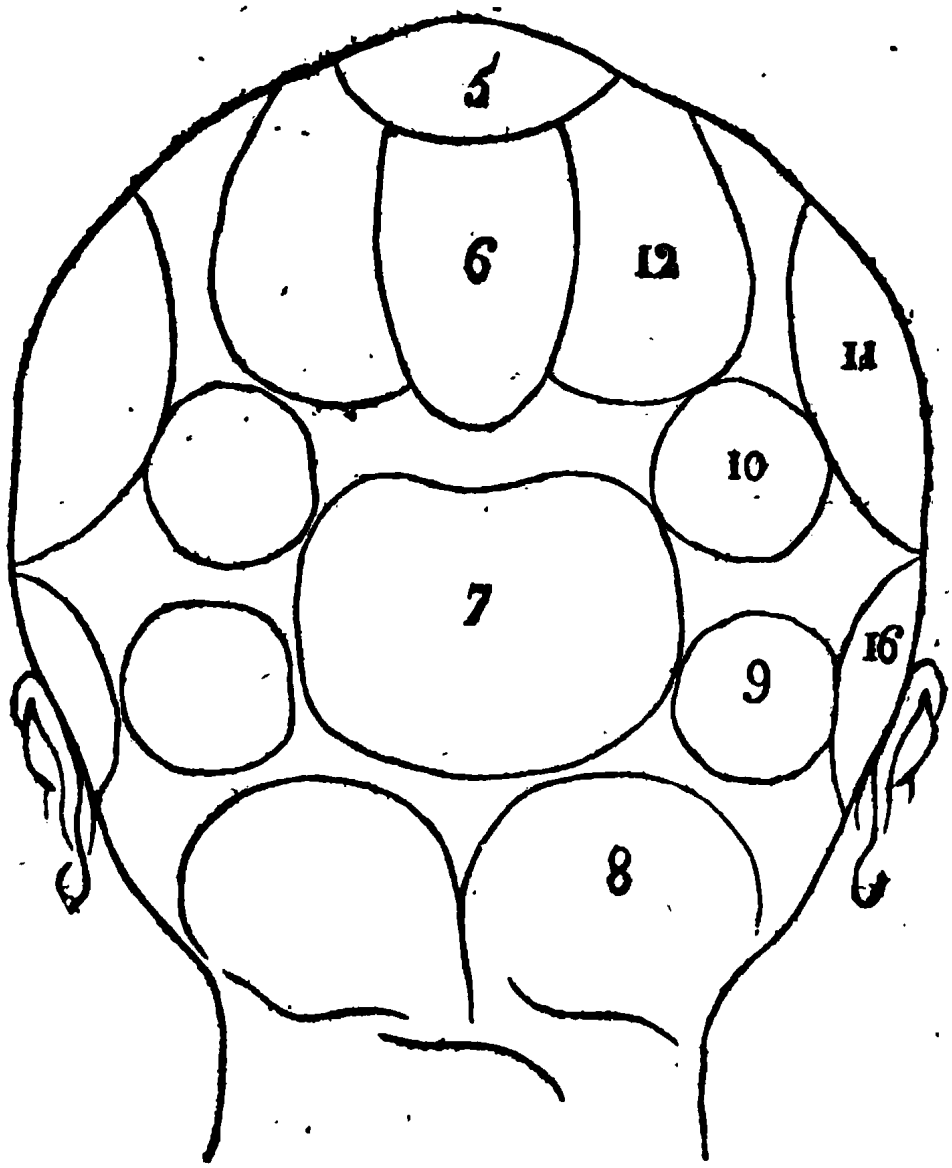


bro, ou o estudo de todas as suas faculdades, consideradas tanto em relação aos animaes, como em relação ao homem.

Á parte anterior e superior da cabeça correspondem as faculdades intellectuaes, que pertencem mais exclusivamen-

Digitized by Google

te ao homem; sobre as partes lateraes estão situadas as tendencias, e finalmente na parte posterior e inferior, os instinctos physicos. Cada uma d'estas regiões se subdivide em grande numero d'orgãos. Gall admittia trinta orgãos que elle indicava pela ordem numerica que damos em se-



guida, e que é facil de verificar tanto sobre as estampas, como sobre os craneos destinados ás demonstrações.

1.º Amor physico; instincto da propagação.

2.º Amor dos filhos; ou amor das creanças em geral.

3.º Amisade; sentido das sympathias.

Digitized by Google

4.º Instincto da defesa pessoal e da propriedade.

5.º Instincto carnivoro; tendendencia sanguinaria.

6.º Orgão da finura e da manha.

7.º Instincto d'accumular; da usura, e até mesmo de nos apoderarmos do alheio.

8.º Instincto que preside á escolha das habitações.

9.º Amor da autoridade; espirito de dominar; orgulho.

10.º Amor de approvação e de gloria; desejo de agradar.

11.º Circumspecção; previdencia; hypocondria.

12.º Sentido das cousas; memoria dos factos; desejo de instrucção; vocação pronunciada para o ensino.

13.º Orgão das localidades e do espaço; desejo de viajar; cosmopolitismo.

14.º Faculdade de conservar a lembrança das pessoas, e reconhecer facilmente as que vimos uma vez.

15.º Facilidade prodigiosa em conservar os nomes e os signaes; sentido das palavras; loquacidade.

16.º Sentido da linguagem articulada; disposição para as linguas.

17.º Sentido das côres e dos seus effeitos; gosto pelos quadros e pela pintura.

18.º Talento musical; sentido da melodia e harmonia.

19.º Sentido dos numeros; espirito de calculo; talento mathematico.

20.º Sentido da mechanica e das construcções; orgão das artes e da industria.

21.º Sagacidade comparativa; vivacidade d'espirito; eloquencia popular.

22.º Profundidade d'espirito; penetração metaphysica.

23.º Orgão do espirito; tendencia para a satyra; espirito caustico.

24.º Espirito phylosophico; orgão de observação inductiva; faculdade de descobrir as leis geraes e descobrir-lhes as consequencias.

25.º Orgão da poesia; calor d'imaginação; sentimento do bello ideal.

Digitized by Google

26.º Sentido moral; noção do justo e do injusto; doçura de caracter; bondade.

27.º Faculdade d'imitação; mimica; pantomima.

28.º Tendencia para o maravilhoso e para as cousas sobrenaturaes.

29.º Sentimento da existencia de Deus; tendencia para a religião.

30.º Firmesa de caracter; perseverança.

AGOSTO — 18

A Tijuca. — A Tijuca póde considerar-se como o bairro mais affastado da capital do Brazil. Posto que esteja a seis milhas de distancia do largo do Paço, está ligada ao centro da povoação por uma linha de ferro cujos trens a percorrem de hora em hora e de meia em meia hora. É logar muito pittoresco, muito mais elevado que o Rio de Janeiro, abundante em arvoredo e sombras frescas, enfeitado com duas magnificas cascatas d'agua fresquissima, e gosando de pontos de vista admiraveis, principalmente do cume de suas montanhas altissimas, tanto para a costa do sul, como para o lado da cidade.

Muita gente rica da côrte ahi tem as suas casas de campo; muitos ahi têem ido buscar, e têem encontrado a saude nesse clima sensivelmente mais puro e mais fresco do que o do Rio de Janeiro. A frescura do sitio torna este lugar predilecto dos estrangeiros, principalmente, e alguns d'elles fazem alli residencia permamanente.

* * * (Rio de Janeiro).

AGOSTO — 19

Uma anecdota d'Henrique IV. — Conhecem todos o genio bondoso em extremo d'este rei de França. A anecdota, que vamos contar, mostra-o debaixo d'esse aspecto, sente-se nella ao mesmo tempo a graciosa malicia

Digitized by Google

do genio francez, *l'esprit gaulois*, que o rei Henrique possuia no mais elevado grau, e que, juntamente com a sua bondade e affabilidade, o fez tão popular em França.

Uma noite dormiam no seu quarto um dos seus fidalgos chamado mr. de La Force, e o célebre Agrippa d'Aubigné amigo intimo do monarcha, escriptor notavel, homem d'uma probidade a toda a prova, d'uma grande elevação de caracter, e por todas essas qualidades estimadissimo d'el-rei, que lhe perdoava tudo, e que supportava rindo as reprehensões que o austero cortesão ás vezes lhe dirigia.

Nessa noute estava d'Aubigné descontente com el-rei. O monarcha, pouco prodigo, esquecera-se de recompensar o seu fiel amigo. D'Aubigné zangado, não podia dormir, La Force estava já tonto com somno, Henrique IV resonava. D'Aubigné, depois de dar mil voltas na cama, não pôde deixar de desabafar.

— La Force, disse elle, estás dormindo?

— Não, responde o seu amigo estremunhado.

— Ah! La Force, o nosso amo é o mais avarento e o mais ingrato dos homens.

— Hein? torna o outro que, meio a dormir, não ouvira bem a exclamação de d'Aubigné.

— Ó surdo! brada el-rei que estava perfeitamente desperto, d'Aubigné está-te a dizer que eu sou o mais avarento e o mais ingrato dos homens.

E voltou-se tranquillamente para o outro lado, deixando ficar estupefacto o seu indiscreto cortezão.

AGOSTO — 20

Obra posthuma. — Ó papá, que quer dizer obra posthuma? perguntava um rapazinho certo dia em que tinha ouvido estas palavras sem as entender.

— Obra posthuma, respondeu-lhe o pae, significa uma obra que o autor escreveu e publicou depois de haver morrido.

Digitized by Google

CHARADA XXVI

Sem mim poder-se-ha vencer o pleito
Mas não se ha de vencer a consciencia:
Alli póde elle ter em seu abono
A vontade, o poder e a eloquencia;
Mas aqui será julgado
Só por meu merecimento:
Não transijo com o vicio,
Eu a verdade sustento. 1

Tenho parte no jogo, e já não sou
Pronome, (variação bem conhecida);
Dizem outros que um *a* me foi pesado
Por eu ficar solteira toda a vida.
Uso antigo: — me repetem
Velhas e velhos tambem,
Se querem ver reunidas
Certas aves, que elles teem. 1

Capricho dos destinos d'este mundo!
Por um *pé* já não sou da artilheria,
Nem obra de theatro, ou musical,
Ou brinquedo, ou engano sem valia.
E comtudo, certo tenho
Quando chegar a bonança,
Que hei de vêr no que desejo
Terminar minha *esperança*. 1

Do grande e poderoso sou o arrimo;
Sou asylo do fraco humilde e pobre...
Sem mim vem a desordem; tudo acaba;
De impiedades o vicio a terra cobre!

Digitized by Google

Existo para o bem das creaturas;
A todas venho dar tranquilidade,
Socego de espirito e fortaleza.
A minha sombra cresce a liberdade.

Eis a minha missão entre os mortaes...
Sublime... proveitosa... edificante!...
E entretanto direi, muitos no mundo
Me tratam com desprezo repugnante!

Bate as mãos o despotismo:
Sou por elle escarnecida;
Prostitnem-me, e em cima d'isto
Qual escrava, sou vendida!

Elnida — *Brazileiro* (Parahyba do Norte).

AGOSTO — 22

As sciencias e as artes segundo Laharpe.— «A sciencia, segundo Laharpe, limita-se á especulação, a arte produz uma obra. Assim é-se astronomo, physico, chimico sem fazer nada mais do que estudar a natureza; mas não se é poeta, senão fazendo-se versos, orador senão fazendo um discurso, pintor senão fazendo um quadro etc.»

Eis a unica differença que elle achava entre a sciencia, que exige a observação, e a arte que exige a contemplação! Phantasia, ardor apaixonado, sensibilidade expansiva, essas mil facetas do prisma, atravez do qual o artista contempla a natureza, e o coração humano, tudo isso o bom do critico dispensava. A poesia para elle era uma succursal da arithmetica, a arte era uma cousa mecanica, sujeita a regras tão invariaveis como a construcção d'uma pyramide, ou d'um trapezio. Assim é que o classicismo entendia essa lyra, que vibra no coração de todos os grandes poetas!

Digitized by Google

AGOSTO — 23

A cidade de Celabrin. — Na ilha de Celebes, mar das Indias, existia esta cidade pendurada em uma montanha quasi inaccessivel. Convertida ao christianismo por S. Francisco Xavier, sacudiu o jugo do rei da ilha e acolheu-se á protecção do rei de Portugal.

Celabrin, era o nome do rei, não podia consentir impunemente que a cidade assim desconhecesse o seu poder e, ardendo em desejos de vingança, marchou para castigal-a e reduzil-a á obediencia.

A cidade foi investida e conquistada; seus habitantes soffreram uma perseguição terrivel, até que abjuraram a religião e abraçaram de novo a crença antiga. Os templos foram destruidos até aos alicerces, as imagens feitas pedaços, e esta bella conquista do *Sol do Oriente* entregou-se de novo ás estravagancias e superstições de outr'ora.

Em seguida declarou o vencedor guerra aos portuguezes. Estes acceitaram o repto: Bernardino de Sousa, fidalgo portuguez, accommetteu a ilha em Março de 1551, e sitiou a capital. O cerco durou tres mezes; a cidade foi tomada, apesar das forças e fortificações que a defendiam.

Celabrin foi obrigado a submetter-se para evitar uma ruina completa, e renunciando ao titulo de rei, ficou vassallo de Portugal, pagando-lhe todos os annos um tributo, como simples governador da ilha.

José Victorino Pinto de Carvalho (Amarante).

AGOSTO — 24

Justiça e fortuna. — A justiça é uma mulher entrevada, que sae fóra poucas vezes.

A fortuna é uma mulher muito calva; quem a quizer apanhar ha de ser por um unico cabello.

* * (Porto).

Digitized by Google

Vantagem de não levantar cêdo. — É necessario levantar mais cedo, dizia um excellente pae de familia a um seu filho, rapazito um pouco madrasso, com o santo proposito de o levar a aproveitar o tempo. E accrescentava: Olha, outro dia um homem que se levantou muito cêdo e saiu, achou logo no caminho uma bolsa cheia de dinheiro, que por fiel, foi levar ao dono, que lhe deu grandes alviçaras. Julgas tu que estaria hoje tão remediado se estivesse pespegado na cama?

— Mas aquelle que perdeu a bolsa ainda se tinha levantado mais cedo, respondeu-lhe o trasgo; pois não é verdade, meu pae?

AGOSTO — 26

As casas na China. — Mostrou-se um dia ao imperador da China uma estampa representando o maravilhoso palacio de S. Marcos, de Veneza. O imperador ao vel-a, e ao ouvir as maravilhas que lhe diziam de tão estupenda fabrica, pôz as mãos nas ilhargas e desatou a rir como um perdido.

— Como? lhe diz o encarecedor, não vos maravilha este palacio?

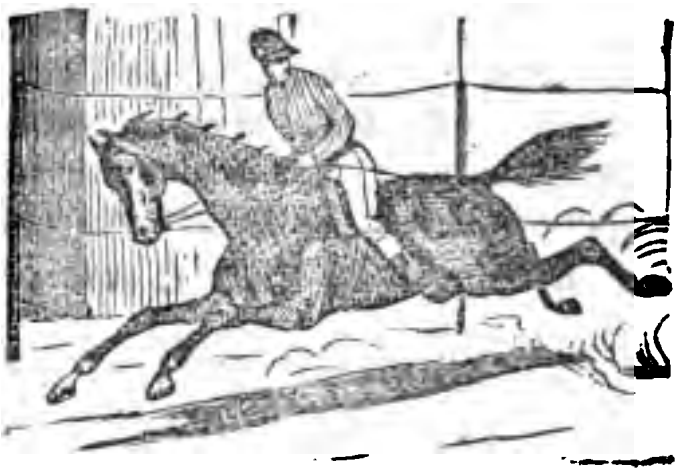
— Não, com certeza, lhe responde o imperador; dá vontade de rir que numa casa que se faz para descanço, e onde o deve haver, se busque o trabalho de subir por tantas escadas a tão altos aposentos.

Havemos de confessar que o homem tinha razão. Na China para não haver, o trabalho de subir escadas todos os edificios são baixos e d'um só pavimento.

Digitized by Google

Corridas de cavallos. — Datam de tempos immemoriaes. Nos tempos heroicos o exercicio da equitação não era ainda conhecido, mas as corridas em carros e o uso de carros estava já em voga.

Os divertimentos mais gratos aos gregos e aos romanos eram as corridas, quer em cavallo, quer em carro. Por ellas se avaliava a gentileza e a habilidade dos mancebos e por isso constituiam a parte mais interessante dos espectaculos. Era sempre por ellas que começavam os soberbos jogos olympicos celebrados em honra de Jupiter.



Na idade media as justas e os torneios não eram mais do que as antigas corridas adaptadas á arte da guerra, mas tendo ainda o mesmo fim recreativo e util: O galanteio, a gymnastica, e o exercicio dos que justavam. Até então as corridas eram consagradas á prova do cavalleiro; hoje, e sobre tudo desde o seculo XII, as corridas são tambem consagradas á prova do cavallo e ao seu aperfeiçoamento. Foi a Inglaterra a primeira que as inaugurou com este fim no reinado de Henrique II, e os soberanos que se lhe seguiram foram successivamente ampliando esses espectaculos, já mandando vir de Hespanha, da Italia, da Turquia, e da Arabia, os melhores cavallos para padrear com as eguas inglezas, já concedendo premios avultados aos vencedores nas corridas.

D'este modo nos fins do seculo XVII conseguiu a Inglaterra formar definitivamente a raça cavallar *puro sangue*, e desde 1791 possue um livro no qual se registam e con-

Digitized by Google

servam escrupulosamente as genealogias dos cavallos de raça. Por estes meios, para que se não tem poupado nem sacrificios, nem dinheiro, conseguiu aquelle pais possuir hoje os cavallos mais bellos do mundo.

AGOSTO — 28

LOGOGRIPHO XI

Foi heroe, mas d'alta marca
E ladrão bem descarado. 1 e 3.
Aqui 'stá quem deu origem
A que fosse assassinado. 2 e 1.

Eil-a aqui, ao rio corre
Mas não te acompanho eu 3 e 1
Se outra vires tem cautella,
Que já um reino perdeu. 1 e 2.

No centro d'estas um — *s*
Um heroe diz portuguez 2 e 3.
Mas que a esta não escapa,
Olha não caias, não vês? 3 e 2.

Em sentido figurado
Estou certo, has de estimal-o,
Mas realmente só podes
Entre arvores encontral-o.

Francisco Henriques da Cruz Coelho (Paranhos).

AGOSTO — 29

Generosidade.—A prodigalidade é uma loucura, a generosidade é a virtude d'uma grande alma. O grande Vandome sentindo em certa occasião grande alarido, e algazarra, que os seus creados e outras pessoas, estavam fazendo, chegou á janella, e vendo que se tratava d'um seu domestico que tinham preso porque buscava evadir-se com dois pratos de prata que havia roubado, disse-lhes:

«Que tumulto por cousa tão pequena! deixem ir esse homem com a sua baixella, e Deus que me dê paciencia.»

Ha generosos egoistas, e são os que leram, e tomam para si estas palavras que o marquez de Caraccioli escreveu em sentindo generico: — «*Tout homme que s'inquiète, touche à la maladie; et tout malade qui s'afflige, s'approche de la mort*. O duque de Vendome não era d'estes.

Digitized by Google

A TI

De meus sonhos querida e bella imagem,
Meigo enlevo e prisão da minha vida,
E que o perfume torna presentida
Como á violeta occulta na folhagem;

Thesouro de mil joias esmaltado,
Fada gentil d'amor e de bellesa,
Ideal creação, que á naturesa
Produzir, eu cuidei, não fôra dado;

Que immenso amor, que cega idolatria
Te consagro! Se desde a adolescencia
Em mim se alimentava a presciencia,
Que sobre a terra um anjo encontraria!

E eras tu! Nos meus extasis profundos
Senti que as nossas almas se buscavam;
Quem sabe, quem, se já antes se amavam
Quando livres voavam n'outros mundos?!

Hoje unidas em doce intimidade
Da minha alma tu és pod'roso esteio;
Abrigando-a, lhe déste no teu seio
Um éden de suprema f'licidade.

Déste; e hoje conheço que a ventura
As erenças me reforça, e outras gera,
Como reveste a flórea primavera
Os bosques e as campinas de verdura.

J. A. dos Santos Teixeira.

Digitized by Google

Tragico fim de dois tragicos.— *Eschylo*, célebre fundador do theatro tragico, era natural d'*Attica*, e descendente d'uma familia antiga, e illustre: tendo assistido ás batalhas de *Salamina*, e de *Marathona*, em que foi ferido, assistiu tambem á de *Platea*, tão gloriosa para os gregos, como as precedentes. Sendo accusado pelos sacerdotes por ter posto em scena os mysterios da religião em muitas de suas tragedias, e com especialidade nas *Eumenides*, onde *Orestes*, sendo accusado pelas furias, foi defendido por *Apollo*, e por *Minerva*, a populaça amotinada, quiz apedrejal-o; refugiando-se porém junto do altar de *Baccho*, ia ser condemnado, como impio para com os deuses, se o areópago se não tivesse declarado seu juiz, e se *Aminias*, seu irmão, e defensor, se não tivesse lembrado de arregaçar a manga para mostrar o braço mutilado no serviço da republica, mencionando tambem as acções de bravura d'*Eschylo*, e as batalhas, em que os dois irmãos se tinham distinguido. Sendo já velho, não quiz deixar de ser candidato a um concurso de poetas tragicos, que se fez em *Athenas*: *Sophocles*, moço de 24 annos obteve o premio, e *Eschylo*, inconsolavel por se ver preterido, abandonou a sua patria e retirou-se para a côrte de *Hyeron*, rei de Sicilia, onde, segundo dizem, mas não é provavel, morreu esmagado por uma tartaruga, que uma aguia deixou cair do ar sobre sua cabeça calva, julgando-a talvez um seixo!

Euripedes, natural de *Salamina*, nasceu no meio das festas celebradas pela victoria, que tornou tão famoso o nome de *Salamina*. Era tão grande a acceitação, e apreço, que mereciam seus versos, que tendo sido vencido na *Sicilia* o exercito atheniense, commandado por *Nicias*, os soldados, que os sabiam recitar, só por isso, resgataram sua vida, e liberdade. *Euripedes* sem cessar abocanhava o bello sexo, quer no theatro, quer em suas conversações; não obstante isso casou duas vezes, repudiando outras tantas as con-

Digitized by Google

sortes! Sendo chamado á côrte de *Archelau*, rei de Macedonia, foi muito favorecido, e beneficiado por este principe, que segundo diz *Solin*, o fez seu primeiro ministro. Teve um fim desastrado o pobre tragico, porque, passeando em um bosque, foi devorado por uma matilha de cães!

Antonio Maria do Amaral Ribeiro.

SETEMBRO — 1

Oração a S. Custodio contra as tentações do demonio. — Como de todos é sabido, os povos da Beira tem ainda o seu espirito preoccupado de bruxarias, tentações do demonio, e outros preconceitos analogos; e é tal a sua crença que de modo algum é possivel dissuadil-os. Quando um dia o silvo da locomotiva acordar os beirenses do seu somno lethargico, talvez que então venham estes prejuizos a perder-se de todo. D'outro modo nunca.

A oração de S. Custodio, se é que assim se póde chamar, é uma lengalenga que esta pobre gente costuma resar á noite para evitar os maleficios e tentações do espirito das trevas.

Diz assim:

1.º É Nosso Senhor Jesu Christo.

2.º São as duas Taboas de Moysés. (repete-se o 1.º)

3.º São as tres pessoas da Santissima Trindade (repete-se o 2.º e 1.º)

4.º São os quatro Evangelistas (repete-se o 3.º 2.º e 1.º)

5.º São as cinco chagas (repete-se o 4.º 3.º 2.º e 1.º, e assim nos outros todos).

6.º São os seis cirios bentos.

7.º São os sete Sacramentos.

8.º são os oito coros d'anjos.

9.º são os nove templos.

10.º São os dez mandamentos.

11.º São as onze mil Virgens.

Digitized by Google

12.º São os doze Apostolos.

Estas palavras, ditas e repetidas, sejam em louvor de S. Custodio.

Sete raios leva o sol!
Sete raios leva a lua!
Arrebenta para ahi nabo,
Que esta alma não é tua.»

Selecta (Coimbra).

SETEMBRO — 2

CHARADA XXVII

Na tampa 2
Na bocca 2
No peito 1
Tanta pressa...
Com effeito!

João Salvador Marques da Silva (Alhandra)

Calor demonstrativo. — «Porque é que as mulheres de quasi todos os paizes amam geralmente os francezes?» (Se amam; aquelle bom povo é ambicioso, e presume muito de si).

«A rasão é simples, diz uma senhora franceza, a mesma que fez a pergunta, madame Manoel de Grandfor, é porque entre elles ha mais calor demonstrativo do que nos homens dos outros paizes».

Responda-lhe a duqueza d'Orleans, que é tambem franceza. Diz ella:

«Conhece mal os francezes quem pensa que elles podem deixar de falar».

Está explicado — os francezes têem mais calor demonstrativo porque são mais faladores.

Digitized by Google

SETEMBRO — 3

Caça do cavallo marinho nas margens do Quanza.—No dia aprasado, depois de convocada gente sufficiente e de se consultarem os idolos, vão todos armados de fisgas, á lagoa onde se sabe com certeza que abunda o cavallo marinho. Em numero de 60 a 80 mettem-se na lagoa, formando um circulo, mas em cima d'uma planta aquatica, que nascendo do fundo vem cruzar-se á superficie d'agoa, offerecendo uma resistencia capaz de supportar muito peso; por baixo d'esta planta, a que os naturaes chamam *quicanda*, fazem os cavallos os seus trilhos e têem as suas reconditas residencias.

Começam a fisgar; um movimento desordenado da planta aquatica é signal evidente de que o animal se agita; todos correm ao logar; vibram as fisgas, ficando de posse d'um cabo grosso, preso á haste d'uma fisga, para sustentar o cavallo, que atormentado pelas dores procura escapar-se.

Neste estado de aperto, algum mais atrevido pula para cima do cavallo marinho, monta-o, e com um facão bem afiado que lhe crava na nuca acaba de o matar. Como succede que alguns cavallos escapando ás fisgas fogem para a terra ha sempre o cuidado de collocar nos flancos caçadores amestrados armados d'espingardas.

A. J. do Nascimento (Africa — Massangano).

SETEMBRO — 4

O jogo em sexta feira santa. — A um filho, que havia jogado e perdido em sexta feira santa quanto dinheiro levava na algibeira, quando saiu de casa, dizia a mãe ralhando-lhe:

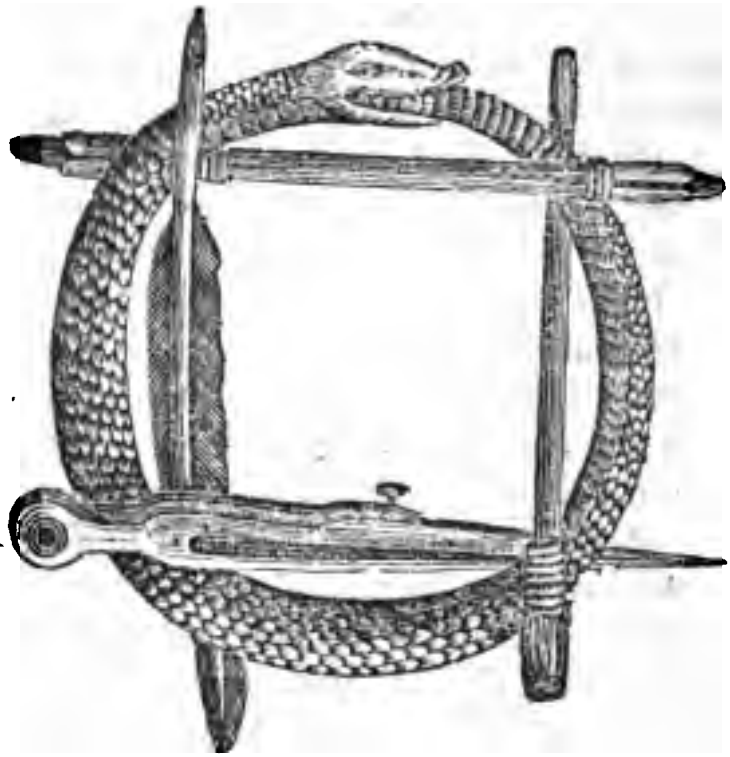
— Como não havia de acontecer-te isso, máo christão, jogando num dia tão santo como o de hoje?

— Ora diga-me lá, mamã, respondeu-lhe o perdulario, acaso o que me ganhou jogava em dia de Paschoa?

Digitized by Google

Eternidade. — No sentido absoluto a eternidade não convém senão a Deus, ao ser increado e necessario, que não teve começo, e nunca ha ter fim.

Os escholasticos distinguiram duas eternidades: uma *á parte ante*, isto é anterior, outra *á parte post*, ou posterior. Attribuiram ambas a Deus, e á alma humana somente a ultima. Em rigor, porém, é-nos impossivel conceber uma eternidade passada, e uma eternidade futura. Isto seria dividir a eternidade em duas partes, e dividil-a é destruil-a. Outros para escapar a esta difficuldade



suppozeram que a eternidade não era successiva, mas que era um *nunc stans*, isto é, um momento de tempo, que se detem, e que sempre dura. A isto diz com rasão um escriptor contemporaneo, que um tempo estacionario é para nós tão ininteligivel como um numero composto unicamente de zeros.

Em conclusão, tanto a eternidade, como o infinito, de que ella não é mais que uma face, são idéas complexas, que excedem em muito as fracas concepções do homem. Este, como nunca as soube, nem nunca saberá explicar bem, creou dois symbolos para as figurar á imaginação e aos sentidos — o circulo, e a serpente mordendo a cauda. Dão uma idéa, isso dão, mas como symbolos são ainda imperfeitos.

Digitized by Google

Um rei philosopho.—O rei Guilherme de Wurtemberg, fallecido em 1864, havia desde vinte annos depositado na presidencia do conselho um masso lacrado, que dizia no sobrescripto as seguintes palavras escriptas pela propria lettra do rei:

«Entregue ao presidente do conselho d'estado, para ser

aberto em sessão do conselho, quando se der o caso da minha morte.» — *Guilherme.*

Assim se observou.

Eis de que resava:

«Escripto aos 20 d'abril de 1844.

1.º Logo que a minha alma tiver desamparado o corpo, desejo que os meus restos mortaes não sejam vistos, além da minha familia, se o pedir, senão pelos medicos e pessoas do meu serviço.

2.º Poderá fazer-se autopsia no meu corpo, se os medicos a julgarem util.

3.º Como em minha vida cousa alguma me repugnou

Digitized by Google

tanto como a etiqueta, e as ceremonias, desejo não ser exposto publicamente, nem enterrado com a pompa do estylo. Os que me tiverem conhecido acharão este desejo bem natural. Espero que os curiosos me perdoarão o tel-os privado do espectaculo de vãs ceremonias.

4.º O meu corpo sairá do paço de noite, e será acompanhado só pelo prégador da côrte, pelo marechal do paço, e pelo ajudante de campo de serviço. Além d'isso prestar-me-ha as honras funebres a minha guarda, e escoltar-me-ha até á ultima morada.

5.º Desejo que o trajecto funerario seja calculado de modo que aos primeiros raios do sol chegue a Rothenberg. Um só tiro de peça servirá para indicar o termo dos funeraes. Resar-se-ha uma curta oração no momento em que o caixão fôr introduzido no jazigo. Quero ser sepultado no tumulo que ha annos mandei erigir, e ao lado de minha defunta esposa Catharina, como lh'o prometti.

6.º Desejo que o praso do luto publico não exceda tres mezes. Os sinos não dobrarão além de dez dias a contar do do meu enterro; nas igrejas far-se-ha, apenas, a leitura d'uma nota, ácerca do meu estado civil.

7.º Morro como bom christão; perdôo a todos os meus inimigos; e agradeço á minha familia a verdadeira ternura que sempre me manifestou, aos meus servidores, no civil e no exercito, a sua dedicação fiel e o zelo empregado no cumprimento dos seus deveres, e a todos os meus subditos a sua fidelidade e obediencia ás leis. Viví para a unidade, independencia, e felicidade d'Allemanha, que amei mais do que o meu Wurtemberg. Felicidade para a minha patria em todos os tempos por vir. Assignado, *Guilherme.*»

SETEMBRO — 7

Ambição, ambiciosos *(Etymologia).*—As palavras *ambição* e *ambicioso* vem do latim *ambire*, que significa *andar em redor*. Os romanos chamavam *ambitiosi*,

Digitized by Google

aos que, sollicitando os empregos, andavam em volta da assembléa do senado para mendigar os suffragios. *Ambitus* que significa circuito, e circunferencia, significa tambem ambição.

SETEMBRO — 8

Adão e Eva em Cabeceiras de Basto. — Existe na provincia do Minho, no concelho de Cabeceiras de Basto, uma povoação e freguezia a que chamam Arco de Baúthe. Festeja-se ahi todos os annos, no dia 8 de setembro, a imagem de N. Senhora dos Remedios com tambores, fogo, musica, sermões, missa cantada, e procissão. No anno de 1859 houve uma procissão curiosa. Entre outras figuras, ia Adão e Eva. Adão era um homem coxo, que levava num pé um tamanco, e no outro um sapato, para lhe egualarem as pernas, com um alvião ás costas. Vestia uma casaca de panno preto, calça branca, e levava na cabeça um chapéo alto, branco, de pello, posto ao lado á laia de janota. Eva era outro homem vestido de mulher, com um chapéo de palhinha muito antigo, enfeitado com um grande laço de fita vermelha, saia de chita, chaile cor de rosa, fiando numa roca. E alli iam os nossos primeiros paes, querendo mostrar na antiguidade do vestido a antiguidade das suas pessoas.

Ia tambem o rei David, que era um pedreiro, que sabia tocar viola, vestido muito exquisitamente, dançando e tocando pelas ruas. O rei David caiu, porque as ruas estavam mal calçadas, e quebrou a viola; e Adão e Eva tiveram de fugir, cada um para o seu lado, por causa d'uma grande chuvada, que sobreveiu ao regressar a procissão. A veracidade d'estes factos póde ser comprovada por milhares de pessoas.

Hoje faz-se esta festa com toda a decencia, e attrae gente de muito longe por causa da brilhante illuminação, e famoso fogo, que tem logar na vespera.

D. L. C. (Cabeceiras de Basto).

Digitized by Google

Pinto, Arrais,
padre Vieira,
A este catalog
menos importa
Camões, Sá d
Lobo, Quebed
Com tão il
chegado a um
o depravado
de livros fran
fossem esquece
zas, a ponto
nando-se d'isto
ça, mas tamb
Os esforços
alviar a esto
colhido até h
coroados da

Lição da

— Um princip
se ao são:
— Dá-me o
— Vossa
nada. Ao
pensou do
não conhe
Passados
dentes: ia-
pecorrer
— Ai
— Os
— Tenho
meso
as

Digitized by Google

MINHA BARCA

Á Ex.ma Sr.a D. J. G. Gaviche

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo
A soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da fortuna;
Barca, dá-me a aragem pura,
As soidões, o ermo, a paz.

Dá-me a paz, que entre os humanos
Chamo em vão, e em vão desejo;
Onde busco e nunca vejo
O que pede o coração;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento;
E um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão.

Proa ao mar, e o rumo á sorte
Minha barca airosa e bella!
Venha o sul! venha a procella!
Que te importa o temporal?
Sobe as vagas! desce! vôa!
Rasga a vela! quebra o leme!
Coração triste não teme
Escarcéos, nêm vendaval!

Adeus, praia! adeus, familia!
Adeus, prados! adeus, relvas!
Adeus, canticos das selvas!
Adeus, rosas dos salões!
Minha barca solta e livre
Como a rosa destroncada,
Vae contente, acalentada
Entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura
Ao fugir do mundo ás magoas,
Vosso abysmo, ó fundas agoas,
Quem pranteia o martyr? quem?
E se um vento bonançoso
Me encontra sosinho e absorto
E levar a barca a um porto
Quem me acolhe ali? ninguem!

Minha barca, ao largo! ao largo!
Longe a praia, longe o mundo!
Ao sentir que é tão profundo
A soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
Os mimosos da ventura;
Barca, dá-me a aragem pura,
A soidão... a morte em paz.

Thomaz Ribeiro.

Digitized by Google

SETEMBRO — 10

Pax tecum.—Frequentavam certa aula de lyturgia alguns estudantes em parte iniciados nas ordens menores; era costume do professor depois de os fazer estudar em theoria as ceremonias sagradas, mandal-os praticar, e nesses dias convertia-se a casa da aula em igreja, os estudantes em presbyteros, diaconos e subdiaconos, e outros em mestres de ceremonias etc.

Em uma d'estas occasiões tiveram d'assistir ao altar os tres minoristas, que frequentavam a aula, e presidio ao coro, composto dos restantes alumnos, um outro, mais velho na idade, porém mais novo nas cousas que diziam respeito ao bem pensar e bem comprehender. Vendo-se o rapaz á frente de tão heroica corporação, quiz remontar-se aos ares em azas de cera, mas bem como succedeu ao pobre Icaró deu como elle queda desastrada. Foi o caso:

Tendo-se chegado áquelle ponto da missa, em que por costume tradicional *se dá a paz*, o professor que os dirigia a todos, foi acceital-a do subdiacono, ou do que fazia as suas vezes, e veiu trazel-a ao presidente do coro. O rapaz vendo que um professor respeitavel lhe punha as mãos sobre os hombros e proferia as palavras *pax tecum*: tremeu, titubeou e respondeu a final: *Et cum spiritu..... cum spiritu vossa senhoria.*

Já se vê que uma risada estrepitosa éccoou por todos os cantos do edificio. — *Athayde Oliveira.*

SETEMBRO — 11

CHARADA XXVIII

Seja lá o que quizerem,
Eu na segunda é que estou. 1
Por quarta sou conhecida. 1
Primeira mesmo é que sou. 1
O vento, calor, ou agoa,
Meu todo pódem causar;
E em sentido figurado
Na soberba me hão de achar.

Epifanio José de Sousa Morato (Abrantes).

SETEMBRO — 12

Os sabios da Grecia.— Estes sabios, de que a Grecia consagrou os nomes e colligiu as sentenças, como se fossem d'oraculos, são em numero de sete — Thalès de Mileto, Bias de Priène, Pittacus de Mitylène, Cleobulo de Lindes, Solon d'Athenas, Chilon de Sparta, Periandro de Corintho.

Diz-se que elles, havendo-se um dia reunido, consagraram as primicias da sua sabedoria a Apollo, no seu templo de Delphos, e ahi gravaram entre outras esta maxima: *Conhece-te a ti mesmo.*

Cada um d'estes sabios tinha adoptado uma maxima que era como a sua divisa e a sua regra de viver; e todos para mais ferir as imaginações ainda pouco cultivadas, expunham as verdades da moral e da politica em sentenças muito curtas, mas perfeitamente claras.

É d'este modo que elles mereceram ser considerados os continuadores da obra da civilisação começada pelos poetas Orpheo, Homero e Hesiodo, preparando a Grecia para as idéas sociaes e politicas, que fizeram a sua gloria.

SETEMBRO — 13

O general Desaix na batalha de Marengo.— O general Desaix foi amigo, condiscipulo e companheiro de Napoleão Bonaparte. Chegou do Egypto na vespera da batalha, que os francezes ganharam em Marengo, villa dos Estados Sardos, em 14 de junho de 1800.

Napoleão recebeu-o nos braços, e obsequiou-o com o commando da reserva, que não passava de 10:000 homens.

O combate principiou ao romper do dia entre francezes e austriacos, á uma da tarde foi o logar de Marengo tomado pelos austriacos, e ás duas horas achavam-se os francezes em plena retirada.

Os austriacos commandados por Mélas, avançavam esten-

Digitized by Google

didos em uma immensa linha; cem bocas de fogo vomitando a morte os acompanhavam, e a retirada dos francezes já se ia convertendo em derrota.

Foi neste momento que Desaix, advertido na retaguarda pelos fugitivos se precipitou á frente do seu punhado de bravos sobre os 100:000 austriacos, que aos gritos de victoria perseguiam os contrarios.

Este grande acto de coragem dos frances deteve por um pouco os austriacos, e caindo Desaix morto aos primeiros tiros, foi tal a valentia, que o desejo de vingar a morte do general communicou á sua gente, que fez logo retroceder os adversarios, dando logar a que o exercito francez reunisse de novo, e a viesse coadjuvar na luta.

D'este modo se ganhou a batalha de Marengo; isto é, deveu-se ao valor de Desaix, que á maneira dos Décios se sacrificou.

Tinha começado o seu movimento ás quatro horas da tarde, ás oito estavam vencidos os austriacos, e seriam todos mortos, atropellados na pequena ponte do *Bormida*, se não fosse a resolução de Mélas, que num bilhetinho a lapis, escreveu ao primeiro consul: «Por Deus! mandai cessar a carnificina; eu convenho em tudo».

Este *tudo* era — mais de dois terços da Italia, com todos os armazens, munições, armamentos e cavallos existentes nas praças guarnecidas pelos austriacos!

Dizia-se que o tiro, que privou da vida o general Desaix, saira de entre as suas fileiras!...

Tambem de Kleber, homem como elle, de sublimes qualidades, se conta que o seu assassino fôra enviado por um rival.

Este rival excusado será dizer quem foi?!...

M. F. G. Redondo — Brazileiro (Coimbra).

SETEMBRO — 14

Providencia e acaso. — Por outra: trabalho

e inércia; progresso e idiotismo. A providencia tem leis com as quaes o homem se deve conformar, para o que é preciso conhecel-as. No acaso nada ha fixo nem certo; o estudal-o é por consequencia inutil, e inuteis quaesquer esforços para o evitar.

Romão José Pinto Cerqueira (Brazil).

SETEMBRO — 15

O nariz do visinho.—O marechal de *** (Tallemant des Réaux, de cujas *Historietas* colhemos esta ane-

cdota, não nos diz o nome)— tinha um nariz immenso; mr. de Lagrange pelo contrario não tinha senão uma leve proeminencia entre os olhos e a boca. Andando ambos á caça com o rei Luiz XIII, e tendo visto ao mesmo tempo apparecer um veado, correram sobre elle a todo o galope.

— Ó Grammont, perguntou o rei a um cortezão muito espirituoso que ia ao seu lado, aonde vão tão depressa La Grange e o marechal?

— Meu senhor, respondeu Grammont, foi o marechal

Digitized by Google

que levou o nariz de La Grange, e La Grange corre atraz d'elle para ver se lh'o apanha.

SETEMBRO — 16

As machinas a vapor. — Alexandre Dumas, esse grande vulto da litteratura contemporanea, escrevia em um de seus livros d'*Impressões de viagem* o seguinte trecho que se recommenda pela originalidade:

«Tenho pouca sympathia pelas manufacturas; e as machinas de vapor que ellas empregam amedrontam-me sempre pela sua impassibilidade. Ha algumas, por exemplo, cujo fim é laminar e que laminam eternamente. Qualquer cousa que consigam alcançar os seus dentes de ferro, uma vez alançada, ha de successivamente passar pelo orificio, mais ou menos largo, para onde ellas impellem as materias fabricaveis. Seja qual fôr o volume do objecto sujeito, ainda que tenha a grossura d'uma trave, ha de sair fino como uma agulha de cambraia. Quanto á machina em si o seu fim é rodar e... roda... indifferente á materia que esmaga, que desbasta, ou que estende. Apresentae-lhe uma barra de ferro; o monstro a attrae e a devora; mas retirae lesto a mão, porque se a machina vos fila a extremidade d'um dedo, estaes prompto. Gritae, muito embora; porque se immediatamente não sois soccorrido por um operario que com um machado vos amputa o punho, atraz do dedo vae a mão, á mão succede o braço, a este a cabeça e a final o corpo todo, e isto emquanto o diabo esfrega um olho! Gritos, juramentos, rogos, é tudo inutil. O mais simples para os vos-

Digitized by Google

sos amigos ou familia é esperar-vos do outro lado da machina!... Entrastes homem e saís em fio; em cinco minutos estendestes 200 pés!!! É curioso, mas não é agradavel.»

Agora nós. Se as machinas a vapor, pela impassibilidade que as caracterisa, não mereceram a sympathia do gigante litterario, o que é certo, porém, é que esses monstros de ferro com entranhas de fogo tem feito, e hão de continuar a fazer, a pró da civilisação uma revolução tal que, se ha um homem que, no seculo em que vivemos, mereça, com justa rasão, o titulo de primeiro regenerador do mundo artistico-industrial, é incontestavelmente o cidadão americano Fulton.

D. Maria Salomé (O).

SETEMBRO — 17

LOGOGRIPHO XII

Que a lettras só me refiro
Começo por declarar;
É por ellas, não por syllabas
Que me hão de adivinhar.

Uma parte do globo. 2.ª, 4.ª, 5.ª
Planta, fructo não dá. 3.ª, 1.ª
Prende esta os animaes. 3.ª, 1.ª, 4.ª
Ave, mas não de cá. 1.ª, 2.ª, 4.ª

De certo não é boa. 2.ª, 4.ª
Dobradas dão um chefe. 3.ª, 4.ª
É velho accusativo. 5.ª, 1.ª, 2.ª
Foi arma, e não é réfe. 3.ª, 4.ª

Ao militar é dado. 3.ª, 5.ª, 1.ª
Medida de Ceilão. 3.ª, 4.ª, 5.ª, 4.ª

Digitized by Google

É da geographia. 2.ª, 4.ª, 3.ª, 4.ª
E esta é proposição. 1.ª, 2.ª

Jogo muito vulgar. 5.ª, 4.ª, 3.ª, 4.ª
É recurso do estado. 5.ª, 4.ª, 3.ª, 1.ª
Na musica se encontra. 5.ª, 1.ª
Parente mui chegado. 3.ª, 4.ª, 1.ª

Nome proprio d'Hespanha. 3.ª, 1.ª, 3.ª, 1.ª
É um constrangimento. 3.ª, 5.ª, 1.ª, 2.ª, 4.ª
É ave do Brazil. 4.ª, 5.ª, 4.ª, 5.ª, 4.ª
Fructo de valimento. 3.ª, 1,ª 5.ª, 4.ª

Cousa que foi tomada. 3.ª 5.ª 1.ª 4.ª
Necessario á vida. 4.ª, 5.ª
É rio maranhense. 3.ª, 1.ª, 5.ª, 1.ª, 4.ª
Voz muito conhecida. 2.ª, 1.ª

Já no tempo se fazia
De Columella e Varrão.
Venham paus e paus, mais paus;
É chegada a estação.

P. (Faro).

SETEMBRO — 18

Liberdade galardoada.—D. João V passeava um dia disfarçado pelo Terreiro do Paço.

Viu o rei que d'um bote que havia chegado ao caes, saltara um clerigo que a julgar pelas apparencias, parecia ser da provincia: não quiz perder o ensejo de lhe dirigir a palavra para se divertir um pouco, conforme o seu louvavel costume, e para isso, fazendo-se encontrado com elle, e encetando a mais familiar conversação, perguntou-lhe que negocios o traziam por alli.

O presbytero respondeu, que vinha implorar ao rei a concessão do beneficio de...

Digitized by Google

—E se elle estiver já dado? replica o desconhecido.

—Então peço-lhe o de *tal*.

—E se tambem estiver provido.

—Contentar-me-hei com o de *tal*.

—Imagine ainda, que o rei lhe diz que está dado tambem?

—Nesse caso, mando-o redondamente á... fava (pelo claro).

Separaram-se.

.....

No primeiro dia d'audiencia, apparece o nosso clerigo perante o monarcha, repete-lhe um por um os mesmos requerimentos, que havia já dito ao incognito, e oh! surpreza! recebe do fidelissimo exactamente as mesmas negativas, que no outro foram apenas hypotheticas.

Esta coincidencia despertou altamente a attenção do nosso provinciano, que por fim caindo em si, não só reconheceu no proprio rei o desconhecido, mas até terminou por dizer-lhe:

—Pois, senhor, o dito, dito, lá no Terreiro do Paço!

Valeu-lhe a liberdade o ser logo despachado.

Pouco depois estava de posse do melhor dos taes beneficios.

M. F. G. Redondo — Brazileiro (Coimbra).

SETEMBRO — 19

CHARADA XXIX

Quando ninguem o pensava
Geração ao mundo dei. 2

Com minha sciencia occulta
O futuro penetrei. 2

Entre os vegetaes me encontras,
Encontras, que eu bem o sei.

Banhista (Vizella).

Digitized by Google

SETEMBRO — 20

Experiencia d'utilidade publica.—Certo ocioso d'uma grande cidade, amador enthusiasta de physica, imaginou um dia, produzir espanto numa rua inteira. Era dia de mercado, e a gente do campo chegava de todos os lados, seguida ou precedida de bois, de porcos, d'aves, etc.

Logo que qualquer d'aquelles camponezes passava pela frente da casa do physico curioso, começava de repente a estrebuchar, depois a pular no mesmo terreno, acabando por cair no chão, sempre com a cabeça para baixo. Em breve foi isto causa d'um panico geral. Os mais atrevidos, que se adiantavam como exploradores do campo, pulavam melhor e mais alto que os outros.

Tornou-se indispensavel abandonar aquella rua e tomar por outro caminho. Só no fim do dia, e quando a policia interveiu, é que se descobriu a causa de semelhante phenomeno. O sr. X tinha estabelecido uma forte bateria electrica na loja da casa em que habitava, e por meio d'um fio conductor, operava uma descarga sobre os transeuntes, que pulavam como bonecos de sabugo.

— Porque motivo obsta o senhor ao livre transito pela sua rua? perguntou-lhe um agente da segurança publica.

— Para obter a convicção, respondeu X, de que os effeitos electricos não residem unicamente na imaginação do paciente.

Era uma experiencia de utilidade publica.

SETEMBRO — 21

Como se paga um descuido. — Mr. Jacobs é um dos mais acreditados correeiros de New-Yorck. Nas suas officinas apromptam-se encommendas para as casas mais ricas e aristocraticas da cidade, e para o commercio de fóra.

Ha algum tempo, tendo-lhe sido encommendada uma

Digitized by Google

sella, foi esta entregue a seu dono logo que esteve concluida; porém no momento de se reclamar a importancia não foi possivel lembrar a quem fôra entregue.

Mr. Jacobs chama o seu primeiro caixeiro.

—Sr. Guilherme, lhe diz elle, não quero perder o preço d'esta sella: d'hoje em diante, incluil-o-ha em todas as contas que tiver de mandar receber, quando sejam seis ou oito vezes superiores em valor.

Passados alguns dias pede ao caixeiro noticias da decantada sella.

—Desesete pessoas já a pagaram, lhe responde elle, e ainda faltam vinte e cinco contas a mandar receber.

—Pois mande-as.

J. A. J. da Costa (Mafra).

SETEMBRO — 22

O homem de tres braços.—Indo um dia o imperador Napoleão III a Fontainebleau, encontrou no caminho um soldado que tinha um braço de menos.

—Onde perdeste o braço?

—Senhor, em Solferino.

O imperador tirou do peito a cruz da legião d'honra e collocou-a no peito do invalido.

—Que fazeis, senhor? A cruz por um braço! E se eu houvesse perdido os dois?

—Então fazia-te official.

Ao ouvil-o o maneta puchou do sabre, e cortou o braço que lhe restava!

Entendem como poderia ser praticado este acto de bravura? o livro onde se lê não o explica.

Dr. *Corth* (Montevideo).

SETEMBRO — 23

Epitaphios.—Entre as poesias do distincto escri-

Digitized by Google

pter e poeta hespanhol D. Francisco Martinez de la Rosa, ha uma que elle intitulou *El Cementerio de Momo*. Consta d'epitaphios, ou antes diremos carapuças bem talhadas para muitos dos vicios e ridiculos d'este mundo. Os seguintes pareceram-nos dos mais curiosos:

Epitaphios

Yace aqui un mal matrimonio,
Dos cuñados, suegra y yerno;
No falta sino el demonio
Para estar junto el infierno.

En sepulcro de escribano,
Una estatua de la fé!
No là pusieron en vano,
Que afirma lo que no vé.

Yace aqui Blas, y se alegra
Por no vivir con su suegra.

Agua destila la piedra,
Agua esta brotando el suelo...
Yace aqui algun aguador?
No señor: un tabernero.

Cuñados en paz y juntos!
No hay duda que estan difuntos.

Aqui yace una soltera,
Rica, hermosa, forastera,
Qui sorda-muda nació...
Si la hubiera hallado yo!

Don Juan de Azapeitiguerrea,
Para el diabo que te lea.

Eche una limosna, hermano,
Y que no suene el dinero,
No reviva este usurero.

Aqui enterraron de balde
Por no hallarle una peseta...
No sigas; era poeta.

Aqui yace un cortesano
Que se quebró la cintura
Un dia de besamano.

Aqui yace o mui illustre
Señor João Mozinho Sousa
Carbalho, Silva d'Andrade
Sobra nombre ó falta losa?

Aqui yace un contador
Que jámais erró una cuenta
A no ser a su favor.

Aqui yace un egoista
Que no hizo mal ni bien...
Requiescat in pace; amen.

Digitized by Google

Espertesa bem lograda. — Tinha certo clerigo um cavallo muito bom, e que muito estimava. Um irmão d'este clerigo, homem travesso e que andava com os olhos no cavallo, presumindo que o padre lh'o não venderia, usou d'um estratagema.

Todos os dias de manhã, em quanto o clerigo estava na igreja, sobornava elle o criado para que lh'o deixasse montar, e conseguindo-o, de tal arte usava na sua picaria, que, quando proferia as palavras *Deus in adjutorium meum intende*, que eram as do principio d'uma oração, que o dono costumava muitas vezes dizer quando ia, ou montava a cavallo, dava de esporas no bruto com tal furia que lhe poz uma manha no corpo.

Chegou-se a occasião de querer o bom do cura sair fóra no seu cavallo; montou, e foi andando alheio de sestro e seguro na conhecida mansidão do animal. Resou algumas horas miudas do officio divino, e assim que principiou a dizer *Deus in adjutorium meum intende*, cuidando o bruto que se lhe seguiriam as esporas nas ilhargas, como lh'as costumava cravar o outro cavalleiro, correu como um furioso, e desbocado, de modo que deu em terra com o desprevenido clerigo, deixando-o molesto, coberto de pó, e envergonhado diante das pessoas que presenciaram o facto.

Não devia ter-se um cavallo com semelhantes manhas; o irmão encareceu-as ainda, e por isso lh'o vendeu por menos de metade do valor. Estava conseguido o fim.

Digitized by Google

A viuva inconsolavel. — Uma senhora viuva de poucos dias, tão inconsolavel se mostrava, que não consentia que as pessoas que a visitavam por pezames, lhe fallassem d'outra cousa senão de ancias, dores, lamentos e suspiros. Chegou mesmo a dar estas palavras por mote a um poeta, pedindo-lhe que commemorasse n'um soneto a morte do marido, mas logo o preveniu de que não queria que outras entrassem na gloza de seu pesarozo mote. Objectou-lhe o poeta como havia de glosar sem mais palavras do que aquellas? Respondeu-lhe que não admittia nem mais um til.

Fez-se-lhe a vontade, e saiu o seguinte soneto, em que não ha dois versos absolutamente iguaes, não obstante ser organisado só com quatro palavras:

MOTE

Ancias, dores, lamentos e suspiros

SONETO

Dores, ancias, suspiros e lamentos,
Suspiros, e lamentos, ancias, dores,

Digitized by Google

Ancias, suspiros, e lamentos, dores,
Ancias, dores, suspiros e lamentos.

Suspiros, ancias, dores, e lamentos,
Lamentos, e suspiros, ancias dores,
Ancias, lamentos, e suspiros, dores,
Dores, suspiros, ancias, e lamentos

Lamentos, e suspiros, dores, ancias,
Dores, ancias, lamentos e suspiros,
Suspiros, dores e lamentos, ancias.

Ancias, lamentos, dores, e suspiros,
Dores, lamentos, e suspiros, ancias
Ancias, dores, lamentos e suspiros.

Este soneto encontrei-o nas obras de Philinto Elisio, no livro 3.º pag. 334. *C. N. P. G.* (Porto).

SETEMBRO — 26

Deputação a Filippe II. — Conta o nosso padre Manoel Bernardes, que indo dois commissarios de certa communidade pedir a Filippe II, não sabemos que mercê, coube ao mais velho expor o negocio, mas fel-o tão minuciosa e prolixamente, que o rei, já em extremo enfadado, apenas elle concluiu, voltou-se para o companheiro, e perguntou-lhe se tinha mais alguma cousa a accrescentar.

— Si señor, respondeu este, não menos enfastiado que o monarcha da imprudencia do seu confrade; nuestra comunidad nos ha encargado, que si V. M. no nos concede al punto lo que pedimos, mi compañero vuelva á repetirle todo lo que ha dicho, desde la primera letra hasta la ultima.

Gostou o rei da ameaça do frade, que não era mais nem

Digitized by Google

menos do que uma censura viva á estopada do companheiro, e diz-se que logo os serviu no que pediam.

SETENBRO — 27

CONFIDENCIAS

Estrella solitaria em céo sombrio
Meu lucido pharol de mago encanto,
¿Porque vens reflectir teus raios tremulos
Nas bagas do meu pranto?

Pesado véo de sombras se desdobra,
Toldando os astros mil da immensidade;
Mas tu, só tu! mandas teu brilho pallido
Á minha soledade!

¿Que vens dizer-me por calada noite?
¿Para que brilhas nesse céo de chumbo?
¿Para que ris, estrella formosissima,
Quando eu á dor succumbo?

¿És tu acaso cristallina urna
Que, dia e noite, as mãos da Providencia
Entornam, derramando doce balsamo
Nas dores da existencia?

Oh! sim! — Parece que essa luz tão pura
Vem na minh'alma diluir abrolhos;
Nem sei que alivio sinto, quando em lagrimas
A ti levanto os olhos!

Digitized by Google

É que ao ver-te brilhando no teu mundo
Por entre negro véo, eu me asseguro
De que nest'hora em ti se fitam languidos
Os olhos que eu procuro...

Nos olhos que eu procuro e que não vejo
Vaes docemente reflectir-te agora;
Vaes inundar de luz o rosto angelico,
Porque minh'alma chora!

E que eu nem seja um raio dos que envias
Á erma solidão onde ella existe!
— Eu iria beber, e beber soffrego
As lagrimas da triste.

Ao menos... vae dizer-lhe, ó astro amigo,
Que penso nella só — por vida minha!
E depois vem fallar-me do martyrio
E mágoas da mesquinha!

Assim, as noites correrão mais breves,
Cuidando ouvil-a no meu ermo e vel-a...
Não me abandones pois, rebrilha, falla-me,
Ó solitaria estrella!

1866

Candido de Figueiredo (Vizeu).

SETEMBRO — 28

CHARADA XXX

Sou o que fui 2
Antes de ser. 1
Olha que é doce
D'apetecer.

S. Leão (Roriz).

Digitized by Google

Perdas para a historia.—Assentado no throno D. Affonso Henriques, commetteu ao mestre Pedro Alfarde, prior crasteiro de Santa Cruz de Coimbra, habil latinista, o cuidado d'escrever a chronica do reino. Foi isto por provisão regia de 13 de Junho de 1145, que marcava o estipendio annual de 6:000 libras, (a) pensão avantajada n'aquelle tempo, e continuava aquelle myster nos priores crasteiros successores de Pedro Alfarde. Acceitou D. Pedro um cargo de tanta confiança, tendo por adjunto D. João Camello, seu clerigo, homem que tinha acompanhado o rei nas campanhas, e conhecia bem as pessoas e acções que haviam d'entrar na obra. Falleceu o chronista; depois d'elle continuaram os seus successores a escrever a historia do reino até ao anno de 1460, em que o prior mór de Santa Cruz, D. João Galvão deu este officio a um seu irmão, com grande pesar e renitencia do mosteiro.

Os livros, que já estavam compostos e escriptos em pergaminho e encadernados em pasta, com as armas reaes estampadas n'ella, desappareceram d'aquelle cartorio no anno de 1514, e dizem que os levara um mancebo chamado Ruy Dias de Sá, para os passar a bom dinheiro [1]

Começara a generalisar-se no tempo de D. Affonso v a famosa arte da impressão; e o rei procurou escriptor habil que fizesse levar até ao cabo do mundo os brilhantes feitos da monarchia, mandando vir d'Italia para esse effeito a fr. Justo Baldino, tambem habil latinista. Occupava-se o bom do frade, generosamente estipendiado, em escrever a Historia de Portugal, quando em 1471 foi nomeado bispo de Ceuta.

Falleceu D. Affonso v; alguns annos depois o bispo; e com isto não só se perdeu o que se havia composto, mas tambem os documentos e memorias, que por autoridade real se lhe tinham entregado.

[1] Cada libra valia 3 réis.

Digitized by Google

Juntemos outra a estas duas perdas. Por uma certidão da Torre do Tombo consta que no tempo dos Filippes se levaram para Castella, d'aquelle real archivo nove cofres ou caixões de livros e papeis da maior estimação por antigos, raros e preciosos.

Iriam para a Torre de Simancas? pergunta fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. E onde iriam tambem parar muitos dos manuscriptos de valor que havia nas livrarias dos extinctos conventos, perguntamos nós?

SETEMBRO — 30

Esposa obediente. — Um negociante de Carolina do Sul, arrastado pelo vicio do jogo, depois de ter perdido tudo quanto possuia, chegou a ponto de jogar tambem a mulher e perdel-a. Depois d'este ultimo revez entregou ao seu feliz parceiro o seguinte bilhete:

A madame ***

«Querida amiga. Desvairado pela paixão do jogo, arris-«quei n'elle toda a minha fortuna: perdi tudo quanto pos-«suia; tudo, até a vós mesma! Por esta presente obri-«gação, comprometto-me a divorciar-me, e a deixar os Es-«tados Unidos, renunciando os meus direitos matrimoniaes «em favor do portador d'este bilhete, que é um elegante «e distincto mancebo. Elle conhece-vos e estima-vos. Espe-«ro que fareis honra á minha assignatura até aqui respei-«tada, e não ajuntareis ás minhas desventuras o desespe-«ro de ver contestadas as minhas obrigações. Parto nesta «confiança. Adeus, não tornareis mais a ver-me. Vivei «feliz.»

A mulher do integerrimo negociante indignou-se ao principio, como era d'esperar; todavia, depois d'alguns dias de reflexão, julgou dever conformar-se com as ultimas vontades do seu ex-marido. Que abnegação!

Oscar Commettant, que refere esta historia, ajunta que

Digitized by Google

o penhor d'esta obrigação, alem de ser uma dama mui formosa, não tinha ainda completado vinte annos d'edade.

J. A. J. da Costa (Mafra).

OUTUBRO — 1

ELHA POR ELHA

Mais florido que um palmito
Rosado, pimpão, bonito,
Vinha o senhor Manuel,
Noiva ao lado o peito em braza,
E com ella para casa
Em doce lua de mel.

Fidalgo, de que é rendeiro,
Mal que o lá viu no terreiro,
Foi-lhe por perto passar,
E sem mais guarte, nem pejo,
Á noiva furta-lhe um beijo
E o beijo fel-a corar.

O pobre esfregava um olho,
E carregava o sobrolho,
Como quem diz — não gostei;
Diz-lhe o fidalgo — da renda
D'aquella boa fazenda
Esta escriptura lavrei.

Correram dias, e um dia
Vinha, com toda a alegria
Da igreja a casa tambem
O fidalgo e a fidalguinha,
Noiva d'elle, e ella tinha
Uns olhos como ninguem.

Sem mais tir-te, se não quando
Já mesmo a casa chegando,
Sente-se um beijo estalar...
— Olá, Manoel, endoidece?
— Não, senhor; se lhe parece...
Venho-lhe a renda pagar.

João de Lemos.

Sangue-frio dum actor. — Representava-se em Lunéville a *Melanida* de La Chaussée. O actor que fazia o papel de Darviam perdeu-se de modo, na scena da declaração d'amor, que o ponto foi obrigado a recitar a falla toda em voz alta. Quando acabou, Darviam voltou-se, sem se desconcertar, para a actriz: «Minha senhora, con-

Digitized by Google

tinuou elle, como este senhor lhe disse etc.» mostrando o ponto. Póde-se imaginar qual serja a risota da platéa.

OUTUBRO — 2

Marte. — O culto de Marte passou da Thracia para a Grecia. Na Thracia era o symbolo do poder divino, mas os gregos consideram-no o deus da guerra, da força bruta, da audacia, da destruição, ou o deus dos combates, em opposição a Minerva, que tinham como symbolo do valor unido á sciencia militar.

Os romanos consideraram Romulo e Remo, fundadores de Roma, como filhos de Marte e Rhéa Sylvia, e por isso lhe dedicaram muitos templos, e bem assim o campo de Marte, onde havia sacerdotes chamados *flamines*, que eram encarregados da guarda do seu escudo caido do céo. Da festa que se fazia a este deus é que o mez de Março, que era entre elles o primeiro do anno, recebeu o nome que ainda hoje lhe damos.

No tempo de paz era Marte designado com o nome de *Quirino*, e em tempo de guerra com o de *Gradivo*. Bellona era sua irmã e sua esposa. Marte batalhou por duas vezes com Hercules; na primeira foi ferido; na segunda separou-os Juptir, lançando um dos seus raios entre os contendores. Na guerra de Troia abraçou o partido dos troianos e ahi foi ferido por Diomedes.

Digitized by Google

Cavalleiros andantes portuguezes. — Não fomos alheios á febre que na idade média levava os cavalleiros a discorrerem pelas differentes côrtes da Europa, a fim de fazer ostentação de suas forças, mas nem sempre em defesa dos opprimidos, ou das donas e donzellas; como promettiam quando os armavam, e lhes cingiam a espada.

A empreza dos Doze d'Inglaterra, eternisada por Camões, mostra que entre nós houve cavalleiros andantes, mas não foram estes os unicos; mais houve em Portugal, e entre outros foram celebres no tempo de D. Affonso IV, Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Yanhes, chamado o Colaço, e Fernan Martins de Santarem. D'estes sabe-se que por muitos annos correram as cidades da Europa, e nellas conseguiram assignalados triumphos em desafios singulares.

Recolhiam-se já para Portugal pelas côrtes de Navarra, Aragão, e Castella, e nesta ultima, no anno de 1335, na presença do rei e de toda a côrte, entrou na liça Gonçalo Rodrigues, e contendeu com dois nobres cavalleiros castelhanos, Martim Gil Catina, e D. Martim de Lara. O resultado foi cair morto o Catina, e elle sair d'ambos vencedor, no

Digitized by Google

meio das acclamações e dos applausos de quantos presenciaram o seu valor e destresa.

Diz-se que em demonstração do gosto que recebeu quando acabou de vencer e matar o Catina, deu, apesar de fatigado da lida, e vestido de todas as armas, um salto de tal sorte estupendo pela distancia que mediou entre os pés e o chão, que todo o auditorio o victoriou dobradamente.

O salto é que nós lhe dispensavamos.

OUTUBRO — 4

LOGOGRIPHO XIII

Pão pequeno, 1.ª e 3.ª
Pequeno pão, 2.ª e 3.ª
Na garganta,
Me acharão.

A. T. Carneiro (Bahia — Santarem).

OUTUBRO — 5

Confraria da côrte. — Foi instituida em 1527 por D. João III; era o seu principal fim soccorrer com esmolas os cortesãos pobres, e as viuvas nobres, cujos maridos morressem servindo o rei e a patria.

A sua instituição era em honra da Conceição de Maria e dos martyres S. Roque e S. Sebastião, para o que se fundou em Almeirim uma igreja, e um hospital.

Entraram como confrades d'esta pia instituição el-rei, a rainha, os infantes D. Luiz, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte, a infanta D. Maria, o duque de Bragança, e quasi todos os fidalgos portuguezes que então se achavam na corte.

Antonio de Jesus e Silva (Minde).

Digitized by Google

O AMOR E A ABELHA

Versão de Anacreonte

Amor um dia
Rosas colhia ;
Não attentava
Que uma occultava
O leve insecto
Que suga o mel.

Trépida zune
A abelha, e pune
Co'o o vivo espinho
O alvo dedinho
Desse indiscreto.
Com dor cruel.

Amor, gritando
Parte chorando,
Voa ao materno
Regaço terno
E alça mesquinho
Querella tal :

—«Ó mãe, soccorro !
«Vale-me ! eu morro !...
«Vê ! Vê ! que dores !
«Naquellas flores
«Um dragãosinho
«Me fez o mal ;

«Fera mui brava,
«Mas que voava,
«Co'umas azinhas
«Como estas minhas ;
«Abelha a chama
«O lavrador.

—«Se uma abelhita
«Tal dôr te excita,»—
Diz Venus : —» pensa
«Que dor intensa
«Dão a quem ama
«Farpões de Amor.

A. Feliciano de Castilho.

OUTUBRO — 7

Batalha de Lepantho. — A humanidade afflicta e a religião de Jesu Christo ultrajada com as barbaridades commettidas pelos mahometanos na conquista de

Digitized by Google

Chypre, pediam ao céo vingança. A batalha de Lepantho vingará a christandade dos ultrages recebidos.

Foi a 7 d'Outubro de 1571 que as duas esquadras se avistaram no golpho de Lepantho. D. João d'Austria, commandante da christã, mandou formar em ordem de batalha, e percorrendo as fileiras das embarcações a todos animava e fazia certa a victoria. Suas palavras foram ouvidas com freneticas acclamações, e todos os soldados reverentes se prostraram diante do estandarte da cruz, que fluctuava no mastro grande da nau almirante.

De 200 galeras e 90 galeotas se compunha a esquadra turca: a christã chegava a 210 galeras, 28 náos e 6 galeotas. Principiou a batalha: a morte ceifa milhares de vidas por espaço de tres horas; mas a victoria está indecisa. Coube á ala esquerda dos christãos dar o primeiro signal de bom successo. Esta nova espalhou o enthusiasmo por todas as fileiras, e D. João aproveitando-se d'elle aborda a náo almirante do inimigo, contra a qual está combatendo: Ali Pachá morre no seu posto, e D. João empunhando o estandarte musulmano, e agitando-o nos ares exclama victoria!

Com a morte do commandante e perda do estandarte, perdem os turcos a coragem; o impeto dos christãos não lhes dá tempo de combater; deixam-se matar sem resistencia; as guarnições dos navios são passadas á espada, e as embarcações mettidas a pique! Foi uma carnificina horrorosa, que só terminou com a total derrota dos inimigos da cruz.

Perderam os alliados 8:000 homens; as perdas dos turcos subiram a 30:000 homens e 5:000 presioneiros; 130 embarcações foram tomadas, e 98 incendiadas ou mettidas a pique; 20:000 presioneiros, que andavam remando nos navios turcos, obtiveram a liberdade neste dia.

A nova d'esta batalha foi acolhida com enthusiasmo em toda a Europa; D. João d'Austria foi exaltado como um heroe, e o papa Pio v alludindo-lhe ao nome, ao saber da

Digitized by Google

victória, exclamou: *Fuit homo missus à Deo cui nomen erat Joannes* — Houve um homem mandado por Deus, o qual se chamava João.

José Victorino Pinto de Carvalho (Amarante).

OUTUBRO — 8

Um cumprimento de Boileau. — Em uma reunião onde se achava Boileau, pediram a uma senhora, cujas prendas eram limitadas, que dançasse, que cantasse, que tocasse, e ella tudo fez, ou por comprazer, ou porque a sua vaidade lhe dizia que primava em tudo.

Bravo! Bravo! Muito bem! Muitissimo bem! diziam os circumstantes, lisongeando-a, porque a polidez das salas não é muitas vezes mais de que uma reverenda mentira. Quando a sereia veiu sentar-se ao pé de Boileau disse-lhe o malicioso — Tudo vos pediram que fizesseis, mademoiselle, menos que agradasseis, e é, não obstante, o que vós sabeis melhor. O poeta fôra delicado sem deixar de ser verdadeiro. Era formosa.

OUTUBRO — 9

A CAMÕES

Em 9 d'outubro de 1867

Pagou-se emfim a divida sagrada,
Alçaram-se os tropheus.
Foram hoje tres seculos curvar-se
Aos pés do semi-deus.

E. A. VIDAL.

Bem hajas Portugal! bem hajas que já pódes
Erguer altivo a fronte no centro das nações;
Ninguem dirá que a patria d'heroes esclarecidos
Olvida o seu cantor, esquece o seu Camões!

Digitized by Google

Se a nuvem da desgraça consegue por instantes
Á estrella do talento roubar-lhe o esplendor,
Apenas foge a sombra mais bella eis apparece
Eil-a reluz de novo, reluz com mais fulgor.

Assim ao vate eximio revezes não poderam
Eclipsar-lhe o brilho, nem offuscar-lhe a luz;
Foi martyr, foi poeta; sublime e resignado;
Apollo deu-lhe os versos, o mundo deu-lhe a cruz.

Os arrojados feitos d'antigos portuguezes
Tornaram esses homens, gigantes, collossaes,
Porém o tempo, o olvido, lhe apagaria os nomes,
Se o vate os não tornasse nos cantos immortaes.

Se os portuguezes d'hoje não são como os d'outr'ora
Immensos na coragem, sublimes no valor,
São mais reconhecidos, respeitam mais o genio,
E curvam-se humilhados perante o seu cantor!

Bem hajas Portugal! bem hajas! Hoje pódes
Erguer altivo a fronte no centro das nações!
O bronze já aos évos attesta a tua gloria,
Exaltas o teu nome na estatua de Camões!

D. Marianna Angelica d'Andrade (Setubal).

OUTUBRO — 10

O que faz a guerra. — Muitos d'aquelles que vão á guerra, diz o *Expectador Inglez* acostumam-se a encarar a morte com tanta indifferença, que chegam a conservar o mesmo sangue frio no meio das scenas em que é natural que elle se perca. Exemplo — Um official francez que não tinha uma boa opinião do seu general, vendo-se em uma batalha em artigos de morte pelos seus

Digitized by Google

ferimentos, disse — a pena que tenho é não viver mais uma ou duas horas para ver como aquelle estouvado (referia-se ao general) se sae d'esta!

OUTUBRO — 11

CHARADA XXXI

Está na musica a primeira. 1
E na viola a segunda. 2
Ai! meu Deus! Que barafunda,
Antes direi — inferneira!

J. A. B. (S. Pedro do Sul).

OUTUBRO — 12

Requerimento e despacho.— Indo D. Christóvão de Moura, marquez de Castello Rodrigo, vice-rei d'este reino por Filippe III, por uma sala do paço acompanhado de muitos fidalgos, e pretendentes, se chegou a elle Francisco d'Azevedo Coutinho, soldado honrado que tinha servido muito bem na India, a dar-lhe um memorial, e a pedir-lhe que se lembrasse dos seus papeis, por que havia largo tempo que andava requerendo. Respondeu-lhe o marquez, que havia muita gente para despachar, e não se podiam despachar todos com brevidade. Francisco d'Azevedo, adiantando o passo, como que se lhe atravessou diante, sem comtudo se desmandar, e disse-lhe:

— Sr. D. Christovão, despache v. s.ª os homens, e deixe a gente!

Pôz o marquez os olhos nelle, aceitou o memorial, e despachou-o no mesmo dia.

Anonymo Batalhense.

Digitized by Google

Uma filha que ensina a mãe. — Madame de R. de P. tinha um filho e uma filha; todos os carinhos eram para o menino; a pobre pequenita que não tinha mais de cinco annos, e era muito galantinha, viva, e de optimo genio, essa não a podia ella tragar; ha d'estas aberrações no mundo!

Achando-se grávida pela terceira vez, e estando-se a conversar a respeito d'isso mesmo diante da innocente, lançou-

se esta aos braços da mãe dizendo com toda a meiguice que lhe era natural: mamã, peço-te que me dês antes outro manosinho do que uma irmãsita. Porque? pergunta a senhora toda admirada! — Porque tu das tuas filhas não gostas, replicou o anjinho.

A mãe rebentou em lagrimas, cobriu-a de beijos, e só com aquillo ficou emendada da sua injustiça, e do seu desamor para toda a vida.

Digitized by Google

O cabo transatlantico.— A inauguração d'esta maravilha do seculo XIX, que abre uma nova era á humanidade, foi um dos grandes acontecimentos do anno de 1866. Em quanto os canhões troavam na Italia e na Allemanha, annunciando talvez o principio das exequias da barbaridade, que ainda ousa no meio do esplendor actual mostrar nessas luctas fratricidas a livida cabeça, o *Great-Eastern*, sulcando com a sua quilha enorme as vagas do Oceano, escrevia nesse livro espumoso o verbo sublime da nova civilisação redemptora dos povos, que entre si os liga

com laços fraternaes, como essa corrente electrica ia ligar os dois hemispherios.

Foi no sabbado 30 de junho que o *Great-Eastern* levantou a ancora á vista de Sheerness, levando o cabo que ia ser ligado ao que já estava immerso no meio dos recifes da costa de Valentia, num comprimento de muitas milhas.

O cabo fôra depositado em tres bacias monstruosas de ferro, situadas uma na proa, outra na pôpa, e a terceira no meio do navio; os comprimentos dos tres cabos eram respectivamente de 860, 670, e 865 milhas, isto é d'um comprimento total de 2395 milhas. Tinham-se utilisado 748 milhas do cabo do anno precedente.

Digitized by Google

O cabo em si mesmo differe pouco do antigo; o fio conductor é tambem coberto de gutta-percha, mas e fio de ferro que rodeia a gutta-percha era galvanisado agora, e a estopa de Manilha, que o reveste, não tinha sido alcatroada. Estas mudanças, ainda que pouco consideraveis, têem comtudo uma grande utilidade.

O *Great-Eastern*, depois de ter immerso a ultima braça do cabo, e de se ter assegurado da communicação regular entre a estação da ilha americana e a estação irlandeza, partiu de novo para cumprir a segunda parte da sua tarefa. Tratava-se de se dirigir ao sitio, onde se rompera o cabo em 1865, e de tentar levantal-o, se não tivesse havido durante o espaço d'um anno desvio das boias. A fortuna protegia decididamente essa empresa. O segundo cabo póde ser levantado e ligado ao que se conservára a bordo. O navio gigante de novo partiu, e achou-se creada uma nova communicação ao lado da primeira. Magnifica resposta aos que duvidavam da possibilidade d'um telegrapho transatlantico. Estabeleciam-se dois.

Póde-se imaginar qual seria a calorosa recepção feita ao capitão Anderson, commandante do *Great-Eastern*, quando voltou a Liverpool.

No momento, em que os seus compatriotas glorificavam o capitão Anderson, triumphava talvez em Berlim o conde de Bismark. Mas qual das ovações teria os sorrisos de Deus?

OUTUBRO — 15

Optimos cosinheiros.— Ada, rainha de Caria, mandou a Alexandre dois cosinheiros dos mais habeis. Elle despediu-os, dizendo-lhes:

— Ide, e dizei á vossa rainha, que já tenho dois cosinheiros optimos, e que foi o meu mestre quem m'os deu. São *elles* para o jantar um passeio de manhã cedo; para a ceia um jantar frugal.

João da Silva Pereira Bravo (Sinfães).

Digitized by Google

OUTUBRO — 16

LOGOGRIPHO XIV

Entre as galas d'harmonia,
Tem logar minha primeira ;
Antepondo-lhe a segunda,
'Stá na lua prasenteira.

Á prima juntando a tércia,
De permeio uma vogal,
Fez pulsar a doce lyra,
D'eximio vate immortal.

Na segunda duplicada
Temos *chufas*, nada mais.
Se a terceira lhe antepões,
Vêl-o em muitos animaes.

Tambem esta repetida,
Nem todos podem gosar,
Mas se for unida á quarta
É *bichinho* d'estragar.

O que seja a quarta, e prima
De t'o dizer bem escuso :
Por si mesmo se revela,
Pois da quinta faz grande uso.

Esta mesma com a sexta
Tenl-a visto, é muito crivel,
Bramindo no temporal
Com audacia, e força horrivel.

Sem mim muitos segredos da natura
Jazeriam do olvido em noite escura.

L. M. (Macedo de Cavalleiros).

OUTUBRO — 17

Espevitàdeira.— Comprou um celibatario uma tesoira de vélas, por lhe ter dito a sua governante que a outra tinha desapparecido.

— Sempre o senhor fez uma boa compra, lhe disse a rapariga! sempre são homens que não entendem nada d'arranjos de casa.

Ó creatura, replicou elle, pois esta tesoira para uma pessoa só não será bastante? Sempre discorres muito pouco! Benza-te Deus!

Digitized by Google

O medico e o padre. — Um jornal americano relata pela seguinte maneira o final d'uma questão entre um medico e um padre sobre a religião christã:

«Um medico materialista quiz ultimamente sustentar contra um famoso orador ecclesiastico a doutrina da não existencia da alma, e para este fim dirigiu ao reverendo padre as seguintes palavras:

— Já vistes alguma alma?

— Não.

— Já ouvistes alguma alma?

— Não.

— Já cheirastes alguma alma?

— Não.

— Já saboreastes alguma alma?

— Não.

— Já sentistes alguma alma?

— Sim, graças a Deus, respondeu o padre.

— Pois bem, proseguiu o medico, admittindo isso, aqui temos nós quatro sentidos contra um para provar que a alma não existe.

Chegou a vez ao reverendo, e este dirigindo-se ao medico, disse-lhe:

— Na vossa qualidade de doutor em medicina haveis de permittir-me que vos pergunte tambem:

— Já vistes alguma dôr?

— Não.

— Já ouvistes alguma dôr?

— Não.

— Já cheirastes alguma dôr?

— Não.

— Já saboreastes alguma dôr?

— Não.

— Já sentistes alguma dôr?

— Sim.

Digitized by Google

—Nesse caso continuou o padre, aqui tendes tambem quatro sentidos contra um unico, para provar que a dor não existe, e todavia sabeis que ella existe.

O doutor ficou perplexo, e virou costas por não poder dar troco.

Antonio José Alves (Pernes).

OUTUBRO — 19

ASPIRAÇÕES

Et la mort peut venir, et je t'aime, et je veux
T'avoir là dans mes bras...

ALF DE MUSSET.

Se o teu olhar que me enlouquece a vida,
Não scintilla por mim, deixa-me qu'rida
Queimar nesse esplendor;
Se um raio d'esse olhar por mim dardeja,
Desça-me ao coração que só deseja
O teu amor, amor!

Se os teus braços dão morte ao que os procura
Já não quero viver, que a vida — escura
No berço me rompeu;
Se tem azas teus braços côr de neve,
Quero voar comtigo, erguer-me breve
E descançar no céo.

Oh, mas tu, cujo pallido semblante
Se inflamma em luz divina, e a cada instante
Ao meu olhar sorri;
Não desfarás a mystica alegria
Da minha alma, que anceia noite e dia
Por ti, meu Deus, por ti!

E. A. Vidal

Digitized by Google

OUTUBRO — 20

Academias. — Poucos serão os objectos no mundo que hajam sido tão crivados de epigrammas como a Academia franceza; o que póde provar por boas contas mais em favor d'ella do que em seu desabono.

Piron, que de certo não desestimaria entrar para lá, viveu a chufial-a; chamava-lhe o hospital dos invalidos da litteratura.

Todos sabem de cór o epitaphio que elle escreveu para si:

Ci git Piron; qui ne fut rien,
Pas même académicien.

Todas as academias do mundo se podem igualmente gabar de ter recebido boas vaias, e muitas vezes merecidas.

A nossa *Academia Real das Sciencias de Lisboa* não podia ser isenta da sorte commum. Conhecemos um cardume de bons ditos que lhe tem chuvido em cima, especialmente da sua ultima reforma para cá; mas a cortesia para com Minerva, o dó que temos do mocho, e o medo de apagarmos a candeia bulindo-lhe, nos prohibem alegrar os leitores com os sarcasmos.

OUTUBRO — 21

CHARADA XXXIII

Eu existo no navio. 1
No navio sou usado. 1
E sem mim nunca no mundo
Navio se ha acabado. 2

O meu todo no navio
Não póde ser dispensado.

Marinheiro.

Digitized by Google

A gratidão do soldado.—As forças existentes nas provincias do sul que obedeciam á Junta do Porto, eram commandadas pelo brigadeiro graduado conde de Mello [1] e achavam-se em abril de 1847 em Setubal, tendo em sua frente as forças do governo, do commando do marechal de campo conde de Vinhaes [2].

Carecendo de augmento as forças do conde de Vinhaes, por esperar ser atacado, foi mandado para as reforçar, o regimento d'infanteria n.º 1 que estava no norte. Com effeito marchou este corpo, e havendo-se demorado em Lisboa tres dias seguiu para o acampamento em frente de Setubal no dia 15 d'abril Neste dia o soldado n.º 78 da companhia de granadeiros d'aquelle regimento, Antonio d'Almeida, foi a casa dos irmãos do conde de Mello, aonde era recebido por ser filho d'uma sua antiga creada, e pedindo-lhes que o acompanhassem á capella, ali, posto de joelhos, diante d'uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, tira um cartucho da patrona, e depositando-o a seus pés, lhe supplica que, assim como a bala que lhe offerece naquelle cartuxo não podia offender o conde de Mello, assim ella permittisse por sua infinita graça, que as que contra elle iam ser disparadas, o não tocassem; depois do que resou uma Ave Maria, e finda ella levantou-se e partiu.

No dia 1.º de maio de 1847 deu-se effectivamente a acção denominada do Alto do Vizo, e nenhuma bala tocou no conde de Mello.

A virgem ouvira o soldado.

A. M. B.

Espelho d'alma.—As lagrimas que derramamos nas calamidades que nos affligem convertem-se num espelho onde a nossa alma se vê.

[1] Falleceu a 13 de novembro de 1865 sendo general de divisão.
[2] Actualmente general de divisão, reformado.

Digitized by Google

OUTUBRO — 23

Origem d'algumàs flores. — A dahlia cresce espontaneamente nos campos do Mexico, e foi d'alli remettida para a Europa em 1789.

A tulipa, de que se conhecem 25 especies ou mais, é natural do Oriente. Foi um embaixador turco quem a fez conhecer a um botanico belga em 1575, e logo depois estava espalhada em toda a Europa. Tem-se pago sommas fabulosas por uma cebola de nova variedade de tulipa.

A peonia veiu da China em 1803.

O jacintho é natural da Asia menor, e foi d'alli trazido pelos hollandezes antes de 1600.

O cravo é natural da Barbaria.

O amor perfeito existe selvagem nos campos da Europa. Foi uma senhora ingleza, Lady Mary Tennet, quem, tomando sob a sua protecção esta flor, em 1810, a fez d'ahi em diante espalhar e cultivar em todos os jardins.

OUTUBRO — 24

Estrellas cadentes. — Assim se chamam esses fogos brilhantes e rapidos, que se illuminam de repente no meio das trevas, e que parecem outras tantas estrellas que

Digitized by Google

se destacam da abobada celeste para cairem em differentes direcções sobre a superficie da terra.

A periodicidade de certas apparições d'estrellas cadentes não póde ser hoje posta em duvida. Os periodos mais notaveis são de 10 a 15 de novembro, na proximidade de 10 d'agosto, e 7 de dezembro. Principalmente nos dois primeiros periodos têem-se observado verdadeiras chuvas d'estrellas cadentes. Tal é a que o illustre viajante Humboldt viu na America na noute de 11 para 12 de novembro no anno de 1799. Este phenomeno manifesta-se mais claramente no fim de cada periodo de trinta e quatro annos e d'este modo em 1867, a 11 de novembro, sessenta e oito annos de-

pois da observação de Humboldt, é que se deu ultimamente a grande chuva d'estrellas cadentes. A noute porém esteve muito ennevoada em Lisboa e muitos curiosos foram logrados.

Dá-se geralmente ás estrellas cadentes a mesma causa que aos aerolithos, ou pedras caidas do céo; pensa-se que ellas provém de myriades d'asteroides, que se movem á roda do sol, e cujas orbitas cortam a da terra nas proximidades dos pontos em que a terra se encontra nos tres periodos acima marcados.

Antigamente este phenomeno assustava tanto como o dos eclypses; hoje estão em grande parte destruidos estes prejuizos, e ninguem vê n'ellas um signal de calamidade.

Digitized by Google

OUTUBRO — 25

O ANNEL DE JOANNINHA

Imitação do francez

Perdeu a pobre Joanninha
O seu annel de ouro fino;
(Brucha lh'o furtou da mão).
Procura, procura em vão;
Não apparece o mofino.

Cobra esp'rança, Joanninha,
Na celeste intercessora;
Verás como o encontras já;
Todo o perdido está lá,
No regaço da Senhora.

Lá vae a triste Joanninha,
Tão sosinha e tão chorosa,
Resando, caminho além.
Mas lá vem, dos céos lá vem
Um anjo, faces de rosa.

Lá desce, e diz: —Joanninha!
Venha lá esse sorriso;
O teu annel, vel-o aqui. —
Ella o toma, e chora, e ri!
Todo rescende a paraizo.

Já se vê rir a Joanninha;
E diz: — Orar com fé viva
É bem melhor que chorar.
Não ha prece, a que no altar,
A mãe de Deus seja esquiva.

Julio de Castilho.

OUTUBRO — 26

Modêlo de linguagem vernacula. — Deparou-se-nos ha tempos entre papeis velhos a carta seguinte, que nos parece em todo o sentido digna de vulgarisação. Certo de que a boa vontade nos será levada em conta, ahi a offerecemos áquelles de nossos illustres litteratos e jornalistas contemporaneos a quem póde aproveitar. Sir-

Digitized by Google

va-lhes pois de exemplar e incentivo, já que como zelosos obreiros do progresso tomaram a si, e continuam com tão bom exito, a nobre tarefa de desterrar d'entre nós d'uma vez para sempre as semsaborias de Barros, e as pequices de Vieira e quejandos, enriquecendo-nos em logar d'esses farrapos com as galas primorosas da syntaxe e locução franceza. Reconheçam porém, em que lhes peze, que o empenho não é novo, e não queiram arrogar-se, neste como noutros casos, a gloria da invenção, que de certo lhes não cabe, pois que em tempos mais antigos os homens de rabicho se lhes anteciparam na louvavel empresa, como o prova evidentemente a carta que apresentamos. Serviu ella de dedicatoria a uma obra, que por desgraça não chegou a ver a luz. Era uma *Arte de Cosinha*, offerecida, em 1817 ao que nos consta, por um nosso litterato de polpa a certo marquez, cujo titulo se omitte por considerações particulares, e que muitos ainda hoje vivos conheceram; o qual por direito de nascimento (em que, como diz o nosso Filinto, *apostava nobreza com os mais luzidos astros*) occupou no seu tempo os primeiros postos militares, e os mais altos cargos do estado. Distinguia-se não menos por sua profunda ignorancia, que como amador de bons petiscos, e legou seu nome á posteridade, para ser celebrado por um dos mais afamados gastromonos que Portugal deu á luz no corrente seculo.

Ahi vae pois a dedicatoria:

«Monsenhor — Se ainda hoje fora vivo o antigo marquez de.... tão remarcavel por os ressortes do seu estomago, eu não poderia fazer menos que hesitar na escolha de protector; mas hoje tudo tende a contastar que v. ex.ª bate todos os gentilhomes no luxo e bom gosto da mesa; e por isso me faço um dever de dedicar a v. ex.ª esta obra, que surmonta tudo quanto se ha escripto no mesmo genero. V. ex.ª será surprehendido de encontrar nella mais de dois mil pratos esquisitamente appetissantes, dos quaes nenhum tem vindo não só nas Artes de Cosinha até agora

Digitized by Google

publicadas, mas até nem á mesa de v. ex.ª! Igualmente, como v. ex.ª tem debaixo de sua superintendencia todos os veados das coutadas reaes, v. ex.ª será encantado de achar neste livro que se póde fazer com veado tanta casta de vianda differente, como do bacalhau; e mesmo (que me seja licito o dizel-o) eu posso affirmar, que se póde fazer tanta cousa do veado, como se faz dos excellentissimos fidalgos portuguezes, raça privilegiada, que dá matéria para todos os empregos, como v. ex.ª é um exemplo frappante e surprehendente!

«A quem melhor que a uma personagem de tal rango como v. ex.ª poderia eu pagar meus respeitos, em lhe dedicando esta obra? V. ex.ª sabe como apreciar a Arte de cosinha, da qual trazia uma bateria soberba ao pé de si, mesmo quando veiu do Algarve perseguindo os francezes. V. ex.ª é mais grande general que Frederico da Prussia; por consequencia não deve ter uma mesa menos delicada que elle. Para encher este objecto é tendente a obra que tenho a honra de dedicar a v. ex.ª

«Possa eu agradar a v. ex.ª tão bem como v. ex ª achará bons os pratos d'esta Nova Arte; e possa v. ex.ª d'esta maneira ser o protector das lettras, como já o é dos consinheiros.

«Eu sou com o mais profundo respeito, etc., etc.

F. B

Não reza a historia do modo como foi acolhida a offerta, nem nos diz se houve para o autor da parte do Mecenas premio ou agradecimento. Póde ser que nem ao menos lhe accusassem a recepção da dadiva, porque estes illustres ingratos são por vezes sujeitos a esses esquecimentos!...

Innocencio Francisco da Silva.

Effeitos da imaginação.—A imaginação tudo aformosêa, ou tudo veste das suas cores, que são tantas como as do iris. Se ella não fora a historia do mundo in-

Digitized by Google

teiro não nos mostraria senão datas, etymologias e factos, e os homens, como se foram écos, não repetiriam senão cousas simplicissimas, ou já tão velhas, como o mundo.

OUTUBRO — 27

LOGOGRIPHO XV

A primeira co'a segunda
Dão uma preposição;
A primeira com a sexta
Grande titulo nos dão.

Junta a tércia co'a segunda,
E d'esta tira-lhe o meio;
Eis ahi uma formosa
Em que eu firmemente creio.

Junta a tércia co'a primeira
E d'esta tira-lhe o fim;
Se algum dia assim me vires,
Que venturas para mim!

O que se lê na terceira,
Fil-o com satisfação;
A terceira junto á sexta
Determina a mesma acção.

A segunda como indica;
Inverte agora a terceira;
Quem assim faz, desconhece
A amisade verdadeira.

Sendo invertida a segunda,
Junto á quarta como está,
Mostra um nome, que preceitos
E regras tambem nos dá.

A quarta, co'a quinta e sexta,
Ha quem deseje occultar:
A sexta, co'a quinta e quarta
No mesmo nome vem dar.

Se a quinta juntas á quarta
Tens um modo imperativo;
E para a entrada na gloria
Um poderoso motivo.

A ninguem agrada o todo
Mas ás vezes nos visita:
Persegue e atormenta muito
A quem dos mais necessita.

Quem o não exp'rimentou
Deve ter-se por feliz;
Quem o está exp'rimentando
Pouco bem da sorte diz.

Leão Dias (Azinhal).

Digitized by Google

OUTUBRO — 28

O khan e o dervich. — Um certo khan da Tartaria andando a viajar nos seus estados com parte da sua côrte encontrou um dervich que mal o avistou se poz a gritar como um possesso: — se alguem me quer fazer um presente de cem peças d'ouro, obrigo-me a dar-lhe um conselho de que lhe hade vir muito proveito. —O khan fez-lhe logo contar as cem peças, e recebidas que foram, disse-lhe o dervich gravemente: *Não principies nada de que não tenhas bem considerado o fim.* Esta sentença pareceu tão simples aos cortezãos, que se pozeram a rir, mas o khan ficou tão satisfeito que ordenou, não só que esta maxima fosse gravada em toda a sua baixella, mas tambem escripta em lettras d'ouro em muitos logares do seu palacio, e designadamente na sua camara de dormir.

Pouco tempo depois adoeceu o principe; tinha de ser sangrado, e o seu cirurgião vendido aos seus inimigos, devia matal-o com uma lanceta envenenada. Tinha elle já o braço ligado e o cirurgião empunhava a fatal lanceta, quando de repente percebe gravadas na bacia as seguintes palavras: *Não principies nada de que não tenhas bem considerado o fim.* Lel-as e deixar cahir a lanceta da mão, recuando como horrorisado de si mesmo, foi uma e a mesma cousa. Quiz o rei saber a causa d'isto, e foi então que o cirurgião lançando-se-lhe aos pés lhe confessou o crime.

Foi perdoado o cirurgião, e os conspiradores punidos de morte. Quando a justiça foi satisfeita, voltou-se o khan para os cortezãos, que tinham rido do conselho do dervich, e perguntou-lhes — dizei-me agora, não valeria cem peças d'ouro a maxima que salvou a vida d'um rei. ?

OUTUBRO — 29

Bodos bebem. — Conversava em presença de Na-

Digitized by Google

poleão, com alguns outros officiaes generaes, um marechal do imperio, que gosava fama de bebedor e louvavam-lhe elles o bom porte dos soldados legionarios.

— Convenho, diz o marechal, mas é pena que se encontrem frequentemente bêbedos nas ruas.

— Marechal! acudiu o imperador, sabeis a differença que ha entre elles e nós? É que elles embebedam-se com máu vinho, e nós embebedamo-nos com bom.

É sabido que Napoleão 1.º só bebia agua.

J. M. dos Santos (Guarda),

OUTUBRO — 60

CHARADA XXXIV

Assim procura estar conspicuo sabio
Quando prescuta da natura o seio,
D'egual modo tambem o misantropo
A quem o tédio assiste, ou o vil receio. 1

Se me é dado gosar o grato aroma
Que a flor exala no formoso prado,
Já não sei de que petalas se veste,
Nem lhe conheço a côr, por triste fado. 2

Quão venturosos
São meus instantes,
Se de mim gosam
Ternos amantes.

Laponio (Ovelhinha do Marão).

O homem depois do infortunio.— O céo fica mais limpido, e mais sereno depois das tempestades; nós tornamo-nos melhores, mais sociaveis e mais graciosos, depois dos infortunios.

Digitized by Google

Singular impossibilidade. — No tempo em que nos caminhos de ferro allemães subsistia ainda o costume de serem numerados todos os logares no interior dos wagões, um viajante compra um dia um bilhete na estação, e tem á sua disposição um logar, em que se vê obrigado a fazer a viagem de costas.

Para certas organisações é essa uma locomocão anormal, muito incommoda, e de natureza a perturbar um estomago delicado.

Por isso o nosso bom homem não póde supportar por muito tempo semelhante genero de tracção.

Na primeira paragem queixa-se d'isso vivamente a um empregado mas debalde o faz, porque este não lhe presta ouvidos.

Os mesmos queixumes em toda a linha a cada estação; e a mesma indifferença da parte dos empregados.

Emfim chega ao seu destino, pallido, livido, quasi morto, e conta a quem o quer ouvir a historia pungente das amarguras que soffreu durante o trajecto.

— Podia ter pedido a alguem uma troca de logar, observa um dos empregados superiores.

— Impossivel, completamente impossivel, responde o viajante, vinha eu sósinho no wagon.

A vida. — Nós passamos em acto successivo, mas quasi imperceptivelmente por tres zonas diversas. A torrida é a nossa adolescencia, a temperada é a idade viril, a glacial é a nossa velhice.

Digitized by Google

As saudes antigas. — O costume de beber á saude nos jantares é antiquissimo. Bebia-se antigamente em honra dos deuses ou dos semi-deuses, principalmente em honra de Jupiter sospitator, e em honra d'uma outra deusa chamada Hygie, isto é deusa da saude. As taças que se esgotavam em honra d'esta deusa, chamavam-se *pocula salutaria* ou *pocula bonæ salutis*. Os antigos não bebiam sómente em honra dos deuses, bebiam tambem em honra dos imperadores, dos seus proprios amigos, ou das suas amantes. Os gregos saudavam-se antes de beber,

e diziam uns aos outros «eu vos saudo!» ou, eu bebo em honra de fulano, ou em honra da victoria ganha por tal capitão.

Os romanos diziam: *propino tibi salutem*; ou *benè te*; ou *Dii tibi dent quæ velis!* ou *benè amicam*; ou *benè me*.

Esta ultima formula, diz o padre mestre d'onde extraimos esta noticia escripta ha perto de 150 annos, parece a mais rasoavel, pois que elles d'este modo bebiam á sua

Digitized by Google

propria saude, e é pela nossa propria saude que se suppõe que nós bebemos, e não pela saude de outrem

Parece-nos que elle tinha razão.

NOVEMBRO — 2

CARIDADE [1]

Filha do amor e piedade,
Luz, conforto na desdita,
Bemdita sejas, bembita,
Ó fecunda caridade!

Ficaste eterno trophéo
Da palavra que não erra:
Deixou-te Deus sobre a terra
Quando voltou para o céo.

Deixou-te, arca sempre cheia,
Deixou-te, anjo supplicante
Neste pélago inconstante
Em que tanta dôr anceia!

No monte da redempção
Pelo sacro, aberto lado
Corre o sangue immaculado
Do divino coração;

Nesse augusto sacrificio,
O maior, o mais solemne,
Brotaste, fonte perenne
De perenne beneficio;

E o perpetuo manancial,
Que nem cessa, nem se esgota,
Nos revella em cada gota
A origem celestial.

Nas agruras da existencia
Nos és força e confiança!
Base da nossa esperança
Chamas-te aqui Providencia!

Tu nos vieste remir,
Tu vos sorriste clemente,
Tu nos guias no presente,
E nos abres o porvir!...

Sacrosanta caridade,
Nosso amparo e nossa dita
Bemdita sejas, bemdita,
Luz, conforto, amor, piedade!

J. da S. Mendes Leal Junior.

[1] Por occasião do 1.º anniversario da escola *Caridade* em 25 de Março de 1868.

Digitized by Google

Antonio Gonçalves Dias. — Foi a 3 de Novembro de 1864, faz hoje 5 annos, que o Brazil perdeu um dos seus poetas mais queridos, e um dos homens que mais serviços litterarios lhe tinha prestado, na pessoa de Antonio Gonçalves Dias. Saira do Havre e voltava á patria, para nella morrer, já consumido pela dolorosa enfermidade que desde tempos lhe minava a existencia, quando nos baixos bancos dos Atins, costas de Guimarães, naufragou a barca franceza *Ville de Bologne* que o conduzia.

Declarou o commandante da barca, que o poeta, que embarcara bastante doente, havia peiorado nos ultimos 10 dias, e 2 antes do naufragio pouco accordo já dava de si; declarou mais, que no momento em que bateu o navio, e deu signaes de submergir-se, accudiu logo o piloto á camara para o salvar, e encontrando Gonçalves Dias morto, o deixara, salvando-se os demais tripulantes na chalupa, e chegando todos a salvamento a Guimarães, nesse mesmo dia.

Infeliz naufrago! Em 1850, publicando os *Ultimos Cantos*, e offerecendo-os ao seu presadissimo amigo o sr. dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, dizia-lhe elle do Rio de Janeiro, voltando para o Maranhão os olhos talvez marejados de lagrimas: «Minha alma não está comigo. Lá está ella! lá está a esperguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a remorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páo d'arco, coberto de flores amarellas. Alli sim, alli está desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras, desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivifica-

Digitized by Google

do de todos os annos que esperdicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gosos d'uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as bórrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.»

Não deixou. O oceano foi a sua sepultura; tinha de morrer nelle. Sejam-lhe eloquente epitaphio as seguintes estrophes, excerptos d'uma sentidissima poesia, que o sr. J. R. d'Oliveira Santos inseriu no *Maranhense*, e que foram publicadas em Lisboa no *Jornal do Commercio*.

Vendo a noite da vida aproximar-se,
Ancioso tentou vir asylar-se
No chão do patrio lar;
Mas antes de chegar lhe anoitecera,
E na terra, que tanto engrandecera,
Não pôde repousar.

. . . . . .

Melhor foi !... que não deve o fragil barro,
Que em si conteve um genio tão bizarro
Ser dos vermes roido.
Envolucro d'espirito divino,
Só lhe deve alternar da gloria o hymno
Oceanico gemido.

Envolucro d'um'alma grande e nobre,
Alguns palmos de terra eram mui pobre
Jazigo a genio tal.
Do atlantico a vasta sepultura
É mais propria decerto, e mais n'altura
Do cantor immortal.

NOVEMBRO — 4

Affonso d'Albuquerque. — Avisado este, de

Digitized by Google

que el-rei D. Manoel o mandava voltar para o reino, e que ía governar a India Lopo Soares, e iam tambem Diogo Pereira, e Diogo Mendes um por secretario, e outro por capitão de Cochim, os quaes por culpas graves elle tinha mandado presos para Portugal, exclamou:

«Mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-rei! velho cançado recolhe-te á igreja, e acaba de morrer, pois importa á tua honra que morras, e nunca deixaste de fazer o que importa á tua honra.»

Escrevendo, estando já para morrer, a ultima carta a el-rei acabava d'este modo: «Quanto ás cousas da India, ella, senhor, fallará por si, e por mim.»

Anonymo Batalhense.

NOVEMBRO — 5

CHARADA XXXV

Apraz-me a d'um só pé; pela de dois deliro. 2
Quando a face lhe encaro os proprios céos admiro. 2
Virgem, acceita, acceita, é mais do que uma c'rôa
A offrenda com que amor ás tuas áras vôa.

Alvaro.

NOVEMBRO — 6

Dominiquino. — Este pintor de estudo, talento e consciencia, filho d'um sapateiro e gloria de Bolonha, distinguia-se do commum dos artistas pela suavidade de indole, e porque de nenhum dizia mal; nisto é escusado cital-o como exemplo.

Um dia porém, dizendo-lhe um seu amigo que certas figuras pintadas por elle tinham obtido os gabos d'outros confrades, não se poude ter que não exclamasse, ainda assim sem fatuidade e com a maior singelesa:

— Ai Jesus! pois dar-se-ha caso que o meu pobre pincel já comece a descair?

Digitized by Google

NOVEMBRO — 7

DEPOIS DA LEITURA

DE

UMA PRIMAVERA DE MULHER

Á EXM.ª SR.ª D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

«L'arbre un jour voit la fleur ; il se courbe long temps
«Ramassant les débris de son humble feuillage ;
«Puis se redresse, et dit. Prenez ! Voici l'hommage
«De mon été pensif à votre frais Printemps !»

(MENDES LEAL)

Lyrios, rosas, perfumes do Oriente,
Corôas de saphira,
Perlas, rubis de brilho refulgente,
Arroja a tua lyra !

Lagrimas, risos, dores e alegria
Sente-as de enlevado
O que te lê, suspenso na magia
Do teu estro inspirado !

Canta, poeta ; d'estrophes um thesouro
Tens inda dentro d'alma ;
Deslumbra-nos aos sons da lyra d'ouro,
Conquista nova palma.

Musas, c'roai-a ; é flor aqui nascida
Ao sol de Portugal ;
Musas, sorri-lhe, e dae flores á vida
Da que é já immortal.

D. Guiomar Delphina de Noronha Torresão.

Digitized by Google

NOVEMBRO — 8

Nuvem de gafanhotos. — No dia 8 de novembro de 1639, era uma terça feira, appareceu sobre a cidade de Lisboa uma medonha praga de gafanhotos que cobria o ar; corriam do poente para o oriente, eram muito grandes e de côr avermelhada, com seis pés e quatro azas. Viram-se entre elles desde as 10 horas da manhã até ás 4 horas da tarde, duas grandes aves de azas negras e peitos pardos, que andavam como conductores d'aquelle volatil e numeroso exercito, que não gastou menos de onze dias a passar.

NOVEMBRO — 9

A verdade de marmore. — Christina Alexandra, rainha de Suecia depois de ter abdicado, e entregue o reino a Carlos Gustavo, conde Palatino, no anno 1654, deliberou viajar pela Europa, e visitar varios reinos e cidades, e entre estas, Roma, aonde abjurou a seita lutherana, e abraçou a religião catholica.

Um dia em que, acompanhada d'alguns cardeaes, andava vendo e observando alguns edificios e obras mais notaveis e celebres de Roma, parou defronte d'uma estatua de marmore, obra de primor, que representava a Verdade, e dirigiu-lhe todas as suas attenções. Sendo isto observado por um dos cardeaes, disse-lhe: — Graças a Deus que tem vossa magestade amor á verdade, quando os demais principes a não podem soffrer.

Respondeu-lhe a real neophita:

— Não duvido, porque nem todas as verdades são de marmore, e das que não são de marmore, muitas são mais duras do que elle, e não são tão elegantes, nem tão sympathicas como esta, que estou admirando.

Anonymo dos Anonymos Batalhenses.

Digitized by Google

A velhice — Foi sempre respeitada e considerada; todos os povos a honram. Diz-nos Laercio que Solon, o sabio legislador atheniense, não consentiu que os moços e os mancebos exercessem o cargo de magistrados, e mandou que sómente fossem promovidos a elle os anciãos, a quem a prudencia e a temperança tornavam mais aptos para o serviço publico.

Os lacedemonios tinham a velhice em grande veneração, e na ilha de Cales chegaram mesmo a erguer-lhe um templo.

Senadores, de *senior*, que em latim vale o mesmo que ancião ou velho, se chamavam na Roma antiga, os cidadãos que geriam a governação do estado. Entre os carthaginezes para se chegar a ter a mesma honra, era preciso contar pelo menos 60 annos d'idade.

Nos seus principios o povo hebraico foi governado por anciãos. Quando Moysés entrou no Egypto para governar o povo d'Israel já os velhos presidiam com autoridade, e Deus mandou-lhe que de todos elles escolhesse setenta para o ajudarem no governo — Era o congresso da velhice — Não só nesta occasião e neste logar, mas em todas as juntas e congressos para o bem dos povos, de que se faz menção nos livros santos, sempre os velhos são os primeiros chamados, e muitas vezes só elles, e não os moços, constituem a totalidade das assembléas.

Digitized by Google

Por isso diz o nosso Bluteau — que a mais frequente honra que os homens deferem uns aos outros é chamarem-se *senhores*, palavra corrupta de *seniores*, que quer dizer — mais velhos.

NOVEMBRO — 11

Uma aposta ingleza. — Não ha povo mais amigo de apostar do que o inglez. Em Londres, principalmente, aposta-se a proposito de tudo. Ahi vae um exemplo:

O duque de Queensbury conversava certo dia com John Lade a respeito dos grandes comedores do seu tempo.

John Lade observou-lhe que conhecia um homem d'uma voracidade extraordinaria; tanto que ainda não tinha achado ninguem que o igualasse, de sorte que se o proprio Milão de Crotona fosse d'este tempo e apostasse com elle, ficaria a perder de vista.

— Impossivel, disse o duque.

— Tenho a certeza, replicou John Lade.

— Aposto o contrario.

— Sustento a aposta.

Decidiu-se que o preço da aposta fosse de mil libras. O duque de Queensbury principiou então a procurar o maior comedor de que houvesse noticia. Indicaram-lhe um prodi-

Digitized by Google

gio; mandou-o vir á sua presença e entendeu-se com elle para o fim indicado.

No dia da grande luta como o duque não podesse assistir pessoalmente a ella encarregou o seu mordomo de o representar, devendo logo communicar-lhe o resultado.

O primeiro aviso que recebeu foi o seguinte: «Mylord, estão os dois homens em frente um do outro, já é para pasmar o que cada um d'elles tem comido, mas ainda não posso dizer para que lado se inclina a victoria.» D'ahi a uma hora segunda missiva: «Mylord, não tenho tempo para lhe dar cónta de todas as pàrticularidades do combate que foi extraordinario. Limito-me a dizer-lhe por emquanto que venceu o nosso homem, não obstante o seu competidor ter a voracidade d'uma giboia. A mais do que o seu antagonista comeu um grande pastellão de batata e um leitão.»

Tinha ganho mil libras o duque de Queensbury.

NOVEMBRO — 12

LOGOGRIPHO XVI

A primeira mais a tércia
São irmãs, não ha questão:
Estas mesmas reunidas
São fructo d'estimação.

A segunda co'as irmãs
Vive em intima união.
Meneando-se, ou fallando,
Vinde vel-o — Que ratão!

Joaquim Antonio Gomes da Silva Junior (Pytangui — Minas).

NOVEMBRO — 13

A avalanche. — Esta palavra transporta-nos em espirito á patria de Guilherme Tell, á decantada Suissa. É lá, d'entre as neves eternas que revestem as montanhas helveticas, que a avalanche, massa enorme de neves, se des-

Digitized by Google

taca, e rola encosta abaixo, deixando, por onde passa, ruinas, desolação e morte.

A detonação d'um tiro, o som d'uma campainha, um grito qualquer, o salto d'uma cabra, o vôo d'uma aguia, e a propria chuva, póde soltar a avalanche. É por isso que os viandantes, ao cruzar essas montanhas, preferem sempre o jornadear por manhãs serenas, precautelando-se contra o menor ruido, e demorando-se o menos tempo possivel nessas paragens difficeis e perigosas.

A avalanche, ao destacar-se de cima, annúncia-se por um estampido similhante ao do trovão. Se esse ruido chega de longe aos ouvidos do viandante, póde elle ainda escapar á avalanche, abrigando-se nas anfractuosidades e pequenas cavernas que não raro se encontram á beira dos atalhos. Todavia, não poucas vezes os viandantes são sobresaltados de subito por essa montanha de neve: os atalhos desapparecem e com elles os viajantes, debaixo da neve, que abrange até 12 pés de profundidade; cabanas e aldeias inteiras ficam submergidas, ou de todo arruinadas. Passado o perigo, apparecem aqui e além alguns montanhezes, que, por ordem dos magistrados, vão em cata dos infelizes que lá ficaram soterrados em a neve.

Não vem fóra do ponto relatar aqui um rasgo de amor conjugal, que, a proposito da avalanche, refere mais detidamente o barão de Glananville.

Era no inverno, estação em que as avalanches são mais frequentes e mais perigosas. Um montanhez, casado, havia um anno, com uma mulher que elle amava extremosamente, e de quem acabava de ter um filho, saiu um dia a monte, á caça da cabra montez. Crusou florestas, salvou precipicios, e não terminou a caçada senão ao cair da noute.

Estava já de volta para a sua cabana, quando lhe chegou aos ouvidos um ruido assustador. O montanhez inquieto, aligeirou os passos; mas a sua inquietação subiu de ponto, quando no logar da sua cabana viu uma grande muralha de gêlo. O infeliz corre á aldeia mais proxima a implorar

Digitized by Google

soccorro. Acompanham-n'o os habitantes munidos d'enxadões, mas debalde se exforçam em fender aquelle monte de neve.

O pobre marido, nem por isso lhe escaceia o animo: só, e no rigor da estação, continúa a trabalhar, dias e noutes, para descobrir a cabana, onde sua esposa e seu filho aguardam a morte, se a morte os não houver devorado já.

Decorridos dez dias de trabalho insano, o montanhez lobriga a sua chaminé; ouve então suspiros abafados; dá-se pressa em abrir uma fenda por onde penètre na sua casa, consegue-o, e a sua alegria é indizivel, quando, ao cabo de tantas fadigas, encontra viva a esposa idolatrada, e toma nos braços o filhinho estremecido, que paga com um sorriso a dedicação do pae.

Candido de Figueiredo (Lobão).

NOVEMBRO — 14

Papo. — É muito vulgar nesta provincia uma molestia a que dão o nome de *papo*, e que de preferencia attaca as pessoas do sexo femenino. Na villa de Santa Maria, perto das margens do *Vaccacahy*, tem tido esta molestia um desenvolvimento progressivo, e a causa é attribuida á agua de que a população faz uso, por ser impregnada de varias materias mineralogicas, que alli se encontram em grande quantidade. Eu inclino-me a esta opinião das pessoas competentes, desde que presenciei o facto que vou referir. Conheço uma familia nas immediações de *Viamão*, e todas as quatro senhoras de que se compõe, tem um grande *papo* no pescoço; passando eu a examinar o logar aonde tiram a agoa para gastos, vi ser numa *sanga*, em cujo fundo havia depositada grande porção de materias ferruginosas. Assim, pois, seria bem conveniente conhecer se é esta a verdadeira e unica causa de tão incommoda enfermidade

José Thomaz Pereira Soares (Porto Alegre — Brazil).

Digitized by Google

CAROLINA

Das florinhas o perfume,
Das campinas o matiz,
E das aves em cardume
O gorgeio, que te diz ?

Que te diz a voz do sino
Que resoa pelo espaço ?
D'um amor puro e divino
Não te aponta o doce laço ?

Para nós é este affecto
O que o sol é para a flor :
Nova vida, novo aspecto
Nos vem dar o seu calor.

É o amor um paraizo
Quando a pudica donzella,
Num angelico sorriso,
Tal affecto nos revela.

Eram noites os meus dias...
Sempre em torno a escuridão...
Nunca vira as louçanias,
As galas da creação.

Eu bemdigo, pois a hora
Em que vi o teu semblante,
Em que vi brilhar a aurora
D'este amor vivificante.

E é por isso, Carolina,
Que tu hoje aqui me vês
Qual vassallo que se inclina
Da sob'rana aos regios pés.

Augusto Queiroz (Porto).

Amar que tempo é ? — Perguntavam a um escolar que se examinava em grammatica :

— Sabe as conjugações dos verbos ?

— Sei, sim, senhor.

— Muito bem ; que tempo é *amar ?*

— Tempo perdido, respondeu promptamente o examinado.

Talvez dissesse a verdade.

Digitized by Google

Duello. — É o duello igual ao suicidio, se não peior; porque este é reprovado pela religião e pela moral, mas está fóra das attribuições do direito, visto que o direito não regula senão as nossas obrigações para com os outros; e aquelle offende o direito, e repugna com a lei natural e com a lei positiva divina.

É tanto mais culpavel o duello que o suicidio, que este é um só crime, e aquelle abraça dois — o suicidio e o homicidio, tanto mais crueis quanto são premeditados. O suicidio, porque nelle o homem vae arriscar seus dias, e concorrer portanto para a sua morte; o homicidio, porque póde matar o seu adversario.

Póde, é verdade, e muitas vezes succede, morrer um só dos contendores; mas nem por isso deixa de haver a intenção de assassinar o adversario, e arriscar a propria vida.

O duello, pois, sendo tão execravel como o suicidio, no que diz respeito á nossa propria pessoa, tem além d'isso, todo o horror do homicidio.

E não se argumente com o pundonor e honra offendidos, que a honra e o pundonor não se desafrontam commettendo crimes!

Tambem se não deve taxar de cobarde, o que recusar um desafio, e o seguinte facto o prova exuberantemente:

Tendo Turenne, o grande soldado francez, sido reptado por um seu camarada para um duello, deu em resposta ao cartel de seu adversario: «que se propozesse uma empresa «arriscadissima contra os arraiaes inimigos, que sendo bem «succedida daria grande gloria á nação; que se encarregassem «ambos d'ella, e aquelle que melhor se saisse, seria con«siderado vencedor.» O antagonista, em vista d'isto renunciou ao duello!

Por aqui se vê que se não deve reputar um homem valente ou fraco, porque não acceita um desafio.

Digitized by Google

Neste caso o reptante era um refinadissimo poltrão, e ninguem ousará alcunhar de covarde a Turenne por se negar a um duello.

Joaquim Maria Soeiro de Brito (Evora).

NOVEMBRO — 17

CHARADA XXXVI

Ante mim passêa Apollo
Em seu carro magestoso;
Inclinado par'o solo
O saúdo respeitoso. 2

Tal como aqui me vês
Em delongas não convenho;
E com outro egual a mim
Apresso com mais empenho. 2

»Da-me um beijo, donzellinha,
«Meu desejo finda aqui;
«Eu darei a vida minha,
«Se pedida fôr por'ti.

«Dar-te um beijo? não o peças.
«Eu um beijo não te dou;
«Não me digas cousas d'essas,
«Pois bem sabes quem eu sou!

«Um beijo não é peccado
«Sendo acceit'em boa fé;
«Em boa fé sendo dado
«Peccado o beijo não é.

«Que sejas do beijo isento,
«Manda a lei do casto pejo,
«Não insistas no intento,
«Que não te cumpro o desejo;

«Deus te fade venturosa,
«Minha pura flor de liz;
«Assim mesmo desdenhosa
«Sempre te anhelo feliz.»

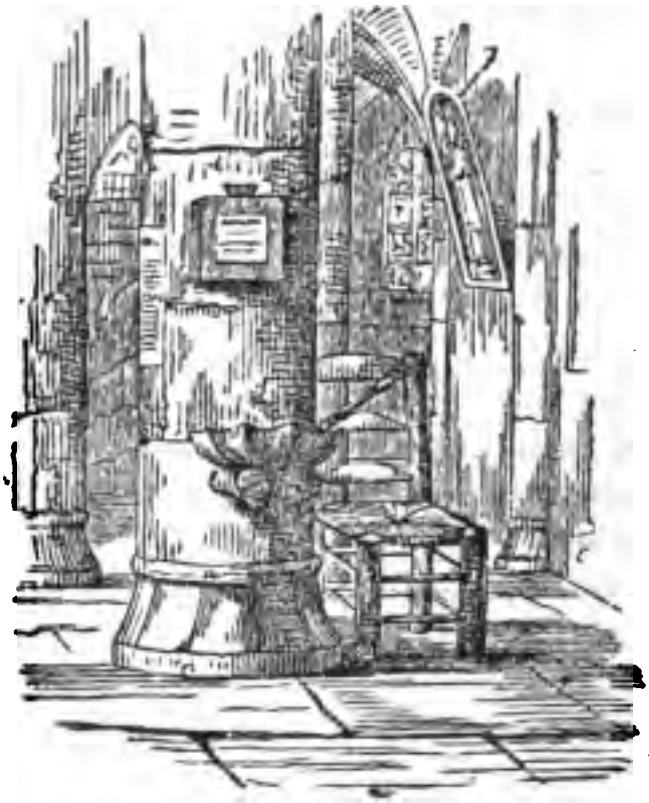
Manoel Lopes Maia (Gavião).

Digitized by Google

O que está na hostia antes de consagrar. — Foi numa freguezia do Alemtejo, e numa das passadas quaresmas, que o caso se deu:

Entrou na igreja uma mulher, levando pela mão uma filha que tinha, ainda pequena, e empenhando-se para que ella já naquelle anno recebesse a sagrada communhão, encaminhou-se para o parocho e disse-lhe:

— Ó sr. padre, puche bem a minha filha, ahi lh'a entrego, puche-a bem e verá como sabe a doutrina, e como já póde nesta quaresma receber a Nosso Senhor.



Começou o exame, e entre outras cousas perguntou o padre á pequena: — O que está na hostia antes de consagrar?

— Estão as bemditas almas, respondelhe ella logo muito lampeira.

Admirado o padre, torna a fazer-lhe a pergunta, e ella de novo lhe responde — estão as bemditas almas.

— Ó mulher, venha cá! Então vocemecê diz-me que puche a sua filha, que sabe tudo, que sabe muito bem, e responde-me que na hostia antes de consagrar estão as bemditas almas!

— Ah, senhor padre! Por mais que me tenha matado a dizer a esse *brazabu* que está Nossa Senhora do Rozario, teima sempre que estão as bemditas almas!

Apollinario José Joaquim Rodrigues (Cazaes).

Digitized by Google

Morte d'um burro.—Era o burro branco. Falei muito a respeito d'elle num dos primeiros folhetins que escrevi, historiando uma jornada—ou antes uma noutada com Julio Caldas Aulete, desde o sitio das Marés, junto ao Cercal, até á aldêa da Durruivos. Nas Marés residia esse burrinho excellente, que quando seu dono o montava feria lume por aquella estrada fóra, como a gravura o mostra, e

em o dono o emprestando de noute a alguem não havia pernas que o levassem, sobretudo se o vento rolando da serra lhe batia nas orelhas.

O burrinho morreu este mez.

Já ha seis annos que a casa das Marés está deshabitada, e pela partida dos donos para Lisboa vendeu-se o burro a um fazendeiro do sitio d'Agoas Espalhadas, que tem casa de venda á beira da estrada real, um pouco adiante da quinta das Marés. Principiou nesse dia uma vida negra para o pobre burro branco; da horta para casa, de casa para

Digitized by Google

a adega, da adega para o Cercal, para as Caldas, para Alcobaça, para Peniche, um viajar constante. Foram-se-lhe quebrando ás forças, entrou a tristeza com elle, aguentou-se de pé emquanto pôde, até que não pôde mais e caiu doente. Foi então exactamente que passei de novo este mez por aquelle sitio, e o vi estirado na sua caminha de palha, olhando para as grades da mangedoura d'onde pendiam uns cardos e uns ramalhos de feno. Enchiam-se-lhe os olhos d'agua, como a dizerem que estava soffrendo, e tambem — a verdade é esta — que não queria morrer ainda. Respirava alto, dava ás ancas como se assoprasse um fole, escancarava as ventas e encolhia-as logo.

Fazia-lhe roda toda a familia do fazendeiro; o avô, taciturno, encostado a um cajado; o pae com a gamella adeante de si mechendo uma beberagem de vinagre e sêmeas, a mãe conchegando-lhe a palha ao corpo, e os pequenos divertindo-se a dobrar-lhe as orelhas, e a levantar-lhe o rabo. Estirado ao lado o cão do casal, erguendo a cabeça de vez em quando e rosnando.

O burro tossiu, como que suspirou, e sacudiu as pernas; espelharam-se-lhe nos olhos as arvores que estavam defronte esmaltando a terra; ía a despedir-se o sol pelos montes, na baixa dos valles desciam já timidamente as sombras; ouviam-se sons vagos no campo, o rincho d'um cavallo ao longe, o tinir dos chocalhos, o cantar dos gallos, os sinos das parochias batendo as Ave-Marias, melopéas fugitivas, o estalar d'uma chicotada, uma praga d'arrieiro, o ranger das rodas d'um carro de bois na estrada, e o murmurio que vem do ar, das charnecas, do céo, da terra, dos riachos, talvez que o respirar da naturesa!

O burro tremia todo; por entre os dentes amarellos e gastos saía-lhe a lingua empenada; as gengives estavam brancas; percebia-se-lhe o esqueleto por baixo da pelle. Duas vezes olhou para a mangedoura como que a sorrir-se e a dizer: Obrigado! Ia morrer.

De repente, do outro lado da estrada, para os lados de

Digitized by Google

Tagarro, ouviu-se zurrar uma jumenta velha, que o burrinho branco conhecia desde pequeno naquelles sitios. Ergueu logo as orelhas, levantou-se nos joelhos, poz-se a olhar com a vista embaciada para aquelles campos onde vivêra, e como se quizesse responder á voz da jumenta amiga tentou zurrar...

Instantes depois morreu.

Coitado! Lavram-se por ahi todos os dias necrologios a tanto burro de dois pés, porque não havia eu escrever o d'este... que tinha quatro!?

Julio Cesar Machado.

NOVEMBRO — 20

CHARADA XXXVII

A primeira repetida
Chama ave conhecida. 1
É a voz da mesma ave
Segunda reproduzida. 1
No todo, que é uma ave,
Uma ou outra é repetida.

M. N. (Figueira).

NOVEMBRO — 21

Destino do homem.— O Universo não é mais do que uma vasta prisão em que cada homem, se enleia a seu modo, sem o saber, e muitas vezes sem o querer. «Não te afadigues, nem emprehendas muitas cousas, se queres ser feliz, diz-nos Democrito. Nós, pelo contrario, trabalhamos muito, e nada fazemos, por isso não conhecemos a felicidade.

Digitized by Google

ENIGMA VI

a	ver-	*ci-*	tal	*o*	vo-	*veis*	de
frar	*em*	do,	*li-*	de-	*Não*	i-	*fri-*
da-	vôs	*Gas-*	dade.	*P'ra*	ma	*per-*	ha-
to	*zer-*	de,	*ga-*	pre-	*Mas*	der	*nig-*
mi-	pre-	*É*	di-	*tem-*	la,	*ci-*	can-
tem-	*em-*	gos,	*Eu*	la.	*E*	sa	*'sco-*
vez	a-	*Vou*	sou	*bol-*	po	*çar*	co
mal	*po-*	a	*meus*	tal-	*fran-*	á	*ir*

Começa na casa que tem *P'ra*, e finda na que tem dade. Tem materia para 8 versos septasyllabos. Quaes são?

Luiz Emygdio Cardozo Guedes.

NOVEMBRO — 23

Uma opinião ácerca do dinheiro.—O dinheiro, diz o marquez de Caraccioli, é para a maior parte dos homens o mesmo que é a espada nas mãos d'um furioso, não a emprega senão para a sua propria perda.

Digitized by Google

Pedro Alexandrino de Carvalho.— Em Lisboa, a 27 de novembro de 1729[1], nasceu o nosso insigne pintor Pedro Alexandrino de Carvalho. Foi filho de Lasaro de Carvalho e de Antonia Maria de Mattos.

O seu primeiro mestre foi o pintor de ornato João de Mesquita; e algum tempo depois passou a estudar com Berardo Pereira Pegado, o qual era de mui mediocre merecimento.

Pedro Alexandrino fez grandes progressos nos seus estudos, e desejando ir a Italia para os aperfeiçoar, nunca pôde tal conseguir.

Não obstante isto, continuou aproveitando-se das lições d'alguns dos seus collegas. D'estes podemos citar André Gonçalves, que era visinho e amigo de Pedro Alexandrino, e que foi um dos que mais o encaminhou e dirigiu nos seus trabalhos.

A este tempo gosava Pedro Alexandrino de muito credito, circumstancia que pouco o ensoberbecia, pois que proseguiu, fazendo as obras de que o incumbiam, posto que algumas fossem bem mal remuneradas.

Foram muitos os trabalhos que Pedro Alexandrino deixou. Além de diversos em casas particulares pertencem-lhe muitos dos quadros e pinturas que vemos em grande parte dos nossos templos, em Lisboa. Os quadros que adornam os altares de Santo Antonio da Sé, Santa Justa, e o altar-mór da Graça, afóra outros que nos não occorrem, são do pincel do nosso insigne artista.

Pedro Alexandrino foi director da academia de desenho,

[1] Esta data é extraida d'uma certidão de baptismo que fizemos tirar, e que possuimos. Todos os escriptores que teem tractado de Pedro Alexandrino se limitam a apontar o anno em que elle nasceu, mas a apontal-o errado. Receosos que succedesse o mesmo, com relação á data da morte, fizemos tirar tambem a certidão do fallecimento. A data porém d'este, é a mesma que lhe dão os escriptores.

Digitized by Google

que então havia, denominada do *Nu*, á qual pertenciam os mais eximios pintores, esculptores e architectos d'aquelle tempo.

Continuando sempre os seus trabalhos, veiu a fallecer em Lisboa a 27 de janeiro de 1810. Jaz sepultado na igreja de S. José.

Pedro Alexandrino foi casado com Thereza Rosa de Jesus, a qual já era fallecida quando elle morreu.

Joaquim F. S. Firmo.

NOVEMBRO — 25

LOGOGRIPHO XVII

Não tem demora a primeira,
Assim costuma mandar;
Segunda, terceira e quarta
Remedios te podem dar.

Primeira, segunda e tércia
É caça, cá no Brazil.
A segunda com a quarta,
É bella se está a rir.

A segunda com a quinta
Ferida e feia a verás;
Na primeira e mais na quarta
Fructa mui grande terás.

A quinta com a terceira,
Fiz eu, e fiz muito bem;
A quarta com a segunda
Um pequeno posto tem.

Segunda, tércia e primeira,
Cheia d'agua póde estar.
Eu sou fructa do Brazil,
Que muito boa has de achar.

F. A. Machado (Espirito Santo — Brazil).

NOVEMBRO — 26

Distinguo. — Examinava-se um seminarista perante o seu bispo. O aprendiz de padre tinha a mania de

Digitized by Google

estabelecer distincções na resposta que dava a cada pergunta. Querendo o prelado dirigir-lhe uma em que as distincções fossem impossiveis, perguntou-lhe: supponhamos que nascia uma criança em perigo eminente de vida, e que sendo indispensavel accudir-se-lhe logo com o baptismo não havia agua á mão, mas havia caldo; com o caldo podia ministrar-se o sacramento?

Distinguo, respondeu logo o estudante; se o caldo fosse da cosinha de v. ex.ª não podia; agora se fosse do que nos dão no seminario, podia sem nenhum escrupulo.

NOVEMBRO — 27

DESEJO

Nos annos de minha irmã

D. A. ELYSA B. VILLELA

Se ainda sentir podesse
Dentro d'alma uma alegria,
Canto alegre este seria
Qual desejo teu porvir.
Em mim porém, a fortuna
Volveu-me o riso em tristesa,
É-me a ventura defesa,
Já não sei senão carpir.

Hoje quinze primaveras
Completaste, irmã querida,
Inda com a fronte erguida,
Qual no prado tem a flor;
Inda folgando e sorrindo
Da familia entre carinhos;
Inda isempta dos espinhos,
Que pungem a minha dôr.

Que nunca a magoa te roube
Teu sorriso de candura,
Nunca a taça d'amargura
Chegues no mundo a libar;
Que o archanjo da innocencia
Te abrigue com o seu manto;
É virgem ingenua, quanto
Peço a Deus para te dar.

27 de Novembro 1865.

D. Carolina A. d'A. F. B. B. (F. S. — Beira).

Digitized by Google

NOVEMBRO — 28

Livrarias. — Ptolomeu Fidadelfo na cidade d'Alexandria ajuntou 700,000 volumes. Na Grecia foi Aristoteles o primeiro que ajuntou grande quantidade de livros; e em Roma Asinio Polion. Nos primeiros seculos da igreja foi Pamfilo Martyr o primeiro que fez livraria, e ajuntou as obras todas de Origines. Depois se foi augmentando este interminavel desejo, nunca assás applaudido na republica litteraria; e em nossos tempos se admiram notaveis livrarias, principalmente na Europa, porque a isso se tem applicado o desvelo de homens doutissimos em umas e outras faculdades.

El-rei o sr. D. Affonso v é o nosso Ptolomeu portuguez, por haver sido o primeiro que no Paço ajuntou uma grande copia de livros.

Abbade de Castro.

NOVEMBRO — 29

Formosura. — A formosura não está no rosto. Certa dama increpava, ou pretendia dissuadir uma sua amiga, d'amar um homem, porque era muito feio.

Disse-lhe esta:

— Conheceis-l'o bem? Já vos cortejou, ou vos fallou com amor?

— Não, respondeu-lhe a primeira.

— Pois, então não o podeis julgar, nem sabeis se elle é bonito ou feio.

Digitized by Google

Ordens militares portuguezas. — *S. Bento d'Aviz.* Foi instituida por D. Affonso I, com o nome de *nova ordem.* Quando em 1181 se tresladou d'Evora para o castello e villa d'Aviz, tomou o nome porque hoje se conhece.

S. Thiago. Foi instituida no reinado d'Affonso I em attenção aos beneficios que recebeu de S. Thiago na tomada de Santarem em 1147. El-rei D. Diniz deu-lhe a villa d'Alcacer do Sal por cabeça, depois foi transferida para Palmella.

Foi reformada em 1789, para recompensar os serviços relevantes do merito civil. Novissimamente, pelo Alvará de 31 de outubro de 1862, tornou a ser reformada com o titulo de: *Antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico,* para premear o merito pessoal, e os serviços ás sciencias, lettras e artes.

Christo. Foi instituida por D. Diniz em 1318 para animar a nobresa contra os mouros, e dar remedio á perda dos templarios, que admittiu na nova ordem. Teve a sua primeira casa em Castro Marim, passados annos mudou o seu assento para o convento que fôra dos templarios em Thomar. El-rei D. João III uniu á corôa a dignidade de Grão-mestre d'esta ordem.

Torre e Espada. Foi instituida em 1459 por elrei D. Affonso V, que admittiu nella vinte sete cavalleiros em memoria dos annos que tinha quando foi á conquista de Fez. D. João VI, quando principe regente, instaurou-a em 29 de novembro de 1808. D. Pedro IV, duque de Bragança, reformou

Digitized by Google

de novo a ordem, e deu-lhe o titulo de: *Antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito.*

Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Padroeira do Reino. Foi instituida por D. João VI, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, com grã-cruzes effectivos, que são todas as pessoas reaes, d'um e d'outro sexo; 12 grã-cruzes honorarios; 40 commendadores; 100 cavalleiros, e os serventes que o imperante nomear.

Santa Isabel, rainha de Portugal. Foi instituida pela princesa D. Carlota Joaquina, por alvará de 25 d'abril de 1804, e autorisada pelo principe regente D. João, por decreto de 17 de dezembro de 1801. É só conferida pela rainha ás senhoras das casas titulares.

DEZEMBRO — 1

HYMNO PATRIOTICO

A voz da nacionalidade

Hespanhoes castelhanos visinhos
São irmãos que nós muito presamos;
Mas em duas nações, como somos,
Separados e amigos vivamos.

Hespanhoes somos nós portuguezes;
Castelhanos oh não, não seremos.
Em defesa da patria sagrada,
Se é preciso morrer, morreremos.

Patrioticos brados ecôam
De D. Nuno: — «*Á guerra! á victoria!*»

Digitized by Google

Corre o sangue... Lá salvam a patria
Portuguezes cobertos de gloria.

Hespanhoes somos nós, etc.

Portuguezes sulcámos os mares,
Nunca de outrem jámais navegados;
Dominámos mil povos remotos,
E lá temos tropheos levantados.

Hespanhoes somos nós, etc.

Portugal tem gravado na historia
Seu heroico valor portentoso;
Nenhum nome de povos estranhos
É tão bello, tão nobre e famoso.

Hespanhoes somos nós, etc.

O que off'recem, são falsas vantagens,
Que redundam em damnos maiores;
É melhor, menos forte, ser livre,
Do que escravo de fortes senhores.

Hespanhoes somos nós, etc.

Já provámos a dor e amargura
Da violenta feroz oppressão;
E rompemos o grilho funesto
Da humilhante fatal união.

Hespanhoes somos nós, etc.

O cavallo era livre nos campos
Quando o homem no dorso tomou;

Digitized by Google

Vencedor foi do servo contrario,
Mas escravo do homem ficou.

Hespanhoes somos nós, etc.

Por montanhas o Alva arrojado
Glorioso e ufano corria;
Vae insano juntar-se ao Mondego,
Perde o nome, a gloria, a ufania.

Hespanhoes somos nós, etc.

L. A. S. T. (Arganil).

DEZEMBRO — 2

A vaidade.— Brissac, gentil-homem francez, era tão enfatuado de fidalgarias que apesar de ser religioso, ou por isso mesmo, sempre que fallava de Deus, o que elle fazia com o devido respeito, dizia:

— O fidalgo lá de cima.

Um frade ouvindo-lhe uma vez esta expressão disse-lhe:

— Cuidado com o fidalguinho cá de baixo.

DEZEMBRO — 3

A esponja *(Curiosidades da Historia Natural)*.— O illustre poeta Shakespeare dizia: «Ha na natureza uma infinidade tal de cousas que a philosophia ainda a mais incredula admitte sem controversia». É uma verdade. Vamos tentar proval-a neste artiguinho, que tem por titulo a esponja, objecto indispensavel num toucador, e no qual poucas das nossas leitoras, talvez, tem reconhecido um animal.

Os naturalistas enfileiram no quarto e ultimo tronco do reino animal uma serie de seres, cuja maior parte apenas apresenta uma substancia gelatinosa, sem fibras nervosas,

Digitized by Google

sem vasos sanguineos; que não possuem nenhum membro distincto, mas que se nutrem e movem por meio de diversos tegumentos. Este tronco é conhecido pelo nome de zoophitos ou animaes-plantas, entre os quaes se classificam as esponjas, bem conhecidas pela sua ligeireza, suavidade e elasticidade.

A fórma d'este animal varía segundo as regiões maritimas que habita. Nos mares mais revoltosos, as esponjas são muito compactas e comprimidas. As que se encontram nas zonas intertropicaes são enormes e apresentam fórmas estravagantes e phantasticas. Encontram-se em geral nas penedias da costa do mar, onde se podem bem observar quando o refluxo as deixa descobertas, e muito particularmente nos cachopos, ou nas cavidades mais profundas dos rochedos. Agarradas ás fendas das pedras, como verdadeiros vegetaes, vão cobrindo de festões as cavernas submarinas e as grutas mysteriosas do Oceano. Algumas abrem-se em formosos leques; outras tem a fórma d'um tridente, d'onde vem o chamarem-lhes *tridente de Neptuno*. Ha-as até ramificadas como se fossem arbustos

As esponjas, diz Milne Edwards, não offerecem nenhum signal de sensibilidade, nem de contractibilidade; pode-se comprimil-as, rasgal-as, queimal-as até, sem que executem o menor movimento: sabe-se sómente que vivem porque absorvem continuamente uma quantidade consideravel d'agua pelos poros derramados em toda a sua superficie, e que este liquido é expulsado por outras aberturas maiores em acto continuo. Uma estructura solida composta, ora d'agulhas ou speculas, calcareas ou siliciosas, ora de filamentos duros e lustrosos, sustentam a massa e revestem-n'a d'um brando tecido, deixando ver o interior cheio de pequenos intervallos que se communicam entre si, de maneira que constituem um complicado systema de canaes ramificados.

Em certos periodos, desenvolvem-se nesta parenchyma, pequenos corpos, que caem nos canaes de que é atravessada, e são expulsos pela agua. Estes corpusculos, que são os germens

Digitized by Google

reprodutores da esponja, e que são dotados da faculdade de se moverem, tem a fórma d'um ovo, cercado de brande penugem, o qual se agarra ás rochas, e ahi se cria. Uma vez preso nas cavidades e ruptuas das penedias, a penugem cae, e o animal desinvolve-se rapidamente, tomando a mesma fórma da esponja-mãe.

Abreu Marques (Santarem).

DEZEMBRO — 4

CHARADA XXXVIII

Parte d'um todo symbolo da graça,
Mysterio augusto da religião. 1
Na nossa região de pennas feita,
Feita noutras de panno d'algodão. 2
Agrada á vista pela fórma linda,
E agrada mais ao paladar ainda.

Juveniano Monteiro (Pernambuco — Rio Formoso).

DEZEMBRO — 5

Fallar á mesa. — Tanto os antigos persas, como os médos e os caldêos costumavam observar rigoroso silencio em quanto estavam á mesa, e só por signaes pediam o que lhes faltava.

Era isto tido em tanta conta de prudencia e juizo, que despedindo-se de Zenão uns embaixadores, e perguntando-lhe o que queria que d'elle dissessem ao seu rei, respondeu-lhes: não lhe digaes mais senão que ha em Athenas um velho que sabe estar calado num banquete.

A rasão não era outra senão que nos banquetes, porque se falla com mais liberdade, e se diz ás vezes o que se não quer, está sempre o segredo em perigo de ser revel-

Digitized by Google

lado Por isso Pythagoras, o discreto, dava poucos ou nenhuns jantares. Dizia elle que a glotonaria era falladora de mais.

DEZEMBRO — 6

LOGOGRIPHO XVIII

A segunda co'a primeira
Mostra estar bem penteado,
E se é homem deixa ver
Que é de caracter provado.

Na segunda quarta e quinta
Acharás mui linda flor,
Já por sua bella fórma,
Já por sua linda cor.

A primeira co'a terceira
Entre cartas acharás;
E na quarta co'a terceira
Uma dama encontrarás.

Se á terceira um *s* juntas
E logo a este a primeira
Acharás grande poeta;
Crê-me, que sou verdadeira.

Quando li o D. Quixote
Fiz a quarta, meu leitor,
E se a quinta junto a esta
Inda o faço, sim senhor.

Á quarta junta á primeira
Deu-lhe causa o Sancho Pança
Montado no seu burrinho,
Pelo seu garbo e chibança.

A primeira com a quarta,
Dobrando a esta a primeira,
E a primeira inda outra vez,
É expressão lisongeira.

Tira á terceira uma lettra,
Põe-lhe um *m* e então verás
Que juntando-a á quarta e quinta
Um heroe encontrarás.

Enfadado do mundo enganoso,
E do seu buliçoso viver,
Aqui estou n'este ermo, aqui vivo,
Sem ao menos enganos soffrer.

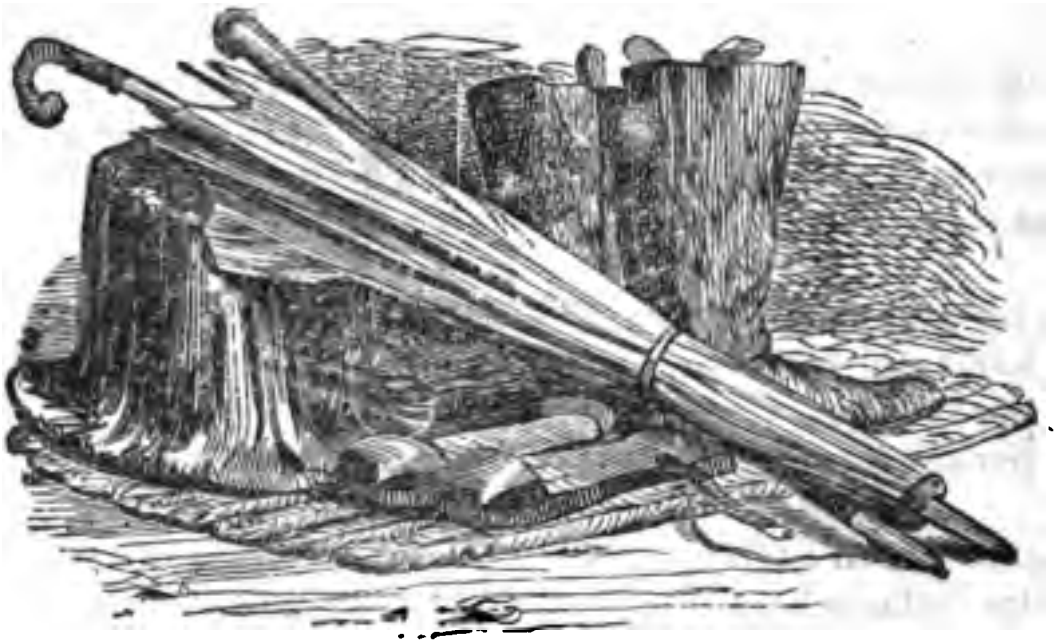
D. Julia Henriqueta de Brito Mousinho e Seabra.
(Flor da Rosa).

Digitized by Google

DEZEMBRO — 7

Guarda-roupa bem fornecida. — Lê-se em Cezar Cantu:

Callias, riquissimo agrigentino, mandava todos os dias preparar muitos banquetes, e os seus servos, de sentinella á porta, convidavam todo o estrangeiro que passava a par-



ticipar d'elles. Deu um dia banquete a quinhentos cavalleiros de Géla, que passaram pela cidade; e como depois o tempo se tornou chuvoso, deu a cada um d'elles uma capa da sua guarda-roupa para se cobrirem.

DEZEMBRO — 8

A justiça. — Cicero, cujo maior titulo de gloria são os seus arrasoados forenses, Cicero, que escreveu sobre as leis, e conhecia por experiencia e a fundo os tribunaes, e as tormentas que por lá correm, a verdade e a rasão, dizia:

— Se tendes a razão por vós, componde-vos e conciliae-vos; se a não tendes pleitiae.

Digitized by Google

Anecdota oriental. — Um rei tartaro que ainda não nomeamos, vivia familiarmente com o poeta Akmedi, cujo espirito e liberdades muito o divertiam. Um dia que elle se banhava com os seus cortesãos, voltou-se para Akmedi e disse-lhe: — imagina que estás num basar onde vens comprar escravos, e que nós estamos todos aqui para vender. Vejamos, em quanto avalias cada um de nós? O poeta tirou-se d'esta commissão delicada de modo que todos os cortesãos ficaram contentes, ou o pareceram. — E eu, diz no fim o principe, em quanto me avalias tu? Falla em consciencia.

— Vós, senhor, vós valeis bem 35 aspres.[1]

[1] Pouco mais ou menos 35 sous da moeda franceza.

Digitized by Google

— Imbecil! Só a toalha que eu tenho á roda de mim val seguramente trinta.

— De certo, respondeu o poeta, sabia-o perfeitamente, e por isso já a comprehendia na estimação.

Eis o que foi dito a Tamerlan, a esse conquistador que fez tremer os maiores potentados, e que inundou de sangue metade da terra. Achou graça ao poeta, fez mesmo um bello presente ao seu apreciador, mas diz-se que desde então nunca mais se adularam os reis na Tartaria.

Audacioso poeta!

DEZEMBRO — 10

RECORDAÇÃO

Quando fitava teu olhar sereno
Ai! não vivia no martyrio e dor!
Que doce enlevo! que sonhar tão lindo
N'aquelle tempo d'illusões d'amor!...

O céo estava tão formoso, puro,
Que até o via para mim sorrir;
E agora vejo tudo negro, e em tudo!
Imagens tétricas do meu porvir...

Pensei que est'alma encontraria alento
No terno seio d'um gentil ch'rubim;
Mas vi apenas a traição urdida,
As falsas juras, a impostura, emfim!

Os meus lamentos occultar devia;
Riso d'escarneo despertar-te vão:
Que impórta? ao menos inda espero ouvir-te
Dizer em prantos: — «Meu amor, perdão!»

Araujo Pimentel (Braga).

Digitized by Google

TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folguedos d'innocencia,
Nos delirios de creança;
A alma que desabrocha
Alegre, candida, e pura —
Nessa continua ventura
É toda um hymno: Esperança!

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias da juventude,
Quando o peito é um alaude,
E que a fronte tem calor;
A alma que então s'expande
Ardente, fogosa e bella —
Idolatrando a donzella
Soletra em trovas: — Amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade;
Então a alma cançada,
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto: — Saudade!

Casimiro d'Abreu (brazileiro).

A felicidade dos reis. — É madame de Pompadour quem falla:

«Diz-se que o rei de Monomotapa tem quinhentos bobos que o seguem por onde quer que elle vae, para o fazer rir. Luiz XV. tem quinhentos *macacos*, (singes) que o rodeiam todos os dias ao levantar da cama, mas raramente conseguem que elle se ria. Eu sou tão triste como elle.

Quanto eu lastimo estes deuses da terra, que todos julgam felizes! Só a amisade os podia consolar, mas os reis não tem amigos, e poucos são dignos de os ter.

Digitized by Google

A RESIGNAÇÃO

Resignação!... ó virgem pura e timida
Envolta em alvo transparente véo!
Rosa encantada de fragrancia mystica!
Doce emissaria que nos vens do céo!

Cinge-te a fronte scismadora e pallida
Casto diadema de fulgente luz!
Das mãos espalhas, de consolo providas,
Palmas que enlaçam do martyrio a cruz!

Á mãe prostrada sobre o avaro tumulo
Do terno fructo do seu nobre amor,
Rachel chorosa que não pede allivios,
E se compraz em se afogar na dor,

Vens amorosa, compassiva, acalmas-lhe
De acerba angustia, férvido escarceo!
E a mãe esquece a excruciante magua
Ao ver o anginho que sorri do céo!

Á pobre amante, que só teve o escarneo
Em recompensa d'intima affeição,
E que já sente frementar dos réprobos
Dentro no peito, a raiva e maldição,

Chegas.... e a voz que se escutou no Golgotha
Unctuosa e terna em tuas fallas vibra!
E ao sopro teu esse orgulhoso espirito
Purificado para os céos se libra!

És da virtude a companheira placida!
Polar estrella d'este mar nas iras!

Digitized by Google

E das paixões és neste pégo indomito
Piedoso emblema que bonança inspiras.

Por ti meus hymnos, casta flor ethérea!
Urna d'aromas, vaso rescendente!
A ti sagrei a minha lyra: acceita-m'a,
Que por ti cante jubilosa e crente!...

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho
(Uma Primavera de Mulher).

DEZEMBRO — 14

A legenda do palacio.—Um hespanhol riquissimo, e que era coxo, porque tinha torcida, ou cambaia uma das pernas, edificou um magnifico palacio, para cuja entrada imaginou risco tão sumptuoso, e estranho, que muitos o creram impossivel. Venceu, porém, as difficuldades á força d'ouro e de tempo, e orgulhoso, quando concluiu a obra, mandou collocar sobre a porta principal em grandes lettras de bronze doiradas o seguinte distico:—*Nihil impossibile est*. Um que, lhe não era muito affeiçoado, leu-o, e poz-lhe por baixo:

Si nihil impossibile est
Qual tu leyenda relata,
Enderézate esa pata,
Que la tienes al revés.

DEZEMBRO — 15

Rio sem-nome. — Como se chama este rio, amigo, perguntou um sugeito, ha pouco chegado a uma cidade, a um individuo que viu sentado na margem d'um rio occupando-se na pesca.

— Este rio não se chama, respondeu-lhe o finorio, porque vem sempre, sem que se chame.

Digitized by Google

CHARADA XXXIX

Oh ! que difficil charada
É esta que vou compor !...
Charada de mil demonios,
Talvez lhe chames, leitor !

Ha de ser, por vida minha,
Prima no meu cartapacio,
Depois da lima ter vindo,
Como manda o mestre Horacio.

Depois de ganha a victoria,
Quem é que faz a primeira ? 2
É quem vence, meus senhores!
É a mesma derradeira. 2

A ella, meus charadistas !
A ella, que é brazileira ;
É terra d'aquelle imperio ;
Não penses que é brincadeira.

José Lopes Viegas (Olhão).

DEZEMBRO — 17

Como ellas nos julgam.—Uma noite regorgitava o salão de madame du Deffant, de philosophos, de poetas, e de muitos dos homens mais espirituosos do seculo XVIII, e todos elles discursavam sobre a natureza do homem.

— O homem é isto! O homem é aquillo! O homem é est'outro! Não, o homem é outra cousa! — Cada um dava a sua definição, e corroborava-a com argumentos, mais ou menos solidos.

No meio d'este debate, e quando elle corria mais emmaranhado, e mais longe d'uma solução, ouve-se uma voz feminina, que entre risonha e séria, pergunta aos contendores:

— Quereis que em duas palavras vos diga o que é o homem? Quereis? — É um grande ingrato.

Era de madame du Deffant.

Digitized by Google

DEZEMBRO — 18

ENIGMA VII

O meu todo, que só tem
Prima, segunda e terceira,
É pilhado na segunda
Precedida da primeira.

José Lopes Viegas (Olhão).

DEZEMBRO — 19

Um homem bem servido.—Era homem só, e tinha dois criados o ratão, Pedro e Filippe. Levanta-se pela manhã e toca para que venham ajudal-o a vestir; sente passos no quarto proximo:

— Quem está ahi?

— Sou eu.

— O Filippe?

— Sim senhor.

— Que estás fazendo?

— Nada.

— Onde está o Pedro?

— Estou aqui, senhor, a ajudar o meu companheiro.

— Bom, quando tiveres acabado vem escovar-me a sobrecasaca.

DEZEMBRO — 20

O THESOURO DO AVARO

Diz Gongora:

Que junte un rico avariento
Los doblones ciento a ciento,
Bien puede ser.

Mas que el successor gentil
No los gaste mil a mil,
No puede ser.

Digitized by Google

S. Thomé.—Foi um dos doze apostolos que se associaram á missão evangelica de Jesu Christo. Era de Galilea, e pertencia como Pedro a uma familia de pescadores. Tambem como Pedro pagou tributo á fraqueza humana, porque havendo o Salvador apparecido aos seus discipulos depois da resurreição, e não se achando entre elles Thomé, quando este voltou, não quiz acreditar nada do que lhe disseram. «Não acreditarei que o Divino Mestre vos appareceu, emquanto não vir nas suas mãos os signaes dos cravos, emquanto lhe não tocar com os meus dedos, ou não poder a minha mão na ferida do lado». Foram estas as suas palavras.

Algum tempo depois confundiu o Senhor a sua incredulidade, apparecendo-lhe, e convidando-o a convencer-se pelas proprias mãos, de que quem estava junto a elle era Christo cruxificado. Nessa occasião ajuntou estas memoraveis palavras, que são por assim dizer, o resumo de toda a fé catholica. «Haveis-me crido, Thomé, *porque me vistes*: felizes os que me creram, *sem me haver visto.*»

S. Thomé espalhou a palavra de Deus no paiz dos Parthos e na Persia, e morreu, segundo se crê, martyr do seu apostolado. A igreja fixou a sua festa a 21 de dezembro.

Digitized by Google

Como se compõe.

Lope de Vega encarrega-se na sua *Drothea* de responder a quem lhe perguntava como elle compunha, dizendo:

Como compones? Leyendo,
De lo que leyo, emitando,
De lo que emito, escreviendo,
De lo que escrivo, horrando,
De lo horrado escogiendo.

Tambem o grande lexicographo Bluteau, padre mestre na materia de escrever e compor, era da mesma opinião. Diz elle:

«Os do officio sabem por experiencia que os livros se compõem escrevendo, riscando, cortando, ampliando, marginando, e apagando palavras, regras e paragraphos inteiros.»

A corôa real portugueza. — Desde o assento das côrtes de 1640, lavrado aos 25 do mez de março, em que el-rei D. João IV tomou Nossa Senhora da Conceição por padroeira do reino, nem elle nem seus successores por um acto de reverencia e piedosa abdicação,

Digitized by Google

tornaram a pôr a corôa na cabeça, considerando-a como insignia que pertencia á Santissima Virgem.

O rei nos actos publicos do exercicio magestatico tem sempre a corôa ao lado sobre a almofada, e só toma o sceptro.

C. N. P. G.

DEZEMBRO — 24

O Natal em Rio Formoso. — Hoje é o dia vinte e quatro de dezembro, véspera do Natal, dia festejado ha 1867 annos pelo mundo christão! dia esperado com alvoroço, e no qual se costuma dar largas á alegria, e espansão ao espirito cançado e opprimido das realidades da vida. São seis horas da tarde; começa o movimento nas ruas da nossa cidade; veem-se grupos sem ordem, d'homens, mulheres e crianças. Aqui, um rancho á matuta, e na frente d'elle um ancião, que pela gravidade e pelo impertigado do passo se conhece ser chefe da familia; além, as nossas matutas com seus vestidos de barra, de côr, sapatos de marroquim amarello ou encarnado, capellas de flores artificiaes, ou chapeletas, cuja moda para ellas é eternamente respeitada; acolá, a matrona com o seu chale traçado aos hombros, e o seu chapéo de plumas, insignia das mães de familia do mato, mesclando tudo isto os rapazes, que pelo desalinhado e estravagancias do vestuario, mais parecem personagens de pantomimas do que outra cousa. Se dirigirmos os olhos para as margens do nosso formoso rio, veremos uma grande nuvem de canoas, que semelhantes a um bando de garças se agitam com velocidade em demanda do porto.

Approxima-se a hora da missa, um alvoroço e uma agitação involuntaria abalam este povo; grandes fogueiras illuminam as ruas, por onde passeiam em magotes as familias que vieram á missa do Natal; no adro da nossa pequena matriz prepara-se um altar com a decencia possivel para

Digitized by Google

o santo sacrificio, pois que a igreja não comporta a decima parte do povo.

Finalmente o sino, cuja voz nos é tão familiar, convoca os christãos; sobe o vigario ao altar; principia a missa, dá meia noite entoa-se a *Gloria in excelsis*, e toda aquella multidão de joelhos, adora o Redemptor da humanidade.

Acabada a ceremonia a maior parte das familias demanda as praias do nosso rio; outras caminham para o interior e vão passar alguns dias nos engenhos. Na cidade, ha pouco tão povoada, ficam os ricos banqueteando-se á ceia, e os pobres, que assentados no terreiro das suas casas e mocambos, assistem não menos alegremente ás danças e descantes, ao som de guitarras, violas e pandeiros. A noite é de festa para todos.

J. Andrade (Rio Formoso — Pernambuco).

DEZEMBRO — 25

CHARADA XL

Deve esta primeira parte
Ir precedida d'um *e*;
Um titulo verás honroso
Na seita de Mahomet. 1

Inda que nescio me chamem
Não póde ser com verdade,
Pois é certo que de tolo
Eu só tenho uma metade. 1

A charada sem conceito
Não merece apologia:
A uma deusa me consagram
Da antiga mythologia.

A. Augusto d'Araujo e Mello. (Coimbra).

DEZEMBRO — 26

Calembour.— Quibêbe é uma comida á semelhan-

Digitized by Google

ça de papas, que costumam aqui preparar com o leite do coco, e uma especie de abobora a que chamam gerimum, e fica assim uma preparação culinaria de côr avermelhada, pouco mais, ou menos, como aquella que Esau obteve de Jacob.

Estava uma quitandeira na praça a vender o seu *quibêbe;* passa um inglez e pergunta:

— *Tem algume cóse qui come?*

— Tem *quibêbe*, respondeu a quitandeira.

Replicou-lhe o bom do inglez todo agastado:

— *Oh! mim non qué qui bebe, mim qué qui come!*

Juveniano Monteiro (Pernambuco — Rio Formoso).

DEZEMBRO — 27

ANHELO

A ***

Minh'alma é ave implume,
Erguer um vôo tenta,
Buscando em ti refugio
Das iras da tormenta.

Minh'alma a ti se acolhe
Qual debil mariposa,
Que poisa embriagada
Nas pétalas da rosa.

Minh'alma é como a essencia
Que á tarde exhala a flor;
Aspira a um céo purissimo,
Ao céo do teu amor.

A. X. de Sousa Cordeiro (Coimbra).

DEZEMBRO — 28

Cançasso d'um jezuita. — Tendo S. Francisco de Borja deixado o mundo, com o ducado de Gandia, veiu a Lisboa. Mandando el-rei visital-o por um fidal-

Digitized by Google

go, este depois de lhe dispensar muitas senhorias, que visivelmente contrariavam a humildade do santo, perguntou-lhe se s. s.ª vinha muito fatigado da jornada. A isto respondeu o ex-duque: — que alguma cousa estava cançado do caminho, mas que muito mais cançado estava das suas senhorias!

Olhem se o santo viesse a Portugal no seculo das excellencias!

Joaquim Maria Soeiro de Brito (Evora).

DEZEMBRO — 29

OS FINS DO ANNO

REVELAÇÕES...

Ao Sr. Padre Zacharias Marques Ribeiro

I

Carrancudo, triste inverno,
Do dezembro se apossou...
O impio diz que o averno
As negras furias soltou!
O mesmo christão agora,
Numa duvida labora,
Se quem illumina a aurora
A face á terra voltou!

Já se contam quinze dias,
E não vejo a luz do sol!
Nuvens negras e sombrias
São o diurno pharol!
Essa massa polvorenta,
Que o ar tolda, e desalenta,
Faz d'aurora uma tormenta!
Ergue sombras no arrebol!

O céo traja negras vestes!
Tem do lucto a triste côr!
Nas profundesas celestes
Sôa pavido rumor...
Veloz, no espaço ethéreo,
Lampeja o raio funéreo,
Que nos traduz o mysterio
Das grandezas do Senhor!

Troa nos sidérios paços,
Do Eterno a augusta voz!
Rasgão-se as nuvens nos braços
Do rijo aquilão feroz!
Chovem dos tumidos ares
Mil estragos, mil azares!...
Parece qu'os surdos mares
Se encapellam sobre nós!...
. . . . . .

Digitized by Google

II

Eil-o ! — o dia d'Anno-bom !
Sorri-se a meiga esperança !
Depois da voz do trovão,
Falla o iris da bonança !
A um aceno de Deus
Já se rompem negros véos !
Torna a ver-se a luz dos céos...
Penhor da nova alliança !

Eil-o, o doce passarinho...
O mavioso cantor !
Lá está, juncto do ninho,
Dando graças ao Senhor !
Eil-o agora, n'este ramo ;
Vem, saüdoso Gáturamo,
Vem unir o teu reclamo .
Ás préces do trovador !...

Já reluz n'ardente esphera,
O principio d'harmonia !
Entrevê-se a primavera,
Já reina doce alegria...
Lá, da 'stancia azul, serena,
Deus, ouvindo a voz terrena,
Fez a madrugada amena,
Deu-nos luminoso dia !...

Como és bella, oh natureza !
Que d'extremos vejo em ti !...
E quem de Deus a grandeza,
Quem é que a não sente aqui!
Elle falla, e, num momento,
Dobra-se o manto cinzento !
Brilha puro o firmamento !...
Surge o sol ! o céo sorri !

Manoel Vicente de Figueiredo (Papa-Vinte — Brazil).

DEZEMBRO — 30

Desinteresse d'Heraclito. — Convidara-o por uma carta Dario, o poderoso rei dos persas e dos médos, a que viesse ser seu mestre, offerecendo-lhe vantagens de grandes honras, e premios ainda maiores.

Respondeu-lhe o philosopho :

Que nunca poria os pés na Persia para semelhante fim ; e muito menos para viver num palacio e numa corte onde reinava a soberba, a inveja, o odio, a emulação ; que estava contente com o pouco, ou esse nada que possuia, nem havia mister mais para viver ao sabor dos seus desejos e appetites.

Se hoje apparecesse um d'esta tempera chamavam-lhe tolo.

Digitized by Google

HYMNO

DA

ESCOLA ACADEMICA

A luz que nasce da escóla
É como a da redempção;
Os proprios cegos consóla
Pois chama-se educação.

CORO

Avante, filhos do ensino!
Progride quem quer saber;
E faz-se homem o menino
Lutando para aprender. } *bis*

Quem lida por nos dar brilho
Trabalha para o porvir;
De Christo procura o trilho,
Porque ensinar é remir.

CORO

Avante, pois! caminhemos,
Que as trevas fogem da luz;
Do estudo a causa ganhemos
Honrando quem nos conduz } *bis*

A patria, que em nós se escuda,
O mestre e a escóla bemdiz;
E aquelle que aprende e estuda,
Não é de todo infeliz.

CORO

Avante! apoz a victoria
De nós se dirá — talvez,
Que fomos orgulho e gloria
Da escóla que homens nos fez } *bis*

Francisco Gomes d'Amorim.

FIM

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google